



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS  
DOUTORADO EM GEOGRAFIA**



**MARIA LIANEIDE SOUTO ARAÚJO**

**A FUNDAÇÃO CASA GRANDE (NOVA OLINDA/CE) NO MAPA DO  
TURISMO REGIONAL: LUGAR DE MEMÓRIA E SALVAGUARDA DO  
PATRIMÔNIO CULTURAL DO POVO KARIRI**

**RIO CLARO - SP  
Julho - 2017**

**MARIA LIANEIDE SOUTO ARAÚJO**

**A FUNDAÇÃO CASA GRANDE (NOVA OLINDA/CE) NO MAPA DO  
TURISMO REGIONAL: LUGAR DE MEMÓRIA E SALVAGUARDA DO  
PATRIMÔNIO CULTURAL DO POVO KARIRI**

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como exigência parcial para a obtenção do título de Doutora em Geografia.

Área de Concentração: Organização do Espaço.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro.

**RIO CLARO - SP  
Julho de 2017**

910.1 Araújo, Maria Lianeide Souto  
A659f A Fundação Casa Grande (Nova Olinda/CE) no Mapa do  
Turismo Regional: lugar de memória e salvaguarda do  
patrimônio cultural do povo Kariri / Maria Lianeide Souto  
Araújo. - Rio Claro, 2017  
259 f. : il., figs., gráfs., tabs., quadros, fots., mapas

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista,  
Instituto de Biociências de Rio Claro  
Orientador: Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro

1. Geografia humana. 2. Região. 3. Lugar. 4. Economia  
civil. 5. ONG. 6. Trocas sociais. I. Título.

MARIA LIANEIDE SOUTO ARAÚJO

A FUNDAÇÃO CASA GRANDE (NOVA OLINDA/CE) NO MAPA DO TURISMO  
REGIONAL: LUGAR DE MEMÓRIA E SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO  
CULTURAL DO POVO KARIRI

Tese elaborada no Programa de Pós-  
Graduação em Geografia. Área de  
Organização do Espaço para obtenção do  
título de Doutora.

Tese aprovada em: 10 / março / 2017

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Bernadete Ap. Caprioglio de Castro  
IGCE/DEPLAN - Rio Claro Orientador (a)

---

Prof.<sup>o</sup> Dr. Rafael Alves Orsi - Examinador  
FCL/UNESP - Araraquara - São Paulo

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Odaléia Telles Marcondes Machado Queiroz - Examinador  
ESALQ - USP – Piracicaba

---

Prof. Dr. Antônio Carlos Sarti - Examinador  
EACH – USO – São Paulo

---

Prof. Dr. Auro Aparecido Mendes - Examinador  
IGCE – DG – Rio Claro



Ao meu avô, Anastácio Martins Araújo (*in memorian*).

Aos meus pais, Geraldo Almeida Araújo e Antônia Lucineide Souto Araújo.

Aos meus filhos, Davi Souto Saraiva e Daniel Souto Saraiva.

A Rosiane Limaverde (*in memorian*).

## AGRADECIMENTOS

Ao Deus, Criador de todas as coisas visíveis e invisíveis;

A Nossa Senhora das Dores, padroeira de Juazeiro do Norte, referência de fé e dignidade feminina;

Aos meus filhos, Davi e Daniel, por terem compreendido minhas inúmeras ausências, por terem colaborado diretamente em imersão ao campo em dezembro de 2011, além da sistematização de dados secundários e primários;

Aos meus pais, irmãos, sobrinhos e cunhados por terem me encorajado em momentos difíceis;

Ao meu irmão Edervaldo, pela formatação do meu Relatório para Exame Geral de Qualificação;

À Nilda, mulher sensível e solidária, que tem orgulho de exercer o ofício de doméstica em meu lar, há oito anos, por ter assumido múltiplas tarefas com zelo e esmero. Por ter me motivado e contribuído de diferentes modos;

Aos meus amigos e amigas do Movimento dos Focolares, por me animarem sempre e compartilharem o sonho por um mundo fraterno;

Às amigas-irmãs: Liliana Maria Santiago Pinto e Arminda Guimarães Rodrigues, pelas revisões de texto, palavras de encorajamento e fé;

Aos amigos: Sarah Virgínia Carvalho Ribeiro e Paulo Ricardo Gurgel Barroso, pelo carinho, atenção e pelas traduções feitas com generosidade;

À amiga de graduação em Turismo, a Jornalista, Denise Gurgel do Amaral Sampaio, pela solicitude e generosidade nos empréstimos de livros da biblioteca pessoal e da Biblioteca da Assembleia Legislativa do Ceará;

Ao colega da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita que passou à categoria de amigo, *Abbul Mahamedd Said*, pela solidariedade, por todas as colaborações e gentilezas, pelas palavras de incentivo e estímulo;

Aos fundadores da Fundação Casa Grande –Memorial do Homem Kariri, por terem aceito com prontidão minha proposta de pesquisa e terem me permitido livre acesso aos documentos e grupos sociais envolvidos na pesquisa;

À todas as pessoas que concederam entrevistas;

Aos dirigentes, professores, técnicos-administrativos e alunos do Instituto Federal de Educação Tecnológica do Ceará – *Campi* Fortaleza e Juazeiro do Norte que contribuíram de diferentes formas para a realização da pesquisa;

Aos dirigentes, professores, técnicos-administrativos da UNESP, Rio Claro que acolheram as minhas demandas com gentileza e boa vontade;

À Maria de Elisabete Lopes, Secretária do Programa de Pós Graduação em Geografia da UNESP, pela solicitude e solidariedade em todos os atendimentos e demandas.

À Orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro, pelas revisões em meus planos de redação, sugestões, indicação de autores, cessão de textos e discussões sobre categorias e conceitos do referencial teórico-metodológico, pela agradável companhia em incursão ao campo em julho de 2012, pelas incontáveis palavras de estímulo e atitudes práticas em todos os momentos que tive minha saúde comprometida, por confiar em mim e me conduzir de modo sereno, com perícia, firmeza e motivação até a conclusão da Tese;

Às Professoras que aceitaram convite para compor a Banca do Exame Geral de Qualificação: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sílvia Aparecida Guarniei Ortigoza e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Odaléia Telles Marcondes Machado Queiroz;

Aos professores que aceitaram o convite pra participar da Banca de Defesa e deram valorosas contribuições: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Odaléia Telles Marcondes Machado Prof.<sup>o</sup> Dr. Rafael Alves Orsi Queiroz; Prof. Dr. Antônio Carlos Sarti e Prof. Dr. Auro Aparecido Mendes;

Aos profissionais de saúde que cuidaram de mim com competência e carinho: Dr. Mardônio Salmito; Dr.<sup>a</sup> Stela Norma Castelo Branco; Dr.<sup>a</sup> Inês Tavares Vale e Melo; Dr. Luiz Antonio Jerônimo Carneiro de Mendonça; fisioterapeutas da Clínica *Mefi* e, em especial, à Liane Monteiro Carvalho.

“Sou brasileiro, sou fio do nordeste, sou  
cabra da peste, sou do Ceará”.

(Patativa do Assaré)

## RESUMO

A Fundação Casa Grande-Memorial do Homem Cariri (FCG-MHK), “Casa do Patrimônio” da Chapada do Araripe é o atrativo turístico mais visitado na sede de Nova Olinda, município do Cariri, região sul do Ceará. No Mapa do Programa de Regionalização do Turismo - Roteiros do Brasil de 2006, Nova Olinda ocupa uma posição de destaque, como um dos “65 Destinos Indutores do Desenvolvimento Turístico Regional”. O objetivo da pesquisa foi investigar o trabalho da FCG-MHK entre 2006 e 2016, em relação ao patrimônio cultural e ao turismo do lugar, contextualizado no espaço regional do Cariri. Optamos pela abordagem teórico-metodológica da nova geografia cultural. Articulamos a pesquisa bibliográfica com a documental e a observação participante. Os dados primários foram coletados por meio de conversas informais, entrevistas semiestruturadas e registros fotográficos. A interpretação e análise do material nos permitiu inferir os seguintes aspectos: 1) a salvaguarda do patrimônio cultural do Cariri é a matriz estruturante do trabalho da FCG-MHK desde a sua instalação, em 1992; 2) o turismo é tratado de modo comunitário como alternativa de geração de renda para as famílias das pessoas vinculadas à FGC-MHK; 3) para o grupo social dos residentes-anfitriões da FCG-MHK, o turismo pressupõe a interação e a troca de saberes e fazeres entre turistas e residentes; 4) parte majoritária dos turistas atraídos para Nova Olinda, por meio da FCG-MHK, busca aprendizagem, formação, enriquecimento e trocas culturais; convivência com os residentes, características identificadoras do turismo cultural; 5) O trabalho da FCG-MHK resultou em benefícios diretos para melhoria da estrutura urbana da sede de Nova Olinda; Constatamos, no entanto, que malgrado todos os desafios, a FCG-MHK consegue executar um trabalho de elevado valor sociocultural há 24 anos, aliando a salvaguarda do patrimônio cultural com geração de renda para uma parcela significativa da população na sede do município, constituindo-se um núcleo de resistência ao modelo hegemônico de distribuição dos resultados econômicos do turismo.

**Palavras-chave:** Fundação Casa Grande-Memorial do Homem Kariri (FCG-MHK). Patrimônio Cultural. Turismo. Região. Lugar.

## ABSTRACT

The Casa Grande Foundation - People from Kariri Memorial (FCG-MHK), “Casa do Patrimônio” (Home of the Heritage) from Araripe Plateau is the most visited touristic attraction in Nova Olinda, a city in Cariri, located in the South of the State of Ceará. In the Regional Tourism Program Map – Brazil Destinations from 2006, Nova Olinda featured as one of the “65 Destinies inducers of Regional Touristic Development”. The objective of this survey was to investigate the work of the FCG-MHK between 2006 and 2016, in relation to the cultural heritage and local tourism, contextualized in the region of Cariri. We chose the theoretical-methodological approach from the new cultural geography. We articulated the bibliographical research with documents and participating observation. The primary data was collected by means of informal conversations, semi-structured interviews and photographs. The interpretation and analysis of the material led us to infer the following aspects: 1) The safekeeping of the cultural heritage from Cariri has been the main objective of the FCG-MHK since its creation in 1992; 2) The tourism is dealt in a community way as an alternative of income for the families in the FGC-MHK; 3) For the residents-hosts form the FCG-MHK, the tourism considers the interaction and knowledge and know-how exchange between themselves, visitors and tourists; 4) The majority of the tourists attracted to Nova Olinda through FCG-MHK, look for learning, formation, and cultural and enrichment exchanges; interaction with the residents, identifying characteristics of the cultural tourism; 5) The work form the FCG-MHK resulted in direct benefits to improve the urban structure of Nova Olinda; We found the even with all the challenges, the FCG-MHK has been able to make a high level job regarding the social cultural value in the past 24 years, joining protection and safekeeping the cultural heritage of Cariri with an informal education and income generation for a great deal of the population in the city, constituting as a resistance cell to the hegemonic model of distribution of touristic economic results.

**Keywords:** Casa Grande Foundation - People from Kariri Memorial (FCG-MHK). Cultural Heritage. Tourism. Region.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Representação gráfica da Bacia Cultural do Araripe .....	52
Figura 2 -	Fotografia de réplica da estátua do Padre Cícero .....	99
Figura 3 -	Fotografia de exemplar da arquitetura residencial do centro de Barbalha .....	101
Figura 4 -	Fotografia da frente da Igreja de Santo Antônio de Barbalha .....	101
Figura 5 -	Fotografia de painel fixo em totem do Geopark Araripe com a localização dos Geossítios.....	102
Figura 6 -	Fotografia de painel elaborado por criança da FCG-MHK sobre a lenda da Pedra da Batateira.....	104
Figura 7 -	Fotografia de réplica de um dinossauro no Museu de Paleontologia de Santana do Cariri.....	105
Figura 8 -	Fotografia de vista de Santana do Cariri do Pontal de Santa Cruz	105
Figura 9 -	Fotografia do Mestre do couro Espedito Seleiro.....	110
Figura 10 -	Fotografia da Banda Cabaçal no aniversário de 20 anos da FCG-MHK.....	111
Figura 11 -	Fotografia de painel da Lira Nordestina em Juazeiro do Norte ....	112
Figura 12 -	Fotografia da entrada do Centro de Cultura Popular Mestre Noza em Juazeiro do Norte.....	113
Figura 13 -	Fotografia parcial do interior do Centro de Cultura Popular Mestre Noza em Juazeiro do Norte.....	113
Figura 14 -	Fotografia de vista externa do aeroporto de Juazeiro do Norte.....	114
Figura 15 -	Fotografia dos guichês das companhias aéreas do Aeroporto de Juazeiro do Norte.....	114
Figura 16 -	Fotografia de duas jovens amigas, naturais de Nova Olinda em Festa dos 20 anos da FCG-MHK.....	121
Figura 17 -	Fluxograma sobre os desmembramentos de municípios do Cariri do século XVIII ao século XX.....	122
Figura 18 -	Fotografia do Geossítio Ponte de Pedra em Nova Olinda .....	126
Figura 19 -	Fotografia do Geossítio Pedra Cariri em Nova Olinda .....	127
Figura 20 -	Fotografia do Rio Cariús em Nova Olinda .....	128
Figura 21 -	Fotografia do Frigorífico São Francisco.....	129

Figura 22 -	Fotografia da entrada do Parque de Eventos de Nova Olinda.....	130
Figura 23 -	Fotografia de quatro vaqueiros Nova Olindenses no Parque de Eventos da cidade.....	131
Figura 24 -	Fotografia do Estádio de Futebol de Nova Olinda.....	131
Figura 25 -	Fotografia de unidade varejista situado no Corredor Turístico de Nova Olinda .....	132
Figura 26 -	Fotografia de imóvel residencial fechado no Corredor Turístico de Nova Olinda.....	132
Figura 27 -	Fotografia do local de acesso à mina Pedra Branca da Chaves S.A.....	133
Figura 28 -	Fotografia da Stargesso em Nova Olinda.....	134
Figura 29 -	Fotografia do Comércio de Pedra Cariri FORM Pedras.....	134
Figura 30 -	Fotografia de placa indicativa de comércio de artesanato mineral	135
Figura 31 -	Fotografia da Prefeitura de Nova Olinda.....	136
Figura 32 -	Fotografia da Câmara dos Vereadores de Nova Olinda.....	137
Figura 33 -	Fotografia do Fórum de Nova Olinda.....	137
Figura 34 -	Fotografia da Secretaria de Saúde de Nova Olinda.....	137
Figura 35 -	Fotografia do Hospital Municipal de Nova Olinda.....	138
Figura 36 -	Fotografia da Secretaria de Educação de Nova Olinda.....	138
Figura 37 -	Fotografia da Secretaria do Meio Ambiente de Nova Olinda.....	138
Figura 38 -	Fotografia da Madeireira Madresul.....	139
Figura 39 -	Fotografia da Cerâmica Cenolinda.....	139
Figura 40 -	Fotografia da Biblioteca Pública Municipal.....	140
Figura 41 -	Fotografia da fachada do Restaurante e Pousada Perimetral.....	142
Figura 42 -	Fotografia com vista parcial do salão do Restaurante Vivenda do Peixe.....	143
Figura 43 -	Fotografia da fachada do Restaurante Bom Sabor.....	143
Figura 44 -	Fotografia da fachada da Pousada Leal.....	144
Figura 45 -	Fotografia da Agência do Banco do Brasil no centro de Nova Olinda.....	145
Figura 46 -	Fotografia da Agência do Bradesco no centro de Nova Olinda....	145
Figura 47 -	Fotografia da Agência da Casa Lotérica no centro de Nova Olinda.....	145



Figura 48 -	Fotografia da Unidade dos Correios no centro de Nova Olinda....	146
Figura 49 -	Fotografia da fachada da Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social.....	146
Figura 50 -	Fotografia da recepção da Unidade Policial de Nova Olinda.....	147
Figura 51 -	Fotografia da fachada e terreiro do Memorial do Homem Kariri da FCG em Nova Olinda.....	150
Figura 52 -	Fotografia do Prêmio UNICEF Criatividade Patativa do Assaré...	152
Figura 53 -	Prêmio Crianças do Mundo concedido à FCG-MHK pela UNESCO <i>Children's World</i> .....	153
Figura 54 -	Recepcionista do MHK em horário de folga apontando para detalhes da Sala Coração de Jesus.....	154
Figura 55 -	Fotografia de descendente de índios Kariri na Sala Etnia do MHK.....	155
Figura 56 -	Fotografia de pintura rupestre - símbolo da FCG-MHK.....	156
Figura 57 -	Fotografia de cerâmica Kariri.....	157
Figura 58 -	Fotografia parcial da Sala Artes Rupestres.....	157
Figura 59 -	Fotografia parcial da Casa Grande FM.....	162
Figura 60 -	Fotografia da “Escola de Comunicação da Meninada do Sertão” da FCG-MHK.....	163
Figura 61 -	Fotografia de sala com equipamentos do 100 Canal, a TV da FCG-MHK.....	163
Figura 62 -	Fotografia panorâmica da Biblioteca da FCG-MHK.....	165
Figura 63 -	Fotografia da capa do gibi sobre o turismo da FCG-MHK.....	165
Figura 64 -	Fotografia panorâmica da DVDteca da FCG-MHK.....	166
Figura 65 -	Fotografia de uma das entradas do teatro onde fica a bilheteria...	167
Figura 66 -	Fotografia do Troféu "Esta empresa tem Responsabilidade Cultural" concedido em 2006 à FCG-MHK pela Secretaria de Cultura do Estado do Ceará.....	170
Figura 67 -	Fotografia do Troféu “Cidadão de Responsabilidade Cultural” concedido em 2006 à FCG-MHK pela Secretaria de Cultura do Estado do Ceará.....	170
Figura 68 -	Fotografia de Rosiane Limaverde em momento de defesa da tese de doutoramento em Arqueologia na Universidade de Coimbra,	

	Portugal.....	172
Figura 69 -	Fotografia do Parque Vói Leonso.....	173
Figura 70 -	Fotografia do Parque Ambiental dos Cajueiros.....	174
Figura 71 -	Fotografia parcial do Restaurante da FCG-MHK.....	175
Figura 72 -	Fotografia da Loja de <i>Souvenirs</i> da FCG-MHK.....	176
Figura 73 -	Fotografia de um quarto de pousada domiciliar.....	177
Figura 74 -	Fotografia da proprietária de pousada preparando a mesa para o café da manhã de um hóspede.....	178
Figura 75 -	Municípios do Ceará geradores de fluxos turísticos para as pousadas domiciliares da COOPAGRAN.....	184
Figura 76 -	Fotografia do Alembert Quindins ao lado de quadro com desenho do cartunhista Spacca exposto na sede da FCG-MHK no Crato/CE.....	187
Figura 77 -	Países geradores de fluxos turísticos para as pousadas domiciliares da COOPAGRAN.....	188
Figura 78 -	Fotografia da solenidade da cerimônia de renovação da FCG-MHK ao Sagrado Coração de Jesus e Maria em dezembro de 2011.....	190
Figura 79 -	Representação gráfica do Ceará com os quatro Destinos Indutores do Programa de Regionalização do Turismo em destaque.....	192
Figura 80 -	Fotografia de sinalização turística na saída de Nova Olinda para CRAJUBAR.....	194
Figura 81 -	Fotografia da Academia de Saúde, julho/2013.....	195
Figura 82 -	Fotografia de bar que existia em espaço ocupado pela Academia de Saúde.....	195
Figura 83 -	Fotografia do Centro de Artesanato julho/2013.....	196
Figura 84 -	Fotografia do Centro de Eventos de Nova Olinda, julho/2013.....	196
Figura 85 -	Fotografia com vista parcial das obras de construção de uma Escola Estadual de Educação Profissional.....	197
Figura 86 -	Fotografia Museu do Couro em construção com a oficina contígua em cor destacada do lado esquerdo.....	197
Figura 87 -	Fotografia das fachadas da Oficina do Mestre Espedito Seleiro e	

	Museu do Couro concluído, lado direito da fotografia.....	198
Figura 88 -	Fotografia da fachada da Loja do Tesouro Vivo da Cultural Cearense, Espedito Seleiro em construção.....	198
Figura 89 -	Fotografia da fachada da Loja do Tesouro Vivo da Cultural Cearense, Espedito Seleiro concluída.....	198
Figura 90 -	Fotografia com vista parcial do interior da Loja do Tesouro Vivo da Cultural Cearense, Espedito Seleiro concluída.....	199
Figura 91 -	Fotografia da Confeitaria Arte e Sabor na Festa.....	200
Figura 92 -	Fotografia do Corredor Turístico feita do campanário da Igreja Matriz.....	202
Figura 93 -	Fotografia do Corredor Turístico com Igreja Matriz e Casa Paroquial à direita.....	203
Figura 94 -	Fotografia do Corredor Turístico com visão parcial do MHK e da Escola de Comunicação de Artes da FCG à direita.....	203
Figura 95 -	Fotografia do troféu 1º lugar - 1º Prêmio Nacional de Projetos com Participação Infantil da CECIP.....	209
Figura 96 -	Fotografia do troféu Menção Honrosa das crianças - 1º Prêmio Nacional de Projetos com Participação Infantil da CECIP.....	209

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Distribuição da área da Chapada do Araripe por Unidade da Federação .....	87
Gráfico 2 -	Áreas de proteção ambiental em Km2 dos municípios do Cariri..	106
Gráfico 3 -	Quantidade de visitantes no memorial por origem geográfica por mês/ano de 2011.....	158
Gráfico 4 -	Quantidade (%) de visitantes nacionais e estrangeiros.....	159
Gráfico 5 -	Quantidade (%) de visitantes nacionais por região do Brasil.....	159
Gráfico 6 -	Quantidade (%) de visitantes estrangeiros por nacionalidade.....	159
Gráfico 7 -	Quantidade (%) de visitantes do Ceará em relação ao total de visitantes de outros Estados do Nordeste.....	160
Gráfico 8 -	Quantidade (%) de visitantes do Cariri em relação ao total de visitantes das demais regiões do Ceará.....	160
Gráfico 9 -	Quantidade (%) de visitantes de Nova Olinda em relação ao total de visitantes do Cariri.....	160
Gráfico 10 -	Quantidade (%) de hóspedes nacionais e estrangeiros e total por gênero nas pousadas da COOPAGRAN.....	180
Gráfico 11 -	Quantidade (%) de hóspedes nacionais e estrangeiros por pousada.....	181
Gráfico 12 -	Quantidade (%) de hóspedes estrangeiros por nacionalidade e total por gênero.....	181
Gráfico 13 -	Quantidade (%) de hóspedes estrangeiros por nacionalidade por pousada.....	182
Gráfico 14 -	Quantidade (%) de hóspedes nacionais por região do Brasil e total por gênero.....	182
Gráfico 15 -	Quantidade de hóspedes da região nordeste do Brasil por Estado por pousada.....	182
Gráfico 16 -	Quantidade de hóspedes da Região Nordeste do Brasil por Estado por pousada.....	182
Gráfico 17 -	Quantidade (%) de hóspedes do Cariri em relação ao total de hóspedes das demais regiões do Ceará e total de hóspedes do Ceará por gênero.....	183
Gráfico 18 -	Quantidade de hóspedes do Cariri e das demais regiões do Ceará por pousada.....	183

## LISTA DE MAPAS

Mapa 1 -	Mapa geológico simplificado da Bacia do Araripe.....	51
Mapa 2 -	FLONA na Chapada do Araripe.....	87
Mapa 3 -	Região Metropolitana do Cariri (RMC) .....	97
Mapa 4 -	Mancha Urbana CRAJUBAR .....	98
Mapa 5 -	Rotas rodoviárias de acesso às cidades turísticas do Cariri.....	103
Mapa 6 -	Monumentos tombados e preservados nos municípios do Ceará.....	107
Mapa 7 -	Equipamentos culturais nos municípios do Ceará: museus, teatros e bibliotecas públicas .....	108
Mapa 8 -	Estrada das boiadas .....	118
Mapa 9 -	Localização de Nova Olinda no Ceará .....	125

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quantidade de Mestres da Cultura diplomados no Cariri em relação a todas as outras regiões do Ceará .....	109
Tabela 2 - População residente em Nova Olinda 1991/2000/2010.....	135
Tabela 3 - Número de empregos formais em Nova Olinda em 2014 por atividade.....	136
Tabela 4 - Principais indicadores de saúde de Nova Olinda em 2014.....	140
Tabela 5 - Índices de desenvolvimento de Nova Olinda em 2012 e posição no <i>ranking</i> do Ceará.....	141
Tabela 6 - Produto Interno Bruto de Nova Olinda em 2012.....	141

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Síntese das incursões ao campo e procedimentos de coleta de dados.....	74
Quadro 2 - Ano de criação dos municípios da Macrorregião Cariri Centro Sul.....	96
Quadro 3 - Categorização dos municípios da Região Turística do Cariri em 2016.....	201

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABONG -	Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais
CE -	Ceará
CEC -	Centro de Eventos do Ceará
CECIP -	Centro de Criação de Imagem Popular
CEFETCE	Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará
COOPAGRAN	Cooperativa de Pais e Amigos da Fundação Casa Grande
d.C -	Depois de Cristo
DF -	Distrito Federal
ETFCE -	Escola Técnica Federal do Ceará
FCG - MHK	Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Cariri
FLONA -	Floresta Nacional do Araripe
FNE -	Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste
FUNARTE -	Fundação Nacional de Artes
I SITS -	I Seminário Internacional de Turismo Sustentável
IAF -	Fundação Interamericana
IBAMA -	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBGE -	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH -	Índice de Desenvolvimento humano
IDM -	Índice de Desenvolvimento Municipal
IDS-O -	Índice de Desenvolvimento Social de Oferta
IDS-R -	Índice de Desenvolvimento Social de Resultado
IFCE -	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
INFRAERO -	Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária
IPECE -	Instituto de Estudos e Pesquisas do Estado do Ceará
IPHAN -	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MAG -	Mestrado Acadêmico em Geografia
MMA -	Ministério do Meio Ambiente
MTur -	Ministério do Turismo
OMT-	Organização Mundial do Turismo
ONG -	Organização Não Governamental



PAC -	Programa de Aceleração do Crescimento
PE -	Pernambuco
PIB -	Produto Interno Bruto
PNC -	Plano Nacional de Cultura
PNMT -	Programa Nacional de Municipalização do Turismo
PRT -	Programa Regionalização Turística – Roteiros do Brasil
REDETURS-	Rede de Turismo Comunitário de América Latina
SEBRAE -	Serviço de Apoio à Pequena e Média Empresa
SECITECE -	Secretaria de Ciência Tecnologia e Educação Superior
SECULT -	Secretaria de Cultura do Estado do Ceará
SENAC -	Serviço Nacional do Comércio
SETUR -	Secretaria de Turismo do Estado do Ceará
SP -	São Paulo
SUDENE -	Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
TUCUM -	Rede Cearense de Turismo Comunitário
TURISOL -	Rede Brasileira de Turismo Solidário e Comunitário
UECE -	Universidade Estadual do Ceará
UEL-	Universidade Estadual de Londrina
UERJ -	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFBA -	Universidade Federal da Bahia
UFC -	Universidade Federal do Ceará
UFPI -	Universidade Federal do Piauí
UFRJ -	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNESCO -	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
UNESP -	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
UNICAMP -	Universidade Estadual de Campinas
UNICEF -	Fundo das Nações Unidas para a Infância
URCA -	Universidade Regional do Cariri
USP -	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>22</b>
<b>2 ALICERCE TEÓRICO-METODOLÓGICO.....</b>	<b>39</b>
<b>2.1 Método de abordagem: nova geografia cultural.....</b>	<b>39</b>
<b>2.2 Dois conceitos-chave: região e lugar.....</b>	<b>45</b>
<b>2.3 Lugares de memória, patrimônio cultural e turismo.....</b>	<b>53</b>
<b>2.4 Aspectos contemporâneos do turismo.....</b>	<b>68</b>
<b>2.5 Procedimentos da pesquisa.....</b>	<b>71</b>
2.5.1 <i>Unidade(s) de análise.....</i>	73
2.5.2 <i>Procedimentos e instrumentos de coleta de dados.....</i>	74
2.5.2.1 <i>Observação participante não estruturada, livre ou antropológica.....</i>	74
2.5.2.2 <i>Conversas informais e entrevistas.....</i>	76
2.5.2.3 <i>Documentos.....</i>	77
2.5.3 <i>Etapas da pesquisa.....</i>	77
2.5.3.1 <i>Tomada de decisões iniciais.....</i>	78
2.5.3.2 <i>Negociação e entrada gradual ao campo.....</i>	78
2.5.3.3 <i>Etapa exploratória com coleta de dados primários.....</i>	79
2.5.3.4 <i>Etapa de investigação focalizada conjugada com tratamento, interpretação e análise dos dados.....</i>	80
2.5.4 <i>Interpretação/Análise dos dados.....</i>	81
2.5.5 <i>Procedimentos para maximizar a confiabilidade.....</i>	82
2.5.5.1 <i>Critérios relativos à credibilidade.....</i>	82
2.5.5.2 <i>Critérios relativos à transferibilidade.....</i>	82
2.5.5.3 <i>Critérios relativos à consistência e confirmabilidade.....</i>	82
<b>3 UM PANORAMA DO CARIRI, REGIÃO SUL DO CEARÁ.....</b>	<b>84</b>
<b>3.1 Uma lenda e algumas evidências científicas de relevada importância para o mundo.....</b>	<b>84</b>
<b>3.2 Notas sobre os ocupantes do Cariri antes da chegada do colonizador.....</b>	<b>88</b>
<b>3.3 Aspectos da configuração político-administrativa da região.....</b>	<b>92</b>
<b>3.4 O Cariri tem a segunda Região Metropolitana do Ceará e o primeiro Geopark da América Latina.....</b>	<b>97</b>
<b>4 NOVA OLINDA: DE ALDEIA DOS KARIRI-KARIÚS À DESTINO INDUTOR DO DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO REGIONAL.....</b>	<b>117</b>
<b>4.1 Breves apontamentos sobre a gênese de Nova Olinda.....</b>	<b>117</b>
<b>4.2 De Fazenda Tapera à Nova Olinda da Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri (FCG-MHK).....</b>	<b>123</b>
<b>4.3 Alguns aspectos caracterizadores de Nova Olinda.....</b>	<b>125</b>

<b>4.4 Fundação Casa Grande: alto-falante da região cultural do Cariri.....</b>	<b>148</b>
<i>4.4.1 Memorial do Homem Kariri (MHK).....</i>	<i>150</i>
<i>4.4.1.1 Visitantes do MHK.....</i>	<i>158</i>
<i>4.4.2 FM Casa Grande.....</i>	<i>161</i>
<i>4.4.3 Casa Grande Editora.....</i>	<i>162</i>
<i>4.4.4 100 Canal.....</i>	<i>163</i>
<i>4.4.5 Biblioteca.....</i>	<i>164</i>
<i>4.4.6 Gibiteca.....</i>	<i>165</i>
<i>4.4.7 DVDteca.....</i>	<i>166</i>
<i>4.4.8 Teatro Violeta Arraes.....</i>	<i>167</i>
<i>4.4.9 Laboratório de informática.....</i>	<i>169</i>
<i>4.4.10 Laboratório de Arqueologia.....</i>	<i>171</i>
<i>4.4.11 Parque Véi Leonso.....</i>	<i>172</i>
<i>4.4.12 Parque Ambiental dos Cajueiros.....</i>	<i>173</i>
<i>4.4.13 Os negócios turísticos dos anfitriões da FCG-MHK.....</i>	<i>174</i>
<i>4.4.13.1 O restaurante.....</i>	<i>175</i>
<i>4.4.13.2 A loja de souvenirs.....</i>	<i>176</i>
<i>4.4.13.3 As pousadas domiciliares.....</i>	<i>177</i>
<i>4.4.13.4 Parcerias com outros negócios.....</i>	<i>189</i>
<i>4.4.14 Transformações na sede do município, “Destino Indutor do Desenvolvimento do Turismo no Mapa do Programa de Regionalização do Turismo” de 2006.....</i>	<i>190</i>
<i>4.4.15 Opiniões sobre a FCG-MHK.....</i>	<i>204</i>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>210</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>216</b>
<b>APÊNDICE A – Roteiro de entrevista para ex-Secretário de Turismo e Romarias de Juazeiro do Norte .....</b>	<b>230</b>
<b>APÊNDICE B – Roteiro de entrevista com o Consultor do SEBRAE- Juazeiro do Norte.....</b>	<b>231</b>
<b>APÊNDICE C – Roteiro de entrevista com Gestora de Projeto da FCG- MHK .....</b>	<b>228</b>
<b>ANEXOS A - Programação do Seminário Internacional de Turismo de Base Comunitária.....</b>	<b>232</b>
<b>ANEXO B - Fundação Casa Grande – Casa do patrimônio da Chapada do Araripe.....</b>	<b>233</b>
<b>ANEXO C - Fundação Casa Grande em preparativos para o Seminário Regional de Turismo de Base Comunitária do Cariri.....</b>	<b>239</b>
<b>ANEXO D – Folder viagem aos encantos da Chapada do Araripe.....</b>	<b>246</b>
	<b>249</b>

<b>ANEXO E – Folder 20 anos de Casa Grande.....</b>	<b>251</b>
<b>ANEXO F - Aniversário de 20 anos da Fundação Casa Grande e lançamento de Selo Comemorativo pelos Correios.....</b>	<b>255</b>
<b>ANEXO G – Autorização para publicação da entrevista com o ex-Secretário de Turismo e Romarias de Juazeiro do Norte .....</b>	<b>256</b>
<b>ANEXO H – Autorização para publicação da entrevista do Consultor do SEBRAE/Juazeiro do Norte.....</b>	<b>258</b>
<b>ANEXO I – Autorização para publicação da entrevista da Gestora da FCG-MHK .....</b>	<b>259</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O interesse pela temática patrimônio cultural e turismo foi despertado em 1996, durante um curso de extensão ofertado pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Naquele ano tivemos o primeiro contato com a abordagem geográfica do turismo, mediante a leitura das publicações: Rodrigues (1996); Lemos (1996) e Yázigi; Carlos; Cruz (1996). Podemos qualificar essa tríade como um legado do Congresso Internacional de Geografia e Planejamento do Turismo “Sol e Território”, concebido, organizado e executado pelo Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), em 1995.

As mencionadas publicações tornaram-se referências obrigatórias para as pesquisas geográficas realizadas em nosso país, a partir de então. Os resultados dos referidos estudos indicavam os seguintes problemas: degradação ambiental, alteração dos costumes e das atividades produtivas tradicionais, segregação socioespacial e concentração de renda. A leitura dos textos e as discussões com os participantes e professoras do curso de extensão, ofertado pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), anteriormente mencionado mostraram que a pesquisa sobre turismo estava no centro das preocupações acadêmicas da Geografia.

Em 2000, ingressa como aluna regular no Mestrado Acadêmico em Geografia da Universidade Estadual do Ceará (MAG/UECE), tivemos acesso ao conceito-chave da ciência geográfica, o lugar, presente no projeto de pesquisa submetido e aprovado. O desejo de realizar um estudo comparativo entre o turismo de dois lugares do Ceará, um no litoral, a Prainha do Canto Verde, em Beberibe e outro, ao sul do Ceará, Nova Olinda, não pôde ser concretizado por motivos alheios aos objetivos dessa Tese. Merece apenas que se registre que o trabalho de campo foi realizado em dois lugares, no litoral de Beberibe: Praia das Fontes e Prainha do Canto Verde. Ao final se aferiu e concluiu:

No caso da Prainha do Canto Verde, verifica-se uma adesão às novas oportunidades de negócios vinculados a lazer e turismo sem desarticulação drástica do cotidiano, do meio ecológico e da cultura. Um exemplo é o fato de a pesca continuar a ser a atividade que ocupa ainda o maior número de pessoas. Nesse processo a ONG - Instituto Terramar e a Fundação Amigos da Prainha do Canto Verde desempenham um papel de destaque. [...]. O modelo de turismo construído pelo Conselho de Turismo da Associação dos Moradores, socialmente responsável e comunitário, é uma demonstração de que o desenvolvimento social está sendo pensado em alguns lugares com

base em parâmetros distintos dos padrões de produção e consumo ditados pelos lugares centrais do capitalismo. Pode-se dizer que se trata de uma resistência ao modelo hegemônico. (SARAIVA, 2002, p. 133-134).

A ideia inicial do projeto de dissertação foi ganhando contribuições à medida que era apresentada e discutida com outros pesquisadores em eventos científicos, como consta em: Saraiva e Cruz (2000, p.14 e 2001, p.20); Souza *et al.* (2001, p.20) e Saraiva (2002, p.157-165). O mesmo aconteceu enquanto participamos da comissão organizadora de cinco eventos, dos quais, três voltados à problemática do turismo. Dentre estes três eventos realizados nos auditórios do Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará (CEFETCE), dois tiveram abrangência estadual: o 1º ocorrido em 2000 e o 2º Encontro Estadual de Turismo Municipal, em 2002; o terceiro, o I Seminário Internacional de Turismo Sustentável (I SITS) realizado em 2003 teve alcance internacional.

Sobre o mencionado evento, se lê em Lima e Coriolano (2003, p.10): “Este evento colocou na agenda dos estudiosos do turismo e de toda a sociedade brasileira o debate acerca do turismo comunitário e socialmente responsável [...]”.

As instituições parceiras da Organização Não Governamental (ONG) Terramar, no caso, a UECE e o Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará (CEFETCE) reuniram 462 pessoas provenientes de 19 municípios do Ceará, 15 Estados do Brasil e 09 países. Tendo acompanhado o turismo no País desde o ingresso como aluna do Curso Técnico em Turismo da Escola Técnica Federal do Ceará (ETFCE), em 1982, vivenciamos uma experiência sem precedentes. Diferente de todos os eventos que tínhamos participado como ouvinte, expositora e/ou organizadora, o SITS reuniu em um ambiente acadêmico, um grupo plural, formado por pesquisadores, professores, alunos, representantes do Poder Público e de ONGs nacionais e estrangeiras, lideranças comunitárias, médios e pequenos empreendedores de lugares turísticos.

Consta em Lima e Coriolano (2003, p.11) que:

Este encontro representou um marco na história do turismo no Ceará, tanto para as comunidades que sentiram a força de suas lutas, como para o Poder Público constituído, uma vez que alguns órgãos do governo da esfera federal, estadual e municipal ligados ao turismo, ao meio ambiente e ao desenvolvimento estiveram dialogando com as comunidades, com os conferencistas, com as pessoas que apresentaram seus pontos de vista nas mesas redondas, nos painéis, nas apresentações. O embate dos diferentes pontos de vista fará

brotar novas ideias e novos posicionamentos frente ao atual modelo de desenvolvimento que tem se mostrado absolutamente insustentável e é desse modelo que tem derivado políticas e estratégias turísticas também discriminatórias e excludentes.

O planejamento e organização do evento começaram em 2002 exatamente quando concluímos a pesquisa e defendemos a dissertação do mestrado. Convidamos o suíço naturalizado brasileiro, René Schärer, idealizador do I SITS para assistir e discutir o projeto durante a programação do IV Seminário do Mestrado em Geografia da UECE. Repetimos o convite para a defesa em 2002. Ele aceitou e participou das duas apresentações. Naquele período, estabelecemos uma intensa interlocução com René Schärer que integrava a ONG Terramar e era um dos principais mentores e animadores do Projeto de Turismo Comunitário da Prainha do Canto Verde.

Nas considerações finais da dissertação fizemos uma crítica à desarticulação entre as políticas públicas de turismo, educação e acesso ao crédito para o médio e pequeno empreendedores.

Vivemos a era das redes, É necessário educar para o trabalho em rede. Se os atores hegemônicos realizam fusões, os homens dos espaços contíguos necessitam trabalhar de forma cooperativa para maximizar a oferta de serviços e viabilizar operações que envolvem maiores volumes de capital. (SARAIVA, 2002, p.141).

Em 2008, a Rede Cearense de Turismo Comunitário (TUCUM) foi lançada no II Seminário Internacional de Turismo Sustentável, tendo René Schärer da ONG Terramar como um dos mentores e líderes do processo de integração de pessoas e lugares do litoral cearense.

Para Moreira (2007), a rede global é a forma do espaço no mundo contemporâneo e a mobilidade territorial característica principal da sociedade em rede. Assim,

o lugar é hoje uma realidade determinada em sua forma e conteúdo pela rede global da nodosidade e ao mesmo tempo pela necessidade do homem de (re)fazer o sentido do espaço, ressignificando-o como relação de ambiência e de pertencimento. Dito de outro modo, é o lugar que dá o tom da diferenciação do espaço do homem – não do capital – em nosso tempo. Com o lugar, a contigüidade e a coabitação, categorias características do espaço em região, assim se renovam. Ao mesmo tempo o lugar se reforça com a permanência da contigüidade como nexos internos do homem com o seu espaço. Categoria da horizontalidade, a contigüidade permanece, costurando agora a centralidade do lugar como matriz organizadora do espaço,

porque é coabitação e ambiência. Recria-se. Ontem, a contigüidade integrava numa mesma regionalidade pessoas diferentes, mas coabitantes do mesmo espaço. Hoje, ela é a condição da acessibilidade dos mesmos coabitantes a este dado integrador excludor do mundo globalizado que é a informação informatizada, mesmo que não habitem a mesma unidade de espaço. Importa que coabitem a rede. (MOREIRA, 2007, p.61).

Por termos entendimento análogo ao autor citado, adjetivamos a Fundação Casa Grande-Memorial do Homem Kariri (FCG-MHK) um lugar de memória e salvaguarda do patrimônio cultural do Cariri. No primeiro semestre de 2009, momento de elaboração do projeto da tese, o turismo e o patrimônio cultural, constituíam-se como tema de pesquisas geográficas concluídas e em andamento, em cidades históricas. As autoras mencionadas, afirmam que as três primeiras edições do Seminário de Geografia, Patrimônio Cultural e Turismo abriram caminho para tratamento do patrimônio cultural como categoria de análise geográfica (PAES; OLIVEIRA, 2009).

Segundo Graburn et al. (2009), 1970 foi um marco no tratamento do turismo como dimensão da cultura em Antropologia. Resultado de uma interlocução entre autores brasileiros e o antropólogo, a referida obra tornou-se referência indispensável às investigações sobre turismo e patrimônio cultural. Ao traçar um panorama da literatura estrangeira e nacional das ideias e paradigmas que têm orientado as pesquisas científicas em Antropologia, os autores da publicação mencionada apresentaram “o estado da arte” nessa área do conhecimento.

No Brasil, nos últimos doze anos, políticas públicas voltadas ao patrimônio cultural foram articuladas com políticas públicas voltadas ao turismo. Como exemplos, temos as interfaces entre os programas: Regionalização do Turismo - Roteiros do Brasil, do Ministério do Turismo, lançado em abril de 2004 (MTur, 2013); Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), instituído pelo Decreto nº 6.025, de 22 de janeiro de 2007 (BRASIL, 2007); Programa Monumenta do Ministério da Cultura, iniciado em 2009 (IPHAN, 2009) e o PAC Cidades Históricas, de 2013 (BRASIL, 2016).

Uma das linhas de discussão da temática, turismo e patrimônio cultural é a que trata da seletividade do que se legitima como patrimônio. Há queixas relativas à priorização de recursos públicos para o patrimônio material e para elementos que reforçam o papel das elites na história. Exemplo emblemático são os processos de



refuncionalização de conjuntos arquitetônicos urbanos, tratados como prioritários pelo Poder Público visto serem espaços relevantes para o turismo.

Pelo fato de discordar quanto ao critério de seletividade, a Arquiteta Lia Motta<sup>1</sup>, convocou os envolvidos com a problemática a se desfazerem da concepção arraigada de que o critério estético-monumental seja predominante, quando se trata da legitimação do patrimônio material. Enfatizou, também, que compreende como equívoco, atribuir o *status* de patrimônio imaterial, exclusivamente ou predominantemente, ao que se considera “popular”.

Outra vertente de investigação sobre turismo e patrimônio cultural trata dos respectivos usos e apropriações. Resultados das pesquisas de Oliveira (2005), Cifelli (2005) e Bartholo, Sansolo e Bursztyl (2009) revelaram o agravamento da exclusão de pessoas ou grupos que ocupavam tais espaços antes do uso turístico.

A escolha do tema justifica-se, principalmente, quando se considera que a geografia deve se debruçar sobre questões do mundo contemporâneo. No prefácio de Paes e Oliveira (2010, p.10), Maria Geralda de Almeida<sup>2</sup> ratificou tal premência com as seguintes palavras: “Ao enfatizarem a abordagem geográfica em interpretações sobre patrimônio e o turismo, o elenco de autores aqui presentes demonstrou um viés pouco explorado na geografia [...]”. No Brasil, a imbricação patrimônio cultural e turismo necessita, sem olvidar, a realização de pesquisas em diferentes escalas.

Corrêa e Rosendhal (2010, p.10) reconhecem que “a cultura constitui-se em ingrediente importante do cada vez mais complexo ciclo de reprodução do capital.” Após apontarem a *Disney World* como forma simbólica espacial do capitalismo avançado, resultante de massivo investimento de capital, instigaram os pesquisadores nacionais a realizarem investigações concernentes a outras experiências em outros contextos culturais.

Corrêa e Rosendhal (2000) avaliou a heterogeneidade cultural brasileira como um aspecto favorável aos estudos em Geografia Cultural.

---

<sup>1</sup> (Informação verbal) obtida enquanto se participava do IV Seminário de Geografia, Patrimônio e Turismo realizado na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) em 2010.

<sup>2</sup> Maria Geralda de Almeida é Geógrafa pela Universidade Federal de Minas Gerais, Mestre em Geografia pela *Université de Bordeaux III* (1982), Doutora em Geografia pela *Université de Bordeaux III*, Pós-Doutora pelas *Universidades de Laval, Québec* Canadá (1991) [...] Professora titular da Universidade Federal de Goiás (PAES; OLIVEIRA, 2009).

Em texto que aborda a dimensão cultural da economia, segundo Thrift e Olds (1996, apud RIO, 2010, p.21), “processos econômicos são igualmente processos culturais.” A autora referida articulou contribuições de: Berque (2000); Clark et al. (2000); Peet (1997); e Sayer (1997).

O primeiro se ocupou da concepção moderna de economia divorciada do meio, ou seja, de uma sociabilidade marcada pelas relações impessoais, aspecto relevante em Bruni e Zagmani (2010).

Com outras palavras, os economistas italianos aludidos, afirmam que a concepção de economia divorciada do meio trata-se de um mito fundado na ideia de que a esfera dos interesses econômicos pouco tem a ver com a do civismo e com a qualidade dos vínculos sociais entre os cidadãos. Dito de outro modo, os autores

contestam o **mito de que a economia moderna é marcada exclusivamente** pelas **trocas** impessoais, anônimas desprovidas de **vínculos comunitários** e funcionando tanto melhor, quanto menos contaminadas pela política, pela ética e pela moral [...] **Reciprocidade e dádiva**, por um lado, **mercados e contratos** por outro, não são mundos hostis que a modernidade tentou de separar, mas **estão permanentemente imersos uns nos outros**. (ABRAMOVAY, 2010, p.8, grifo nosso).

“A ordem espacial impõe limites à racionalidade. A estrutura espacial dos mercados globalmente heterogêneos e homogêneos no nível local, constitui contraste relevante em relação à racionalidade substantiva neoclássica” (RIO, 2010, p.21).

Constam no texto da referida autora inferências de dois autores. Sayer (2007) explica que atividade econômica não pode ser compreendida independentemente dos sistemas de significados e normas e Peet (2000) afirma que: “cada região contribui de modo específico para a cultura econômica do sistema capitalista global” (RIO, 2010, p.24).

Por fim evidenciamos as palavras da autora em questão, concernentes à associação entre cultura e economia na ciência geográfica atual:

No Brasil, uma massa de estudos traduzidos e a elaboração e trabalhos originais em geografia cultural têm contribuído decisivamente para abertura de linha de pesquisa e produção crítica sobre vários temas. [...] Há ainda muitos domínios a serem explorados e que necessitam de uma produção teórica e empírica. No plano metodológico, abertura desse campo de investigação pode suscitar discussões sobre o lugar a ser ocupado pelo exame do

processo material e simbólico de produção de valor[...] (RIO, 2010, p.32).

A presente investigação consistiu em uma tentativa de contribuição da nova geografia cultural à temática região, cultura e economia. Ferraz (1992, p.12) esclareceu que o planejamento turístico se insere em um processo maior que busca realizar a vida econômica do país.

Regionalizar os roteiros turísticos tornou-se uma estratégia da Política Nacional de Turismo expressa no “Plano Nacional de Turismo 2003-2007 – Uma Viagem de Inclusão” (PNT 2003-2007).

O Programa de Regionalização do Turismo - Roteiros do Brasil (PRT) lançado em abril de 2004 foi estratégico para a execução do Macroprograma Estruturante - Estruturação e Diversificação da Oferta Turística. No Ceará, foram definidos quatro “Destinos Indutores do Desenvolvimento Turístico Regional”: Fortaleza, Aracati, Jericoacoara e Nova Olinda.

A partir desta escolha, Nova Olinda ganhou projeção, visibilidade no Mapa do Turismo Regional/Nacional. O reposicionamento do município no mapa do Cariri foi questionado por lideranças políticas e do turismo regional. Nova Olinda é uma cidade de pequeno porte, sem qualquer expressão em períodos históricos precedentes. No Cariri Cearense são outros os municípios com tradição e expressão cultural, política e econômica, tais como: Missão Velha, Crato, Barbalha e Juazeiro do Norte.

Após destacar que todos os sujeitos sociais estão inseridos no mesmo modelo econômico, o capitalismo, Coriolano (2006, p.20) ressaltou: “Importa saber como cada Estado, município, ou cada grupo se inclui.” No município se verifica com grande nitidez os usos do patrimônio cultural bem como se identifica os sujeitos que se beneficiam com o turismo.

Bruni e Zamagni (2010, p.263) proponentes da economia civil acrescentaram: “A economia real torna-se economia civil toda vez que uma empresa, uma organização, um consumidor ou uma escolha individual consegue dar ‘o salto da gratuidade’ e suscitar novas relações de reciprocidade.”

Compreendemos que a proposta dos autores referidos diz respeito à mercantilização de todas as esferas da vida em sociedade, às trocas marcadas pela

impessoalidade e pelo interesse primeiro na obtenção de vantagens. Trata-se de um padrão cultural de conceber e agir em sociedade.

O diferencial e inovação do texto dos economistas italianos em pauta, residem na interpretação da economia em perspectiva cultural. Conforme enfatizaram, em determinado momento da tradição cultural do Ocidente, “o princípio do contrato” dissociou do “princípio da reciprocidade” e os dois passaram a ser considerados formas alternativas de organização da vida em comum “cada um com seu campo próprio e exclusivo de aplicação: o mercado para o contrato; todo o resto, para a reciprocidade”. Contextualizando:

No século XX o princípio da “redistribuição da riqueza” foi chamado a ser o mediador desses dois princípios, até chegar a tomar o lugar do princípio da reciprocidade, que foi confinado única e exclusivamente à vida privada. [...] o princípio da reciprocidade não foi apenas negado como princípio que está na base dos outros dois, mas pouco a pouco foi relegado à margem da vida econômica, como ocorrera com o princípio da fraternidade, anunciado pela Revolução Francesa, mas em seguida esquecido ou esmagado, como se fosse parte do princípio da igualdade (do qual na verdade, é raiz). (BRUNI; ZAMAGNI, 2010, p.262).

Azevedo (2005, p. 244) explicou que o fato dos membros dos grupos das sociedades primitivas escreverem a lei sobre o corpo é um modo de “garantir que nunca esqueçam o fundamento da vida social da tribo: a igualdade.”

Em diferentes momentos de exercício profissional, estivemos em contato com a Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri (FCG-MHK), uma Organização Não Governamental (ONG), entidade sem fins lucrativos, cujo trabalho de salvaguarda e proteção da memória e do patrimônio cultural dos antepassados, iniciado com abertura de um museu com acervo arqueológico e antropológico passou a atrair visitantes e turistas para a sede de Nova Olinda.

Em Bruni e Zamagni (2010), encontramos contribuições úteis à análise do trabalho dessa organização que associa patrimônio cultural e turismo em Nova Olinda, município situado ao sul do Ceará, na região do Cariri, no contexto do Programa de Regionalização do Turismo – Roteiro do Brasil do MTur. Os autores referidos informaram que

a *International Society for Third Sector Research* em seu congresso realizado em *Dublin* em 2000, promoveu a unificação das expressões “organizações sem fins lucrativos”, “Terceiro Setor” e “organizações

não governamentais”, fundações e organizações semelhantes, numa única definição, a de “organizações da sociedade civil” (*civil society organizations*). (BRUNI; ZAMAGNI, 2010, p.16).

Foi neste contexto que a ideia de realizar a pesquisa em um dos “Destinos Indutores do Desenvolvimento Turístico Regional” do Ceará foi ganhando força. A argumentação dos defensores da economia civil centra-se na ideia de que outros princípios, além do lucro e da troca instrumental podem encontrar espaço dentro da atividade econômica das comunidades. Inferimos a partir dessa proposição que as atividades econômicas resultantes da mobilidade turística também podem acontecer dentro dos princípios da economia civil.

Convictos de que a experiência da sociabilidade humana e da reciprocidade podem ser retomadas no interior da vida da econômica lançam a ideia de economia civil cuja peculiaridade reside em considerar o princípio do contrato e o princípio do dom ou dádiva como derivados do princípio da reciprocidade. Em tal perspectiva, o dom e o contrato não são considerados formas alternativas de regulação das relações humanas. Ao contrário, dom e contrato são concebidos com expressões diferentes, duas articulações diferentes da reciprocidade, princípio que fundamenta a própria possibilidade de convivência civil.

No entendimento dos teóricos comentados, a separação entre o econômico e o civil é um equívoco por esconder as relações humanas nas trocas de bens e serviços. Dito de outro modo, a retomada da dimensão relacional da economia pode fazer reaparecer as relações ocultas entre os diferentes agentes econômicos. Segundos os autores:

Para Marx, como se sabe, as relações ocultas eram sempre relações de exploração, e a ciência econômica tinha de se esforçar para romper o invólucro e trazer à tona as relações subjacentes. A economia neoclássica reagiu a essa visão socializada da economia, profundamente conflitante com a “harmonia econômica” de sua estrutura teórica, em que cada fator de produção (inclusive o trabalho) recebe apenas o correspondente à contribuição que deu para a produção, uma vez que no regime de concorrência, mesmo o capitalista não recebe mais que seu “merecido lucro”. (BRUNI; ZAMAGNI, 2010, p.208, grifo dos autores).

Contribuição essencial da argumentação dos autores citados para a investigação à qual nos propusemos empreender foi a distinção que estabeleceram

entre bens/serviços relacionais e bens/serviços exclusivamente econômicos. Conforme explicam, no caso dos bens/serviços relacionais, o bem/serviço econômico é a relação em si. A dimensão intangível ou clima relacional é propriamente o bem/serviço relacional que pressupõe o exercício da reciprocidade. Essa ideia foi aplicada à análise das trocas entre residentes-anfitriões e visitantes residentes-anfitriões e turistas-hóspedes nas pousadas domiciliares da Cooperativa Mista dos Pais e Amigos da Casa Grande (COOPAGRAN).

A pressuposição de que os bens/serviços relacionais demandam o exercício da reciprocidade foi explicada nos seguintes termos:

Fica claro, assim por que o consumo de bens relacionais pressupõe o exercício da reciprocidade; deriva daí também sua fragilidade (pois, diferentemente do que ocorre com os bens privados comuns, não posso dominá-los individualmente; eles dependem da liberdade dos outros).

Na amizade, nas relações familiares, no amor - ativos relacionais típicos - é justamente a relação que constitui o bem: esse tipo de bem nasce e morre com a própria relação. É difícil amar, ser amigo ou parente de um computador, e é impossível ser amigo de alguém unilateralmente; a dimensão da reciprocidade é fundamental. E a identidade da outra pessoa também é essencial. (BRUNI; ZAMAGNI, 2010, p.255).

Diante do que se conhecia em perspectivas outras que não a de pesquisadora, e da visibilidade de Nova Olinda no Mapa do Programa de Regionalização do Turismo de 2006, coube indagar: Quais as características dos visitantes e turistas que acorrem à Nova Olinda atraídos por esta Fundação? Quais os conteúdos das trocas entre anfitriões-residentes e turistas-hóspedes das pousadas domiciliares? Quais as transformações socioespaciais em Nova Olinda após ter sido definida pelo Ministério do Turismo como um dos “65 Destinos Indutores do Desenvolvimento Turístico Regional”?

Com o intuito de responder a essas indagações é que se delimitou o objeto de estudo da pesquisa: Patrimônio Cultural e Turismo na Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri em Nova Olinda-CE, município da Região do Cariri”. Durante a escrita do relatório para exame geral de qualificação da Tese, formulamos o título: “A Fundação Casa Grande em Nova Olinda-CE no Mapa de 2006 do Programa de Regionalização do Turismo: lugar de memória e salvaguarda do patrimônio cultural do povo Kariri”.

Desta forma, o objetivo geral foi postulado nos seguintes termos: Investigar o trabalho da FCG-MHK entre 2006 e 2016, em relação ao patrimônio cultural e ao turismo do lugar, contextualizado no espaço regional do Cariri com a finalidade de verificar se os conteúdos das trocas entre anfitriões e turistas revelam aspectos do princípio de reciprocidade da Economia Civil.

Os objetivos específicos foram: Identificar aspectos caracterizadores dos visitantes e turistas que ocorrem à Nova Olinda atraídos pelo trabalho da Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri; Analisar o conteúdo das trocas entre os residentes-anfitriões e turistas-hóspedes das Pousadas Domiciliares da COOPAGRAN da FCG-MHK; Identificar transformações socioespaciais na sede de Nova Olinda.

Propusemo-nos confirmar ou não a hipótese de que a FCG-MHK articulava salvaguarda da memória e do patrimônio cultural do lugar e região dando espaço ao princípio da reciprocidade possível de ser identificado no conteúdo das trocas entre visitantes e anfitriões. As trocas realizadas nas pousadas domiciliares da COOPAGRAN se tornaram, portanto, o foco da observação.

Desse modo, apresentamos a tese que norteou esta pesquisa: grupos e ou organizações que articulam salvaguarda da memória e do patrimônio cultural regional e gestão do turismo conforme o princípio de reciprocidade podem atrair turistas identificados com oportunidades de aprendizagem que é repassado aos outros, trocas sociais e culturais marcadas por relações onde o caráter mercantil não sobrepuja o dom e a dádiva. Estamos nos reportando ao que Christian Laval (2006) chama de reciprocidade indireta.

La réciprocité, précise-t-il, peut s'entendre de deux façons : elle est directe quand ce sont les mêmes groupes qui donnent, reçoivent et rendent les uns aux autres les symboles qui circulent ; elle est indirecte lorsque ces mêmes biens symboliques reçus ne sont pas rendus à ceux qui les ont donnés, mais à un autre groupe qui les rendra à son tour à un autre groupe. (LAVAL, 2006: 109)

A análise aqui pretendida teve seu contexto definido no período de uma década. O ano de 2006 foi o período de projeção de Nova Olinda no Mapa dos “65 Destinos Indutores do Desenvolvimento Regional do Turismo”.

Ao delimitar o objeto da pesquisa, além da pertinência da temática, turismo e patrimônio cultural, atentamos para o reconhecimento/atribuição de importância aos dois conceitos-chave da geografia: região e lugar.

Rebollo et al. (1997, p.59) evidenciaram: *“El tema de la conceptualización y tipología de las regiones turísticas no há sido uno de los aspectos más estudiados por los geógrafos.”*

Aos motivos que justificavam a relevância da pesquisa se acrescentamos a seguinte reflexão:

O contexto atual corresponde é um desses momentos dentre os quais o conceito de região ganhou importância. Isso porque, a globalização torna mais complexos os processos de regionalização e algumas alternativas e possibilidades do conceito de região passam pela consideração da região - enquanto fração do espaço geográfico catalizadora de determinadas relações e convenções - como um ator social fundamental na transformação de comunidades regionais e locais. [...] O importante é que as alternativas e possibilidades de consideração e aplicação do conceito de região estão disponíveis para serem enriquecidas por novas pesquisas que as utilizem, num círculo virtuoso que, com certeza, engendrará avanços consideráveis nas ciências humanas e sociais. (CUNHA, 2000, p.53-54).

Uma das contribuições do presente trabalho foi tratar a temática em perspectiva teórico-metodológica da Nova Geografia Cultural em diálogo multidisciplinar com destaque para a Antropologia e a Economia. Atentamos ainda para as ponderações feitas por Ortiz (1992 apud SANTOS, 2009; SANTANA, 2009).

O primeiro autor ressaltou a importância dos cientistas sociais atentarem para a interpretação de realidades contemporâneas com conceitos formulados no passado, ao questionar: “As ciências sociais estão sendo desafiadas a interpretar novas realidades e reinterpretar realidades que já haviam sido explicadas e compreendidas” (ORTIZ, apud SANTOS, 2009, p.169).

Santana (2009) levantou duas questões que subsidiaram essa pesquisa: a primeira se refere à problemática do caráter do “lugar” turístico em contextos onde se evidencia uma multiplicidade de referências culturais entre anfitriões, visitantes e turistas; a segunda é a ênfase ao tratamento dual dado ao turismo, de acordo com a assertiva:

O turismo tem sido tratado, ao longo do século XX, ora como um fator econômico gerador de divisas e outros impactos positivos nas finanças dos núcleos receptores, ora como fato social gerador de impactos negativos na cultura e no meio ambiente. Raramente encontra-se um intelectual que



consiga reunir de forma imparcial os dois olhares, numa síntese em que não há preto ou branco, mas uma rica gama de cinzas que condensa os benefícios que o turismo traz, assim como seus inconvenientes, como aliás, é próprio de todo fato social”. (SANTANA, 2009, p.9).

Após ampla análise de classificações de turismo e turistas, o autor citado apontou ainda para a dificuldade de enquadrar os turistas em tipologias rígidas e gerais, atitude que pôs em xeque, a noção de “turista ideal”, como o que deixa benefícios econômicos e baixo impacto ambiental em xeque. Ambiente aqui entendido como a cultura do lugar.

Ao discutir sobre a tensão entre global e local e transformação das identidades no mundo contemporâneo, Hall (2005, p.78) examinou novas formas de negociação dessa tensão e chegou a seguinte hipótese: “É mais provável que a globalização produza simultaneamente, novas identificações globais e novas identificações locais.” Para o autor aludido, são os referentes que se transformam.

Para Certeau (2002, p.201) o lugar é “uma configuração instantânea de posições”, caracterizando “uma indicação de estabilidade”, enquanto o espaço “é o efeito produzido pelas operações que o orientam, circunstanciam, temporalizam e levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais.” Ou seja, o espaço é um “lugar praticado”, o espaço vivido de Frémont (1980).

Santos (2009) corrobora a análise de Santana (2009), ou seja, ambos veem o turismo como um campo privilegiado para os pesquisadores compreenderem a cultura contemporânea. Quando se trata de conceituar as culturas dos lugares turísticos onde convivem visitantes, turistas, anfitriões que trabalham e que não trabalham com o turismo, os dois utilizam terminologias distintas. O segundo apresenta o conceito “contato de culturas” como substituto de aculturação, enquanto o primeiro se refere aos “espaços híbridos”.

“Nos espaços turísticos híbridos, além da multiplicidade de referências culturais, encontramos uma multiplicidade de práticas que dão sentidos aos ‘lugares’, não sentidos de uma forma unívoca, mas polissêmica, de identidades descentradas” (SANTOS, 2009, p.138).

Importante ressaltar que os hibridismos culturais podem despotencializar as expressões nativas de lugares e regiões quando estão a serviço dos interesses

neoliberais que destituem as especificidades próprias, tornando-os produtos a serem consumidos. Tal referência induz o turista tornar-se um transeunte, que canibaliza diferentes espaços, sem *conhecer* a cultura do lugar ao qual se destinou.

O conceito de grupos sociais em Castro (2009) se mostrou operacionalmente prático para a definição do grupo de anfitriões das pousadas domiciliares da COOPAGRAN.

Os princípios da reciprocidade e fraternidade na economia civil, tratados em perspectiva cultural por Bruni e Zamagni (2010), e a investigação de Silva e Brusandi (2014) foram subsídios centrais para se atingir um dos objetivos específicos, analisar as trocas entre anfitriões-residentes da FCG-MHK em Nova Olinda e visitantes; anfitriões das pousadas domiciliares e turistas-hóspedes.

Os aportes de Coriolano (2006, p.30) sobre turismo e, especificamente, sobre turismo comunitário foram fundamentais. De modo sintético, a pesquisadora explicou que turismo “reúne, oportunidades de aquisição cultural, troca de experiências, realização de sonhos, busca de emoções e formas de aprendizagem. É negócio econômico para aqueles que o vendem e oportunidade de aprendizagem para os que o fazem.” Foi exatamente esta a concepção de turismo que adotamos na presente pesquisa, turismo como prática social que gera negócios e trocas com conteúdo intangíveis.

Ancorados na proposição da economia civil de Bruni e Zamagni (2010) compreendemos que além de oportunidade de negócio para os anfitriões, o turismo também oportuniza aprendizagem para os mesmos.

Bauman (2003) e Ander-Egg (1980) foram fundamentais ao entendimento da categoria comunidade, indispensável à apreensão do turismo comunitário, sobretudo, em pesquisa que se propôs interpretar e analisar as trocas entre os grupos sociais turistas-hóspedes e residentes-anfitriões das pousadas domiciliares da Cooperativa de Pais e Amigos da FCG-MHK (COOPAGRAN) em Nova Olinda.

Ander-Egg (1980) define comunidade como:

Um agrupamento organizado de pessoas que se percebem como unidade social, participam dos mesmos interesses, objetivos e funções comuns, com consciência de pertencimento, situados em uma determinada área geográfica na qual a pluralidade de pessoas que interagem mais intensamente entre si, que em outro contexto. (ANDER-EGG, 1980, p.45).

No entendimento de Bauman (2003), a comunidade no mundo contemporâneo é símbolo do paradoxo da individualização que se tornou marca registrada da modernidade.

“As mudanças que fundaram a identidade do período dito ‘moderno’ manifestaram-se mais claramente por volta do fim século XVII e ao longo do século XVIII” (GOMES, 1996, p.53).

Bauman (2003) explica a gênese da desarticulação das comunidades ao remeter a Max Weber, segundo o qual,

o ato constitutivo do capitalismo moderno foi a separação entre negócios e o lar - o que significa ao mesmo tempo a separação entre os produtores e as fontes de sua sobrevivência [...] Esse duplo ato libertou as ações voltadas para o lucro, e também aquelas voltadas para a sobrevivência, da teia dos laços materiais e emocionais, da família e da vizinhança, simultaneamente esvaziando tais ações de todo o sentido de que eram antes portadoras. (BAUMAN, 2003, p.32).

As pousadas comunitárias da COOPAGRAN associam lar e negócio em Nova Olinda. Em pesquisa de doutoramento com abordagem integrada e multidisciplinar, após analisar a relação entre discursos e práticas dos governos, dos empresários, dos parlamentares, acadêmicos, ambientalistas, ONGs e comunidades, Coriolano (2006, p.223) concluiu que o turismo comunitário é

uma estratégia de sobrevivência e de entrada daqueles de menores condições econômicas na chamada cadeia produtiva do turismo. Uma forma de turismo de pensar o lugar, a conservação ambiental e a ressignificação da cultura, a sobrevivência e não a acumulação, embora nem sempre os resultados sejam tão positivos.

Ao analisar o foco dos interesses dos discursos e práticas identificou dois grandes grupos com características semelhantes. O primeiro formado pelos grandes empresários e governos. O segundo por pequenos empreendedores e comunidades. Para o primeiro grupo interessa a acumulação do capital e para o segundo, a solidariedade entre os povos e os lugares, concluiu.

No mundo atual são duas as formas de inserção, de regiões, lugares, instituições, pessoas, na cadeia produtiva do turismo. Na primeira, mediante protagonismo e atualização cultural sem desarticulação drástica do cotidiano. A

segunda forma é adequação aos padrões da ética motriz da reprodução do capital cujo foco é o lucro pelo lucro, indiferente às necessidades das regiões, lugares e pessoas. Quando isso acontece os ritmos, hábitos e valores são ditados, regidos pelos agentes do capital, conforme explicou Bauman (2003. p.33) ao aludir à

expressão célebre de Marx e Engels, “derrete todos os sólidos”; as comunidades auto-sustentadas e auto-reprodutivas figuravam em lugar de destaque no rol os sólidos a serem liquefeitos. [...] Destruídos os laços comunitários que a mantinham em seu lugar, essa maioria viria a ser submetida a uma rotina inteiramente diferente, ostensivamente artificial, sustentada e pela coação nua e sem sentido em termos de “dignidade, mérito e honra”.

Buscamos um diálogo interdisciplinar, sem omitir a opção por uma abordagem metodológica, no caso, a nova geografia cultural representada por Claval (1999; 2003); Cosgrove (1999); e Corrêa (2011). Aspectos fundamentais da interface entre patrimônio cultural e turismo foram extraídos de Meneses (2006); Bertoncello (2008); Costa (2009); Graburn (2009); e Santana (2009).

Ao contrário de pesquisas com foco em centros urbanos de relevada importância, em momentos históricos pretéritos, e cujos atrativos turísticos são conjuntos arquitetônicos expressivos do Brasil colonial e imperial, o atrativo que desencadeou o turismo na sede do município de Nova Olinda, área geográfica analisada, foi um minimuseu com acervo arqueológico e mitológico dos habitantes do Cariri antes da colonização.

A FCG-MHK foi constituída com a missão de salvaguardar e proteger o patrimônio material e imaterial do Homem Kariri, ocupante da região antes da chegada dos colonizadores.

Noronha (2008, p.144) afirmou: “[...] há, no contexto da FCG, a execução da educação patrimonial proposta pelo IPHAN [...].”

Esperamos que a abordagem utilizada, os conceitos-chave e os procedimentos metodológicos possam ser avaliados como adequados às questões formuladas e aos objetivos perseguidos. Que os resultados possam ser úteis à Fundação Casa Grande-Memorial do Homem Kariri e aos entrevistados. Que possam subsidiar discussões e pesquisas em áreas distintas do conhecimento científico, sobre a temática e o objeto,

pesquisas similares ou com abordagens distintas em outras instituições, municípios e regiões.

Em consonância com os objetivos, a metodologia e os aportes teóricos, os capítulos da tese foram organizados do seguinte modo. O primeiro capítulo, texto introdutório, elucida o contexto, a opção pela temática, as questões norteadoras da pesquisa, os objetivos gerais e específicos; a justificativa e relevância do trabalho no seio da pesquisa geográfica sobre problemas contemporâneos, como os que decorrem da articulação patrimônio cultural e turismo.

O segundo capítulo é composto pela argumentação sobre a abordagem metodológica adotada, os aportes teóricos, as etapas e os procedimentos/instrumentos de coleta, tratamento, interpretação e análise de dados secundários e primários.

O terceiro capítulo destaca aspectos do passado e do presente do Cariri. Configura-se um panorama regional no qual o município de Nova Olinda está inserido.

A peça central do quarto capítulo é a Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri, instituição com função capital na projeção de Nova Olinda no Mapa do Turismo Nacional de 2006. Apresentamos: a) uma caracterização dos visitantes e turistas que acorrem à Nova Olinda por intermédio da FCG-MHK; b) opiniões sobre a ONG, o lugar, as pousadas domiciliares sinalizam para os conteúdos das trocas entre residentes e anfitriões da FCG-MHK c) alterações socioespaciais observadas na sede de Nova Olinda. E finalmente, o quinto e último capítulo tem-se as considerações finais.

## **2 ALICERCE TEÓRICO-METODOLÓGICO**

Esse capítulo contempla aspectos que formam o “quadro de referência” de uma pesquisa científica, “compreendido como uma totalidade que abrange dada teoria e a metodologia específica dessa teoria” (MARCONI; LAKATOS, 2005, p.114).

Iniciamos justificando a escolha da dimensão mais abstrata da metodologia da pesquisa, o método de abordagem, neste caso, a Nova Geografia Cultural Cosgrove (1999); Claval (1999; 2003); e Corrêa (2011).

Em seguida, analisamos duas categorias-chave da ciência geográfica, caras à abordagem cultural, e imprescindíveis à busca por respostas aos objetivos propostos: região e lugar. Memória, patrimônio cultural e turismo receberam tratamento multidisciplinar.

O capítulo se encerra com um diagrama que facilita a visualização do detalhamento das atitudes concretas da pesquisa, seguido da descrição dos procedimentos metodológicos.

### **2.1 Método de abordagem: nova geografia cultural**

Antes de iniciar a argumentação sobre a escolha feita em relação à abordagem metodológica, julgou-se mister esclarecer que se entende o saber e o fazer científicos como manifestações culturais da sociedade como todas as demais. Dito de outro modo: para uma questão há distintas concepções ou respostas. Nessa perspectiva, se admite a pluralidade teórico-metodológica na ciência geográfica.

Gomes (1996, p.32) constata que a história da Geografia revela uma busca incansável “pela superação de dicotomias, tais como ciência explicativa ou compreensível, natural ou humana, geral ou regional, ciência de síntese ou ciência de análise.”

Decorre disso a coexistência de diferentes “escolas” ou “correntes” teórico-metodológicas, como expõem Sposito (2004); Moraes (2005); e Godoy (2010) somente para que não se omita três trabalhos que tratam da história da ciência geográfica. Avaliou-se, portanto, imperioso refletir sobre os pólos epistemológicos e

questões centrais dos discursos geográficos. A reflexão e discussão com a orientadora e outros pesquisadores conduziram à opção pelo quadro de referência da presente tese, a nova geografia cultural.

Dois fatores concorreram para que considerável tempo da pesquisa fosse ocupado com a definição da abordagem teórico-metodológica. Antes de tudo porque compreendemos que o alicerce sobre o qual uma tese é construída deve ter fundações sólidas. Em segundo lugar porque consideramos obrigatória a tomada de partido em relação à querela antiga entre Ciências Naturais e Ciências Humanas e Sociais, a questão da validade, credibilidade e confiabilidade da pesquisa a partir da posição de neutralidade/subjetivação do pesquisador.

Após leituras em Alves (1981); Bastos Filho (1988); Demo (2000); Alves-Mazzotti; Gewandsznajder (2004), chegamos à seguinte conclusão: nenhuma escolha implica extinção de todos os riscos. Se é assim em todos os outros aspectos da vida, na pesquisa científica não é diferente. Um texto escrito pelo epistemólogo, Alves (1981, p.88) faz uma elucidativa analogia:

Anzóis são métodos.

Da mesma forma como os anzóis predeterminam os resultados da pescaria, os métodos predeterminam o resultado da pesquisa. Porque os métodos são preparados de antemão para pegar aquilo que desejamos pegar.

Esta é a razão por que, se você fizer uma pesquisa no campo da psicologia, usando uma metodologia behaviorista, comportamentista, não existe a mínima possibilidade de obter resultados favoráveis à psicanálise. Se se fizer uma pesquisa, no campo das ciências sociais, usando-se uma metodologia marxista, os peixes pescados serão marxistas. Se a metodologia for “capitalista”, os peixes serão capitalistas. [...].

A “natureza social” do objeto da pesquisa, “os usos do patrimônio cultural e o turismo da Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri na sede de Nova Olinda-CE, contextualizados no espaço regional do Cariri, demandava uma concepção e apreensão consoante o postulado de Minayo (1996, p.15): “A realidade social é o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados que dela transbordam.” Ou seja:

O rigor das ciências da natureza não se deve, em absoluto, a que elas sejam mais rigorosas e seus métodos mais precisos. Acontece que o bicho com que elas lidam é muito doméstico, manso, destituído de imaginação, faz sempre as mesmas coisas, numa rotina enlouquecedora, freqüente os mesmos lugares. Tanto assim que é possível prever onde estarão Terra, Sol e Lua daqui a 100.000 anos. (ALVES, 1981, p.79).

A temática, patrimônio cultural e turismo e o objeto requisitavam, pediam diálogo com distintas áreas do conhecimento científico. Ao dissertar sobre a investigação em turismo, sem fazer qualquer alusão à nova geografia cultural Rodrigues (1999, p.51) afirmou: “[...] o apoio em linhas teórico metodológicas diversas não se apresenta conflitante. Muito pelo contrário, podem ser complementares revelando uma realidade muito mais rica.”

Corrêa (2011, p.8) explica que a nova geografia cultural emergiu da combinação desigual de distintas fontes:

Há um legado saueriano, a contribuição da tradição inglesa da geografia social, assim como os aportes da fenomenologia, hermenêutica, materialismo histórico e dialético, das ciências sócias como a antropologia interpretativa, linguística, história da arte e semiótica. [...] A geografia pós-1980 diversificou muito as conexões com outras áreas do conhecimento.

Eliade (1971) chamara a atenção dos geógrafos sobre a cultura como forma de reflexão sobre os sentido da vida, a significação da natureza e da sociedade.

Cosgrove (1999, p.17) uma década antes de Corrêa (2011) atribuiu muitos estímulos à nova geografia cultural, à convergência teórica e metodológica desta abordagem com disciplinas humanísticas tais como a história, a filosofia, linguística e outras ciências sociais, “as quais sustentam o amplo campo dos estudos culturais.”

A epígrafe da publicação de Coriolano (2006) ilustra a função que a literatura ocupa nas investigações em perspectiva da nova geografia cultural. Trata-se de escrito do grande expoente da cultura portuguesa, Fernando Pessoa:

Para viajar basta existir. Vou de dia para dia, como de estação para estação. No comboio do meu corpo ou do meu destino, Debruçado sobre as ruas e praças Sobre os gestos e os rostos, Sempre iguais e sempre diferentes, como afinal as paisagens são. A vida é o que fazemos dela. As viagens são os viajantes. O que vemos não é o que vemos, Senão o que somos.

Nesse momento o leitor pode indagar: mas por que ocupar tempo exíguo com dúvida do gênero se a pesquisa em questão não era a da iniciação na vida acadêmica?

A resposta é simples. O dinamismo da vida permite que se refaça escolhas. O método de abordagem revela a posição filosófica do pesquisador. Não se assente em



ciências sociais, uma posição de neutralidade como defendem os positivistas de plantão.

A este respeito, Ribeiro e Gonçalves (2001, p.90) advertiram: “Se a produção científica não busca uma práxis transformadora, certamente trabalhará para o oposto, ou seja, para a conservação das desigualdades produzidas pela sociedade capitalista.”

Concordamos com a argumentação de Moreira (1980, p.268): “Sendo uma ciência voltada para o homem, relativamente a seus modos de consecução dos meios de sobrevivência e de progresso, a Geografia é por isso uma ciência social.”

Uma decorrência dessa concepção é admitir que os significados atribuídos às realidades se relacionam aos padrões culturais vigentes nas diferentes épocas e espaços. Ribeiro e Gonçalves (2001) lembram que no mundo atual, a (re)produção societária, a malha social está submetida ao controle metabólico do capital como jamais esteve. Assim sendo:

A região teria, com isso, em termos gerais, a sua configuração determinada pelos processos e relações sociais de produção, perpetuados ao longo da história, assumindo assim, estas partes características do movimento geral das formas de produção e reprodução da sociedade, ou seja da totalidade social reproduzida espacialmente. (RIBEIRO; GONÇALVES, 2001, p.91).

Como então conduzir uma pesquisa que tinha a região como um dos conceitos-chave? Como desvelar o que foi definido como objeto, o trabalho da FCG-MHK em Nova Olinda com o patrimônio cultural associado ao turismo no contexto regional do Cariri? Os autores supracitados sugerem que atentemos para a origem etimológica da palavra região, *regere* com o significado de dirigir, governar, reger.

Entendemos que ao tratar a FCG-MHK como lugar de memória e salvaguarda do patrimônio cultural do Cariri deveríamos atentar para a lógica de reprodução social sob a regência da ONG em questão, em contexto regional. Isso implicaria compreender a região como uma “manifestação diferenciada, que só pode ser desenleada na relação dialética em que o todo revela a parte e a parte revela o que lhe é peculiar na combinação com o que caracteriza o todo” (RIBEIRO; GONÇALVES, 2001, p.91).

Isso na prática implicava entender que em contexto de economia globalizada, o Cariri não se exclui dos ditames do modo de produção capitalista e no modo de

distribuição dos resultados da produção. A FCG-MHK rege a associação patrimônio cultural e turismo inserida nesse contexto. O modo de produção capitalista não deixa de ser um padrão cultural.

Isto posto, examinamos a contribuição de quatro proposições de Menezes (2006) relacionadas ao esclarecimento do universo da cultura, especificamente, no que se relaciona com o turismo. Na primeira, o universo da cultura é concebido como o da escolha, da seleção, da opção. Trata-se de compreender a diversidade cultural a partir da aceitação de que uma mediação simbólica sempre está presente no comportamento humano quando se trata de responder a uma necessidade. Isso remete à diversidade de concepções de cultura e turismo.

A segunda proposição diz respeito ao caráter político do universo cultural, a sua imbricação no universo do poder. Atribuir uma ou outra função à cultura traduz o tipo de interesse de quem tem o poder ou se empodera. Os usos e apropriações do patrimônio cultural se associam, pois, aos sentidos e valores explicitados, declarados, propostos por quem tem o poder de os definir.

Interesses distintos e contraditórios explicam os conflitos verificados em pesquisas realizadas em centros históricos de cidades que viveram um apogeu no Brasil Colonial e Imperial (SOTRATTI, 2010).

A terceira proposição do autor referido versa sobre a produção histórica do valor cultural dos objetos, ideias e práticas. Isso implica aceitar que o valor dos objetos, ideias e práticas não é imanente, mas suscetível às mudanças de gosto como as que se processaram na história do turismo, ou às transformações que acontecem em regiões e lugares que se inserem na arena concorrencial do turismo, em diferentes escalas. Almeida (1999, p.2) frisou:

O objeto turístico, assim como o valor cultural não são imanes, não surgem a partir desses mesmos objetos, práticas e ideias. Aquilo que chamamos de bens culturais não têm em si sua própria identidade, mas a identidade que os grupos sociais lhe impõem. O objeto turístico, portanto, em si não existe, sendo uma invenção pelo e para o turismo.

Isso implicou contextualizar a inserção do Cariri e do município de Nova Olinda nas rotas do turismo no Ceará como procedemos no terceiro capítulo.

Recordamos que Berque (1986) concebe a cultura como tudo que tem sentido e dá sentido ao mundo.

Ao estabelecer a diferença existente entre uma visão concentradora e espasmódica da cultura, cujo exemplo dado, foram os centros de cultura, o autor resenhado propôs que as políticas públicas levassem em conta a totalidade da experiência social, visto que em tal perspectiva, a cultura não se restringe ou é reduzida a um nível específico da vida social. Ao contrário, a cultura é concebida como uma dimensão específica da vida social referente a todos os níveis, espaços e campos. É exatamente essa concepção de cultura que nos permitiu afirmar anteriormente, que o modo de produção capitalista é um padrão cultural.

Tendo compreensão de cultura idêntica à de Meneses (1996), tomamos a dimensão cultural como bússola norteadora da organização da sociedade, do Cariri da associação patrimônio cultural e turismo no caso da FCG-MHK. O autor resenhado explicou que tratar as políticas econômicas, de turismo, de cultura como dimensão da vida social referente a todos os níveis e espaços, significa inverter a lógica dominante que é formular e executar política de um organismo público de cultura ou turismo para o patrimônio cultural, por exemplo.

Isso foi essencial para empreender a análise dos usos do patrimônio cultural pela Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri e o turismo de Nova Olinda liderado pelo grupo social que se identifica e é identificado como grupo de sujeitos sociais da Fundação.

O nome da região onde a FCG-MHK está inserida e o próprio nome desta ONG são alusões diretas aos habitantes mais antigos identificados por arqueólogos, antropólogos e geógrafos, do que se configura em 2016, como Cariri, apreendido a partir das marcas do mundo contemporâneo.

Embora Urry (1999, p.117) não trate a cultura de modo tão abrangente, como organizadora/configuradora da paisagem e do espaço geográfico como Menezes, admite: “A cultura” passou a ocupar uma posição mais destacada na organização das sociedades atuais [...]”.

Subsídio fundamental foi extraído de Corrêa (2011) ao remeter à Cosgrove e ao papel assumido por esse geógrafo inglês no processo de ruptura com a visão única da paisagem herdada da perspectiva saueriana “definida como uma área composta por

uma associação distinta de formas ao mesmo tempo físicas e culturais” (SAUER, 1998, p.23).

À Cosgrove (2002) o reconhecimento pela qualidade das reflexões teóricas e dos estudos empíricos, decisivos para conceber a paisagem como espaço vivido, fundamento que nos interessa como eixo central para pensar a região onde se encontra Nova Olinda como uma paisagem cultural.

El tratamiento del paisaje como un proceso en el que las relaciones sociales y el mundo natural se constituyen mutuamente en la formación de escenas visibles, espacios vividos y territorios regulados democratiza y politiza lo que, de otro modo, sería una exploración natural y descriptiva de morfologías físicas y culturales. Así pues se introducen en el estudio del paisaje cuestiones de formación de la identidad, expresión, actuación e incluso conflicto. (COSGROVE, 2002: 78)

Corrêa e Rosendhal (1998, p.8) assinalaram que a paisagem tem uma dimensão simbólica, ou seja, “a paisagem é portadora de significados, expressando valores, crenças, mitos e utopias”. Na interpretação saueriana, a paisagem era entendida como resultado da cultura concebida como supraorgânica, ótica que induziu ao entendimento da cultura agindo ao longo do tempo sobre uma paisagem natural.

Claval (1995) indicou temas, os quais o pesquisador da nova geografia cultural deve dedicar atenção. Dentre tantos, destacamos os seguintes por considerarmos a relevada importância na presente investigação: 1. as razões que levam os homens a atribuírem significados aos lugares; 2. como os mitos, as religiões e as ideologias contribuem para dar sentido à vida? 3. como os homens instituem a sociedade, se organizam, transformam, exploram os espaços... Na ótica do geógrafo citado, as explicações sobre o espaço apoiadas unicamente nas diferenciações de classes sociais, na produção econômica e na apropriação dos resultados da produção econômica e do próprio espaço não são satisfatórias. Após justificativa da abordagem teórico-metodológica escolhida nos dedicamos às duas categorias geográficas centrais da tese: lugar e região.

## **2.2 Dois conceitos-chave: região e lugar**

Iniciamos esse tópico abordando brevemente compreensões de lugar na filosofia e antropologia, para expormos na sequência, a concepção de lugar na abordagem do espaço vivido e na nova geografia cultural.

Goetz (1997, p.98) ensina que de Aristóteles à Heidegger, a filosofia concebeu lugar (*topos, locus*) como um sítio determinado por algo, como uma igreja, um templo, uma casa. “O lugar é um espaço orientado e um espaço de orientação que nos permite responder a seguinte pergunta: onde estamos?”

Augé (1994, p.36) frisou que a noção sociológica de lugar associada por Mauss e por toda a tradição etnológica é a de “cultura localizada no tempo e no espaço”. O antropólogo referido destaca três aspectos caracterizadores do lugar antropológico: “identitário, relacional e histórico”. Nas palavras dele, o lugar antropológico é

àquela construção concreta e simbólica do espaço que não poderia dar conta, somente por ela, das vicissitudes e contradições da vida social, mas à qual se referem todos aqueles a que ela designa lugar, por mais humilde que seja, (...) *o lugar antropológico, é simultaneamente princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem o observa. O lugar antropológico tem escala variável e se pretende identitário, relacional e histórico.* (AUGÉ, 1994, p.51 grifo nosso).

Não nos debruçamos numa revisão sobre a geografia como ciência dos lugares de Vidal de La Blache até a contemporaneidade. Para o presente trabalho julgamos indispensável, realçar que o estudo das regiões sob o ângulo do espaço vivido filia-se às ideias de Vidal de La Blache e Pierre Deffontaines.

Segundo Gomes (1996, p.318), nessa perspectiva, “o espaço é tomado como uma dimensão da experiência humana dos lugares” e “a noção do espaço vivido aparece frequentemente associada à ideia de região.” O autor referido esclarece:

A região que define, ao mesmo tempo um espaço de pertencimento e de inclusão a uma comunidade dada, inscreve também a inteligibilidade do sentimento regional vivido pelos signos identitários. A partir dessa perspectiva o espaço torna-se uma categoria que acentua a constituição atual dos lugares dedicando especial atenção às redes de valores e de significações materiais e afetivas. (GOMES, 1996, p.319).

O conceito de região como espaço vivido de Frémont (1980) inovador da geografia francesa em plena fase teórica, se mostrou adequado à análise que nos propusemos realizar. O geógrafo referido sentia uma necessidade de descobrir ou redescobrir a entidade que não se identificava com o território nacional, no caso, a região, uma das categorias centrais dessa tese.

O objeto da pesquisa a FCG-MHK inserida do Cariri do Ceará foi adjetivado de lugar porque nesta acepção lugar tem idêntico significado ao que Frémont (1980) qualificou de “precioso refinamento teórico-metodológico”. Nas palavras do autor:

Os lugares, entretanto, formam a trama elementar do espaço. Eles constituem, sobre uma superfície reduzida e em torno de um pequeno número de pessoas, as combinações mais simples, as mais banais, mas também talvez as mais fundamentais das estruturas do espaço: o campo, o caminho, a rua, a oficina, a casa, a praça, a encruzilhada... cruzamento. Como diz muito bem a palavra, pelos lugares, localizam-se os homens e as coisas. (FRÉMONT, 1980, p.121-122).

A viabilidade de tratar a FCG-MKK como espaço vivido foi avaliada como substancial para o desvelamento do objeto. O conceito de lugar inspirado em Frémont e adotado por Carlos (1996) também traduz o que intentamos, ao adjetivar a FCG-MHK de lugar. Nas palavras da autora referida:

O lugar é o mundo vivido, é onde se formulam os problemas da produção do sentido amplo, isto é, o modo como é produzida a existência social dos seres humanos.

O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos, pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se indissociavelmente à produção da vida.

[...] o lugar guarda em si e não fora dele o seu significado e as dimensões do movimento da história em constituição enquanto movimento da vida, possível de ser apreendido pela memória através dos sentidos. (CARLOS, 1996, p.30 passim).

Feitas as reflexões essenciais sobre lugar, nos ocupamos da categoria região na perspectiva da nova geografia cultural. Em Corrêa (2011), aprendemos que Cosgrove, geógrafo britânico deu contribuição essencial para a concepção de região cultural, a partir da consideração do mundo dos significados nas pesquisas e formulações teóricas sobre as diferentes paisagens. Após Cosgrove, a paisagem deixou de ser vista como produto e assumiu a posição de agente ativo na reprodução da cultura. Corrêa (2011, p.17) enfatizou:

Paisagem da classe dominante, paisagens emergentes, paisagens residuais e excluídas, paisagem do consumo, paisagem como “modo de ver”, as representações da paisagem em diversas escalas, são alguns dos termos e modos com que Cosgrove cria significados para este objeto que está em

toda parte, e do qual todos participamos como atores, com papéis distintos mas inequivocamente associado a ele.

O autor citado atribuiu à Cosgrove uma busca tenaz para aprofundar e clarificar o conhecimento da paisagem cultural, um dos conceitos-chave da geografia desde a própria institucionalização como área do conhecimento científico, no final do século XIX. Em Claval (2003, p.10-11) se lê:

Os homens impõem a paisagem a marca de sua cultura: a maneira de dividir as terras, de construir as casas, os templos, ou de se dotar os monumentos; ao mesmo tempo a paisagem se constitui num dos contextos através dos quais a cultura se transmite de um indivíduo a outro, de uma geração à outra.

O enfoque de região através dos processos simbólicos inerentes à cultura confirma a adequação da abordagem metodológica que escolhemos para empreender a investigação sobre a FCG-MHK como lugar de memória e salvaguarda do patrimônio cultural do Cariri, região onde se insere Nova Olinda, um dos “65 Destinos Indutores do Desenvolvimento Turístico no Mapa do Turismo do Brasil de 2006” (BRASIL, 2008, p.21; NETO; BEZZI, 2009).

Os autores supracitados se reportaram à Claval em estudo enfocaram o Rio Grande do Sul sob a ótica da cultura, considerando essa dimensão agente dinamizador dos recortes espaciais, ou região cultural. No contexto regional em que aplicaram o conceito de região cultural, “o regionalismo torna-se evidente mediante a construção do gaúcho como tipo regional representando a unidade na diversidade” (NETO; BEZZI, 2009, p.17).

É comum qualificar o Cariri como uma região de “caldo de cultura”, como fez o historiador Figueiredo Filho (2010) ao se referir ao fenômeno do Padre Cícero:

Eles levaram para lá seus saberes e fazeres, suas experiências de vida, suas habilidades e suas festas, o que chamamos contemporaneamente de multiculturalidade. O Cariri não teria a riqueza que possui se não tivesse superado a tríade índio/europeu/africano, perdendo a chamada pureza e instalando, com oportunidade, a troca, a influência e a apropriação. Para lá foram falares e olhares diferentes e todo o sentimento do mundo. Era uma gente movida pela expectativa de um mundo melhor, que queria reconstruir a vida a partir da fé. (FIGUEIREDO FILHO, 2010, p.5).

A citação anterior evidencia questões fundamentais da concepção de região na abordagem da nova geografia cultural, tais como: configuração e identificação dos

recortes regionais, homogeneização/diferenciação cultural, significados e sentidos compartilhados entre os sujeitos sociais e grupos sociais.

Na fase exploratória da investigação constatamos que a FCG-MHK tem modos próprios de ser e fazer, também no que concerne ao patrimônio cultural e ao turismo. Em Claval (2003), identificamos exemplo seminal de análise como a que tínhamos proposto realizar. Trata-se dos estudos do Delta de interior do Níger, em Mali, realizados por Jean Gallé nos anos 60. Segundo o autor:

Esta região constitui um verdadeiro mosaico de ambientes e povos. Cada grupo étnico faz uma leitura particular do meio ambiente: a região dos cultivadores, *Diola*, dos barqueiros, *Songhai*, dos pescadores *Bozo* não é a mesma dos criadores *Peulh* que dominaram politicamente durante muito tempo o conjunto e impuseram seus quadros de referências territoriais. Não existe uma região do delta interior, mas quatro ou cinco regiões. (CLAVAL, 2003, p.12).

Frémont (1980) esclareceu que não existe um modelo único de região, ou seja, as regiões são múltiplas. Na perspectiva de Cosgrove, Frémont e Corrêa há o Cariri, região que compõe uma paisagem cultural. Não constitui equívoco, portanto, admitir a existência da região cultural do Cariri.

O conceito de região cultural se mostrou aplicável à presente pesquisa. Na fase de investigação focalizada qualificamos a FCG-MHK, alto-falante da região cultural do Cariri. O uso da expressão alto-falante se justifica quando constatamos que esta ONG se tornou uma referência de salvaguarda da memória e do patrimônio cultural da região e uma difusora de ambos (AZEVEDO, 2005; NORONHA, 2008; LOBO, 2010).

Claval (1999, p.98) explicou: “O grupo define a si mesmo por contraste e por exclusão: nós não temos outra possibilidade de dizer nós a não ser pelo fato de formarmos uma coletividade que se opõe a massa dos outros [...]”.

Conforme destacamos anteriormente, Neto e Bezzi (2009) partiram de Claval (1999) para enfatizarem a importância da região como categoria de análise do espaço geográfico. Esclareceram: “Ao mesmo tempo em que demonstra similaridades espaciais, faz com que as diferenças se evidenciem, salientando os recortes regionais que apresentam distintas formas de organização espacial” (NETO; BEZZI, 2009, p.18).



No mundo contemporâneo, com economia globalizada e sinais de homogeneização cultural, as especificidades, singularidades do espaço regional persistem como enfatizou Olivien (1992, p.135): “À medida que o mundo torna-se mais complexo e se internacionaliza, a questão das diferenças se recoloca e há um processo de construção de identidades.”

Goetz (1997) e Lustosa (2010) têm opiniões análogas. O primeiro constatou que os lugares possuem extraordinária persistência e resistência no mundo contemporâneo. O segundo entende que se de um lado, a homogeneização de padrões culturais e de consumo em escala global reforça o consumo de bens e serviços,

de outro, cria uma preocupação cada vez maior com a afirmação de identidades culturais, como forma de resistência a esse crescente homogeneização, incentivando o pluralismo e o direito à diferença; (LUSTOSA, 2010, p.152).

Hall (2005) prefere usar o termo “identificação” ao ressaltar as possibilidades de integração, conexão e comunicação postas às comunidades que se organizam em novas combinações de espaço-tempo aproximadas por identificações com valores comuns. É exatamente o que fazem as pessoas e grupos ou comunidades no espaço virtual.

Isso fica evidente ao se observar o fenômeno das Redes de Turismo Comunitário, como a Rede Cearense de Turismo Comunitário (TUCUM) e a Rede Brasileira de Turismo Solidário e Comunitário (TURISOL) que agregam grupos e instituições cuja contiguidade física da área geográfica não é o aspecto mais relevante, mas códigos e valores aceitos e compartilhados. A FCG-MHK está ligada a ambas.

Ao analisar a experiência de planejamento que tomou a cultura regional como referência para o desenvolvimento da “Bacia do Cultural do Araripe”, Lustosa (2010, p.153) esclareceu: “No caso do Araripe, a bacia cultural coincide pontualmente com a bacia sedimentar, formação geológica que, em grande parte, condiciona a geografia da região e influencia sua formação socioeconômica.”

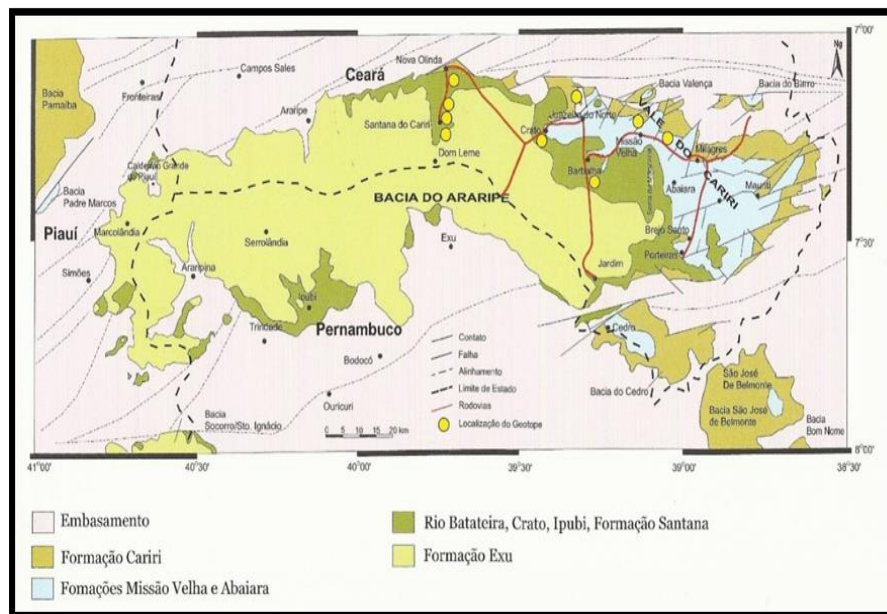
Barroso (2006 apud LUSTOSA, 2010, p.153) define bacia cultural como:

um território que se configura em torno de um mesmo fluxo cultural, nutrido por fontes culturais diversas, que se fundem e se desdobram

numa rede relacional de influências e confluências, para formar, em sua diferença e a partir de um imaginário compartilhado, um espaço original.

Em Lustosa (2010) encontramos descritivo numérico sobre a Bacia Sedimentar do Araripe. Ocupa uma área de 59.432 km<sup>2</sup>, onde vivem aproximadamente 1.662 mil habitantes de quatro unidades da federação: Ceará, Piauí, Pernambuco e Paraíba. Considerada epicentro do Nordeste reúne 85 municípios, distribuídos assim: 12 em Pernambuco, 15 na Paraíba, 27 na Paraíba e 31 no Ceará. Nova Olinda é um desses municípios cearenses, conforme podemos constatar no mapa 1, a seguir:

**Mapa 1 - Mapa geológico simplificado da Bacia do Araripe**



Fonte: Herzog (2008, p.20).

De acordo com Lustosa (2010, p.152):

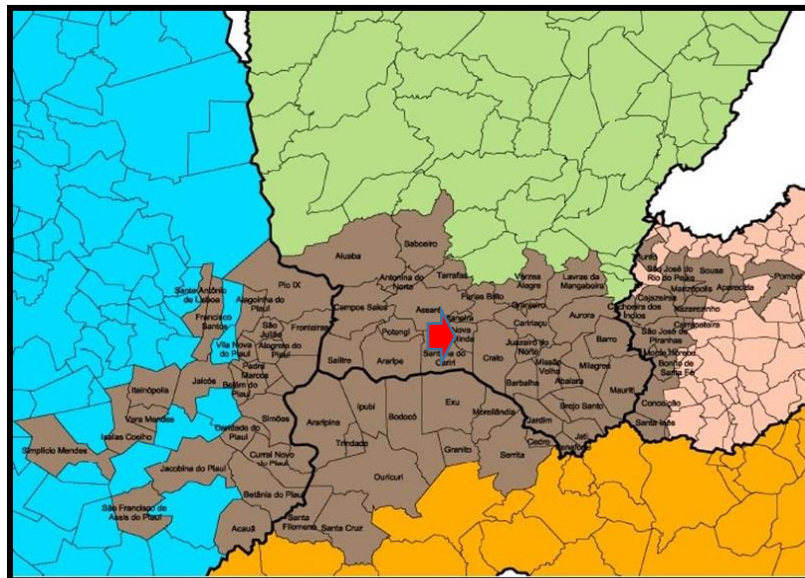
Considerado de diferentes pontos de vista, o Cariri, a Chapada do Araripe e o alto sertão paraibano constituem uma região geográfica bem definida, com características geográficas comuns, identidade cultural própria, sentido de pertença e vocações econômicas complementares.

Nova Olinda situa-se no Cariri, região inserida no complexo sedimentar do Araripe. As informações constantes em Herzog (2008) dão uma ideia das especificidades do Cariri e da importância da região para a ciência do mundo todo, logo, indicativo de atrações variadas para o turismo.

Há milhões de anos, o complexo sedimentar do Araripe participa de forma singular dos processos relacionados a evolução da Terra e da vida. No período Cretáceo, há aproximadamente 100 milhões de anos, o complexo do Araripe testemunhou a ruptura do continente ancestral *Godwana*, dando origem aos continentes Americano e Africano e ao Oceano Atlântico Sul. O complexo do Araripe guarda as “cicatrices” desse megaevento, além de registros fossilizados da vida pretérita. Os fósseis preservados nas jazidas pertencentes a bacia sedimentar do Araripe são particularmente notáveis por sua abundância, diversidade excepcional estado de conservação, sendo imprescindíveis a melhor compreensão da evolução das diferentes formas de vida em nosso planeta. (HERZOG, 2008, p.9).

Na Figura 1, visualizamos os municípios do Piauí, Ceará, Paraíba e Pernambuco inseridos na área da Bacia Cultural do Araripe:

**Figura 1 – Representação gráfica da Bacia Cultural do Araripe**



Fonte: Lustosa (2010, p.165).

No caso da presente investigação, a FCG-MHK recebeu o tratamento de “lugar de memória” e salvaguarda do patrimônio cultural do Homem Kariri. No caso específico, a região cultural foi a categoria de análise da materialização da cultura da região, nos saberes e fazeres da FCG-MHK no que se relaciona ao patrimônio cultural e ao turismo. Em texto sobre teoria e práxis das políticas culturais, Bravo (2011, p.25) defendeu:

A cultura é constitutiva de cada sociedade, e não um campo disciplinar recortado e politicamente inócuo [...] Assim como no campo da educação se luta para situar a arte como um domínio cognitivo, uma inteligência e um conteúdo substancial na formação integral das crianças e dos jovens, no

campo das políticas culturais se esforça para tornar visível a cultura como fato de desenvolvimento. Disso deriva também o crescente interesse que o setor destina às economias da cultura. Tenta-se que as contas públicas mostrem a contribuição do setor cultural para o PIB, a criação de empregos e a imagem do país.

Segundo Gertler (2010), a cultura foi inserida na agenda dos geógrafos econômicos em contexto de perda de posição da abordagem da economia política que tinha como questão central, a luta de classes. Trata-se de momento de emergência de movimentos reivindicatórios de reconhecimento político, ambiental e cultural. Assim, questões fundamentais que não haviam recebido a devida atenção passaram a despertar o interesse de alguns pesquisadores. Dentre essas questões, estão:

Quais as dimensões sociais da mudança tecnológica nos sistemas de produção? Como esses sistemas estão situados em lugares e regiões? Como as práticas de produção locais interagem e se cruzam com a economia global? O processo de globalização precisa anular todas as diferenças e características distintas dos sistemas de produção regionais e nacionais? Como os processos econômicos são estruturados e moldados por instituições sociais? Em que escalas geográficas essas instituições exercem influência? (GERTLER, 2010, p.39-40).

A presente investigação voltou a atenção para o tratamento dado ao patrimônio cultural e ao turismo pela FCG-MHK no contexto de uma região inserida na economia global.

### **2.3 Lugares de memória, patrimônio cultural e turismo**

Cosgrove (1999, p.23) afirmou que estudos na geografia cultural e na história revelaram que a memória “é social, tanto quanto individual: “as relações sociais da memória [são] a memória das relações sociais”, e são poderosamente importantes na constituição da identidade e do lugar.”

A memória sempre foi fundamental a para conservação da história e identidade de cada pessoa, bem como, dos grupos sociais, em todos os espaços e tempos. A memória faz recortes. Dito de outro modo, tanto a memória individual quanto a memória coletiva são seletivas (LIMA, 2009).

Giedion (1955, p.81 apud CARVALHO, 1996, p.105) constatou: “Por toda a parte aumenta a necessidade de um restabelecimento do equilíbrio entre as esferas

individual e coletiva.”

“Alguns detalhes de certos acontecimentos são conservados, outros sofrem afastamento gradativo, passando ao esquecimento” (SILVA, 2009, p.238).

Exemplos clássicos de espaços de memórias são os museus criados pela sociedade como ferramentas de conservação e abrangência da memória coletiva e individual. A atração pioneira de visitantes e turistas à Nova Olinda foi um museu com acervo arqueológico e mitológico, o Memorial do Homem Kariri (MHK), descrito detalhadamente no quarto capítulo. É indiscutível que

Até pouco tempo atrás, a história dos grupos indígenas estava silenciada na historiografia e, sobretudo, nos museus históricos tradicionais, entendidos como espaços propícios à legitimação de uma “história oficial” dos grupos dominantes. Quando eram mencionados nos espaços museológicos, tanto índios como negros eram, em geral, apresentados como atores “subalternos”, “coadjuvantes”, “primitivos” ou “exóticos” da nação brasileira. (GOMES; VIEIRA NETO, 2009, p.367 grifos dos autores).

A expressão lugar de memória foi usada para se referir à FCG-MHK como instituição que resgata, salvaguarda, ressignifica e atualiza modos de ser e fazer dos antepassados da região. Implica ainda reconhecer que a matriz cultural do Homem Kariri estruturou e estrutura os saberes e fazeres desta instituição expressos nos usos, apropriações do patrimônio cultural e no modo de acolher o visitante, hospedar o turista e se relacionar com ambos, como buscamos demonstrar no último capítulo.

A FCG-MHK integra o grupo dos que não somente admitem nossas heranças indígenas, mas contribuem para evidenciar o papel dos grupos humanos ocupantes do Cariri antes da chegada do invasor.

Ao escrever sobre os lugares de memória da capital do Ceará, Oriá (2000) expôs uma concepção ampla de lugares de memória. Compreendemos três intenções do autor: a primeira foi elucidar que todo “lugar” tem uma história; a segunda foi questionar a adjetivação de históricas restritas apenas às cidades com momentos de apogeu, glória, etc.; e com vestígios de monumentalidade; por fim, quis demonstrar que se pode acessar a memória de uma cidade ao se conhecer sua história a partir de diferentes aspectos. Para o autor referido:

A concepção lugar de memória abrange desde o traçado das ruas, a nomenclatura dada aos logradouros públicos, os mapas e planos urbanísticos projetados, os monumentos e signos inseridos no espaço

urbano, até mesmo os livros escritos por memorialistas e literatos e a iconografia produzida sobre a cidade no decorrer da história. (ORIÁ, 2000, p.237).

Esse sentido de memória foi realçado por Calvino (1990, p.14-15) ao afirmar que: “A cidade não conta seu passado, ela o contém como as linhas de mão escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, [...] cada segmento riscado por arranhões [...]serra delas, entalhes, esfoladuras.”

Nova Olinda, portanto, tem sua história conforme registramos no quarto capítulo, história aliás, contada e recontada pelas crianças e jovens que acolhem o visitante e o turista nas instalações da FCG-MHK na sede do município. Oriá lembra que “a cidade é, por excelência, um lugar de memória e os monumentos do passado integrantes do patrimônio histórico constituem, também lugares de memória topográficos, na acepção usada pelo historiador francês Pierre Nora” (ORIÁ, 2000, p.237).

Nora (1993) se refere à atração que os “lugares de memória” exercem sobre o homem contemporâneo do seguinte modo:

A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristalina e se refugia está ligada a este momento particular na nossa história. Momento de articulação onde a consciência de rompimento com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória. (NORA, 1993, p.7).

Após expor ideias e autores sobre os lugares de memória refletimos sobre a categoria, patrimônio cultural. Para Funari e Pinsky (2009, p.9) “o patrimônio cultural abrange tudo que constitui parte do engenho humano e, por isso, pode estar no cerne mesmo do turismo.”

Discordamos dos autores citados porque não podemos confundir herança cultural com patrimônio cultural, como esclareceu Santana (2009, p.121):

Tomamos de gerações anteriores e procuramos deixar como legado às futuras gerações aquele patrimônio que se considere sociopoliticamente correto. Esquecemos e renegamos tudo aquilo que não se considere como tal, tudo que não se ajuste aos interesses do momento vivido.

Não obstante estejamos de acordo com a distinção entre herança e patrimônio

cultural, discordamos do autor da citação anterior quanto à adjetivação “sociopoliticamente correto”.

De acordo com a proposição de Menezes (1995), os usos e apropriações do patrimônio cultural se associam, aos sentidos e valores explicitados, declarados, propostos por quem tem o poder de os definir. Entendemos, pois, que a seletividade do que pode ou não, merece ou não, deve ou não ser lembrado está sempre sob a influência de valores e ideologias de grupos que se impõem em determinado momento histórico social.

“Nesse sentido o patrimônio cultural não é nunca o bem em si mesmo, nem tampouco o valor simbólico que não seja coletivizado e materializado de algum modo, constituindo uma expressão da sociedade” (PAES; OLIVEIRA, 2010, p.22).

Ainda sobre a diferença entre herança cultural e patrimônio cultural, encontramos em Graburn (2009) que o patrimônio cultural é escolhido de forma consciente, valorizado explicitamente e é público, enquanto a herança cultural é aprendida de forma inconsciente, compartilhada implicitamente e incorporada individualmente.

A proposição de Menezes (2006) sobre a produção histórica do valor cultural dos objetos, ideias e práticas sugere a identificação de marcos no processo de definição de patrimônio cultural, tarefa levada à bom termo por Costa (2009), após extensiva revisão de literatura estrangeira e nacional sobre o tema. A autora citada apontou três marcos.

Os dois primeiros aludem à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), enquanto o terceiro se refere ao Brasil. A Convenção de 1972 da UNESCO sobre Salvaguarda do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural, em 1972, considerava patrimônio cultural:

Monumentos (obras arquitetônicas, de escultura ou de pintura monumentais ou estruturas de natureza arqueológica, inscrições, cavernas e grupos de elementos ou estruturas que tenham um valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência), conjuntos (grupos de construções isoladas ou reunidas que, em virtude de sua arquitetura, unidade ou integração na paisagem, tenham um valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência) e lugares (obras do homem ou obras conjugadas do homem e da natureza, bem como áreas que incluam sítios arqueológicos, de valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico. (COSTA, 2009, p.48).

Passaram-se dez anos para que a UNESCO aceitasse os elementos da cultura imaterial como integrantes do patrimônio cultural, fato que se deu em 1985, no México, por ocasião da Conferência Mundial sobre Políticas Culturais. Três anos depois, o artigo 216, da Constituição Federal do Brasil (1988), dispôs como patrimônio cultural nacional: “[...] os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira [...]”. (BRASIL, 1988).

No caso desta pesquisa, temos uma ONG que assumiu a tarefa de salvaguardar a memória e o patrimônio cultural material e imaterial de uma região do Ceará, o Cariri. Considerando que os usos e apropriações do patrimônio cultural são investigados na interface com o turismo, avaliamos obrigatório contextualizar de modo sucinto a origem da prática do turismo por coletividades, questão tratada com maestria por pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento científico. Santana é um exemplo.

Se o que se pretende é conhecer as condições que tornaram possível o turismo tal qual é praticado atualmente, não é preciso retornar a tempos remotos. Basta manter o foco nas estruturas urbanas do noroeste da Europa industrializada, e no litoral oriental dos Estados Unidos, em uma época mais próxima, a saber, a segunda metade do século XIX. (SANTANA, 2009, p.26).

Julgamos imperativo esclarecer que os vocábulos, viajante, visitante, turismo e turista têm diferentes compreensões. Andrade (1992) explica que em virtude de convenção internacionalmente aceita nem toda viagem pode ser considerada viagem turística.

Ao fazê-lo, o autor se reportou à conceituação da Organização Mundial do Turismo (OMT) que trata turismo como “Soma de relações e de serviços resultantes de um câmbio de residência temporário e voluntário, motivado por razões alheias a negócios ou profissionais” (MOESH, 2000, p.11).

Sobre o dissenso quanto aos termos turismo e turista, Andrade (1992) frisou que os significados das palavras turismo e turista são simplificados apenas por leigos que não se dão ao trabalho de analisar corretamente os conceitos e realidades.

Knafou (1996) corroborou o que Andrade destacou, ao escrever:



A palavra turismo é particularmente polissêmica, evocando ao mesmo tempo uma atividade humana e social, hoje convertida em fundamental, e todo aparelho econômico –igualmente muito importante que reajunta. E quando se fala em turismo, nem sempre é fácil saber a qual realidade se faz alusão. Ele é uma atividade que repousa na turbulência das populações; sua análise corre um permanente risco de confusão. (KNAFOU, 1996, p.63).

De acordo com Castelli (1986), a Organização Mundial do Turismo (OMT) classificou os viajantes do século XX em duas grandes categoria. Na primeira estão os indivíduos e grupos de diferentes tipos de mobilidade espacial que não são incluídos nas estatísticas como turistas, no caso: imigrantes permanentes e temporários, os diplomatas e representantes consulares, os membros das forças armadas, os nômades e refugiados, os passageiros em trânsito e os trabalhadores fronteiriços. A segunda categoria reúne todos os indivíduos e grupos que se ausentam do domicílio legal por um período superior a vinte e quatro horas e inferior a um ano. Os motivos da viagem turística podem ser: saúde, negócios, estudos, família, esporte, religião, missão, seminários e congressos e outros. Viagens sem pernoite são consideradas excursões.

Entendemos essa categorização como eurocêntrica e de aplicação adequada apenas para regiões como a Europa, onde as áreas/extensões dos países são completamente distintas dos países continentais, tais como, Brasil, Estados Unidos, China, somente para citar três exemplos.

Ressaltamos que a definição de quem é ou não turista pela OMT induz à maximização ou minimização das repercussões do turismo a partir da interpretação/análise dos resultados das estatísticas de organismos de turismo públicos e privados, em distintas escalas.

Nesta pesquisa, o vocábulo visitante foi utilizado em substituição à excursionista, termo empregado pela Organização Mundial do Turismo (OMT) para categorizar indivíduos e grupos que não pernoitam no destino da viagem, no caso, na sede de Nova Olinda, e especificamente, nas pousadas da COOPAGRAN. O turista é tratado como o agente imprescindível e como o mais volúvel protagonista do turismo (SANTANA, 2009).

Na opinião de Claval (2003, p.10), os turistas preocupam-se, sobretudo com a harmonia do ambiente onde buscam descontração. “Cada grupo vê a paisagem através da lógica de uma cultura que lhe é própria.” Um dos clássicos da literatura

sobre a sociologia do turismo, o inglês Jonh Urry, contextualizou os distintos olhares do turista conforme a classe social, os estilos, gostos e modismos adotados em cada período.

O olhar do turista, segundo Urry (1999) é relativamente distinto de outras atividades sociais e exercido em determinados lugares e períodos. Os padrões turísticos, portanto, não são fixos. Ao se reportar aos turistas interessados em fruição, deleite, apontou para o papel socialmente exercido pela televisão, propaganda, literatura, cinema, fotografia etc. Explicou:

O olhar do turista é, principalmente, parte da experiência contemporânea, da pós-modernidade, mas as práticas turísticas que ela suscita passam por rápidas e significativas mudanças. Tais mudanças não podem ser separadas dos desenvolvimentos estruturais e culturais da sociedade contemporânea e que apresentam maior amplitude. (URRY, 1999, p.118).

Ao estabelecer ligações entre práticas turísticas e outros fenômenos sociais, Urry (1999) categorizou os objetos do olhar do turista em termos de romântico/coletivo, histórico, moderno e autêntico/inautêntico. Ao tratar do turismo nas sociedades contemporâneas explicou que o fundamental ao olhar do turista para o objeto turístico

é um certo conceito de divergência, sobretudo o de que existem nítidos contrastes entre aquilo que as pessoas vêem e vivenciam rotineiramente e aquilo que é extraordinário. Este, algumas vezes, assume a forma de uma zona liminar. Os seguintes fatores são relevantes para que se possa entender a sociologia cambiante do olhar do turista: o tom social dos diferentes lugares, a globalização e universalização do olhar do turista; os processos de consumo dos serviços voltados ao turismo; a modernidade e a pós-modernidade; a história, a tradição e o vernacular o pós-turismo e o desempenho. Diferentes olhares e, em consequência, diferentes práticas são autorizadas em termos de uma variedade de discursos. (URRY, 1999, p.182).

Lage e Milone (1991, p.22) explicaram que as viagens turísticas

podem manifestar-se de forma distinta quanto às motivações, aos meios de transporte, aos períodos de duração, aos meios de hospedagem, aos tamanhos do grupo, às categorias da viagem, etc. O turismo, sendo caracterizado por um tipo de serviço à disposição dos homens da sociedade industrial moderna, passou a integrar a vida de todas as nações e a contribuir de maneira significativa em todos os setores, tornando-se imprescindível para as atividades econômica do século XX. (LAGE; MILONE, 1991, p.22).

Um dos consensos nos diferentes discursos sobre turismo gira em torno da diversificação das atividades econômicas e geração de postos de trabalho e renda. Entre os pioneiros dos estudos científicos sobre turismo, destacam-se os integrantes do que ficou conhecido como “Escola de Berlim - Centro de Pesquisas Turísticas da Faculdade de Economia da Universidade de Berlim, criado em 1929” (ANDRADE, 1992, p.24).

Deduzimos que a ênfase à dimensão econômica do turismo que perpassa a própria história desta prática social coletiva deriva do contexto ao qual o autor mencionado se referiu, período em que o governo da Alemanha esteve determinado a expandir poder e se posicionar como liderança no continente europeu e no restante do mundo.

A influência do pensamento alemão quanto aos efeitos econômicos da mobilidade turística nos espaços de dispersão, deslocamento e recepção dos turistas influenciou ações de governos, organizações de interesse público e privado.

Lage e Milone (1991, p.91-92) explicaram os impactos econômicos do turismo nos espaços de deslocamento e recepção de turistas:

Em qualquer lugar onde haja uma atividade turística ela irá gerar uma variedade de impactos econômicos, os quais podemos classificar em: I) impactos diretos: o total de renda criada nos setores turísticos como resultante direta da variação de gastos com esses produtos; II) impactos indiretos o total de renda criada pelos gastos dos setores do turismo em bens produzidos e ofertados pela economia; III) impactos induzidos: à medida que os níveis de renda aumentam em toda a economia, como resultado dos impactos diretos e indiretos das variações dos gastos turísticos, parte dessa renda adicional será gasta em bens e serviços produzidos internamente e representa o chamado impacto induzido.

Sob a égide do paradigma que privilegia a economia à serviço da reprodução do capital, paisagens em diferentes pontos do planeta foram sendo alteradas para receber turistas e gerar divisas. Grupos sociais locais foram simplesmente arrastados pelas promessas de prosperidade sem qualquer protagonismo nas mudanças que aconteceram, realidade que levou Urry (1999) a fazer o seguinte comentário:

Não é de surpreender que tenha havido muitas discussões sobre a viabilidade do turismo enquanto estratégia para o desenvolvimento econômico nas assim chamadas sociedades em desenvolvimento. [...] Eis uma pergunta que se deve fazer: desenvolvimento para quem? Muitos investimentos que resultaram a confiança do turismo (aeropostos, campos de golfe, hotéis de luxo, etc.) beneficiarão muito pouco a massa da

população nativa. Do mesmo modo muita riqueza nativa que e gerada será distribuída de maneira extremamente desigual e, assim, a maior parte da população dos países em desenvolvimento obterá poucos benefícios. Isto depende, e claro, dos padrões segundo os quais se organiza a posse da propriedade. (URRY, 1999, p. 92-94).

Ao tratar das especificidades da mobilidade turística, Barreto (2009) esclareceu que as atividades econômicas geradas pelos turistas se distribuem nos espaços de dispersão dos fluxos humanos, nos espaços de deslocamento e, nos espaços de recepção/estadia. Nas palavras dela:

Os negócios turísticos começam no local de origem, quando os turistas se dirigem a uma agência de viagens ou a uma companhia de transportes para comprar um pacote turístico ou uma passagem; continuam quando os turistas chegam ao local de destino e utilizam transporte local, acomodações, serviços de alimentação, rede de diversões, lojas de suvenires, etc., e prosseguem quando os turistas retornam a casa e levam seus filmes para revelação na loja do bairro. (BARRETO, 2009, p.55).

Em perspectiva econômica, o turismo equivale a uma atividade de importação para os espaços onde o fluxo de turistas é gerado, os chamados espaços emissores de fluxos turísticos. O contrário acontece para os espaços de deslocamento e recepção de fluxos turísticos, ou seja, nestes espaços corresponde à exportação.

No quarto capítulo apresentamos e comentamos diferentes aspectos dos turistas atraídos à Nova Olinda pela FCG-MHK. Um dos aspectos relevantes desta pesquisa, conforme argumentamos na introdução foi se voltar para problemas do presente.

Quanto aos fatores que contribuíram para as mudanças, transformações do turismo até o século XX, Castelli (1986, p.10) apontou três variáveis: os meios e materiais disponíveis, os conhecimentos científicos adquiridos e as convicções em vigor em cada período.

Extraímos de Gomes (1996, p.62) um comentário relativo à alteração no padrão das viagens em contexto de mudanças de mentalidade ocorridas com o fenômeno da urbanização:

A reorientação dos percursos de viagem é uma outra manifestação destas mudanças de mentalidade. As viagens do século XVIII passaram a ser essencialmente urbanas. Era o fim da admiração de bucólicas cenas campestres, evocadas de um ideal arcádico. Só mais

tarde com Rousseau e os românticos, o campo retomará um lugar de honra, no momento em que a literatura reinventará as narrativas de viagem e redescobrirá as paisagens.

Enquanto o autor referido enfocou mudanças relacionadas à alteração em padrões de mentalidade em voga, Cruz (2000, p.19) enfatizou os valores adotados, eleitos, postos em prática por diferentes grupos sociais ao afirmar: [...] lugares turísticos valorizados por algum grupo social podem não ter significado para outros grupos.

Em texto em que trata de patrimônio cultural, turismo e inclusão social, Castro (2009, p.309) ressaltou a operacionalidade que o conceito de grupo social possibilita às Ciências Sociais, por resgatar

níveis de análise que permitem uma abordagem feita não só através de traços e relações predominantes, dispostos horizontalmente na realidade social mas também cortes em profundidade, captando verticalmente as relações sociais como esferas significativas, subjacentes às determinações globais da sociedade.

A contribuição da antropóloga citada foi basilar para a pesquisa empírica. Aclarou a necessidade de se categorizar os informantes do contexto da pesquisa em grupos, facilitando o planejamento, a coleta, interpretação/análise quantitativa e qualitativa dos dados.

A heterogeneidade social é concreta, apreensível porque é possível identificar, classificar, categorizar, discutir e analisar necessidades, gostos, desejos, preferências, condicionamentos psicológicos individuais/grupais, de renda e poder aquisitivo, ou, opções incondicionais quanto aos modos de visitar ou realizar a viagem turística. O mesmo se aplica aos modos de planejamento e gestão da oferta e dos produtos turísticos. Essa perspectiva ou visão da realidade coincide com a concepção que se tem de turismo:

*antes que todo, una práctica social coletiva que integra mecanismos distintos de relación al espacio, a la identidad y Otro. Por ende, más que una actividad económica, el turismo es una práctica generadora de actividad económica em la misma forma que la religión, el deporte o la guerra. (NICOLÁS, 1996, p.40).*

Além de reconhecer a predominância de enfoques de turismo centrados na dimensão econômica, a perspectiva de turismo do pesquisador citado se coaduna com a discussão de “categorias de pensamento necessários a uma reflexão mais abrangente e generosa a respeito da interação social”, como fizeram os autores, ao proporem uma reflexão sobre o sentido, a razão de ser, os fins morais últimos da relação entre homens e o mundo material de que dependem (BRUNI; ZAMAGNI, 2010, p.9).

Entendemos com a argumentação sustentada sobre a pós definição da economia como ciência da utilidade, da raridade ou da alocação de recursos entre fins alternativos, as trocas marcadas por relações pessoais, por vínculos comunitários ficaram reservadas a grupos específicos.

Ao defenderem a retomada do humanismo civil e exemplificarem as organizações não governamentais sem fins lucrativos, como a FCG-MHK, como representantes autênticas de economia solidária, Bruni e Zamagni (2010) refutaram a dualidade maniqueísta que reputam as Organizações Não Governamentais (ONGs) isoladamente,

como uma espécie de lado nobre da vida social, por oposição à economia privada. Esse dualismo maniqueísta bloqueia a percepção de que a “fisiologia, o funcionamento normal, a vocação do mercado é representar um momento da vida civil”. [...] Público e privado, mercado e Estado, contrato e reciprocidade, interesse e dádiva: as ciências sociais podem convergir para superar estas oposições e, por aí, como mostra a economia civil, contribuir para a construção de um mundo em que os valores éticos que mais prezamos não estejam em confronto com o funcionamento real da vida econômica (BRUNI; ZAMAGNI, 2010, p.9).

Os referidos economistas não compartilham com o ponto de vista de Vainer (2000 apud CORIOLANO, 2009) sobre economia solidária. Na opinião do último, a expressão economia solidária é própria de um discurso e prática estritamente ideológicos que difundem crenças na possibilidade de que a solidariedade possa se desenvolver de forma ampla sob a égide do capital. Argumenta:

[..] já os termos cooperativa e cooperativismo são menos ambiciosos e abrangentes, evocam uma forma específica de organização da produção e/ou da propriedade que, em algumas circunstâncias e por períodos determinados, pode ser, e tem sido experimentada como ganhos materiais e simbólicos, por grupos de produtores diretos, mesmo sob o capitalismo. (VAINER, 2000, p. 10 apud CORIOLANO, 2009, p.51).

Discussões ricas sobre o Terceiro Setor e as ONGs foram empreendidas por Pereira (2005), Heckert (2008) e Noronha (2008). No caso da última autora imediatamente referida encontramos um capítulo exclusivo e farto de dados sobre o contexto de emergência das ONGs em nosso país. Posto que o trabalho de Noronha trata-se de uma dissertação sobre a FCG-MHK nos dispensamos da obrigatoriedade de repetir essa tarefa.

Um outro autor que realizou revisão de literatura ampla sobre o tema foi Pereira (2005). Após identificar acordos e desacordos, formulou a seguinte definição:

Terceiro Setor é o espaço ocupado pelas organizações da sociedade civil, sem fins lucrativos ou econômicos, de interesse social, e que não possuem finalidade, natureza ou legislação específicas; assim como pelos projetos, ações e atividades de interesse social desenvolvidos por indivíduos, empresas e governo, normalmente por meio de grupos, movimentos ou alianças (parcerias) intersetoriais, com o objetivo de fomentar, apoiar ou complementar a atuação das organizações formalmente constituídas e acima caracterizadas. (PEREIRA, 2005, p.20).

Amparado na legislação brasileira que dispõe sobre o Terceiro Setor, Pereira (2005) afirmou que as organizações constituídas sob a modalidade de associações ou fundações integram o Terceiro Setor. Ressaltou ainda que o artigo 44 do Código Civil Brasileiro identifica Fundação como pessoa jurídica de direito privado sem fins lucrativos. É exatamente o caso da FCG-MHK. O mesmo não se aplica à COOPAGRAN, sociedade cooperativa que tem caráter econômico.

Conforme esclareceu Pereira (2005), as organizações estatais (Primeiro Setor) e as organizações com fins lucrativos ou caráter econômico (Segundo Setor) se distinguem das organizações do Terceiro Setor que se caracterizam pelo interesse social.

Em pesquisa realizada em duas praias do município de Beberibe à qual se fez alusão na introdução, constatamos que na Prainha do Canto Verde, a resistência ao modelo hegemônico de produção e consumo capitalista preservou a apropriação do lugar pelos nativos. Na Praia das Fontes, a solidariedade foi minada e desarticulada a partir do momento em que alguns nativos aceitaram benesses pessoais ofertadas por investidores da construção civil e especuladores. Ao final concluímos:

[...] não é o turismo em si que está em xeque [...] Não acreditamos que será uma atividade específica como o turismo que poderá promover a higienização das relações homem-natureza, homem-homem, mas uma profunda mudança de outra ordem. Pensamos que a questão fulcral seja a seguinte: os objetivos formulados pelas políticas públicas do turismo (distribuição de renda, diminuição das desigualdades regionais), por exemplo, não são atingidos porque a dinâmica da economia e da sociedade onde são entronizados os esquemas de geração, distribuição, uso da riqueza e do poder permanece sem alterações. (SARAIVA, 2002, p.137).

Em 2009, a Rede TUCUM foi lançada em Fortaleza, durante o II Seminário Internacional de Turismo Sustentável, organizado pela Instituto Terramar, ONG filiada à Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais (ABONG). Fundado em 1993 a referida ONG tem como missão “contribuir para o desenvolvimento humano e para a sustentabilidade socioambiental da Zona Costeira, fortalecendo a autonomia dos grupos organizados e identidade cultural das comunidades”. Os participantes da Rede TUCUM querem ser protagonistas do turismo como atividade produtiva conjugando essa fonte de renda às atividades tradicionais litorâneas, como a pesca e a agricultura de subsistência.

A TUCUM é filiada à Rede Brasileira de Turismo Solidário e Comunitário (TURISOL) e à Rede de Turismo Comunitário da América Latina (REDETURS) formada por integrantes da Argentina, Brasil, Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, Guatemala, Equador, El Salvador, Honduras, Nicarágua, Panamá, Peru.

As articulações do turismo comunitário, solidário ou responsável acontecem em todas as escalas geográficas. Um detalhe chama a atenção. Embora a lógica de distribuição dos resultados da produção se apresente distinta da lógica do grande capital, a lógica de origem e destino dos fluxos turísticos não se alterou substancialmente até o momento. As pessoas com poder aquisitivo para viagens transcontinentais residem nos países europeus: Alemanha, França, Grã-Bretanha, Itália nos Estados Unidos e Canadá e nesses países que as empresas organizadoras das viagens de turismo comunitário são montadas.

Motivação e comportamento são variáveis distintivas e caracterizadoras das diferentes modalidades que o turismo pode assumir, dentre as quais o turismo cultural. Nas últimas décadas o número de destinos turísticos tem aumentado consideravelmente. O incremento do turismo cultural pode ser entendido nesse contexto, onde parcela dos turistas-consumidores buscam formação, enriquecimento cultural e distinção social.



A partir daqui expusemos a concepção de turismo cultural adotada na presente investigação. Costa (2009) classificou turistas e visitantes do turismo cultural de acordo com a intensidade da motivação. Assim, turistas e residentes foram agrupados do seguinte modo:

1. Nunca motivados por cultura: aqui se enquadram residentes e turistas que jamais frequentam ou visitam atrativos culturais;
2. Casualmente motivados por cultura (ou “turistas culturais acidentais”): estes residentes e turistas não têm intenção de visitar um atrativo cultural mas o fazem ou pelo fato do atrativo está próximo ao local de hospedagem, ou quando acompanham parentes e amigos;
3. Adjuntamente motivados por cultura: A diferença entre este grupo e o anterior é que para o último a motivação principal do deslocamento pode ser, por exemplo, a participação em um evento profissional, mas há previsão de visitas a atrativos culturais;
4. Parcialmente motivados por cultura: A escolha do destino leva em conta não somente, os atrativos culturais, mas a oportunidade, por exemplo, de visitar parentes e amigos;
5. Altamente motivados por cultura: A motivação específica baseia-se na oferta de atrativos culturais: museus, eventos artísticos, festas tradicionais etc.;

Ao considerar a existência de uma diversidade ampla de conceitos de turismo cultural, a autora resenhada realizou um levantamento útil a todos os envolvidos com a temática (COSTA, 2009).

Após essa tarefa agrupou-os em quatro núcleos temáticos:

Núcleo 1. Turismo cultural como visitação a recursos de origem cultural;

Núcleo 2. Visões distorcidas de turismo cultural. Reúne os conceitos que desconsideram a cultura popular e supervalorizam as manifestações restritas às elites. Neste núcleo também estão os conceitos em que populações tradicionais e suas manifestações culturais são tratados como espetáculo;

Núcleo 3. Turismo como ferramenta para o aprendizado cultural. As palavras-chave para os conceitos deste núcleo são vivência, contato direto com os visitados e

experiência;

Núcleo 4. Turismo cultural como ferramenta de aprendizagem. Independente da natureza do objeto da visita o objetivo é a aprendizagem.

Após agrupar e comentar a vasta gama de conceitos formulados por autores nacionais e estrangeiros, Costa (2009) dissecou o conceito de turismo cultural em quatro aspectos, a saber: o objeto do turismo cultural; o sujeito do turismo cultural; o objetivo do visitante/viajante e, por fim, a oferta do turismo cultural (o tradicional e a experiência vivencial).

Quando a questão em pauta é a valorização do patrimônio cultural pelo turismo Bertoncello (2010, p.39) advertiu: *“El turismo puede dar lugar a procesos de selección patrimonial que estén más vinculados a los criterios e intereses de la sociedades de origen de los turistas, que a los de las sociedades que poseen dicho patrimonio [...]”*.

Conforme o autor mencionado:

1. Há alguns tipos de patrimônio mais adequados para uso pelo turismo como os nos casos em que o reconhecimento do patrimônio é “nacional” ou “da humanidade”. Verifica-se uma maior capacidade de atração turística. Um exemplo é o *Geopark Araripe* reconhecido pela UNESCO, do qual a FCG-MHK é parceira e tem os seus atrativos inseridos em sua área, na sede de Nova Olinda;

2. A valorização de uma manifestação patrimonial pode ser elevada para uma determinada sociedade e baixa ou sem interesse para turistas potenciais. O contrário também pode acontecer;

3. Patrimônio cultural com uso turístico ganha maior visibilidade e prestígio. Antes da FCG-MHK não havia fluxo expressivo de visitantes e turistas para Nova Olinda;

4. A valorização turística do patrimônio cultural, em alguns casos, pode resultar em processos desiguais de apropriação e até mesmo em privatização. No segundo caso, se verifica uma contradição, posto que o patrimônio cultural é, por essência, bem comum de toda a sociedade;

5. Por fim, se pode falar em mercantilização do patrimônio. Isso acontece quando a dimensão econômica se sobrepõe às demais, o que é muito comum no

Brasil, nos centros urbanos históricos refuncionalizados.

As considerações de Bertolcello (2010) referentes à valorização do patrimônio cultural pelo turismo foram fundamentais nesta pesquisa.

Associou-se tais considerações ao que Benevides (1996, p.164) escreveu ao tratar das relações entre turismo e desenvolvimento:

Nas economias com um certo grau de complexidade e de diversificação existe uma interdependência das atividades turísticas com seus demais ramos e setores. Por outro lado, para valorizar e para objetivamente dar aos patrimônios histórico-cultural e natural de uma região um caráter de empreendimento econômico – o que significa necessariamente alguma transformação nestes patrimônios –, o turismo envolve, portanto, não só aspectos econômicos, mas também políticos, sociais e culturais, articulados numa base territorial.

Antes de abordar o contexto de projeção de Nova Olinda, no Mapa do Turismo Regional e Nacional, comentamos sobre alguns traços do mundo e do turismo na atualidade.

## **2.4 Aspectos contemporâneos do turismo**

Steil (2009) alude à Clifford e Bauman como dois cientistas com entendimento similar sobre o turismo e o turista.

Para ambos os aspectos caracterizadores do sujeito da prática turística remetem a reflexão sobre o sujeito contemporâneo, visto que a mobilidade turística ganhou tamanha dimensão na contemporaneidade que o antropólogo Clifford (1997, p.19 apud STEIL, 2009, p. 74) afirmou: “Se na história da antropologia do século XX os ‘informantes’ apareciam como nativos, no século XXI, eles aparecem como viajantes.”

Conforme Barreto (2009, p.58), o turismo contemporâneo começou aproximadamente em 1950. Prática de “uma classe média com muito poder aquisitivo que visitava, principalmente, países pobres ou empobrecidos: o Caribe, as Antilhas, a Polinésia, e países europeus devastados pela Segunda Guerra Mundial.”

Dall’Acqua (2002, p.26) identificou três traços marcantes do mundo atual. Primeiro, “o advento de um novo ‘paradigma tecnoeconômico’, cujas bases são a

tecnologia da informação e comunicação. Os padrões de demanda, consumo e distribuição se alteraram. A tecnologia informacional permite a comercialização de serviços entre os pontos mais distantes do planeta. Comentamos sobre essa marca da contemporaneidade após apresentar o segundo traço identificado pela autora citada - a ascensão da produção e consumo de bens intangíveis como lazer, cultura e turismo. Vive-se em um mundo de trocas invisíveis. O terceiro e último traço da contemporaneidade, segundo a autora aludida é a internacionalização dos serviços.

Nesse contexto regiões como o Cariri e lugares como Nova Olinda se inserem nos circuitos de produção e consumo do turismo, mediante ações do Estado, dos investidores ou de representantes do Terceiro Setor, de modo isolado ou articulado.

Na opinião de Ferraz (1992, p.15) “É o Estado que busca estabelecer normas gerais para que indivíduos alcancem objetivos de seu interesse pessoal e do interesse público em geral.” Conforme o autor citado há uma tendência do Estado assumir uma função intermediária, distinta do que qualificou como radicalismos capitalista e coletivista.

O Estado com função intermediária entre as necessidades/interesses individuais e coletivos é o da teoria Keynesiana, o *Welfare State* ou Estado do Bem Estar Social. É o Estado que após a queda da bolsa de valores de Nova York em 1929 se ajusta à grande crise mundial do capital.

Ferraz (1992) agrupou a intervenção do Estado em três modalidades: participação, indução e controle. Participação é a modalidade intervencionista em que o Estado exerce atividade econômica à exemplo da Secretaria de Turismo do Ceará (SETUR) que é proprietária e administra o Centro de Eventos do Ceará, em Fortaleza e o Teleférico na cidade de Ubajara na Chapada da Ibiapaba. A indução é a forma de orientação do comportamento dos agentes do mercado. O Programa de Regionalização do Turismo - Roteiros do Brasil é um exemplo emblemático. O controle se concretiza por meio dos instrumentos jurídicos reguladores da forma pela qual a iniciativa privada explora determinada atividade econômica.

O Estado exerce a função mediadora entre os interesses individuais e coletivos por meio das políticas públicas. “A noção de políticas públicas - *publicly polyce* - foi difundida nos países anglo-saxões, na segunda metade do século XX” (FONSECA, 2005, p.81).

Tem-se, portanto, que o Estado Moderno precede as políticas públicas, definidas

como o conjunto de ações executadas pelo Estado, enquanto sujeito, dirigido a atender às necessidades de toda a sociedade. Embora a política possa ser exercida pelo conjunto da sociedade, não sendo uma ação exclusiva do Estado, a política pública é um conjunto de ações exclusivas do Estado. São linhas de ação que buscam satisfazer ao interesse público e têm que estar direcionadas ao bem comum. (DIAS, 2003, p.121).

Fratucci (2008) constatou que no mundo contemporâneo o turismo tende a uma espacialização regional. Foi em observância a essa tendência que regionalizar os roteiros turísticos tornou-se uma estratégia da Política Nacional de Turismo em 2004. O Programa Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT) institucionalizado em 1994, pelo MTur precedeu e preparou as bases para o Programa de Regionalização do Turismo - Roteiros do Brasil (PRT).

Rebollo et al. (1997) explicaram o motivo das políticas públicas expressas em documentos, tais como planos e programas identificarem as unidades político-administrativas como unidades turísticas. Tratamento similar é dado às regiões político-administrativas. Foi precisamente essa a lógica que norteou o desenho do “Mapa dos 65 Destinos Indutores do Desenvolvimento Turístico Regional”. Os autores indicados atribuem essa perspectiva de tratamento à necessidade de dados estatísticos úteis à gestão do turismo em qualquer escala espacial. Além disso,

*también la organización de la administración turística (de gestión, de promoción, etc, em el sector público o en el sector privado) se inserta em el ámbito político administrativo regional lo cual provoca que em determinados contextos se identifique y se utilice el ámbito de la región político-administrativo como región turística. [...] móviles que van más allá de la promoción turística (inserción internacional, senãs de identidad, atracción de inversiones, diferenciación política etc.)* (REBOLLO et al., 1997, p.60)

O Ministério do Turismo registrou de modo sintético o processo que verteu na definição dos “65 Destinos Indutores do Desenvolvimento Turístico Regional”:

para a escolha dos destinos foram consideradas as avaliações e valorações de diversos estudos e pesquisas que orientam a ação ministerial, tais como o Plano de Marketing Turístico Internacional – Plano Aquarela, o Plano de Marketing Turístico Nacional – Plano Cores do Brasil, além de outros estudos e investigações sobre investimentos do governo federal e sobre

potencialidades e necessidades desses destinos. Além disso, foram consideradas as referências relativas às demandas de qualificação e infraestrutura elencadas pelos representantes dos 87 roteiros turísticos durante o 1º Encontro Nacional do Programa de Regionalização do Turismo, ocorrido em Brasília em, outubro de 2006. (BRASIL, 2008, p.17).

Esse registro feito pelo Mtur corrobora a explicação de Rebollo et al. (1997) exposta anteriormente. Frisa o aspecto do *marketing* para a geração de fluxos domésticos e atração de fluxos turísticos internacionais. Os autores indicaram três traços dos fluxos turísticos no mundo todo com base em evidências estatísticas: primeiro. O turismo doméstico ou nacional tem sido mais expressivo que o turismo receptivo internacional. Isso justifica campanhas de *marketing* como a campanha “Cores do Brasil” cujo lema é “Viaje pelo Brasil”.

Segundo traço. Os fluxos turísticos intercontinentais são mais expressivos em quantidade que os fluxos transcontinentais, se concentrando em regiões. Segundo Rebollo (1997, p.75) “*El carácter regional de la estructura espacial de los espacios receptores e los espacios emissores.*” Isso se explica em parte quando se leva em conta a relação tempo de deslocamento/tempo de estadia. Em geral os custos com transporte tendem a ser mais elevados para viagens de longa distância que viagens regionais, tais como, as que se realizam nos finais de semana e feriados prolongados.

O terceiro traço é a assimetria entre os fluxos turísticos domésticos e internacionais. O autor listou os países que no início da década de 90 do século XX eram simultaneamente os maiores geradores de fluxos de turistas para viagens no interior do próprio país, o chamado turismo doméstico e para o turismo internacional. Àquele ano, os maiores emissores de fluxos turísticos nacionais e internacionais eram: “América do Norte, Europa Ocidental, Japão, Austrália e Nova Zelândia”. Essa situação não se alterou (SONEIRO, 1991, p.88).

A regionalização do turismo continua a ser entendida como modo de consolidar a estruturação da oferta turística no país no Plano Nacional de Turismo 2013-2016 (MTur, 2016).

## **2.5 Procedimentos da pesquisa**

Considerando a abordagem teórico-metodológica escolhida, a nova geografia cultural, optamos pelo paradigma qualitativo por entender que é apropriado aos

objetos de natureza social, como o do caso da presente investigação.

Minayo (1996, p.24) sintetizou a principal diferença entre o paradigma quantitativo e o paradigma qualitativo: “Os autores que seguem tal corrente não se preocupam em quantificar, mas, sim, em compreender e explicar a dinâmica das relações sociais, que por sua vez, são depositárias de crenças, valores atitudes e hábitos.”

Nesta perspectiva, realizamos trabalho de campo, exclusivamente na sede de Nova Olinda, onde ficam as instalações/atrativos turísticos da FCG-MHK, oito pousadas domiciliares associadas à COOPAGRAN. Até a última ida ao campo duas empresas individuais estavam funcionando: a Casa de Produção Cultural e a Agência de Turismo Comunitário. Entre 2013 e 2016 mais quatro empreendimentos individuais, cujas áreas de atuação estão na interface patrimônio cultural e turismo abriram sob a regência da FCG-MHK: a A&R Arqueologia e Consultoria; a Consultoria em Geoprocessamento Arquetop; a loja Modus Cariri e o Nova Olinda Café Cultural.

O fato de termos pesquisado pousadas domiciliares nos obriga a esclarecer o que entendemos por hospitalidade, pois este termo foi utilizado em alguns trechos a partir deste ponto. Ao nosso ver, a hospitalidade vai além da oferta de abrigo e alimento Trata-se de um fenômeno amplo como propõe Castelli (2010, p.107):

A hospitalidade permeia o agir de todos os cidadãos. É só observar o dia a dia das pessoas para perceber que a hospitalidade é o oxigênio que mantém a vida de uma pessoa e de uma comunidade. Isso pode ser percebido por meio de gestos simples, como um sorriso e uma saudação, e também por meio de outros eventos, como casamentos, aniversários, atividades de lazer e tantos outros acontecimentos que colocam os cidadãos frente a frente, efetuando trocas em várias dimensões.

Feito esse esclarecimento indispensável, consideramos que conhecer as lideranças da FCG-MHK e ser conhecida por elas previamente foi uma condição favorável de acesso à população definida para a análise empírica. Frisamos que o vocábulo visitante foi utilizado em substituição à excursionista, termo empregado pela OMT para categorizar indivíduos e grupos que não pernoitam no destino da viagem, como se explicou no item anterior desse capítulo.

### *2.5.1 Unidade(s) de análise*

Alves-Mazzoti e Gewandsznajder (2004, p.170) explicam que ao se escolher a unidade de análise se decide se o que interessa à investigação é “uma organização, um grupo, diferentes subgrupos em uma comunidade ou determinados indivíduos.” No caso da investigação realizada, a FCG-MHK aparentemente constituía “a” unidade de análise. Porém, não seria possível tratar de patrimônio cultural e turismo em Nova Olinda, área da pesquisa empírica sem que se considerasse subgrupos.

O primeiro subgrupo definido foi o dos visitantes, ou seja, pessoas que deixam registro sobre data da visita e cidade de origem no Livro de Registro de Visitantes do Memorial do Homem Kariri. A definição da amostra (cinco mil trezentos e quatro pessoas) se deu a partir dos registros que nos foram disponibilizados pela FCG-MHK. Esses registros são feitos por uma criança ou pré-adolescente de acordo com a escala de tarefas de cada um. Observamos que vez ou outra alguns visitantes não assinam o livro. Esclarecemos que pode ter havido contabilidade duplicada de pessoas que assinaram o aludido Livro e depois efetivaram registro no Livro de Registro de Hóspedes da Pousada onde se hospedam.

Não dispúnhamos de recursos técnicos, tecnológicos e de tempo para identificar duplicidade de informação. O objetivo da coleta era ter uma primeira ideia do perfil do visitante e do turista. Turista foi considerado portanto, apenas por questões metodológicas da pesquisa, o hóspede de Pousada da COOPAGRAN, no caso, oito no total. A coleta contemplou todos os registros (quatrocentos e oitenta turistas-hóspedes), desde os pioneiros, em 2004, até o mês de dezembro de 2011. 2004 foi o ano de abertura da primeira pousada da COOPAGRAN e dezembro de 2011, mês e ano da coleta durante uma das estadas em campo.

Dados secundários referentes à escolha de Nova Olinda como “Destino Indutor do Turismo Regional” foram extraídos da tese de doutoramento de Falcão (2013). O citado pesquisador aplicou 97 formulários na sede de Nova Olinda em junho de 2010 e junho de 2011.

Nos Livros de Registro de Hóspedes existe um espaço para comentários. Nem todos preenchem esse espaço por ser opcional. Não contabilizamos o percentual de comentários para o total de 480 registros. Selecionamos alguns de modo quase totalmente aleatório. O critério adotado era conter substrato que revelasse conteúdo das trocas entre hospedes e anfitriões e que se enquadrassem nos aportes teóricos do turismo cultural.



### 2.5.2 Procedimentos e instrumentos de coleta de dados

Como nos ensinam Alves-Mazzoti e Gewandsznajder (2004, p.170) “as pesquisas qualitativas são caracteristicamente multimetodológicas, isto é, usam uma grande variedade de procedimentos e instrumentos de coleta de dados.” Assim procedemos conforme descrito no seguimento de texto.

#### 2.5.2.1 Observação participante não estruturada, livre ou antropológica

Optamos por essa técnica pelas seguintes razões. Primeiro por entendermos que a entrada no campo deveria ser gradual. Segundo, porque a recomendação de pesquisadores experientes é que no estágio inicial o pesquisador deve ser o único instrumento de investigação até que estabeleça uma relação de confiança com os informantes primários. Terceiro, pela possibilidade de conjugarmos a observação com conversas informais, análise de documentos, e até mesmo aplicação de questionários, caso durante as imersões no campo, identificássemos aspectos passíveis de serem revelados mediante o uso dessa técnica.

Quanto ao nível da nossa participação na FCG-MHK nos comportamos como um observador externo. Inicialmente elucidamos os objetivos da pesquisa para os dirigentes da ONG que transmitiram aos demais sujeitos do referido grupo social.

O Quadro 1 apresenta de modo sintético as incursões ao campo e procedimentos de coleta de dados após o início da pesquisa.

**Quadro 1 - Síntese das incursões ao campo e procedimentos de coleta de dados.**

	<b>Período</b>	<b>Atividades/Procedimentos</b>
<b>1<sup>a</sup></b>	13-16 ago. de 2009	<b>Nova Olinda</b> - Teatro Violeta Arraes - I Seminário Internacional de Turismo com Base Comunitária (observação participante com conversas informais).
<b>2<sup>a</sup></b>	Maio de 2010	<b>Crato</b> : visita para conhecer a sede da FCG-MHK e consultar livros de registro de visitantes do MHK. <b>Nova Olinda</b> : Teatro Violeta Arraes da FCG-MHK - Cariri Mostra Musical Iberoamericana (observação participante com conversas informais).

(Continuação)

Período		Atividades/Procedimentos
3 <sup>a</sup>	18-20 dez. 2011	<b>Nova Olinda</b> - Festa de 19 anos da FCG-MHK (observação participante com conversas informais + levantamento dos dados do Livro de Registro de Visitantes do Memorial do Homem Kariri + Cópia dos Livros de Registro de Hóspedes das oito Pousadas Domiciliares da COOPAGRAN da sede do município)
4 <sup>a</sup>	27-29 abr. 2012	<b>Nova Olinda</b> - Teatro Violeta Arraes - Seminário Regional de Turismo de Base Comunitária do Cariri Comunitária (observação participante com conversas informais + registros fotográficos das obras na sede de Nova Olinda)
5 <sup>a</sup>	Jul. 2012	<p style="text-align: center;"><b>Incursão ao campo em companhia da orientadora</b></p> <p>Deslocamento terrestre Fortaleza/Juazeiro</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Juazeiro</b> - pernoite em hotel convencional</li> <li>▪ <b>Barbalha</b> -Visita ao Centro Histórico</li> <li>▪ <b>Nova Olinda</b> - Experienciar hospedagem em pousada domiciliar e conhecer FCG-MHK</li> <li>▪ <b>Santana do Cariri</b> -Visita ao Museu de Paleontologia e Pontal de Santa Cruz</li> <li>▪ <b>Crato</b> – Conversa sobre o andamento da pesquisa com sócios-fundadores e orientadora</li> <li>▪ <b>Nova Olinda</b> – Compras na Oficina e Loja do Tesouro Vivo da Cultura Cearense, Espedito Seleiro</li> <li>▪ <b>Assaré</b> – Visita ao Memorial Patativa do Assaré</li> <li>▪ (Observação participante + registros fotográficos dos atrativos da região)</li> </ul>
6 <sup>a</sup>	18-20 dez de 2012	<b>Nova Olinda</b> - Festa de 20 anos da FCG-MHK (Observação participante + registros fotográficos das alterações no espaço urbano de Nova Olinda)
7 <sup>a</sup>	24-27 jul de 2013	<p><b>Juazeiro</b> -visita ao Centro de Cultura Popular Mestre Noza</p> <p><b>Nova Olinda</b> - Realização de entrevistas lideranças de Nova Olinda/Cariri (Apêndices A, B e C) + registros fotográficos das alterações no espaço urbano de Nova Olinda);</p> <p><b>Santana do Cariri</b> -Visita ao Casarão Felinto Cruz</p> <p><b>Nova Olinda</b>- Realização de enquete com 5 comerciantes</p>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Estivemos nas instalações da FCG-MHK cinco vezes antes do ingresso na pós-graduação, fato que aconteceu em julho de 2009. Na primeira oportunidade na função de sócia-proprietária da Trilhas do Brasil Agência de Viagens e Turismo<sup>3</sup>. Realizávamos viagem com o objetivo de avaliar os atrativos turísticos da região para definir os que seriam incluídos em roteiro de turismo pedagógico para o Cariri.

<sup>3</sup> Estivemos na referida Sociedade LTDA. entre 1997 e 2006.

Andriolo e Faustino (1997, p.165) definiram turismo pedagógico como “o que serve às escolas em suas atividades educativas que envolvem viagens. Não obstante possuir momentos de lazer, não é realizado com esse fim.”

Em outras duas ocasiões visitamos a FCG-MHK na função de Professora de Prática Profissional de Guia de Turismo do Curso Técnico em Turismo do Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará (CEFET/CE).

Retornamos em mais duas viagens de “turismo pedagógico” para alunos do Colégio Santa Cecília de Fortaleza, na função de Guia de Turismo da Trilhas do Brasil. O turismo pedagógico é uma importante ferramenta para melhor compreensão de conteúdo, aprimorando o processo de ensino-aprendizagem (GOMES; MOTA; PERINOTTO, 2012).

As observações após o ingresso na pós-graduação tiveram sempre o intuito de apreender aspectos intangíveis das trocas estabelecidas entre anfitriões e turistas. Buscávamos captar o que pode ser entendido como “clima” relacional. Queríamos captar se havia vestígio de trocas em que o aspecto mercantil não sobrepujasse as relações personalizadas, os vínculos sociais estabelecidos por identificação entre visitantes e visitados.

A expressão identificação utilizada aqui é no sentido empregado por Hall (2005, p.23), ou seja, “possibilidades de integração, conexão e comunicação postas às comunidades que se organizam em novas combinações de espaço-tempo aproximadas por identificações com valores comuns.”

#### 2.5.2.2 Conversas informais e entrevistas

Aprendemos em Alves-Mazzoti e Gewandsnajder (2004, p.168) que a entrevista poderia “ser parte integrante da observação participante” e que poderíamos utilizar entrevistas não estruturadas no início da coleta de dados, e entrevistas focalizadas no decorrer da pesquisa e assim procedemos.

Na etapa de entrada gradual ao campo quando não tínhamos definido aspectos específicos a serem focalizados, realizamos conversas informais, com: os dirigentes da FCG-MHK; residentes-anfitriãs, proprietárias de pousadas domiciliares e respectivos familiares; visitantes; turistas e residentes de Nova Olinda com os quais

estabelecemos interação durante estada no campo. Os objetivos dessas conversas eram extrair elementos que pudessem corroborar ou não o que procuramos captar nas observações participantes: se havia vestígio de trocas em que o aspecto mercantil não sobrepujasse as relações personalizadas, os vínculos sociais estabelecidos por identificação entre visitantes e visitados

Na etapa de investigação focalizada utilizando o que Alves-Mazzoti e Gewandsnajder (2004) chamam de emergência ordenada da amostra chegamos aos nomes de pessoas diretamente envolvidas com a problemática. O termo amostra não implica neste caso generalização de tipo estatístico. Refere-se ao grupo de pessoas com indicadores de conhecimento aprofundado sobre as questões que necessitávamos deslindar. Assim é que chegamos aos nomes que constam Apêndices A, B e C e respectivas razões de escolha.

### 2.5.2.3 Documentos

Utilizamos variadas fontes documentais, listadas em referências e descritas abaixo:

- a) Impressas e digitais: trabalhos científicos, técnicos (estatísticas) e jornalísticos sobre o Cariri, Nova Olinda e a FCG-MHK; documentos do Ministério do Turismo; documentos jurídicos; *sites* de organismos governamentais e não governamentais;
- b) Imagens em movimento: trechos de eventos realizados no Auditório Violeta Arraes da FCG-MHK documentados pela TV Casa Grande, conforme critérios definidos pela pesquisadora; Fotografias e filmes feitos pela pesquisadora durante incursões ao campo;
- c) Livros de Registro de Visitantes do Memorial do Homem Kariri e Livros de Registro de Hóspedes das Pousadas Domiciliares da COOPAGRAN.

### 2.5.3 Etapas da pesquisa

Antes de descrever cada etapa, esclarecemos que a observação/verificação, análise e interpretação dos dados secundários e primários não seguiram uma sequência que se possa dizer correspondente a uma etapa específica, por ser próprio

do paradigma qualitativo ter uma feição indutiva. Feita a devida nota, elucidamos que a descrição das etapas separadamente é apenas um modo de descrição da dinâmica da pesquisa.

#### 2.5.3.1 Tomada de decisões iniciais

Foi o momento de buscar informações, refletir e decidir sobre aspectos definidores da pesquisa. No caso do eixo temático, patrimônio cultural e turismo, registramos as razões da escolha na introdução. Procedemos de modo análogo em relação ao objeto e aos objetivos. No intuito de atingir o objetivo geral e os objetivos específicos optamos pela abordagem da nova geografia cultural e dois dos seus conceitos-chave, no caso, região e lugar. Tomadas as decisões apontadas passamos à etapa de negociação e entrada gradual ao campo.

#### 2.5.3.2 Negociação e entrada gradual ao campo

Mediante conversa telefônica expusemos ao Presidente da FCG-MHK, o interesse em realizar a pesquisa. Entre 13 e 16 de agosto de 2009 realizamos observação participante no I Seminário Internacional de Turismo com Base Comunitária nas instalações da FCG-MHK, em Nova Olinda. No período do evento os fundadores da ONG confirmaram o interesse recíproco no desenvolvimento da tese.

A permissão para acesso ao campo foi concedida de modo que acessamos imediatamente os espaços, documentos, integrantes do grupo social vinculado à FCG e lideranças de grupos sociais que interagem com a ONG, seus saberes e fazeres com ênfase para a interface patrimônio cultural e turismo.

Informantes-chave como secretários de turismo e cultura dos municípios do Cariri presentes no referido Seminário foram abordados e comunicados que realizávamos observação participante no evento. A observação participante no I Seminário Internacional de Turismo com Base Comunitária nas instalações da FCG-MHK em Nova Olinda proporcionou atualização da problemática do turismo comunitário, reflexão e um comparativo dos contextos culturais das diferentes experiências apresentadas e discutidas.

Estendemos a observação participante ao segundo atrativo turístico mais visitado em Nova Olinda, a Oficina de Espedito Seleiro, artesão do couro, “Tesouro Vivo da Cultura Cearense”. Das conversas entre Espedito Seleiro e viajantes extraímos informações que foram ratificadas durante leituras de trabalhos acadêmicos sobre a FCG-MHK anteriores a 2009.

### 2.5.3.3 Etapa exploratória com coleta de dados primários

Entre agosto de 2009 e maio de 2010 lemos trabalhos técnicos e científicos sobre a FCG-MHK remetidos pela Rosiane Limaverde. Em maio de 2010 estivemos no Crato para conhecer a sede administrativa da FCG-MHK e consultar “Livros de Registro de Visitantes do Memorial do Homem Kariri”. Em seguida nos dirigimos à Nova Olinda para realizar observação participante durante a Mostra Cariri de Música Iberoamericana.

Na ocasião interagimos com residentes e turistas nos diferentes espaços/instalações da FCG-MHK. Utilizamos o serviço de alimentação desvinculado da hospedagem, na pousada domiciliar Vapabussu<sup>4</sup>. Antes, durante e após a refeição conversamos simultaneamente com um hóspede proveniente da Espanha e com residente-anfitriã proprietária da pousada.

Após a saída do hóspede espanhol fizemos registro escrito de informações concedidas pela proprietária da pousada sobre o processo de instalação do negócio dela e da COOPAGRAN com o intuito de identificar aspectos a serem contemplados em conversas focalizadas.

Por fim, solicitamos ao jovem, Gerente da TV Casa Grande, a edição de um vídeo com opiniões de participantes de eventos realizados na FCG-MHK que identificamos como informantes-chave. Seria impraticável assistir todos os vídeos do acervo da Produtora. Absolutamente todos os eventos são registrados pela equipe da TV Casa Grande. Indicamos, portanto, os eventos que gostaríamos de ter acesso aos registros, os informantes e que os interessava especificamente: as opiniões destes sobre a FCG, sobre Nova Olinda, sobre o turismo com base comunitária da FCG-MHK e sobre a sociabilidade entre anfitriões e hóspedes da FCG-MHK.

---

<sup>4</sup> Utilizamos nomes indígenas da lenda sobre a origem do povo Kari-ri para designar as pousadas da COOPAGRAN identificadas por números.

#### 2.5.3.4 Etapa de investigação focalizada conjugada com tratamento, interpretação e análise dos dados

Retornamos seis vezes ao campo. Em cada incursão utilizamos os serviços de hospedagem e alimentação das pousadas domiciliares da COOPAGRAN identificadas apenas para registro nesta pesquisa com nomes indígenas dos personagens do Mito da Nação Kariri. No caso: Kari, Itarepabussu, Manaká, Jurema, Ma-ara e Maracaimba.

Em dezembro de 2011, realizamos observação participante na Festa de 19 anos da FCG. Interagimos com diferentes grupos sociais em todos os momentos da programação: dirigentes e crianças, jovens da FCG-MHK e seus familiares, visitantes, turistas, residentes de Nova Olinda sem vínculo formal com a ONG.

Após apresentar os objetivos da pesquisa à então Presidente da COOPAGRAN, ela mediou com cada proprietária de pousada domiciliar a permissão para que copiássemos os Livros de Registro de Hóspedes das pousadas situadas na sede do município.

Documentamos em fotografias e vídeos a integração entre residentes, visitantes e turistas durante apresentações artísticas de grupos que preservam o patrimônio imaterial da região em danças e folguedos. Após a saída do campo lemos, relemos, refletimos, selecionamos e transcrevemos dados qualitativos dos Livros de Registro de Hospedes das oito pousadas domiciliares. Esses dados constam no terceiro capítulo quando caracterizamos os turistas-hóspedes das pousadas domiciliares da COOPAGRAN e analisamos os conteúdos das trocas entre eles e os residentes-anfitriões.

Em abril de 2012, realizamos observação participante durante o Seminário Regional de Turismo de Base Comunitária do Cariri. Estreitamos a convivência com os sujeitos do grupo social da FCG-MHK e lideranças do turismo da região. Vivenciamos pela segunda vez a hospitalidade em pousada domiciliar.

Em julho de 2012, voltamos ao campo em companhia da orientadora. O primeiro pernoite foi realizado em hotel convencional em Juazeiro do Norte. Os três pernoites seguintes foram realizados em pousada domiciliar.

Em dezembro do mesmo ano estivemos em campo para a Festa de 20 anos da FCG-MHK. Na véspera, dia 18 de dezembro, os fundadores nos convidaram a realizar observação participante em reunião com os seguintes participantes: o Presidente e a Diretora Científica; uma consultora de turismo e Amigos<sup>5</sup> da FCG-MHK. Durante a mencionada reunião acompanhamos uma revisão do planejamento estratégico da ONG para os três anos subsequentes. Vivenciamos pela quarta vez estada em pousada domiciliar.

Sete meses depois, retornamos ao campo pela última vez e nos hospedamos na quinta pousada domiciliar da COOPAGRAN. Era julho de 2013. Durante essa incursão retornamos à Santana do Cariri, município do qual Nova Olinda se desmembrou em 1957, conforme registramos no quarto capítulo.

Fizemos registros fotográficos: 1. da estrutura urbana da sede de Nova Olinda com os equipamentos turísticos instalados em decorrência de sua definição como Destino Indutor de Desenvolvimento Turístico Regional; 2. do Tesouro Vivo da Cultura Cearense, Espedito Seleiro, da loja e do Museu do Couro, então em construção. Realizamos as entrevistas cujos roteiros estão nos Apêndices A, B e C .

#### *2.5.4 Interpretação/Análise dos dados*

Utilizamos o *Microsoft Excel* 2013 para chegar à caracterização dos visitantes feita a partir dos dados coletados no Livro de Registro de Visitantes do Memorial do Homem Kariri, cuja apresentação ilustrada com gráficos consta no terceiro capítulo.

O mesmo *software* foi utilizado para caracterizar o turista-hóspede das Pousadas Domiciliares da COOPAGRAN. Ressaltamos que as proprietárias das pousadas não usaram filtro para a coleta que solicitamos realizar. Nada nos foi omitido, visto que após alguns telefonemas da Presidente da COOPAGRAN para elas, percorremos todas as pousadas recolhendo os Livros de Registro de Hóspedes para copiar 100% dos registros.

Poder-se-ia levantar a seguinte questão: Haveria algum tipo de constrangimento coação ao hóspede para registrar exclusivamente aspectos positivos sobre as pousadas, sobre a FCG-MHK, sobre Nova Olinda?

---

<sup>5</sup> São considerados Amigos da FCG-MHK pessoas físicas que colaboram voluntariamente com a ONG.



A nossa experiência como hóspede em cinco das oito pousadas da sede demonstrou que isso é uma possibilidade dado que as pessoas são extremamente distintas umas das outras.

O foco da nossa coleta era o conteúdo das trocas entre os residentes-anfitriões e os turistas-hóspedes e tinha como esteio teórico as proposições de Costa (2009) sobre turismo cultural e interesse do turista dessa modalidade de turismo.

As opiniões de visitantes e turistas extraídas dos vídeos da TV Casa Grande foram transcritas. Escolhemos expor as que apresentavam conteúdo afim aos objetivos definidos para a pesquisa.

Quanto às entrevistas conjugamos paráfrases dos informantes com as falas na íntegra destacadas entre aspas.

#### *2.5.5 Procedimentos para maximizar a confiabilidade*

Trata-se aqui de ocupar-se de critérios próprios da pesquisa qualitativas que possam assegurar a confiabilidade no caminho percorrido para se chegar aos resultados e nas escolhas de instrumentos e técnicas.

##### *2.5.5.1 Critérios relativos à credibilidade*

Optamos pela triangulação de fontes. Lemos os trabalhos acadêmicos que tomaram a FCG-MHK como objeto de pesquisa, conforme consta em referências e articulamos com a observação participante e análise de documentos.

##### *2.5.5.2 Critérios relativos à transferibilidade*

Aqui vale ressaltar que a lógica da pesquisa qualitativa não é a da generalização dos resultados. Tratamos de uma pesquisa com formato de estudo de caso em que os sujeitos foram escolhidos de forma proposital, em função das características sobre as questões inerentes à pesquisa.

##### *2.5.5.3 Critérios relativos à consistência e confirmabilidade*

Mantivemos as cópias dos dados primários e o arquivo de registro das memórias da pesquisa sempre à disposição para dirimir dúvidas. Até a realização do exame geral de qualificação apresentamos aos fundadores da FCG-MHK a redação preliminar da tese.

As sínteses das entrevistas cujos roteiros se encontram nos apêndices A, B e C no corpo do texto foram devidamente revisadas pelos entrevistados que remeteram autorizações para publicação, conforme anexos, G,H e I.

### 3 UM PANORAMA DO CARIRI, REGIÃO SUL DO CEARÁ

“...Só deixo o meu Cariri no último Pau de Arara...”

Marcos Cavalcanti de Albuquerque (Venâncio);  
Manoel José do Espírito Santo (Corumba) e José Palmeira Guimarães

Esse capítulo foi desenhado após considerarmos os seguintes aspectos: primeiro. A imperiosidade de situarmos Nova Olinda no contexto regional. O município de Nova Olinda está inserido no Cariri, quer se trate da Bacia Sedimentar do Araripe, como em Herzog (2008, p.20 e p.58), Bacia Cultural do Cariri como em Lustosa (2010) ou Chapada do Araripe como em Silva Neto (2013, p.36) ou.

Situação análoga acontece quando se parte de distintos critérios de regionalização: Macrorregião, Mesorregião e Microrregião Político-Administrativa do Governo do Estado do Ceará, IPECE (2011; 2012); Região Metropolitana do Cariri, em Queiroz (2014, p.93); *Geopark* Araripe, em Beserra (2011) ou Região Turística do Cariri, Brasil (2016).

O segundo aspecto sobre o qual se ponderou foi - A FCG-MHK trabalha para a salvaguarda da memória dos ocupantes mais antigos da região, da herança e do patrimônio cultural caracterizador, identificador da região.

Por fim, o conjunto de edificações da FCG-MHK na sede de Nova Olinda foi definido pelo IPHAN como a “Casa do Patrimônio da Chapada do Araripe”.

O texto está organizado em quatro subseções. A primeira associa uma lenda à descrição dos processos geomorfológicos descritos a partir de evidências científicas. A segunda reúne relatos de geógrafos, antropólogos e historiadores sobre os habitantes mais antigos da região. A terceira subseção é dedicada ao processo de configuração geopolítico da região. A última trata de duas realidades contemporâneas: a Região Metropolitana do Cariri, a segunda do Ceará e do Geopark Araripe.

#### 3.1 Uma lenda e algumas evidências científicas de relevada importância para o mundo

Cariri é uma daquelas palavras que remetem à emoções, sensações e sentimentos, à ideia de lugar e região na perspectiva da Nova Geografia Cultural, conforme aclaramos no capítulo anterior. Um exemplo é o apreço à região que se identifica na letra da canção “O Último Pau de Arara”, clássico da Música Popular Brasileira imortalizado na voz do intérprete, Luís Gonzaga, natural de Exú (PE).

Quando se fala no Cariri sem especificações se está fazendo alusão a uma região cultural que reúne municípios de quatro estados do Nordeste: Ceará, Pernambuco, Paraíba e Piauí. Os contornos da região se alteram conforme o critério de regionalização utilizado. A importância das especificidades da região para o Brasil e o restante do mundo é parcialmente compreendida quando se lê a descrição feita por Herzog (2008, p.9):

A região do Cariri, encontra-se inserida no complexo sedimentar do Araripe. Há milhões de anos, o complexo do Araripe participa de forma singular dos processos relacionados a evolução da Terra e da vida. No período Cretáceo, há aproximadamente 100 milhões de anos, o complexo do Araripe testemunhou a ruptura do continente ancestral *Gondwana*, dando origem aos continentes Americano e Africano e ao Oceano Atlântico Sul. O Complexo do Araripe guarda as “cicatrices” desse megaevento, além de registros fossilizados da vida pretérita. Os fósseis preservados nas jazidas pertencentes a bacia sedimentar do Araripe são particularmente notáveis por sua abundância, diversidade e excepcional estado de conservação, sendo imprescindíveis a melhor compreensão da evolução das diferentes formas de vida em nosso planeta.

Em Menezes (1995, p.97), encontramos uma descrição do Cariri feita pelo Pe. Antônio Vieira em que a região é comparada “a coisa parecida do céu! ...um dos mais formosos painéis que porventura pintou a natureza, em outra parte do mundo, variando de montes, rochedos e picos, bosques e campinas dilatadíssimas.”

Antes da chegada do colonizador, os habitantes do Cariri, como todos os outros povos nas mais diferentes porções do planeta criaram explicações sobre o mundo. Não obstante todas as investidas no sentido de apagar qualquer vestígio das crenças e de todo o modo de organizar o pensamento e a vida do Homem *Kariri*, histórias e lendas foram repassadas de geração em geração até os dias atuais.

Siqueira (1978 apud ACIOLI, 2002, p.2) registrou a lenda do reino mágico de *Itaperabussu* que tinha em seu centro a lagoa encantada – *Vapabussu* - e castelos construídos com pedras preciosas nos arredores. “Um lugar de muitas riquezas onde

a natureza provia de tudo em abundância”. Esse era o lugar de origem da nação Kariri.

“A lenda”, primeiro espetáculo musical produzido pela FCG-MHK foi inspirado na história oral registrada por Acioli (2002, p.4):

O reino de *Itaperabussu* encantou-se. Castelos, pontes, animais, transformaram-se em pedra. Permanecem nos mesmos lugares e continuam como um registro de um tempo feliz para a Nação Kariri. O reinado se encantou, deixando seu retrato nas pedras.

Mesmo encantado, *Itaperabussu* ainda guarda, entre seus mistérios, um portal escondido no meio do mato, por onde é possível, ainda nos dias de hoje, transportar-se para o reino mágico dos índios *Kariri*.

O fim do encantamento do reinado dos Kariris acontecerá quando *Maara*, a Mãe D’água, se levantar de sua cama e subir nascente acima. Rolarão as três pedras que formam a Pedra da Batateira.

A água de *Vapabussu*, a Lagoa Encantada, voltará com toda força para inundar a região do Cariri. O sertão vai virar mar. Depois da enxurrada, as águas se acalmarão, e de dentro da Lagoa Encantada começarão a emergir os índios da Nação Kariri, para viver de novo em *Itaperabussu*, o reino que sempre lhes pertenceu.

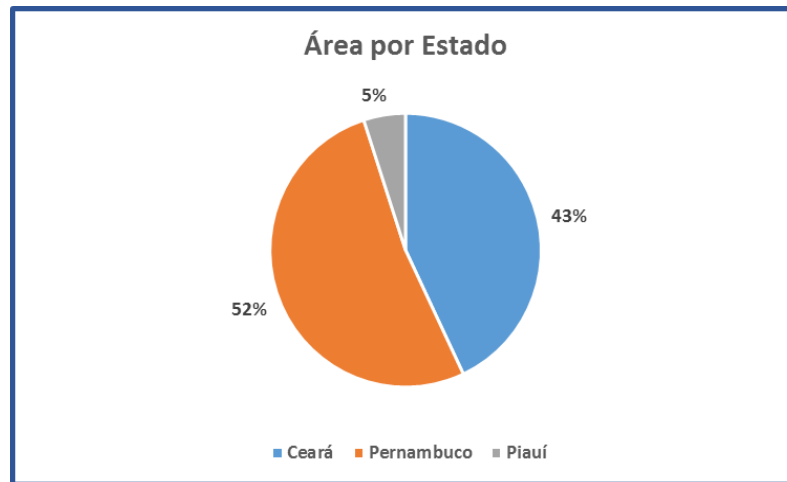
Derivadas do processo geomorfológico descrito por Herzog (2008), a Chapada do Araripe e a Floresta Nacional do Araripe (FLONA) dispõem de grande diversidade de atrativos turísticos.

De acordo com Silva Neto (2013), Nova Olinda está entre os onze municípios do Ceará inseridos na Chapada do Araripe. Os outros dez são: Abaiara, Araripe, Barbalha, Brejo Santo, Crato, Jardim, Missão Velha, Porteiras, Salitre e Santana do Cariri. A Chapada do Araripe no Cariri é considerado um oásis em meio ao Semiárido Nordestino<sup>6</sup> e se espraia por três unidades da federação com áreas distribuídas de acordo com o gráfico 1.

---

<sup>6</sup> A Portaria Interministerial nº 1, de 09 de março de 2005 atualizou os critérios de delimitação da região Semiárida do Nordeste Brasileiro. A Portaria nº 89 do Ministério da Integração Nacional atualizou a relação dos municípios pertencentes à região Semiárida do Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste - FNE. Conforme tais dispositivos legais, 150 dos 184 municípios do Ceará estão incluídos no Semiárido, ou seja, 81,92% (SUDENE, 2016).

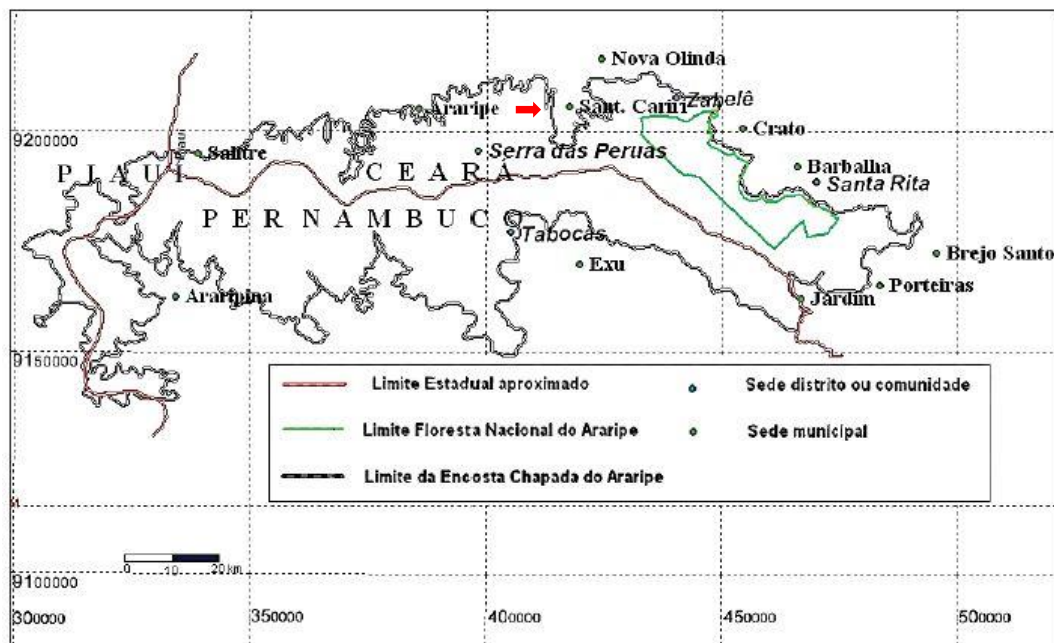
**Gráfico 1 -Distribuição da área da Chapada do Araripe por Unidade da Federação.**



Fonte: Silva Neto (2103, p.55).

A FLONA é composta por grande variedade vegetal e biodiversidade. Trata-se de Mata Atlântica que se estende por uma área de 39.262.326 hectares. Criada pelo Decreto nº 9.226 de 02/05/1946 é uma unidade de uso sustentável<sup>7</sup>. A FLONA está presente nos municípios de Santana do Cariri, Crato, Barbalha e Jardim, todos inseridos no Cariri.

**Mapa 2 - FLONA na Chapada do Araripe.**



Fonte: Silva Neto (2103, p.55).

<sup>7</sup> “Constitui a primeira Unidade de Conservação de sua categoria estabelecida no Brasil, cujo objetivo é conservar os recursos florestais para manter as nascentes d’água que irrigam os vales; à época só haviam os Parques Nacionais de Itatiaia (1937), Iguazu e Serra dos Órgãos, ambos de 1939 e a Reserva Biológica de Sooretama, instituída em 1943” (IBAMA, 2006, p.3).

Conjecturamos que o aquífero da Bacia Sedimentar do Araripe, os brejos de cimeira da Chapada, o vale do Cariri contribuíram para atrair a presença humana na região desde tempos remotos, tal qual a arqueologia e a história revelaram sobre as civilizações mais antigas do planeta. Foi precisamente para os habitantes mais antigos do Cariri dos quais se tem registro que dedicamos a próxima subseção.

### **3.2 Notas sobre os ocupantes do Cariri antes da chegada do colonizador**

Há muito ainda a ser investigado até que se possa fornecer dados mais precisos sobre os habitantes mais antigos do Cariri. Na estimativa do antropólogo Tomaz Pompeu Sobrinho (1964 apud FIGUEREDO FILHO, 2010), o agrupamento humano mais antigo deve ter se estabelecido ao sul do Ceará, entre os séculos IX e X século d.C. De acordo com o autor referido, o intervalo temporal entre os séculos IV e V d.C é o mais provável.

Cidrão (2010, p.16) corrobora e acrescenta: os registros mais antigos da ocupação do sul do Ceará apontam aproximadamente para os séculos “IX e X d.C vindos do vale do São Francisco, onde chegaram entre IV e V d.C. vindos da Amazônia”.

Alguns registros do homem pré-histórico são indecifráveis até o momento,

[...] outros reconhecíveis, como figuras humanas e as mãos, tal qual carimbos impressos em rochas dos leitos dos rios. São assim as gravuras pintadas de grandes pássaros em perspectiva, presentes nos altos paredões de onde jorram as fontes da Chapada do Araripe. Estes signos demarcam a territorialidade e do povo Kariri no Caminho das Águas. (FCG-MHK, 2016).

Pinturas rupestres bem preservadas como as da Pedra do Letreiro no município de Mauriti, Santa Fé, no Crato e outras nos municípios de Nova Olinda e em Santana do Cariri identificadas por arqueólogos demonstram a presença humana no Cariri em período pré-histórico (HERZOG, 2008).

Dois relatos sobre a grande área do Nordeste ocupada pelas diferentes etnias Kariri se complementam. O primeiro se refere às áreas secas de domínio da caatinga, enquanto o segundo aponta para os vales e brejos de cimeira de altiplanos, como, por

exemplo, a Chapada do Araripe. O primeiro relato é de Alves (1949 apud AB'SÁBER, 2003, p.96).

Trata-se de texto sobre as secas dos séculos XVII e XIX. Está registrado:

**[...] as áreas secas do interior do Nordeste, de Pernambuco ao Ceará, constituíam o domínio dos índios, até a primeira metade do século XVII;** a ocupação dos portugueses foi lenta, seguindo-lhe a implantação e o desenvolvimento da pecuária, única atividade que era possível instalar na região das caatingas. [...] o colono português desconhecia as consequências da seca; não penetrava o interior, limitando-se a viagens para visita às suas propriedades nessa primeira metade do século XVIII, razão por que atribuía a miséria – criada pela falta de inverno – a fuga dos escravos índios, que procuravam as Aldeias ou Missões, onde encontravam defesa e eram considerados libertos; os escravos africanos não gozavam das mesmas prerrogativas dos índios, que a lei portuguesa e o direito de asilo da Igreja protegiam. (ALVES, 1949, apud AB'SÁBER, 2003, p.96 grifo nosso).

O segundo relato é de Figueiredo Filho (2010, p.6) segundo o qual: os Cariris ocupavam os melhores sítios do que viria a ser o Nordeste, “os mais férteis, as serras frescas, o vale do Rio São Francisco, as cabeceiras de alguns rios bahianos, da drenagem atlântica ao Norte do Rio das Contas [...]”.

Em obra síntese que trata da arqueologia e dos índios do Ceará, Studart Filho (1962; 1963 apud ALEGRE; MARIZ; DANTAS, 1994) identificou a existência de seis etnias que ocupavam o sul do Ceará antes da chegada dos colonizadores: Tupi, Tremembé, Tarairu, Cariri, Gê, e um último grupo composto de subgrupos de filiação linguística duvidosa.

Em painel do Memorial do Homem Kariri se aprende o seguinte sobre a ocupação humana de algumas áreas do Nordeste, antes da chegada do colonizador. Os Kariri velhos ocupavam a parte oriental da Chapada da Borborema. Os Kariri-de-fora habitavam as terras do centro da Bahia ao oeste de Pernambuco, e os Kariri-novos, o entorno da Chapada do Araripe, vales e afluentes. As seguintes etnias formavam o grupo identificado como Kariri-novos:

Os Kariú - Habitantes do sopé da Chapada do Araripe, nas nascentes dos Rios Batateiras, Cariús e Bastiões.

Os Kará – Habitantes às margens do Rio Carás e sopé da Serra de São Pedro.

Os Kalabaça – Habitantes à margem esquerda do Rio Salgado.

Os Icozinhos – Habitantes às margens dos Rios Salgado, Jaguaribe e Peixe.

Os Kixéreu - Habitantes habitantes às margens do Rio Cariús, próximo a atual cidade de Farias Brito;

Os Inhamum – Habitantes do Sertão dos Ibhámuns;

Os Jucá – Habitantes vizinhos dos Inhamum;



Os Moritizi – Habitantes da fronteira do Estado da Paraíba, próximo a atual cidade de Mauriti;  
 Os Umã – Habitantes do sopé da Chapada do Araripe, próximo à atual cidade de Jardim;  
 Os Xocó – Habitantes vizinhos dos Umã;  
 Os Ixú – Habitantes do sopé da Chapada do Araripe Pernambucana.

O Ceará foi ocupado pela pecuária extensiva a partir de duas rotas distintas: uma pela costa litorânea, saindo de Pernambuco em direção ao Maranhão e ao Pará, e a outra pelo interior, vinda da Bahia e Pernambuco, compreendendo a área que vai do médio São Francisco até o rio Parnaíba, nos limites do Piauí e do Maranhão.

Segundo Alegre, Mariz e Dantas (1994, p.15):

Atuando como pólo de confluência das frentes de expansão desta vasta região, o Ceará fez parte do Estado do Maranhão e Grão Pará de 1621 a 1656, passando depois à jurisdição de Pernambuco, como capitania subalterna até 1799, quando se tornou capitania independente.

Aragão (1987) e Farias (2012, p.30) destacaram o envolvimento dos Cariris em dois momentos históricos: o primeiro, a guerra que ficou conhecida como “Guerra dos Bárbaros” ou “Confederação dos Cariris” que durou mais de 30 anos, entre o final do Século XVII e segunda metade do século XVIII; o segundo, a tentativa de exploração das chamadas “Minas de São José dos Cariris Novos”, entre 1654 e 1660. Localizamos o seguinte sobre as “tais” minas:

Os povoadores buscavam jazidas de metais preciosos (ouro e prata), mas não as encontrando dedicavam-se à agricultura. As primeiras sesmarias datam do início do século XVIII, embora alguns estudiosos se reportem à existência de colonos baianos no Ceará antes desse período, dando origem às vilas de Crato e Jardim. (LIMA, 2008, p.17).

Durante a disputa entre holandeses e portugueses pelas terras do Nordeste, ocupada por grande variedade de grupos étnicos, os Cariris se aliaram aos flamengos. O posicionamento dos nativos serviu de argumento para que as autoridades lusas incluíssem os Cariris, ocupantes ao sul do Ceará e sertão de Pernambuco, na lista das tribos que deveriam ser exterminadas ou expulsas do Ceará.

Menezes (1995, p.62) se referiu à mencionada decisão da Coroa portuguesa como “o grande concurso de sangue na etnogênese das caatingas”.

Pinheiro (2000, p.28) além de discorrer sobre essa medida indicou os três mecanismos de “limpeza da terra” utilizados pela Coroa Portuguesa para ocupar o Nordeste:

- (a) o extermínio, utilizando-se dentre outros meios a guerra “justa”, disseminação de doenças;
- (b) a criação de aldeias indígenas pelos missionários, para as quais o governo de Portugal doava uma légua[...];
- (c) finalmente a possibilidade de serem expulsos para outras regiões ainda não ocupadas pelos “colonizadores”.

A descrição da distribuição espacial dos agrupamentos humanos encontrados no nordeste pelo colonizador dá uma ideia da extensão da carnificina:

De maneira geral, sabe-se que os tapuiais (na sua grande maioria do grupo cariri), habitavam o interior e praias do Norte; e da ribeira do Jaguaribe para o Sul, viviam os aborígenes da grande família tupi. Resenhemo-los rapidamente. **No alto-sertão-caririense, habitavam os caruaçus e os calabças, pelas margens do Rio Salgado; os carius pelos Rios Cariús<sup>8</sup> e Bastiões; os jenipapos (que em 1724, juntos aos carius, sob a direção dos Feitosas, assolaram as propriedades dos Montes); - nas faldas do Araripe; os cariris, carirés ou Kiriris; os icós na nação cariri, rechaçados da Paraíba, onde depredavam os centros colonizadores e que foram outrora doutrinados por Malagrida, queimado pela Inquisição portuguesa; os jucás errando pelas paragens de Inhamuns, aldeados em 1727 nas margens do Jaguaribe, onde surgiu mais tarde a cidade de Arneirós; os quixelós e camandandus de cujo aldeamento se originou, posteriormente, a povoação de Telha, os paiacus ou baiacus, povoando as zonas entre Açú, Baixo-Jaguaribe e Serra do Apodi; os jaguaribaras que eram paiacus, situados entre o rio Jaguaribe, a Serra de Baturité e o rio Mundaú tendo apoiado os portugueses no combate contra a sublevação dos seus parentes paiacus; quixadás ou quixarás nas margens do Sitiá; os guanaçus e guanassegaçus e guanassés-mirins inimigos acérrimos, observados por *Matias Beck*, bem como os jaguaraúnas e jaguarisguaris, espalhados pelas margens do Curu e Acaraú; os tremembés, que se alongavam além do Mundaú até o Parnaíba; os tocarijus que mataram o Padre Francisco Pinto, que foi vingado depois pelos tabajaras; os potiguares do Ceará, que auxiliaram as **lutas contra os tapuais cariris, na penetração feita pelo Sul**; xiris e xocós, pervagando entre Ceará e Paraíba; os minaús, pela Serra de Piancó, contando em 1643, apenas algumas centenas, bravios e belicosos; e ainda quixariús, xorós, javós, uriús, canindés etc. (MENEZES, 1995, p.44-45, grifo nosso).**

O simples enunciado evidencia a densidade e diversidade da população indígena antes da presença do “forasteiro”, expressão usual no Cariri. O autor citado corrobora, portanto, com o que Miller Jr. (2009) afirmou sobre a riqueza étnica nas Américas antes da invasão europeia, conforme comentamos no capítulo anterior.

---

<sup>8</sup> Nova Olinda situa-se às margens do Rio *Cariús*.

Abreu (1999) ressaltou a resistência dos diferentes grupos étnicos ao invasor tomando como base em apontamentos etnográficos do Pe. Luís Figueira<sup>9</sup> no documento mais antigo existente sobre a história do Ceará, ressuscitado pelo Barão de Studart. Segundo o autor:

O Ceará estava ocupado por Tupinambás ou Petiguares, ao Sul, chegados recentemente do Rio Grande do Norte, e por Tupiniquins ou Tabajaras, espalhados pela Ibiapaba, e residentes aí desde muitos anos, **senão séculos**, pois constituíam setenta aldeias.

Eram numerosos **os Tapuias, geralmente Cariris**, primeiros habitantes do litoral, já então **recalcados para o interior**, exceto ao Norte, onde os Tremembés, também **do tronco Cariri, dominavam** as praias do Camocim **até a Paraíba**. (ABREU, 1999, p. 276-278, grifo nosso).

Os rios foram os caminhos dos primeiros exploradores (BEZERRA, 2001). Em investigação que trata do massacre dos Cariris tendo em vista a ocupação do Ceará pela pecuária, o autor escreveu:

Nesse contexto, “as autoridades colonialistas apontavam numa mesma direção de que a ocupação para pecuária se faria somente com a “desinfestação” dos índios “bárbaros”, cujas hostilidades eram impedimentos concretos da efetiva economia nascente” (MAIA, 2009, p. 63, grifo do autor).

De acordo com Menezes (1995), os colonizadores procederam do Rio Jaguaribe, cujo vale foram dominando gradualmente, de lá passando ao vale do Cariri, sempre ou quase sempre demarcando as sesmarias em terras ribeirinhas. A concessão das sesmarias é um marco da ocupação das terras pelo invasor e o início da configuração político-administrativa da região, assunto tratado a seguir.

### 3.3 Aspectos da configuração político-administrativa da região

Retiramos de Alegre, Mariz e Dantas (1994, p.64) o seguinte sobre uma concessão de sesmaria: “**Lagoa dos Cariris**” [12/01/1703]. Data e sesmaria do capitão Manuel Carneiro da Cunha e o Capitão Manoel Rodrigues Ariosa, nas cabeceiras do Rio Salgado, **onde habita uma nação de índios por nome Cariris.**” (grifo nosso).

<sup>9</sup> Juntamente com Pe. Francisco Pinto foi mandado ao Maranhão em 1607 pelo território cearense. A viagem foi composta por cinco trechos: “[...] de Pernambuco ao Jaguaribe, viagem em navio; de Jaguaribe ao Parâzinho, viagem à beira-mar; de Parâzinho por Uruburetama a Ibiapaba e desta à beira-mar, viagem pelo sertão; outra vez viagem por beira mar, até vir do Rio Grande do Norte o navio que transportou Pe. Luís Figueira até à civilização” (ABREU, 1999, p.277).

Aragão (1987, p.86) afirmou que o Cariri foi o último reduto de ocupação colonial no Ceará. “A ocupação ao longo do *Riacho dos Porcos* (Brejo Santo) e pouco depois nos verdes brejos dos *Cariris Novos*.<sup>10</sup> (Missão Velha), nos contrafortes na Serra do Araripe ocorreu somente no início do século XVIII.” (grifo do autor).

Ab’Sáber (2003, p.96) se reportou aos Cariris Velhos ao escrever sobre a seca de 1583. Nas palavras dele: “[...] grupos indígenas da região dos Cariris Velhos, dos agrestes e dos sertões interiores viram-se obrigados a descer para a costa, solicitando socorro aos colonizadores”. É também do autor citado a alusão aos animais presentes em muitas manifestações da cultura popular do Cariri, tais como: a vaquejada e o auto do boi. Segundo o autor:

Desde o início da colonização, o sistema de transporte implantado nos sertões do Nordeste pressupôs o uso de montarias. O cavalo facilitava os deslocamentos de pessoas e mercadorias pelo leito seco dos rios, pelas veredas situadas à margem de pequenas e estreitas matas ciliares ou pelos primeiros caminhos rasgados nos dorsos das colinas sertanejas.

Com o aumento da população e a descoberta da vocação agrária dos “brejos” e “abrejados” os excedentes da produção local passaram a ser transportados por carros de boi, em sofridos deslocamentos, para abastecer feiras e armazéns. Aos poucos, um pouco por toda a parte. O boi entrou nas práticas de animais de serviço. Em muitos sertões, entretanto, recentemente, o carro de boi foi trocado pelo uso generalizado dos jegues<sup>11</sup> – um burrico pequenino e resistente, que se adaptou perfeitamente aos mais diversos serviços em todos os sertões secos. Na verdade, o jegue revolucionou e democratizou o sistema de transporte de mercadorias oriundas dos brejos e das roças. (AB’SÁBER, 2003, p. 96-97).

Para Lima (2008, p.85):

Aldeamentos e fazendas de gado deram origens a povoados, vilas e depois, a cidades. Crato e Missão Velha são exemplos de cidades do Cariri que se constituíram a partir de núcleos populacionais concentrados ao redor de capelas se tornando depósitos, centros de trocas comerciais.

<sup>10</sup> Trata-se da “Missão de José da Cachoeira”. Aragão (1987 p.53) esclarece: “No final da primeira metade do século XVIII, quando supostamente se admitiu a existência de ouro na região, houve como novidade a transformação original para “São José dos Cariris”. No ano de 1754, numa associação dos referenciais mineralógicos ao designativo missionário, surgiu “Missão Velha”, dando-se àquela o designativo de Missão Nova. A questão analisada sobre o prisma das contradições poderá deixar dúvidas, porém racionalmente equacionada. “Missão da Cachoeira”, Missão de São José dos Cariris” ou “Missão de São José da Missão Velha dos Cariris.”

<sup>11</sup> O vocábulo utilizado no Nordeste é jumento.

Sobre a pecuária como atividade regente da ocupação do Cariri nos detivemos no próximo capítulo ao tratar da gênese de Nova Olinda, ligada ao ciclo do gado ou ciclo do couro.

Em Farias (2012, p. 59) encontramos uma lista das cidades do Cariri que se formaram a partir de aldeamentos: “Missão Velha, Missão Nova (hoje, São José dos Cariris), Salamanca (atual Barbalha), Miranda (Crato). [...]” - a designação Cariri dada à área sul-cearense recorda a existência desse povo nativo do passado.

Pinheiro (2000, p.52) chamou a atenção para as transformações culturais observadas em grupos indígenas acomodados em aldeias:

Os aldeamentos se estabeleceram, na capitania do Ceará, por volta de 1695, final do século XVII [...]. No entanto, o que se constata, no início do século XVIII, é que diversos grupos indígenas já haviam incorporado valores e representações da cultura dos colonizadores.

Dentre as muitas transformações culturais, o autor citado destacou a eliminação da função do pajé, representante da memória dos grupos indígenas. No entendimento desse pesquisador, o agravamento do “conflito entre povos indígenas e os conquistadores do sertão do Nordeste” aconteceu quando as terras passaram a ser ocupadas pela pecuária.

Sob a liderança dos Frades Carlos de Maria Ferrari e Fidelis de Sismaringa uma capela dedicada à Nossa Senhora da Penha foi construída há dois quilômetros do lugar originalmente ocupado pelos índios Cariús, às margens do Riacho da Batateira. Ali se constituiu o aldeamento denominado Missão do Miranda, sede do município do Crato.

Alegre, Mariz e Dantas (1994) citam o Crato ao lado de Quixeramobim, Icó, Sobral e Granja como as vilas mais representativas da pecuária colonial.

Crato está no grupo das 14 vilas criadas até 1799, ano em que o Ceará conquistou autonomia político-administrativa de Pernambuco. A vila do Crato foi criada em 1763. Desde a condição de vila<sup>12</sup>, Crato assumiu função de destaque entre os aglomerados urbanos do que é o Cariri atual.

---

<sup>12</sup> As vilas criadas antes do Crato e Baturité foram: Aquiraz (1699), Fortaleza (1726), Icó (1735), Aracati (1747) Viçosa do Ceará, Caucaia e Parangaba (1759), Messejana (1760). As demais,

Em Lima (2008) há dois descritivos que dão uma ideia das funções desempenhadas pela Vila do Crato e ainda da estrutura político-administrativa no momento em que tais textos foram redigidos: o primeiro, data de 1814 e é de autoria de Barba Alado de Meneses<sup>13</sup> e o segundo corresponde ao intervalo entre 1811 e 1820, sendo Silva Paulet o autor. Segundo o autor:

Primeiro. As suas preciosas nascentes de águas a fazem muito procuradas dos povos nas ocasiões de seca, motivo porque vinha sendo muito povoada e comerciante. Tem um regimento de cavalaria miliciana composta de dez companhias, e outras tantas de ordenanças.

Segundo. [...] *é a mais produtiva por estar situada nas faldas da serra Grande, ali denominada Araripe [...]* 'Já indiquei o pouco consumo pelas distâncias. Tem muitas engenhocas de rapaduras pela encosta e pé de serra [...] há muito pouca hortaliça e árvores de fruto por desmazelo dos moradores. São contínuas as questões d'água, porque cada morador acha necessário para si uma nascente. Não tem casa de câmara; tem uma cadeia principiada (LIMA, 2008, p.52, grifo do autor).

É ainda do autor citado a lista das sete vilas do Ceará promovidas à cidade, entre 1823 e 1858, condição adquirida pelo Crato em 1843. As vilas elevadas antes do Crato foram: Fortaleza (1823); Sobral (1841); Icó e Aracati (1842). Depois do Crato: Quixeramobim (1856) e Baturité (1858). Na segunda metade do século XIX, Icó figurava entre os seis principais centros econômicos do Ceará<sup>14</sup> sendo um ponto vital na distribuição de mercadorias provenientes de Aracati para parte do Cariri.

No século XX, o Cariri assumiu posição de grande destaque no espaço cearense. O capital comercial acumulado durante o ciclo do algodão assumiu a forma de capital industrial nas usinas de beneficiamento de algodão ainda na metade dos anos de 1930 (LIMA, 2008).

Após identificar a quantidade de usinas na macrorregião Centro Sul/Cariri, o autor supracitado chegou aos seguintes dados: Região Metropolitana de Fortaleza (11); Sobral/Ibiapaba (6); Sertão dos Inhamuns (3); Sertão Central (14) e Centro Sul/Cariri (21), assim distribuídas: Acopiara (4); Cedro (3); Crato (3), Juazeiro do Norte (3); Lavras da Mangabeira (4), Missão Velha (4). Ao todo, o Ceará contava

---

Quixeramobim, Sobral, Granja e Guaraciaba do Norte foram criadas respectivamente em 1772, 1776 e 1791 (LIMA, 2008).

<sup>13</sup> Governou o Ceará entre 1808 e 1812. O início do seu mandato coincide justamente com a vinda da família real para o Brasil e a abertura dos portos às nações amigas. Foi, portanto, em sua gestão que o Ceará passou a comercializar com a Europa.

<sup>14</sup> Os outros 5 eram: Sobral, Fortaleza, Aracati, Camocim que ainda não era vila mas tinha porto natural e Acaraú que se transformou em Vila em 1851.

com 55 usinas sendo que 38,18% estavam localizadas na macrorregião Centro Sul/Cariri (LIMA, 2008).

Os maiores produtores de algodão em 1950 eram: Assaré, Barro, Brejo Santo, Campos Sales, Cariús, Iguatu, Icó, Ipaumirim, Juazeiro do Norte, Jucás, Missão Velha, Saboeiro, Santana do Cariri e Várzea Alegre. Observemos que o nome de Juazeiro do Norte aparece pela primeira vez em nosso texto. Esse município foi desmembrado do Crato em 1911 e se tornou a Meca de romeiros vindos de todas os cantos do Nordeste após a divulgação do “Milagre de Juazeiro” (LIMA, 2008).

No quadro 3 visualizamos a ordem cronológica de criação dos Municípios da Macrorregião Cariri Centro Sul.

**Quadro 2 - Ano de criação dos municípios da Macrorregião Cariri Centro Sul.**

Século/quantidade de municípios	MUNICÍPIO	Ano de criação
<b>XVIII</b> <b>02</b>	Orós	1735
	<b>Crato</b>	<b>1764</b>
<b>XIX</b> <b>20</b>	Jardim	1814
	Icó	1816
	Cedro	1823
	<b>Barbalha e Milagres</b>	1846
	Quixelô e Saboeiro	1851
	Missão Velha	1864
	Assaré	1865
	Várzea Alegre	1870
	Araripe	1875
	Caririaçu	1876
	Aurora, Umari	1883
	<b>Santana do Cariri</b>	<b>1885</b>
	Porteiras	1889
	Brejo Santo, Farias Brito e Mauriti	1890
	Campos Sales	1899
<b>XX</b> <b>20</b>	<b>Juazeiro do Norte</b>	<b>1911</b>
	Jucás	1920
	Acopiara	1921
	Barro, Catarina, Jati	1951
	Baixio	1953
	Cariús, Ipaumirim	1956
	Abaiara, Iguatu, Granjeiro, <b>Nova Olinda</b> , Potengi	<b>1957</b>
	Altaneira, Antonina do Norte e Penaforte	1958

(Continuação)

	Lavras da Mangabeira	1985
	Tarrafas	1987
	Salitre	1988

Fonte: Elaboração da autora a partir de IPECE (2011).

Ao tratar do que chamou de projeção sertaneja, Aragão (1987) se reportou ao Cariri como uma das regiões mais promissoras de todo o Nordeste.

### 3.4 O Cariri tem a segunda Região Metropolitana do Ceará e o primeiro Geopark da América Latina

É no Cariri que se situa a segunda Região Metropolitana do Ceará, formada pelos nove municípios destacados no Mapa 3 a seguir.

Mapa 3 -Região Metropolitana do Cariri (RMC).

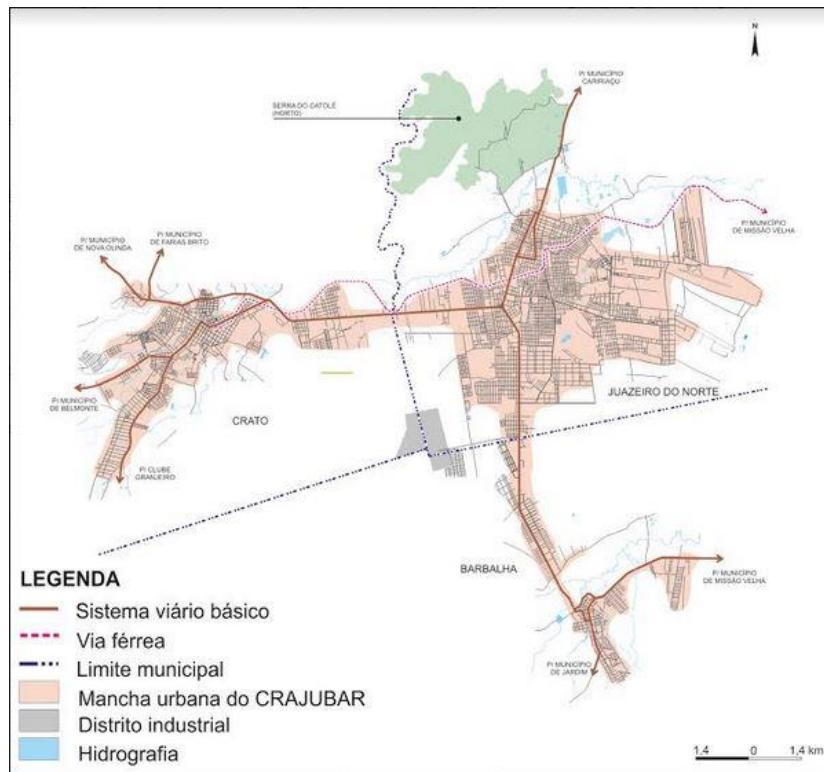


Fonte: Queiroz (2014).

A conturbação formada por Crato, Juazeiro e Barbalha é conhecida como CRAJUBAR.



#### Mapa 4 -Mancha Urbana CRAJUBAR



Fonte: Queiroz (2014).

As três cidades do triângulo conurbado possuem as maiores taxas de densidade populacional. Cada uma possui suas peculiaridades. Crato, município com tradição de capital cultural do Cariri não perdeu ainda esse título para Juazeiro do Norte, a atual capital comercial e também sede do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) e diversas faculdades particulares. No Crato estão os campus da Universidade Regional do Cariri (URCA) e da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Juazeiro do Norte é pólo comercial e industrial e continua a ser ícone da religiosidade popular em torno do Pe. Cícero Romão Batista.

Araújo (2011) rememora o fato que desencadeou o fenômeno Pe. Cícero. Foi a transformação da hóstia em sangue na boca da beata Maria de Araújo durante uma missa presidida pelo mencionado sacerdote, acontecimento que se deu em março de 1889 e que mudou definitivamente a feição de Juazeiro do Norte.

Há réplicas da estátua do Pe, Cícero em todos os espaços no Cariri, nos altares domésticos e nos estabelecimentos comerciais ou em espaços de memória como a que

se vê na Figura 2 a seguir, feita no Centro de Cultura Popular Mestre Noza no Centro de Juazeiro do Norte.

**Figura 2 – Fotografia de réplica da estátua do Padre Cícero**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Manoel Raimundo de Santana Neto, prefeito de Juazeiro do Norte por ocasião do centenário de emancipação do Juazeiro do Norte do Crato escreveu em Araújo (2011, p.23):

Juazeiro do Norte é uma cidade que tem no padre Cícero Romão Batista um marco na construção da religiosidade, da cultura do seu povo e nos acontecimentos políticos da região do Cariri. Graças à ação do Patriarca, ela é considerada um dos maiores centros de religiosidade popular da América Latina, atraindo milhões de romeiros todos os anos.

O Prof. da URCA e do IFCE José Carlos dos Santos<sup>15</sup> se refere ao Pe. Cícero como o pilar da identidade de constituição da cidade ancorado no binômio trabalho e fé. Ele enfatiza que a expansão urbana de Juazeiro se liga ao fato de que as pessoas desde a época do Pe. Cícero vinham a Juazeiro e decidiam fixar residência. Na

<sup>15</sup> Secretário de Turismo e Romarias de Juazeiro entre 2009 e 2012.

opinião dele a maior riqueza de Juazeiro é o patrimônio cultural imaterial chamado romaria (ARAÚJO, 2011).

Sobre a imbricação fé e economia Araújo (2011, p.29) explica:

Em Juazeiro do Norte, o espaço sagrado e o espaço econômico encontram-se vinculados, interligados, indissociáveis, moldando múltiplas determinações na esfera pública e na vida privada.

Na cidade do Padre Cícero, a concretude do espaço econômico se ancora na imaterialidade da fé, vindo a se constituir e consolidar importante dimensão do capital simbólico, sobretudo no circuito da produção e comercialização de bens simbólicos.

[...]

Objetivando a superação dos problemas, o Padre Cícero aconselhava os indivíduos a orar e trabalhar, moldando-lhes práticas devocionais e econômicas.

Conforme exposto até aqui podemos afirmar que a religiosidade seja uma força de dinamização e ordenação do espaço geográfico da região. Manifestações do catolicismo praticado no Cariri e possíveis de serem vistas nos espaços públicos de Juazeiro do Norte, durante as romarias têm

como base religiosa reapropriações de discursos, práticas, símbolos e mitos reinventados coletivamente e que o simbólico nestas comunidades é representativo (além do transcendente) de suas vivências cotidianas. Tal concepção leva ao entendimento que o simbólico, através dos ritos, signos e outras expressões do sagrado, constituem expressão da identidade e reforçam laços de pertencimento dos grupos, daí decorre ser a ritualização um importante fator de coesão grupal. (CARVALHO, 2011, p.35).

A religiosidade popular está presente em toda a região, porém, Juazeiro do Norte mantém o título de capital da fé no Cariri. Feitas essas considerações sobre um aspecto tão identificador de Juazeiro do Norte passaremos agora às peculiaridades da terceira cidade do triângulo conurbado, Barbalha.

Barbalha se destaca pelo casario que denota um passado de fausto dos proprietários de engenhos. Belos exemplares da arquitetura dos séculos XVIII e XIX atraem residentes que se mudaram para o Cariri para trabalhar no curso de Medicina da UFC com sede nesse município.

**Figura 3 - Fotografia de exemplar da arquitetura residencial do centro de Barbalha**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

O município tem dois grandes atrativos turísticos utilizados para contemplação, descanso e lazer: a Estância Hidromineral Caldas e uma reserva particular, o Arajara Park. Na Figura 6 a seguir vemos a Igreja de Santo Antônio, palco de uma das maiores manifestações da cultura imaterial do Ceará, a Festa do Pau da Bandeira.

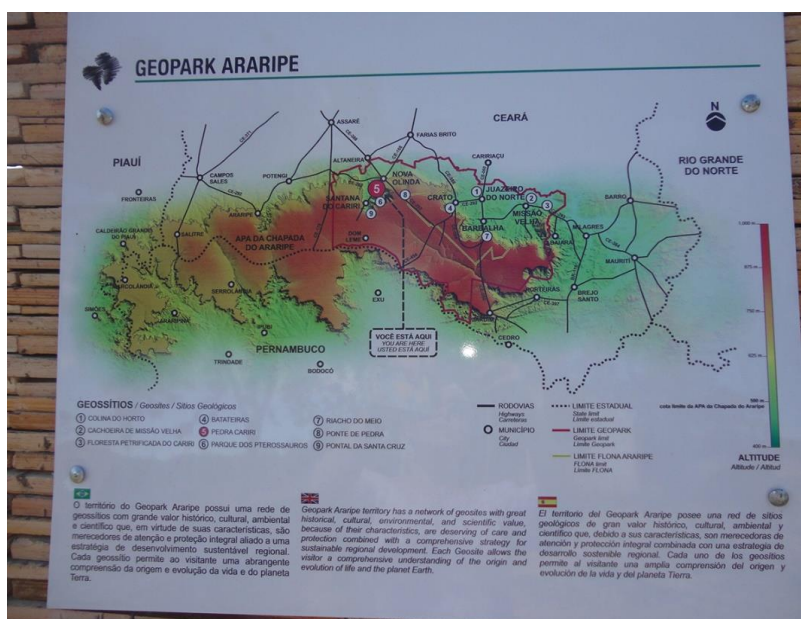
**Figura 4 - Fotografia da frente da Igreja de Santo Antônio de Barbalha.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Além de se tornar o segundo subespaço do Estado a constituir uma Região Metropolitana foi no Cariri que a UNESCO chancelou o primeiro Geopark da América Latina. A existência de um Geopark “*per se*” traduz a importância e a riqueza do patrimônio cultural da região, potencial para o desenvolvimento de diferentes práticas turísticas para nacionais e estrangeiros. Trata-se de uma caso de associação turismo e patrimônio cultural (BERTONCELLO, 2010).

**Figura 5 – Fotografia de painel fixo em totem do Geopark Araripe com a localização dos Geossítios.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

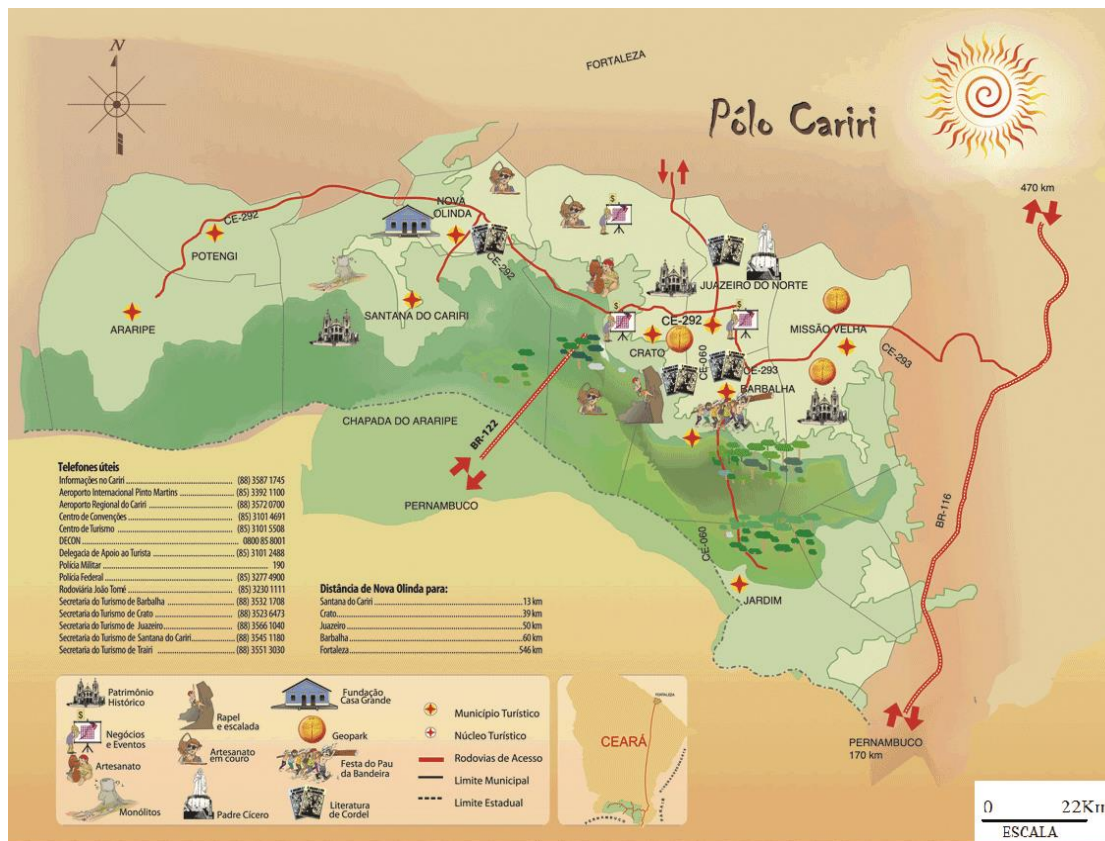
Em Beserra (2011) encontramos um breve relato sobre o processo de instalação do Geopark Araripe em que ele informa que o documento que serviu de base para tanto foi resultado de um convênio de cooperação técnica entre a Universidade de Hamburgo, e a Universidade Regional do Cariri (URCA). Após o projeto receber validação da Secretaria de Ciência Tecnologia e Educação Superior (SECITECE) foi encaminhado para a UNESCO que o aprovou em sua 2ª Conferência de Geoparks, em Belfast, na Irlanda.

Dos nove geossítios do Geopark Araripe, dois estão localizados em Nova Olinda, dois em Santana do Cariri, dois em Missão Velha, um em Juazeiro do Norte, um no Crato e um em Barbalha. No mapa a seguir podemos identificar as localizações dos municípios dos nove geossítios, além de outros contemplados nas



rotas turísticas divulgadas pela Secretaria de Turismo do Governo do Estado do Ceará (SETUR).

**Mapa 5 - Rotas rodoviárias de acesso às cidades turísticas do Cariri.**



Fonte: Falcão (2013, p.167).

Informamos na sequência as localizações dos nove geossítios do Geopark e respectivas denominações com base em Beserra (2011, p. 58-60):

- Juazeiro do Norte: abriga o Geossítio Colina do Horto, local da zona urbana nas imediações da estátua de 27m do Padre Cícero.

- Missão Velha: tem dois geossítios. O primeiro é denominado Geossítio Cachoeira de Missão Velha por ter como principal característica quedas d'água com altura média de 370m por um extensão de 2km. Fica na zona rural, distante cerca de 4km da sede, às margens do Rio Salgado. O segundo tem o nome de Geossítio Floresta Petrificada do Cariri. Está à 6km da sede do município à margem esquerda da rodovia CE-293.

- Nova Olinda: um dos geossítios fica à margem da CE – 292 que liga Crato à Nova Olinda. É o Geossítio Ponte de Pedra. O outro dista 03 km da sede de Nova

Olinda, à margem esquerda da rodovia que liga Nova Olinda à Santana do Cariri. O Geossítio Pedra Cariri é parte da Mina Pedra Branca. Fotografias de ambos foram apresentadas no último capítulo.

- Crato: fica no Bairro Lameiro entre a Fonte da Batateira e o Parque Estadual do Sítio Fundão. Em seguida visualizamos um painel exposto no MHK que retrata a lenda que se refere ao grande aquífero da Chapada do Araripe.

**Figura 6 – Fotografia de painel elaborado por criança da FCG-MHK sobre a lenda da Pedra da Batateira.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

- Santana do Cariri: o Geossítio Parque dos Pterossauros localiza-se a 2,5 km da sede e está anexado ao Museu de Paleontologia.

O acervo do Museu de Paleontologia da URCA dispõe dos seguintes grupos fósseis: troncos silicificados, impressões de samambaias, coníferas e plantas com flores, foraminíferos, moluscos, artrópodos (ostracódios, aranhas, escorpiões e insetos); peixes (tubarões, arraias, diversos peixes ósseos e celacantinos), anfíbios e répteis (tartarugas, lagartos, crocodilianos e pterossauros). São peças que registram milhões de anos de valiosas informações sobre a formação da Terra e a evolução do nosso Planeta.

**Figura 7 - Fotografia de réplica de um dinossauro no Museu de Paleontologia de Santana do Cariri.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

O segundo geossítio do município de Santana do Cariri é o Geossítio Pontal de Santa Cruz, situado a uma altitude de 800m acima do nível do mar. Assentado em uma escarpa proeminente de 38m de Arenitos da Chapada do Araripe, próxima à localidade de Canção é um local procurado por residentes e turistas para contemplar a paisagem e ver o pôr do sol.

**Figura 8 - Fotografia de vista de Santana do Cariri do Pontal de Santa Cruz.**

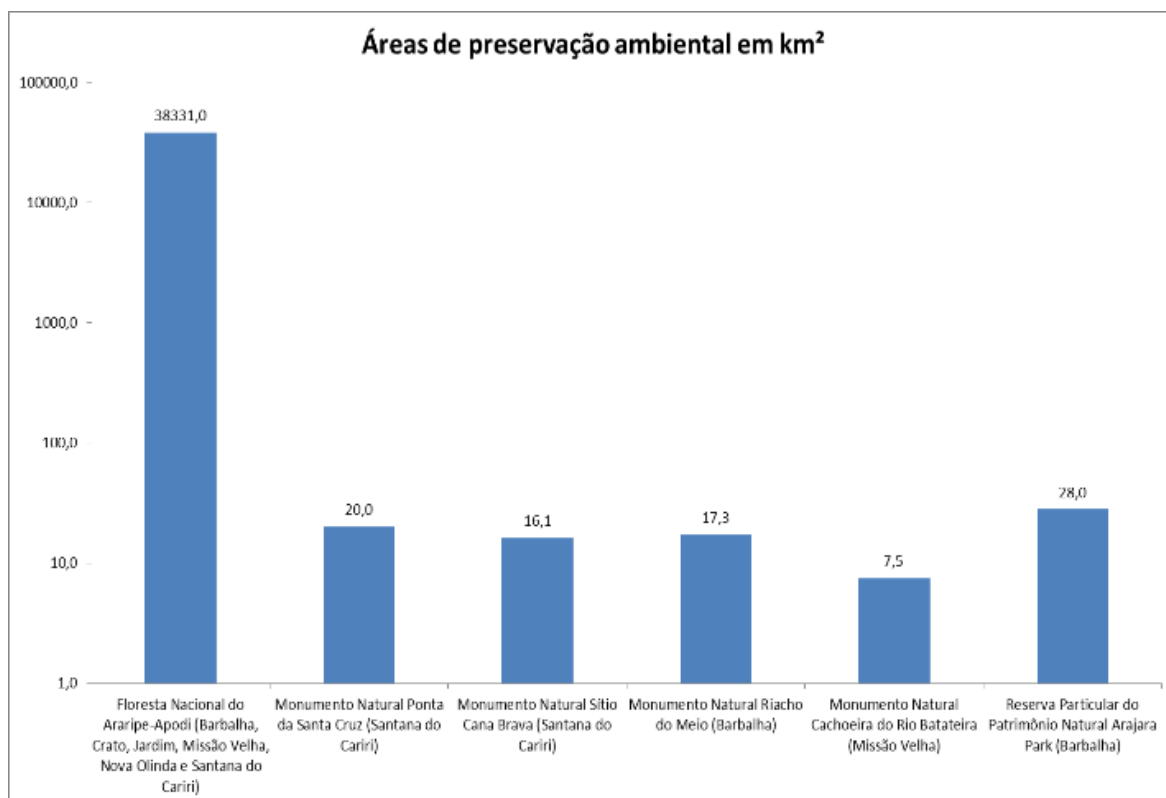


Fonte: Quezado, (2011).



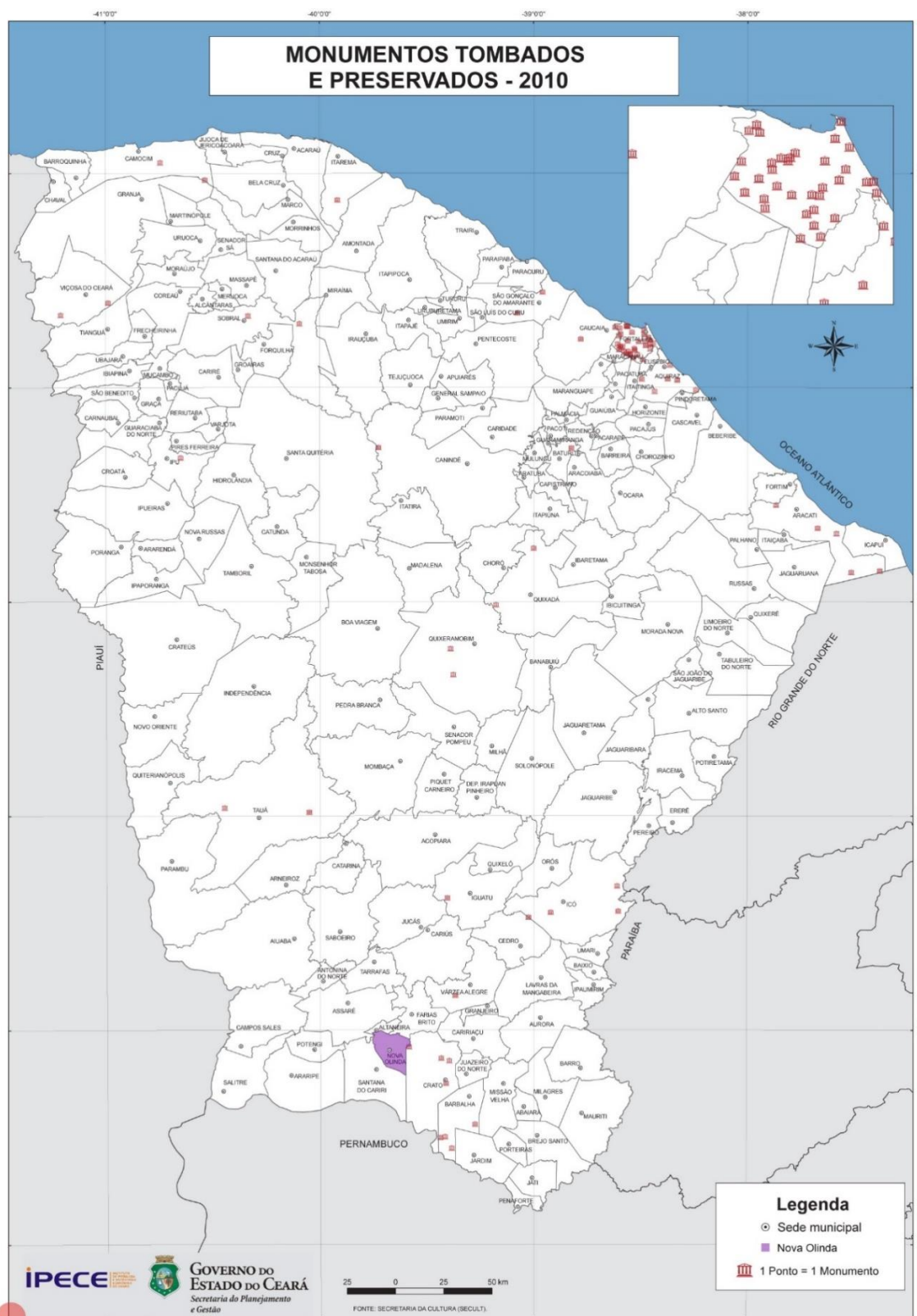
A quantidade de áreas de preservação ambiental, bens tombados e equipamentos culturais revelam o potencial da associação patrimônio cultural e turismo na região, conforme podemos constatar no Gráfico 2 a seguir e nos Mapas 6 e 7 na sequência.

**Gráfico 2 - Áreas de proteção ambiental em Km<sup>2</sup> dos municípios do Cariri.**



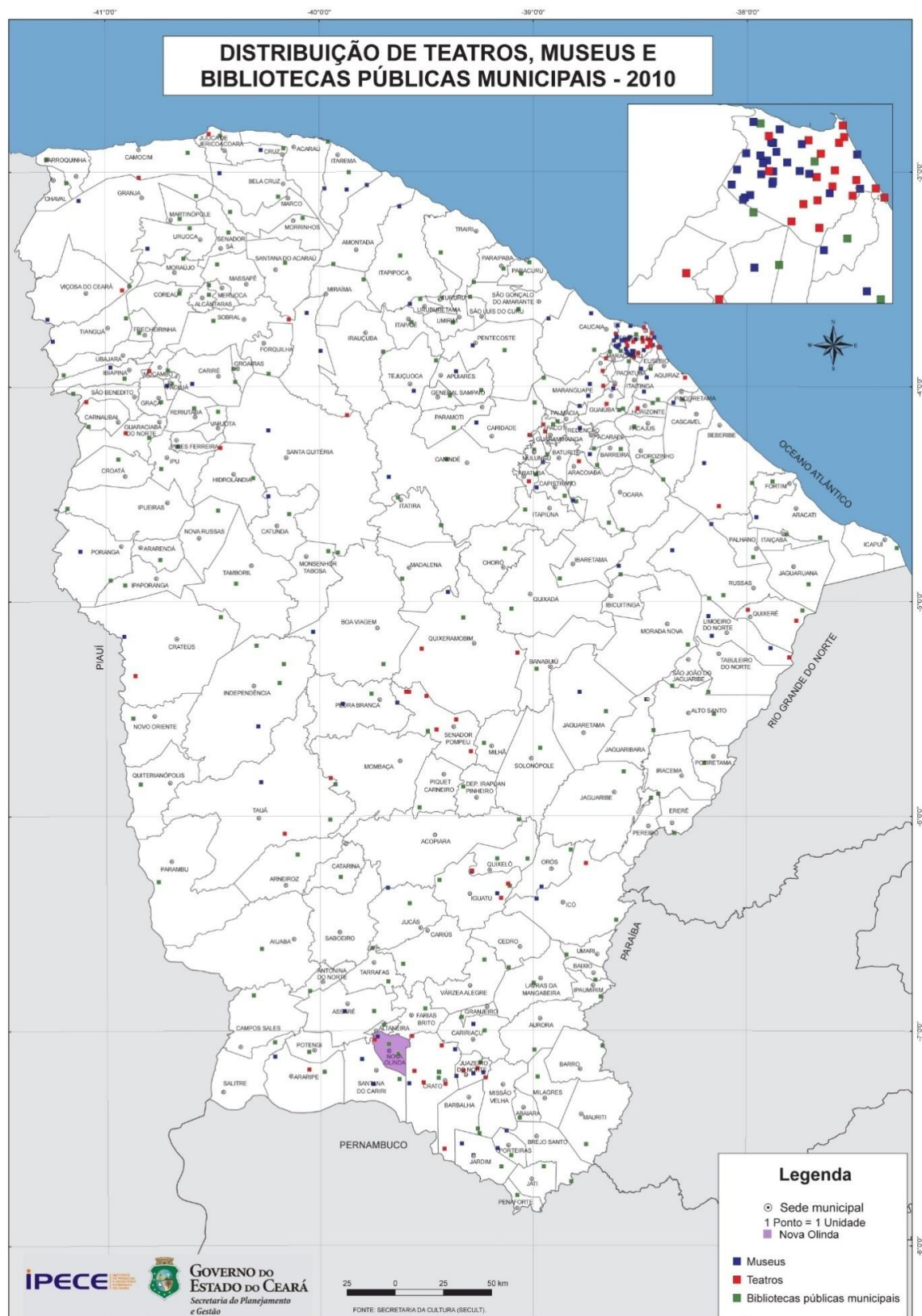
Fonte: IPECE (2010).

Mapa 6 -Monumentos tombados e preservados nos municípios do Ceará.



Fonte: IPECE (2010).

Mapa 7 -Equipamentos culturais nos municípios do Ceará: museus, teatros e bibliotecas públicas.



Fonte: IPECE (2010).

O Cariri se destaca das demais regiões do Ceará, em vários aspectos. Conforme Herzog (2008), constitui um reduto de registros valiosos da morfologia do planeta com quantidade de fósseis em excepcional qualidade de preservação. Além da riqueza de fósseis, pinturas rupestres, vestígios materiais da ocupação pré-histórica é a região mais rica do Ceará em manifestações da culturais imaterial. Trata-se da região do Ceará que mantém tradições de modo inigualável.

Uma evidência da riqueza de manifestações da cultura popular é a quantidade de “Mestres da Cultura” ou “Tesouros Vivos da Cultura Cearense”, diplomados entre 2004 e 2009<sup>16</sup> em relação às demais regiões do Ceará, como se demonstra no tabela 1, a seguir:

**Tabela 1 - Quantidade de Mestres da Cultura diplomados no Cariri em relação a todas as outras regiões do Ceará.**

Ano	Total de Mestres da Cultura Diplomados	Cariri	% Cariri em relação ao total
2004	12	07	58,33
2005	12	02	16,66
2006	12	05	41,66
2007	12	03	25
2008	09 + 01 grupo	03 + 01 grupo	33,33 +100
2009	09 + 01 grupo	04 + 01 grupo	44,44 + 100
<b>Total</b>	54 + 02 grupos	24 + 02 grupos	44,44 +100

Fonte: Ceará / SECULT (2012).

A seguir expomos informações sobre alguns exemplos do patrimônio cultural imaterial do Cariri. Na Figura 9, o Mestre da Cultura, Espedito Seleiro mostra sandália de couro que o avô fazia para os cangaceiros do bando de Lampião. Ele nos explicou<sup>17</sup> que o solado era retangular para que a polícia se confundisse com o rastro deixado pelo calçado. Assim, não era possível saber se o grupo estava indo ou voltando de algum lugar.

<sup>16</sup> Em 27 de agosto de 2003, foi promulgada no Ceará a Lei Estadual nº 13.351. Trata-se de um significativo marco regulatório para a proteção e preservação do patrimônio imaterial do Ceará, por ter instituído os Mestres da Cultura Tradicional Popular – Tesouro Vivo, pessoas naturais que tivesse os conhecimentos ou técnicas necessárias para a produção e preservação da cultura popular tradicional de uma comunidade estabelecida no Ceará. Em 27 de novembro de 2006, o citado dispositivo legal foi revisado e ampliado resultando na promulgação da Lei Estadual nº 13.842 que considera tesouros vivos da cultura cearense não somente pessoas físicas mas grupos e coletividades (CEARÁ/SECULT, 2012).

<sup>17</sup> Em entrevista concedida em julho de 2013 na Loja em frente ao atelier em Nova Olinda/CE.

**Figura 9 - Fotografia do Mestre do couro Espedito Seleiro.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Espedito Seleiro é um dos Mestres da Cultura Popular do Ceará mais conhecidos em todo o país. Após conquistar o “Pessoal da Cultura” do próprio Estado com sua arte no couro ingressou no século XXI

nos circuitos da moda, recebendo em 2006 o convite da grife Cavalaria para idealizar uma coleção sobretudo de bolsas e sapatos para um desfile na São Paulo Fashion Week [...] Em seguida, aceita da grife carioca Cantão o convite para fazer uma coleção de botas e bolsas. [...] Além de participar de vários eventos, foi agraciado, em 2011, com a Ordem do Mérito Cultural do Ministério da Cultura e, em várias passagens, reitera o seu lugar de “mestre da cultura”, devotado ao repasse de seus conhecimentos. (WALDECK, 2013, p.11).

Outro grande Mestre da Cultura Popular é Raimundo José da Silva, mais conhecido como um dos Irmãos Aniceto. É o líder da Banda Cabaçal (Figura 10) iniciada ainda no século XIX pelo pai dele, José Lourenço e dos outros irmãos componentes do grupo.



**Figura 10 - Fotografia da Banda Cabaçal no aniversário de 20 anos da FCG-MHK.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Residentes do Bairro das Batateiras no Crato, os Irmãos Aniceto são herdeiros legítimos dos índios Kariri.

Segundo a Secretaria de Cultura do Estado do Ceará (2012, *on line*):

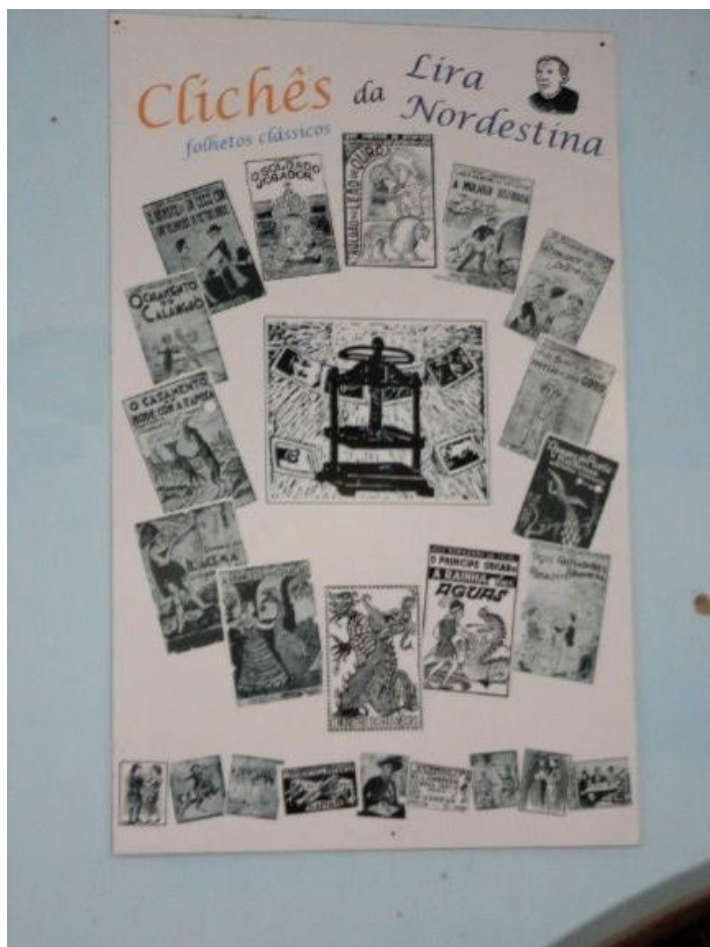
O conjunto foi tombado (em nível municipal) como Patrimônio Imaterial do Crato. [...] vem transmitindo através de gerações os seus conhecimentos musicais e a arte da fabricação dos instrumentos (pífanos, zabumbas, caixas, etc.) com emprego de materiais locais (madeira, couro etc.).

Os exemplos do patrimônio cultural imaterial do Cariri aqui apresentados são apenas uma pequena amostra da grande diversidade de manifestações da cultura popular dessa região rica em recursos naturais e culturais de relevância nacional e internacional atestada pela existência do Geopark Araripe. No seguimento de texto comentaremos sobre dois espaços representativos da cultura popular do Cariri: A Lira Nordestina e o Centro de Cultura Popular, Mestre Noza, ambos sediados em Juazeiro do Norte.

A Lira Nordestina, antiga Tipografia São Francisco é um dos espaços mais antigos do Brasil na produção de cordel e xilogravura e pertence ao patrimônio da URCA desde 1988 (URCA, 2017).

Na Figura 11, a seguir vemos uma fotografia com os clichês dos folhetos clássicos do Cordel.

Figura 11 – Fotografia de painel da Lira Nordestina em Juazeiro do Norte.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Outro espaço não pode deixar de ser visitado em Juazeiro do Norte é o Centro de Cultura Popular Mestre Noza, Figuras 12 e 13 a seguir. Funciona em prédio que foi da Polícia Militar adaptado com recursos da Fundação Nacional de Arte (FUNARTE) para congregar artesãos locais desde 1983. O nome é uma homenagem ao pernambucano Inocência Medeiros da Costa, o Mestre Noza.

**Figura 12 - Fotografia da entrada do Centro de Cultura Popular Mestre Noza em Juazeiro do Norte.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

**Figura 13 - Fotografia parcial do interior do Centro de Cultura Popular Mestre Noza em Juazeiro do Norte**



Fonte: Acervo da pesquisadora.



O portão de entrada para o Cariri e para o primeiro Geopark da América Latina por meio de transporte aéreo é o Aeroporto Orlando Bezerra de Menezes, Figuras 14 e 15, situado em Juazeiro do Norte.

**Figura 14 - Fotografia de vista externa do aeroporto de Juazeiro do Norte.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

**Figura 15 - Fotografia dos guichês das companhias aéreas do Aeroporto de Juazeiro do Norte.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Consta na Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária (INFRAERO, 2016) que a localização do Aeroporto Orlando Bezerra de Menezes em Juazeiro do Norte, há seis quilômetros do centro da cidade e há oito quilômetros da rodoviária é estratégica para a mobilidade de pessoas e mercadorias exercendo papel decisivo para a dinamização da economia das regiões sul e e centro sul do Ceará, além do noroeste de Pernambuco, alto Sertão da Paraíba e Sudoeste do Piauí. A capacidade instalada é para 800mil passageiros por ano.

Segundo a INFRAERO (2017, *on line*):

A média diária é de 14 pousos e decolagens comerciais regulares de três companhias aéreas (Gol, Avianca e Azul). Os destinos dos vôos que partem de Juazeiro do Norte são: Petrolina (PE), Viracopos (SP), Guarulhos (SP), Fortaleza (CE), Recife (PE) e Brasília (DF)

Exatamente pelo fato de Juazeiro do Norte ser o principal portão de entrada por via aérea para a região do Cariri é que a definição de Nova Olinda para ser “Destino Indutor do Desenvolvimento Turístico Regional no Cariri” pelo MTur não foi aceita sem controvérsias.

Em entrevista concedida pelo Prof. José Carlos dos Santos realizada em sua residência, em 23 de julho de 2013, o mesmo se referiu a FCG-MHK com as seguintes palavras: “É um grande espaço. Faz o resgate dos costumes, da forma de ser e viver dos ocupantes originais do território. Agrega, congrega a identidade cultural, social. O avanço nos estudos da arqueologia é muito importante, gestão compartilhada, transparência.”

Quanto à Nova Olinda como “Destino Indutor” comentou:

Nova Olinda como “Destino Indutor” não tem exercido a função. Por exemplo. Não esteve presente no I Encontro Nacional de Cidades Históricas e Turísticas em Paranaguá, no Paraná. Não compreendo, não engulo porque Juazeiro tem todas as condições de infraestrutura, materiais, objetivas para ser o município indutor, para ser referência, para captar os recursos necessário. Juazeiro é o maior centro difusor e receptor de fluxos para a região. Temos vôo ligando Juazeiro à Campinas em São Paulo.

O Prof. José Carlos ressaltou ainda que “a localização geográfica de Juazeiro do Norte favorece interlocução com aproximadamente 100 cidades da região com um fluxo em torno de 520 topics por dia.”

O Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil começou a ser estruturado em 2004. Uma das quatro metas do Plano Nacional de Turismo 2003/2007 - Uma viagem de Inclusão” era “estruturar 65 destinos com qualidade internacional até 2010” (MTur, 2013, p.17).

O contexto da regionalização sob a regência do MTur é o mundo globalizado. Regiões e lugares de todo o planeta, à margem dos circuitos nacionais e globais de produção e reprodução do capital envidam esforços para serem incluídos mediante

políticas públicas de desenvolvimento. Governos, investidores e organizações da sociedade civil, a exemplo da FCG-MHK, de modo isolado ou articulado se mobilizam para atrair de turistas. Foi nesse contexto que Nova Olinda ganhou visibilidade no Mapa dos “65 Destinos Indutores do Desenvolvimento Turístico Regional”. Foi do “Destino Indutor” do Mapa do Turismo de 2006 que nos ocupamos no capítulo seguinte.

## 4 NOVA OLINDA: DE ALDEIA DOS KARIRI-KARIÚS À DESTINO INDUTOR DO DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO REGIONAL

Nesse capítulo, apontamos indícios e evidências que demonstram que o grupo social da FGC-MHK teve e tem papel impactante no município de Nova Olinda. O ano de 2006 se tornou um marco histórico de relevada visibilidade para esse município por dois motivos. Naquele ano, a UNESCO certificou o Geopark Araripe e o município ganhou visibilidade no “Mapa dos 65 Destinos Indutores do Desenvolvimento Turístico Regional” do MTur.

### 4.1 Breves apontamentos sobre a gênese de Nova Olinda

“Assim contam os mais idosos - atraídos pela beleza e fartura destas terras – começaram a chegar seus primeiros habitantes: os índios Buxixés – Cariris (*Kiriris – Sabutas*), que se instalaram às margens do Rio Cariús” (CIDRÃO, 2010, p.18).

O Rio Cariús nasce em Santana do Cariri, município situado ao sopé ocidental da Chapada do Araripe e deságua no Rio Jaguaribe.

No terceiro capítulo explicamos as estratégias utilizadas pela metrópole para ocupar as terras indígenas. Também ressaltamos que o Cariri foi a última fronteira do Ceará a ser ocupada pelos colonizadores, com a pecuária.

Assis e Sampaio (2012, p.141) escreveram sobre a ocupação do Ceará no século XVIII: “[...]a ocupação tardia (somente no século XVIII) assim como a cartografia têm relações diretas com as apropriações indígenas, das sociedades pré-coloniais, naquilo que se compreende como Ceará.” E acrescentaram:

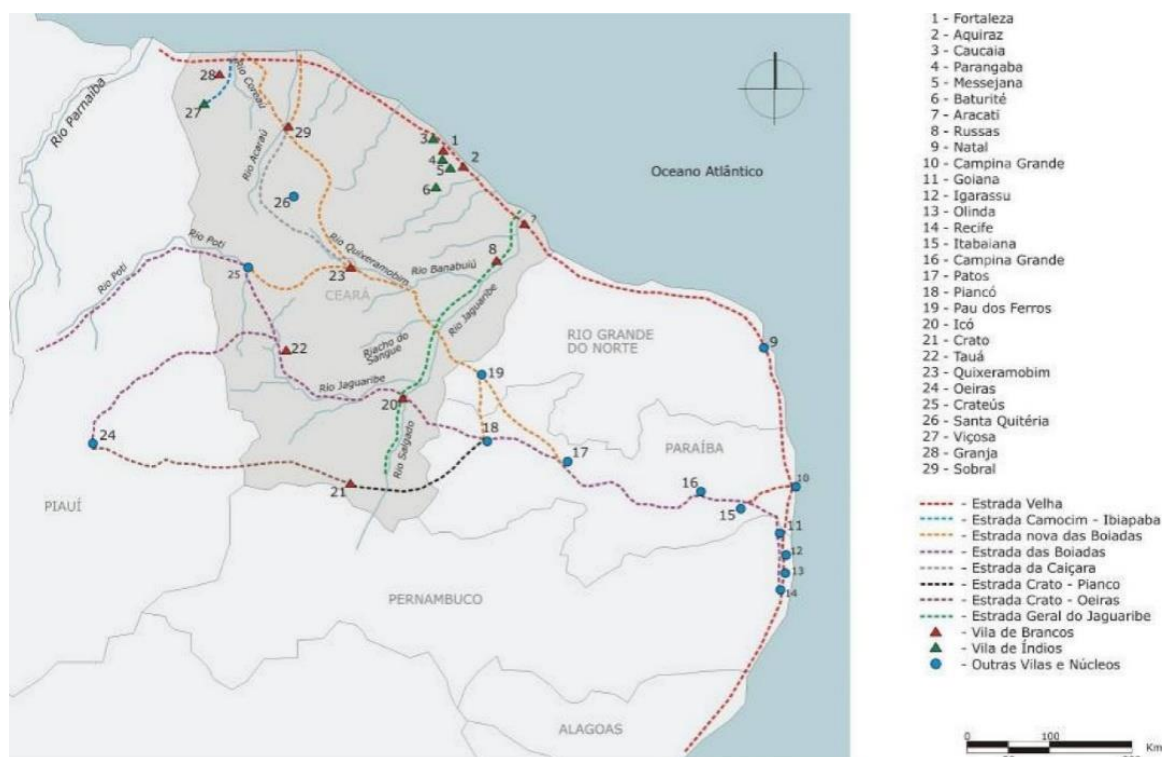
A ocupação tardia do Ceará, dialeticamente, era a existência/resistência de outro modo de vida (indígena), que tinha sua relação com a terra, com a natureza e entre eles mesmo bem diferente daquilo que seria trazido com a pecuária e a agricultura de subsistência para o mercado. Isto é, a propriedade privada, a divisão do trabalho entre proprietários e trabalhadores, a circulação do dinheiro, a apropriação desigual do produto do trabalho coletivo, a evangelização cristã da “alma”, a ordem do falar somente em português e a maneira de passar a enxergar a natureza como recurso. (ASSIS; SAMPAIO, 2012, p.141).

Ao contar a história de Nova Olinda, Acioli (2002, p.8) fez referência a uma pequena casa de taipa feita por indígenas “no cruzamento da estrada Crato-Oeiras,

que ligava a Paraíba ao Piauí, Crato Inhamuns e Inhamuns-Pernambuco”.

Em Studart Filho (1937, p.35-39 apud JUCÁ NETO, 2009, p.85) encontramos as seguintes informações sobre a estrada Crato-Oeiras: “Do Crato, partia-se tanto para Oeiras – Estrada Crato-Oeiras - via Campos Sales e Picos pelos vales férteis do Araripe, como para Piancó – Estrada Crato-Piancó - alcançando Patos, na Estrada das Boiadas, já na Paraíba.”

**Mapa 8 – Estrada das Boiadas.**



Fonte: Jucá Neto (2009, p.86).

Segundo a Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri (2016):

Devido à boa qualidade dos pastos, logo o ponto de apoio se transformou em fazenda. No lugar da tapera foi construída uma casa grande, uma capela e um cemitério. Em volta surgiram as primeiras casas dos moradores e o lugar aos poucos foi se transformando em povoado, o Povoado de Tapera.

Limaverde (2000, p.2 apud ACIOLI, 2002, p.8) registrou que a edificação onde os tangedores de gado que percorriam a Estrada das Boiadas se abrigavam tinha: “paredes de taipa e varas, com duas paredes entrecruzadas e sem paredes laterais.”

Extraímos também da autora supracitada que no lugar antes ocupado por essa cabana que veio servir de inspiração para o nome da localidade, no caso, Tapera, Gisafran Jucá se estabeleceu com uma fazenda (LIMAVERDE, 2000 apud ACIOLI, 2001).

Sobre o tempo de ocupação da fazenda encontramos:

Da casa de fazenda formou-se o Povoado de Tapera, que vivia em função da casa. Mais tarde o vilarejo passou a fazer parte do município de Assaré, e em 1838, com o desmembramento das terras, passou a vila do município de Santanópolis, hoje, Santana do Cariri. (LIMAVERDE, 2000, p.2 apud ACIOLI, 2001, p.9-10).

De posse do conjunto de informações reunidas conjecturamos que o encontro entre colonizadores e *Kariri-Kariús* onde o município de Nova Olinda está situado se inscreve no contexto de distribuição de sesmarias na Capitania do Ceará para a pecuária.

Conforme Pinheiro (2000, p.31), demonstrou que de um total de 2.378 sesmarias requeridas entre 1679 e 1824, 2.162 foram para a pecuária, 76 para a agricultura e 140 para ambas as atividades. É de autoria do mencionado autor a afirmação de que em 1720, a ocupação colonial da “capitania do Ceará havia se consolidado. As terras outrora ocupadas pelos povos nativos se transformaram com a pecuária.”

A ocupação do Cariri e de outras regiões do Ceará com a pecuária e a agricultura de subsistência se explica no quadro geral de divisão do trabalho estabelecido pela metrópole portuguesa para a Zona da Mata e para áreas subsidiárias. Pinheiro (2000, p.17) escreveu:

Na área açucareira, a conquista começou já no início do século XVI; enquanto que na região que se tornou lócus da pecuária, ela só aconteceu, para o mundo colonial, no final do século XVII e início do seguinte.

Analisando as diferenças nos modos de vida, tendo na disputa pela terra a principal questão, é que vamos compreender o confronto entre nativos (indígenas) e lusitanos, em face do projeto de dominação portuguesa no Ceará.

À medida que a produção açucareira avançava pelas terras do litoral, que se estendem da Paraíba até a Bahia, a pecuária, como uma atividade subsidiária da produção açucareira, foi sendo tangida para o interior. Dessa forma, ocorreu a ocupação do interior da região hoje denominada Nordeste, principalmente a dos territórios das capitânicas da Paraíba, do Rio Grande do Norte e do Ceará. Esse espaço livre para os grupos indígenas, que

havia sido gradativamente expulsos da faixa litorânea, foi-se transformando aos poucos em território da pecuária.

Silva (2009, p.16) indicou a década de 90 do século XX, como um marco temporal na retomada das populações indígenas no Nordeste enquanto objeto de reflexões na historiografia e antropologia. “Fruto do advento da história, da ‘desintoxicação’ da antropologia e do encontro destas duas disciplinas, essas populações têm provocado vigorosos debates na academia, repercutindo toda sua força e vitalidade.”

Em Palitot (2009, p.19) lemos que na década de 80, o tema da presença indígena no Ceará era considerado superado e “longe se ser ponto pacífico nos círculos intelectuais, políticos, midiáticos e populares.” Temos posição análoga à Palitot. Coexiste “uma multiplicidade de enfoques e opiniões”. Natural de Monsenhor Tabosa/CE, um dos principais redutos de populações indígenas no Ceará crescemos em meio às discussões sobre a questão a partir de diferentes opiniões.

As investigações de Rosiane Limaverde<sup>18</sup> sobre a etnia *Kariri*, se inserem no contexto de revisão dos argumentos sobre o fato do Ceará não possuir mais índios. O nome e o acervo do minimuseu da FCG-MHK remetem aos habitantes mais antigos do Nordeste, como demonstramos no terceiro capítulo ao dissertar sobre os ocupantes do Cariri antes da chegada do colonizador. Silva (2009, p.16) explicou:

Não somos todos índios, nós, os cearenses. É bem verdade que em grande parte de nossas histórias familiares há relatos recalcados de parentescos remotos com índios, via de regra atribuídos a gerações pregressas, das quais fazemos questão de nos pensar distantes...E isso não nos torna índios. Índios são aqueles que, apesar do imaginário social desabonador construído sobre estas populações, alimentam um outro sentimento e uma outra atitude diante de sua ancestralidade e faz dela, no mundo hodierno, objeto de auto-estima, dignidade e afirmação étnica. [...] Índios são os que gritam com orgulho, para aqueles que não querem ouvir, eu **sou Anacé, Gavião, Jenipapo-Kanindé, Kalabaça, Kanindé, Kariri, Pitiguary, Potyguara, Tabajara, Tapeba, Tremembé, Tupinambá, Tubiba-Tapuia.** (grifo do autor).

Ao admitirmos que a identidade é resultado de uma construção social sujeita às mudanças postulamos que desigualdades próprias do capitalismo globalizado explicam em parte, o fenômeno contemporâneo das reafirmações de diferenças por

---

<sup>18</sup> Sócia Fundadora da FCG-MHK, em 1992, em História e Ph.D em Arqueologia pela Universidade de Coimbra, em Portugal.

grupos e movimentos sociais. Os referenciais, étnicos, regionais, locais, religiosos, etc. servem de base para o resgate, reconstrução ou atualização de identidades.

Miller Jr. (2009), antropólogo que dedicou a maior parte da vida ao trabalho com grupos indígenas e respectivas tradições, usou as expressões, “erro fundamental” e “simplificação enganadora”, ao se referir à concepção de diversidade cultural aceita pelos que ignoram o número de etnias nos três continentes americanos antes da chegada do colonizador europeu.

Enfatizou Miller Jr. (2009, p.157): “O número de etnias desafia a nossa capacidade de enumerá-las.” A hipótese do antropólogo citado encontra muitas evidências. Sobre a mestiçagem como um dos traços marcantes do povo e da cultura do nosso país, escreveu o autor:

É física (a combinação do acervo genético dos povos) e cultural (a combinação de ideias e práticas, conhecimento e tecnologia). Mesmo os brasileiros que não sejam biologicamente descendentes dos primeiros povos deste continente, ao participarem da Cultura Brasileira, são culturalmente mestiçados. (MILLER JR., p. 157).

É exatamente o que constatamos ao conhecer a região do Cariri ou Nova Olinda, especificamente. A fotografia a seguir exemplifica de modo emblemático a mestiçagem e a afirmação do antropólogo referido: “a estampa física dos nossos antepassados indígenas está na cara do povo” (MILLER JR., p. 158).

**Figura 16 - Fotografia de duas jovens amigas, naturais de Nova Olinda em Festa dos 20 anos da FCG-MHK.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.



A jovem com traços indígenas cresceu vinculada à FCG-MHK<sup>19</sup>. Há uma fotografia dela criança na sala etnia do MHK. Desde sua constituição, em 1992, a FCG-MHK contribui para que o povo da região entenda a realidade da própria origem, redescubra as raízes e se sinta continuidade enraizada na terra dos antepassados indígenas.

Incontáveis vezes, a jovem recepcionou pessoas e grupos, contou a história da cidade e explicou que “o topônimo Nova Olinda é atribuído ao frade capuchinho Frei Henrique Feitosa que pernitoiu no Povoado de Tapera durante uma viagem entre Olinda/PE e a casa dos pais dele, no Sertão dos Inhamuns” e que o município derivou de desmembramento de Santana do Cariri, “acontecimento liderado pelo comerciante de couro Jeremias Pereira” (CDVHS, 2007, p.16).

O fluxograma a seguir com indicação das datas de desmembramentos territoriais no sul do Ceará entre 1823 e 1989 facilita a visualização da gênese de 17 municípios do Cariri, dentre os quais, Nova Olinda, fato ocorrido em “14 de março de 1957” (CDVHS, 2007, p.16).

**Figura 17 - Fluxograma sobre os desmembramentos de municípios do Cariri do século XVIII ao século XX.**

Jucás* 03/02/1823	Saboeiro* 27/11/1851	Assaré* 17/09/1865	Araripe 03/08/1875	Potengi* 04/07/1957
			Santana do Cariri 25/11/1895	Nova Olinda 14/03/1957
			Campos Sales* 29/07/1858	Salitre 30/06/1989
Crato 21/06/1764			Jardim 29/07/1858	Porteiras 17/08/1889
			Barbalha 17/08/1846	Missão Velha 08/11/1864
			Milagres* 17/08/1845	Brejo Santo 26/08/1890
				Abaíara 25/11/1957

Fonte: Silva Neto (2013, p.72).

<sup>19</sup> Informação confirmada pela pesquisadora em conversas informais nas incursões ao campo em 2011 e 2012.

#### **4.2 De Fazenda Tapera à Nova Olinda da Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri (FCG-MHK)**

O primeiro registro oficial da Casa Grande é a escritura de compra e venda datada de 1932, ano em que o avó do Presidente da FCG-MHK, Sr. Neco Trajano, comerciante de rapadura, casado com Dona Santana, viúva e natural da Vila de Nova Olinda adquiriu a propriedade por “Dois Mil Contos de Reis”.

Acioli (2002) registrou informação transmitida por João Ferreira Filho, tio do Alembert Quindins, sobre o valor e o prazo de pagamento do imóvel. Segundo ele, o valor foi parcelado em duas vezes, sendo 50% pago no ato do fechamento do negócio e 50% um ano depois. O irmão do comprador ressaltou que a promissória foi um fio de bigode do Sr. Neco Trajano.

A pesquisadora citada conta que enquanto a família do avó do Alembert Quindins ocupou o imóvel: “o lugar era o centro das atenções em Nova Olinda. Neco Trajano era alegre e gostava de contratar violeiros para fazer cantorias, contar histórias, o que atraía muita gente para o terreiro da casa grande” (ACIOLI, 2002, p.12).

Duarte (2007) informou que antes da família do Sr. Neco Trajano, a Casa Grande fora da família Filgueiras, proveniente de Barbalha. Em 1973, o pai do Presidente da FCG-MHK, Miguel, empossado prefeito do município em 1970, migrou<sup>20</sup> com ele, então com nove anos, e o outro filho, para Miranorte, um lugarejo que pertencia à Goiás, atualmente Estado do Tocantins.

Acioli (2002, p.12) reuniu as seguintes informações biográficas sobre o pai do Alembert:

Miguel, o filho mais novo de Neco Trajano e Santana nas brincadeiras, apresentava o desejo de ser médico. Era ele quem consultava as bonecas das irmãs em casos de doenças. [...]. Tornou-se farmacêutico em Nova Olinda. Arrancava dentes, fazia partos e ajudava às famílias da cidade e dos sítios distantes. Na época fundou a amplificadora “a Voz da Liberdade”, com quatro alto falantes, a primeira rádio de Nova Olinda.

---

<sup>20</sup> Durante entrevista na residência do Alembert, em julho de 2012, ele informou a pesquisadora que a decisão do pai em migrar para Miranorte com ele e o outro irmão homem foi tomada teve motivações de cunho familiar que não interessa ao escopo da presente pesquisa.

De acordo com a narrativa de Noronha (2008, p.36), durante os anos em que residiu em Miranorte, Alemberg conheceu e conviveu com as tribos Xavantes e Xerés. “Do Cariri cearense Alemberg levou as lendas que ouviu em sua infância mais tenra [...].”

Antes de estabelecer um comparativo entre as infâncias do Alemberg e a das crianças e jovens que se vincularam à FCG-MHK, a supracitada pesquisadora ressaltou: “Com uma infância simples, longe dos grandes centros urbanos, realizou muitas peripécias de criança (desenvolveu sua criatividade), criando cinema e revistas como brincadeira e trabalho” (NORONHA, 2008, p.36-37).

Conforme constataremos no último capítulo, a associação entre brincadeira e trabalho é um traço marcante na vida das crianças e jovens vinculadas à FCG-MHK.

O último morador da antiga casa de fazenda adquirida pelo avô do Alemberg foi Antônio Maranhão. Entre 1975 e 1992, ano anterior à constituição da FCG-MHK, a casa ficou abandonada e foi se deteriorando<sup>21</sup>. Em 1983, Alemberg retornou de Goiás para o Crato, cidade onde reside com a mulher, Rosiane Limaverde e os dois filhos.

Duarte (2007, p.6) descreveu o contexto do encontro dos idealizadores e fundadores da FCG-MHK:

Morando no Crato, município da região do Cariri, Alemberg e Rosiane se conheceram e se casaram. A vida e o talento os levaram à formação musical. Tinham predileção pelos trabalhos que continham elementos regionais, que consideravam as raízes do povo e do lugar. Nessa época crescia o interesse pelas pesquisas arqueológicas e paleontológicas na região do Cariri. Estudiosos de diversas partes do mundo direcionavam seu olhar para os importantes sítios descobertos. Na população local crescia a conscientização quanto à necessidade de preservar esse rico patrimônio. Aumentava a procura pelos estudos acadêmicos na área. Até Rosiane, sentiu-se atraída pelo assunto e foi estudar Arqueologia.

No início da década de 1990, Juazeiro, Crato e Barbalha estavam efetivamente inseridos nos roteiros turísticos do Cariri. Falcão (2013, p.164) afirma: “Desde sua criação, o município não vivenciou nenhuma grande ascensão econômica, ficando sua economia limitada à agricultura e comércio. A indústria é limitada a poucos setores de transformação. [...].”

---

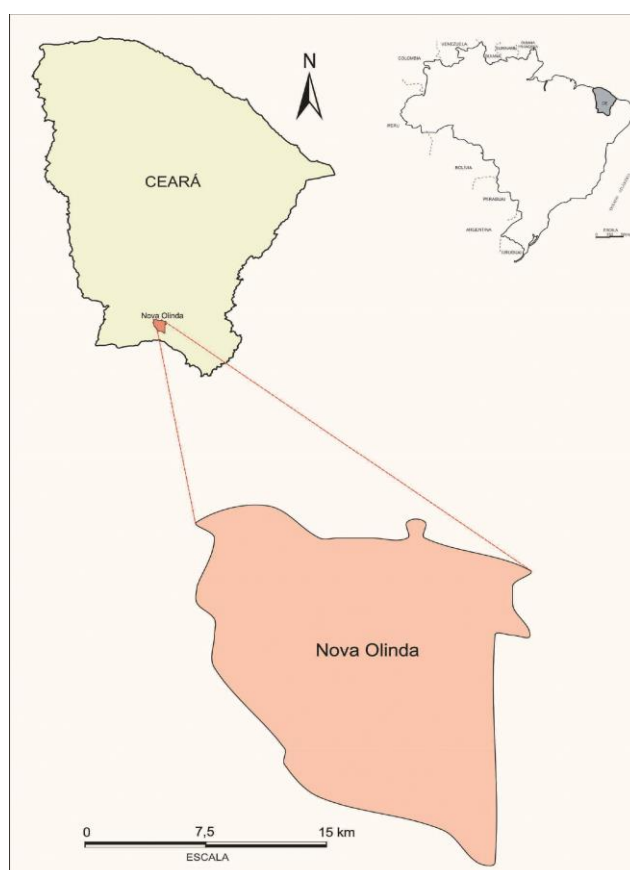
<sup>21</sup> Informação confirmada em entrevista concedida por Alemberg à pesquisadora em julho de 2012.

No próximo subitem detalharemos os aspectos abordados pelo autor citado. Antes, porém, achamos pertinente destacar o seguinte registro de Duarte (2004, p.4), em Nova Olinda “[...] não havia atrativo que estimulasse a visitação, embora abundassem as manifestações culturais das pessoas, notadamente no artesanato e na música.”

### 4.3. Alguns aspectos caracterizadores de Nova Olinda

Conforme expusemos nos itens anteriores deste capítulo, Nova Olinda resultou do desmembramento de Santana do Cariri, município com o qual faz fronteira ao sul e à oeste. Os limites, ao norte são: Farias Brito e Altaneira. Crato e Farias Brito estão à leste. A área total é de 248,40 km<sup>2</sup>.

#### Mapa 9 - Localização de Nova Olinda no Ceará.



Fonte: Falcão (2013, p.163).

“Entre Santana do Cariri e Nova Olinda existe a maior reserva fossilífera do período Cretáceo, com fósseis de até 150 milhões de anos atrás (CDVHS, 2007, p.16).”

O rico acervo de fósseis e achados arqueológicos constituíram dois dentre tantos outros motivos para inserção de Nova Olinda no Geopark Araripe.

Duarte (2004, p.2) destacou: “[...] **em 1992, o casal Alembert Quindins e Rosiane Limaverde resolveu iniciar um projeto que viria mudar a realidade de Nova Olinda**” (grifo nosso). Este último capítulo foi todo dedicado à realidade à qual a autora aludida fez menção, ou seja, a FCG-MHK.

Todos os acessos à Nova Olinda são rodoviários. As rodovias estaduais CE - 275 e CE- 292 ligam Nova Olinda ao Crato. É a rodovia utilizada para quem entra na região pelo Aeroporto Orlando Bezerra que tem voos diários conectando Juazeiro do Norte ao restante do país. Além de atravessar Nova Olinda liga o Cariri às zonas oeste e norte do Estado do Ceará e aos Estados de Pernambuco, Piauí e Maranhão. A CE -368 é a via de acesso entre Nova Olinda e Altaneira no sentido noroeste. A CE - 166 liga Nova Olinda à Santana do Cariri.

No percurso entre o Crato e Nova Olinda, o viajante encontra, à esquerda, um dos atrativos do Geopark Araripe: o Geossítio Ponte de Pedra, Figura 18 a seguir. Trata-se de uma evidência que a área atual de Nova Olinda esteve toda coberta pelo mar.

**Figura 18 - Fotografia do Geossítio Ponte de Pedra em Nova Olinda.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Segundo Beserra (2011, p.59):

Apresenta arenitos alaranjados da Formação Exu com seixos de diversos tamanhos em estruturas sedimentares encurvadas, resultantes do movimento da águas que os depositaram. Estes arenitos se formaram possivelmente quando a região secou (há cerca de 100 milhões de anos) e os rios que corriam par ao oeste depositaram areias e argilas em suas margens.

O Geossítio Pedra Cariri, identificado na Figura 19 se localiza numa pequena parte da Mina Pedra Branca há 03 Km de distância de Nova Olinda quando se percorre a CE -166 com destino à Santana do Cariri.

**Figura 19 - Fotografia do Geossítio Pedra Cariri em Nova Olinda.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Assevera Beserra (2011, p.59):

No afloramento do geossítio o calcário se encontra intemperizado e mostra uma coloração creme-claro, ainda que fresco seja cinzento azulado. Nos níveis mais superiores da sequência, os calcários laminados são mais frequentes e de maiores espessuras, intercalados por brancos de arenitos finos, siltosos que muitas vezes encontram-se fraturados com feição de dissolução derivados de processos de carstificação. Esta sequência carbonática cretácica corresponde ao Membro Crato da Formação Santana, representada no perfil geológico de quase 06m.

O município situa-se na Alta Bacia do Rio Jaguaribe sendo banhado pelo Rio Cariús, recurso hidrográfico bastante deteriorado, conforme observamos durante estada na sede do município. “As minas de extração de calcário e o lançamento de esgoto no Rio Cariús tem tornado a água imprópria para o consumo humano” (CDVHS, 2007, p.31).

A Figura 20 a seguir é do Rio Cariús em Nova Olinda.

**Figura 20 - Fotografia do Rio Cariús em Nova Olinda.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

O município de Nova Olinda está inserido na Chapada do Araripe e Depressões Sertanejas. A composição do solo é bem diversificada com Solos Litólicos, Latossoso Vermelho-Amarelo, Podzólico Vermelho-Amarelo, Terra Roxa Estruturada Similar e Vertissolo. A vegetação é composta por Floresta Caducifólia Espinhosa, Floresta Subcaducifólia Tropical Pluvial, Floresta Subperenifólia Tropical Plúvio-Nebular e Floresta Subcaducifólia Tropical Xeromorfa. O período chuvoso ocorre geralmente entre janeiro e maio. A temperatura média varia entre 24°C e 26°C.

Em IPECE (2015) consta que Nova Olinda possui apenas o distrito de Triunfo, enquanto em CDVHS (2007, p.16), os autores destacam além de Triunfo, mais quatro localidades por concentrarem população rural: “Serra do Zabelê, Serra do Catolé, Serra das Palmeiras e o Sítio Patos”.

É nessas áreas que o setor primário de Nova Olinda ocupa a população rural com atividades relacionadas à agricultura, pecuária, silvicultura e exploração



florestal. Os produtos agrícolas cultivados são: banana, coco da baía, laranja, manga, abacaxi, algodão herbáceo, arroz, cana de açúcar, fava, feijão, mamona, mandioca, milho e tomate.

Consta em CDVHS (2007, p.20) a existência de uma Associação dos Apicultores de Nova Olinda e de uma Feira de Apicultores que acontece no município.

Há uma década 70 cabeças de gado eram abatidas por semana. A falta de câmaras frigoríficas obrigava uma distribuição imediata das carnes pelos município do Cariri, com destaque para Crato e Juazeiro do Norte. Essa situação foi alterada com a instalação de empresa frigorífica com imagem exposta a seguir na Figura 21.

**Figura 21 - Fotografia do Frigorífico São Francisco.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Não obstante uma diminuição gradativa da pecuária, o município que cresceu em torno de uma fazenda guarda tradições relacionadas a essa atividade. O artesanato do couro, ao qual dedicamos atenção especial é uma das atividades associadas à pecuária. O Parque de Vaquejadas e os protagonistas mais admirados de tais espaços, os vaqueiros são elementos constitutivos da cultura local.



A Figura 22 mostra a entrada do Parque de Eventos do município, um dos principais espaços de lazer do Nova Olindense.

**Figura 22 - Fotografia da entrada do Parque de Eventos de Nova Olinda.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Em 20 de dezembro de 2012 decidimos entrar no Parque de Eventos e conversar com quatro vaqueiros que estavam reunidos no local. Indagamos se frequentaram a FCG-MHK quando crianças e/ou se frequentavam à época da nossa conversa e o porquê?

Os quatro disseram que vão esporadicamente às apresentações artísticas que acontecem no Teatro Violeta Arraes e que não obstante tenham frequentado as instalações da FCG-MHK quando crianças, o gosto pelos animais e pelo esporte da vaquejada sempre falaram mais alto.

Na figura 23, a seguir os quatro vaqueiros exibem orgulhosos troféus ganhos em competições na região.

**Figura 23 – Fotografia de quatro vaqueiros Nova Olindenses no Parque de Eventos da cidade.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Além do espaço para vaquejadas, esporte de grande apreço pela população regional e local, há também um estádio de futebol conforme Figura 24, a seguir.

**Figura 24 – Fotografia da Estádio de Futebol de Nova Olinda.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Em 2014, Nova Olinda contava com 198 estabelecimentos comerciais varejistas e nenhum atacadista (IPECE, 2015). Durante as estadas em campo pudemos corroborar essa realidade nas conversas informais com as donas das pousadas domiciliares e nas caminhadas pelas ruas na sede do município.

Observamos que as compras de frutas, legumes e cereais quando não eram feitas na feira livre que acontece nas manhãs de sábado, eram feitas em mercadinhos como o da figura 25 abaixo.

**Figura 25 – Fotografia de unidade varejista situado no Corredor Turístico de Nova Olinda**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Durante as caminhadas pelas ruas da sede do município constatamos que muitos imóveis antigos foram reformados e alguns estão fechados, como por exemplo o da Figura 26 abaixo.

**Figura 26 – Fotografia de imóvel residencial fechado no Corredor Turístico de Nova Olinda**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Observamos que as reformas não preservam as fachadas. No canto esquerdo da Figura 26 vemos que o dono do imóvel alterou a frente com a colocação de cerâmica. Gradativamente a memória arquitetônica da cidade vai sendo atingida.

Nas duas últimas décadas, Nova Olinda recebeu investimentos industriais, empresas de transformação e de extração mineral. O destaque na indústria extrativa é a Pedra Cariri utilizada em pisos, revestimentos, produção de móveis e artesanato. Consta 48 empresas industriais ativas em Nova Olinda, das quais 06 se dedicam ao extrativismo mineral e 42 à indústria de transformação (IPECE, 2015).

No sítio eletrônico da Chaves Mineração e Indústria S.A. (Figura 27), <<http://www.gesso.com.br>>, acessado dia 02 de dezembro de 2016 obtivemos a informação de que a empresa foi constituída na década de 30 e que atua nos setores: a) de mineração; b) beneficiamento de minérios; c) cerâmica técnica. Os minérios explorados pelo grupos são: gipsita, Magnesita, calcário dolomítico e calcário calcítico; os produtos beneficiados são: gessos industriais, gesso para construção, óxido e carbonato de magnésio, cargas industriais e corretivos de solo na agricultura. O setor de cerâmica térmica inclui isoladores elétricos e refratários.

**Figura 27 – Fotografia do local de acesso à mina Pedra Branca da Chaves S.A.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

A mina Pedra Branca fica em frente ao Geossítio Pedra Cariri. Observamos que um dos desafios de Nova Olinda e Santana do Cariri é conciliar o extrativismo mineral com a preservação dos registros da história do planeta. Há contrabando de fósseis e é comum encontrá-los em todo o Estado do Ceará em edificações que utilizam a pedra cariri. Há poucos quilômetros do centro de Nova Olinda fica uma filial da Chaves Mineração e Indústria S.A. – a Stargesso (Figura 28).



**Figura 28 – Fotografia da Stargesso em Nova Olinda.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

As Figuras 29 e 30 mostram dois negócios que exemplificam o uso da pedra cariri em Nova Olinda. O primeiro comercializa a pedra em diferentes formatos para a construção civil. O segundo faz uso artesanal.

**Figura 29 – Fotografia do Comércio de Pedra Cariri, FORM Pedras**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

**Figura 30 – Fotografia de placa indicativa de comércio de artesanato mineral.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

A tabela 2 a seguir aponta para o incremento da taxa urbanização no município, fenômeno que pode ser entendido, dentre outros fatores, pela transformação da estrutura produtiva do município, que segue uma macrotendência do Estado do Ceará.

Em CDVHS (2007, p.17) verificamos que dois aspectos demográficos de Nova Olinda seguem as tendências observadas à escala nacional, ou seja, “o declínio da participação de crianças e jovens. Em contrapartida, as taxas de incremento da participação de idosos se elevam.”

Em relação ao gênero, o que foi salientado é que há um relativo equilíbrio. Isso constatamos ao analisar a tabela 2 a seguir.

**Tabela 2 - População residente em Nova Olinda 1991/2000/2010.**

Discriminação	1991		2000		2010	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<b>Total</b>	<b>11.354</b>	<b>100,00</b>	<b>12.077</b>	<b>100,00</b>	<b>14.256</b>	<b>100,00</b>
<b>Urbana</b>	4.802	42,29	6.939	52,94	9.696	68,01
<b>Rural</b>	6.552	57,71	5.684	47,06	4.560	31,99
<b>Homens</b>	5.546	48,85	5.970	49,43	7.020	49,24
<b>Mulheres</b>	5.808	51,15	6.107	50,57	7.236	50,76

Fonte: IPECE (2015).

Em conversas informais com residentes fomos informados que as novas oportunidades de negócio e trabalho no município, associadas à escolha de Nova Olinda como “Destino Indutor do Desenvolvimento Turístico” estavam motivando o

retorno de nativos para a terra natal. Essa conjugação de fatores é uma possível chave de explicação para a continuidade da tendência de aumento da população.

Na tabela 3, abaixo, visualizamos: a) dados sobre emprego e renda formais, em 2014; b) as atividades que ocupam o maior número de pessoas.

**Tabela 3 – Número de empregos formais em Nova Olinda em 2014 por atividade.**

Discriminação	Município			Estado		
	Total	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino
Total de Atividades	1.618	683	735	1.552.477	870.979	681.468
<b>Extrativa Mineral</b>	<b>95</b>	88	7	3.336	3.034	302
<b>Indústria de Transformação</b>	<b>307</b>	301	6	264.540	162.810	101.830
Serv. Indust. Utilid. Pública	-	-	-	8.974	7.435	1.539
Construção Civil	17	16	1	92.801	85.779	7.022
<b>Comércio</b>	<b>206</b>	136	71	274.168	160.615	113.553
Serviços	58	41	17	489.854	275.286	214.568
Administração Pública	<b>935</b>	302	633	391.925	152.560	239.365
Agropecuária	-	-	-	26.749	23.460	3.289

Fonte: IPECE, (2015, p.10).

Como podemos conferir o efetivo de pessoas no serviço público ocupa o primeiro lugar com 935 pessoas. Durante incursões ao campo registramos em fotografias aspectos de organismos da administração pública na sede do município. No primeiro bloco reunimos imagens dos Poderes Executivo (Figura 31), Legislativo (Figura 32) e Judiciário (Figura 33).

**Figura 31 - Fotografia da Prefeitura de Nova Olinda.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

**Figura 32 - Fotografia da Câmara dos Vereadores de Nova Olinda.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

**Figura 33 - Fotografia do Fórum de Nova Olinda.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

No segundo bloco visualizamos algumas secretarias municipais. No momento em que as imagens foram feitas, dezembro de 2012, a sede de Nova Olinda parecia um grande canteiro de obras e alguns prédios ocupados por organismos municipais também passavam por transformações. Era o caso da Secretaria de Saúde (Figura 34).

**Figura 34 – Fotografia da Secretaria de Saúde de Nova Olinda.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.



**Figura 35 - Fotografia do Hospital Municipal de Nova Olinda.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

**Figura 36 – Fotografia da Secretaria de Educação de Nova Olinda.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

**Figura 37– Fotografia da Secretaria do Meio Ambiente de Nova Olinda.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Em CDVHS (2007, p.22) lemos que a indústria de transformação, responsável pelo segundo maior número de empregos informais em Nova Olinda reúne a produção de cerâmica, móveis e madeiras. Nas Figuras 38 e 39, a seguir, visualizamos duas grandes empregadoras:

**Figura 38 – Fotografia da Madeireira Madresul.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

**Figura 39 – Fotografia da Cerâmica Cenolinda.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

A seguir os indicadores de saúde do município referentes ao ano de 2014.

**Tabela 4 - Principais Indicadores de Saúde de Nova Olinda em 2014.**

Discriminação	Município	Estado
Médicos/ 1.000 hab.	0,93	1,38
Dentistas/ 1.000 hab.	0,66	0,34
Leitos/1.000 hab.	1,33	2,25
Unidades de saúde/1.000 hab.	0,80	0,43
Tx. intern p AVC/ (40 anos ou mais) 10.000 hab.	42,56	29,65
Nascidos vivos	242	127.241
Óbitos	5	1.575
Taxa de mortalidade infantil/1000 nasc. vivos	20,66	12.36

Fonte: IPECE (2015, p.8)

No que concerne à educação, o quadro em 2014, conforme IPECE (2015) era o seguinte: duas escolas estaduais com laboratórios de informática. Em uma não havia biblioteca; oito escolas municipais, das quais duas não contavam com laboratório de informática ou biblioteca; 02 escolas particulares, ambas com bibliotecas, mas sem laboratórios de informática, abaixo, na Figura 40.

**Figura 40 - Fotografia da Biblioteca Pública Municipal.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Para uma avaliação da posição de Nova Olinda no *ranking* dos indicadores de desenvolvimento, recordamos que são 148, o total de municípios do Estado do Ceará.

Tabela 5 - Índices de Desenvolvimento de Nova Olinda em 2012 e posição no ranking do Ceará.

Índices	Valor	Posição no Ranking
Índice de Desenvolvimento Municipal (IDM) -2102	27,15	90
Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) - 2010	0,625	40
Índice de Desenvolvimento Social de Oferta (IDS-O) - 2009	0,406	60
Índice de Desenvolvimento Social de Resultado (IDS-R) - 2009	0,459	132

Fonte: (IPECE, 2015, p.14).

Conforme dados de CDVHS (2007, p. 23), em 2000, Nova Olinda ocupava a 78<sup>a</sup> posição com O IDH. Após nove anos passou para a 40<sup>a</sup> posição. Quanto ao IDM a situação é exatamente contrária. Em 2000, ocupava a 53<sup>a</sup> posição com 29,68 pontos. Em 2004 perdeu oito posições e passou para a 61<sup>a</sup> posição com 26,74 pontos. Em 2012 chegou à 90<sup>a</sup> posição.

O IDM, “elaborado pelo IPECE, utiliza um conjunto de 30 indicadores, abrangendo os quatro grupos a seguir: i) Fisiográficos, fundiários e agrícolas; ii) Demográficos e econômicos; iii) Infraestrutura de apoio; iv) sociais” (CDVHS, 2007, p.23).

Tabela 6 – Produto Interno Bruto de Nova Olinda em 2012.

Discriminação	Município	Estado
PIB a preços de mercado (R\$ mil)	70.527	90.131.724
PIB per capita (R\$ 1,00)	4.835	10.483
<b>PIB por setor (%)</b>		
Agropecuária	5,28	3,38
Indústria	19,64	22,84
Serviços	75,07	73,78

Fonte: (IPECE, 2015, p.14).

A tabela 6 apontou para participação do setor terciário na composição do PIB em Nova Olinda similar à média do Estado. De acordo com tipologia definida pelo IBGE, em 2004 eram as seguintes as atividades do município do setor terciário (CDVHS (2007, p. 23):

1. Comércio, reparação de veículos automotores, objetos pessoais domésticos;
2. Alojamento e alimentação;

3. Transporte, armazenagem e comunicações;
4. Intermediação financeira;
5. Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços de prestadoras de empresas;
6. Outros serviços coletivos sociais e pessoais.

Do que foi havia registrado em relação ao turismo no documento citado anteriormente destacamos:

A atividade turística representa um grande potencial de geração de ocupação e renda em Nova Olinda. [...] Todavia, há uma necessidade de adequação da infra-estrutura local no que tange ao equipamento turístico existente. Existem na sede de Nova Olinda pequenos serviços de alimentação (cerca de 10 restaurantes/lanchonetes) que atendem aos visitantes). Além disso, há poucos estabelecimentos de hospedagem, inibindo a permanência de turistas no município por mais de um dia. Esses são caracterizados por dois tipos: Pousadas Domiciliares, projeto da Fundação Casa Grande em que os turistas podem se hospedar em casas de famílias cadastradas pela entidade, e os chamados “hotéis”, que na verdade são hospedarias familiares adaptadas para servir refeições e receberem visitantes. (CDVHS, 2007, p.22-23).

Na Figura 41, a seguir, temos um exemplo emblemático de hospedaria familiar no formato da citação anterior.

**Figura 41 - Fotografia da fachada do Restaurante e Pousada Perimetral.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Na Figura 42, abaixo, dá para termos uma ideia do padrão de um dos maiores restaurantes da cidade.



**Figura 42 – Fotografia com vista parcial do salão do Restaurante Vivenda do Peixe.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

As Figuras 43 e 44, na sequência são de empreendimentos do mesmo proprietário, no caso, um restaurante e uma pousada conjugados.

**Figura 43 – Fotografia da fachada do Restaurante Bom Sabor.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

**Figura 44 – Fotografia da fachada da Pousada Leal.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Em agosto de 2009 quando soubemos da realização do I Seminário de Turismo com Base Comunitária no Teatro Violeta Arraes da Fundação Casa Grande e procuramos fazer reserva em uma pousada domiciliar soubemos que todas estavam lotadas e o responsável pelas reservas da FCG-MHK nos indicou a Pousada Leal. Há uma parceria informal entre a empresa e a FCG-MHK para situações semelhantes. Conversando com os recepcionistas que os hóspedes da Pousada Leal são em sua grande maioria, representantes comerciais e artistas de bandas musicais que se apresentam na cidade. Durante as festas do calendário anual do município a pousada fica com 100% da capacidade ocupada.

Em 2013, observamos estruturas na sede de Nova Olinda, indispensáveis em todos os municípios receptores de fluxos turísticos: serviços bancários, Correios e Segurança Pública. Para o porte da cidade e pelo fluxo de visitantes três estruturas financeiras atendiam de modo satisfatório às necessidades de turistas nacionais. Identificamos duas agências bancárias, Banco do Brasil (Figura 45), Bradesco (Figura 46) e um Casa Lotérica (Figura 47).

**Figura 45 – Fotografia da Agência do Banco do Brasil no Centro de Nova Olinda.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

**Figura 46 – Fotografia da Agência do Bradesco no Centro de Nova Olinda.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

**Figura 47 – Fotografia da Agência do Bradesco no Centro de Nova Olinda.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.



A unidade dos Correios e a Secretaria de Segurança Pública, anexa à Delegacia ficam no Corredor Turístico.

**Figura 48 – Fotografia da Unidade dos Correios no Centro de Nova Olinda.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

**Figura 49- Fotografia da fachada da Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

As condições do imóvel ocupado pela Secretaria de Segurança Pública do município, bem como pela unidade policial de Nova Olinda apresentavam aspecto precário, conforme é possível conferir na Figura 50, a seguir. O aspecto deteriorado dava uma sensação de insegurança ao visitante. Assim nos sentimos.

**Figura 50 - Fotografia da recepção da Unidade Policial de Nova Olinda.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Após apresentarmos aspectos caracterizadores de Nova Olinda, passamos a nos ocupar da FCG-MHK qualificada de alto-falante da região cultural do Cariri pela seguinte razão. Ao cruzarmos informações de trabalhos científicos que tiveram como objeto esta Instituição, com conversas informais em Nova Olinda, com pesquisa realizada com 79 Nova Olidenses, e tudo que escutamos nos eventos que participamos, durante o trabalho de campo, inferimos sobre o papel relevante que essa instituição desempenhou na definição de Nova Olinda como “Destino Indutor do Turismo Regional” em 1996 (FALCÃO, 2013).

Comprendemos o porquê da seguinte afirmação de Duarte (2007, p.16):

**Nova Olinda se tornou a cidade da Fundação Casa Grande.** Passaram a ser assim identificados os gestores públicos municipais que chegavam à capital federal: “Ah! O senhor é da cidade da Fundação Casa Grande”? A injeção de recursos estaduais e federais foi crescendo à medida que os braços da Casa Grande foram expandindo sua área de abrangência. Com isso a cidade ficou mais limpa, mais bonita, mais cuidada. **Os habitantes desse pequeno e longínquo município passaram, a partir do conhecimento de sua história e de sua origem, a ter escolhas e propósitos e vida mais amplos, horizontes mais largos. O caminho até a universidade ficou mais curto.** Por ano, a fundação absorvia 70 novos alunos para o curso de formação de gestores. (grifo nosso).

Em 2010 uma matéria no caderno regional do Jornal Diário do Nordeste noticiava a exposição itinerante concebida e organizada pela FCG-MHK em cidades de Portugal, Itália, Alemanha e Rio de Janeiro. O título da Exposição foi “Casa Grande – Uma viagem aos encantos da Chapada do Araripe”. A jornalista explicou:

O trabalho desenvolvido faz parte de uma parceria da Fundação Casa Grande e Ministério do Turismo. [...] a ideia para desenvolver esse

trabalho partiu de um edital que foi lançado por meio do Ministério, sobre turismo social de base comunitária. (SANTOS, 2010, p.1).

Em outro trecho da matéria a jornalista repetiu textualmente a explicação dada pelo Aemberg:

E é esse turismo pautado na construção social, na troca de conhecimentos, integração com outras culturas que está dentro da perspectiva de trabalho. Vamos mostrar, por meio desse projeto, o destino indutor, por meio da Casa Grande [...] A visão do Cariri e o seu contexto social e cultural [...] O trabalho da Fundação ficará a cargo do diretor da Casa Grande e da diretora, Rosiane Limaverde, que ministrarão palestras sobre o Cariri e Chapada do Araripe, em seus vários contextos. O show e a exposição são espetáculos à parte. (SANTOS, 2010, p.1).

A FCG-MHK assumiu o papel de difusora da cultura e dos encantos do Cariri em diferentes circunstâncias e modos mais criativos. É isso que o leitor constata a partir daqui.

#### **4.4. Fundação Casa Grande: alto-falante da região cultural do Cariri**

A natureza jurídica da FCG-MHK é Fundação Cultural e Filantrópica. Constitui uma organização sem finalidade lucrativa de acordo com os parâmetros classificatórios, tal qual comentamos no segundo capítulo. Trata-se de uma organização de interesse social, considerada de utilidade pública nas esferas governamentais do Município, do Estado e da União (PEREIRA, 2005; BRUNI; ZAGMANI, 2010).

A relação de conquistas materiais e simbólicas, desde sua constituição em 19 de dezembro de 1992 é extensa. Fizemos esta afirmação com base em informações obtidas nos textos científicos de Acioli (2002), Azevedo (2005), Duarte (2007), Noronha (2008) e Lobo (2011).

Após afirmar que a FCG-MHK desenvolvia endocomunicação por possuir as características da educação para os meios de comunicação, Acioli (2002, p53) escreveu:

Concluo ainda que esse projeto cabe nas definições de educação de Paulo Freire, a medida em que **os meninos adquirem autonomia e se tornam capazes de refletir sobre a própria existência, definindo o caminho que desejam seguir.**

**Mais do que isso, eles adquirem a liberdade de soltar a enxada e escolherem um futuro de acordo com as suas inclinações, conscientes**

**de que são parte de um todo, mas sem perder a forte ligação com a memória do lugar onde vivem.**

Na Casa Grande, tudo é todos e **todos trabalham pelo mesmo fim.**

Cada um tem de acordo com o seu desejo e sua capacidade de construir. **Nem tudo é brincadeira: há muito trabalho, responsabilidades e desafios.**

**Os primeiros meninos da Casa Grande já estão entrando na Universidade** e aos poucos **passando o comando para os mais novos.**

**Os pequenos, que acabam de chegar, observam de perto a construção desse mundo.** Os seres encantados - Kariuzinho, Maara, Veado Galheiro, Caipora - **misturam-se às brincadeiras dos meninos com a naturalidade de quem é acostumado ao mágico.** (grifos nossos).

Quais as características das crianças, adolescentes e jovens que se vinculam à FCG-MHK? Quem são os chamados “meninos” e “meninas” da FCG-MHK? Após extensa pesquisa documental associada à observação participante Noronha esclareceu:

Percebemos, ao longo das reportagens que lemos, que as notícias que trazem a FCG como ONG que atende a meninos “carentes”, “pobres”, “excluídos”, “necessitados”, foram poucas e praticamente desaparecerem ao longo dos anos. O que indica que sua política de atenção não se vale de tais prerrogativas para manter-se em pauta. O que encontramos *in loco* foram **meninos e meninas, à procura de sonhos, que buscam superar seus problemas**, que, por não serem de uma classe abastada, também **não se julgam inferiores, mas capazes.** (NORONHA, 2008, p. 154, grifos nossos).

Em pesquisa etnográfica na FCG-MHK Azevedo (2005, p.245), após refletir sobre a marca da ONG em quem se vincula a ela, mesmo após ter saído, independente do motivo, chegou a seguinte constatação:

À Casa Grande, para os que cresceram nela, cabe bem a **metáfora da tribo**: As meninas e os meninos da Casa Grande, como **disse certa feita dona Violeta Arraes, nunca deixarão de ser meninas e meninos da Casa Grande.** Mesmo saindo da Fundação eles levarão adiante ainda por um longo tempo (senão pela vida inteira) uma **memória corporeificada**: ali cresceram, ali **se construíram enquanto indivíduos** e foram acolhidos num micro-grupo social que os **fizeram ser reconhecidos** (entre si, em relação à família, aos cidadãos e aos estrangeiros).

Os trechos extraídos dos relatórios dos três pesquisadores anteriormente citados e outros escritos sobre a FCG-MHK que serão encontrados até o final do

capítulo, nos inspiraram qualificá-la como “lugar de memória e salvaguarda do patrimônio cultural da região”.

Convidamos o leitor a nos acompanhar numa incursão pelos espaços e realizações desta instituição a partir deste ponto em que descreveremos esse “lugar”. Iniciamos pelo espaço por onde todo visitante é conduzido ao chegar para visitar a “Casa Azul”, o “Ponto de Cultura da Chapada do Araripe” ou a “Fundação Casa Grande”: O Memorial do Homem Kariri.

#### *4.4.1 Memorial do Homem Kariri (MHK)*

Em 1992, a casa mais antiga da cidade foi restaurada e passou a abrigar o MHK, museu com acervo arqueológico e mitológico. Esta iniciativa corrobora as proposições dos teóricos que defendem a emergência de re-ações à homogeneização cultural com movimentos de afirmações étnicas e de identidades regionais e locais.

**Figura 51 – Fotografia da fachada e terreiro do Memorial do Homem Kariri da FCG em Nova Olinda.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Silva (2009, p.16) exemplifica uma posição contrária à corrente homogeneizadora ao afirmar que

Índios são aqueles que apesar do imaginário social desabonador construído sobre estas populações, alimentam um outro sentimento e uma outra atitude

diante de sua ancestralidade e faz dela, no mundo hodierno, objeto de autoestima, dignidade e afirmação étnica.

Na sequência de texto, articulamos imagens fotográficas das seis salas do museu com breve descritivo de cada uma. O conteúdo das fotografias revelam o que a FCG-MHK, salvaguarda, preserva e divulga a cultura regional.

Duarte (2007, p. 5) ensina que “O memorial surgiu como um espaço de cultura que contava a história do povo da região”, história que não estava nos livros didáticos, pois esses contavam a história dos colonizadores como heróis.

Noronha (2008, p.141) diz que:

Cada peça do museu é identificada com o nome do seu doador, isto, conforme um dos meninos constitui-se uma forma de incentivar a pessoa a doa a peça. Aferimos que há um processo de **troca**, quando a FCG obtém conhecimento que existe um determinado achado em tal lugar, tenta resgatá-lo. No entanto, há pessoas locais da comunidade que, encontrando as peças já entram em contato com a FCG, evidenciando que esta **representa um local de salvaguarda dessa cultura**. (grifo nosso).

Quando o visitante/turista chega é recebido por crianças e jovens que apresentam a história e o acervo do museu. *A visita sempre se inicia pela Sala do Coração de Jesus*, a antiga sala de visitas da residência do avô do Alemberg.

Em Azevedo (2005, p. 152) um jovem explicou que para ser recepcionista do MHK é necessário compreender a filosofia da instituição. Durante as estadas em campo escutamos o Alemberg falar várias vezes que a função de recepcionista é a iniciação obrigatória para quem quer se vincular à ONG.

Qualquer criança ou jovem residente ou visitante tem acesso aos espaços da FCG-MHK, mas há aqueles que assumem tarefas diárias desde que se mantenham com desempenho satisfatório no ensino formal. A assunção de tarefas pelas crianças e jovens é vista numa perspectiva de inclusão e de aprendizagem. Engana-se quem especula sobre exploração do trabalho infantil. Uma evidência disso são os prêmios amealhados pelas FCG-MHK ao longo dos anos. Exemplos de prêmios que reconhecem o trabalho de formação integral de crianças e jovens são os que estão expostos nas Figuras 52 e 53 a seguir.

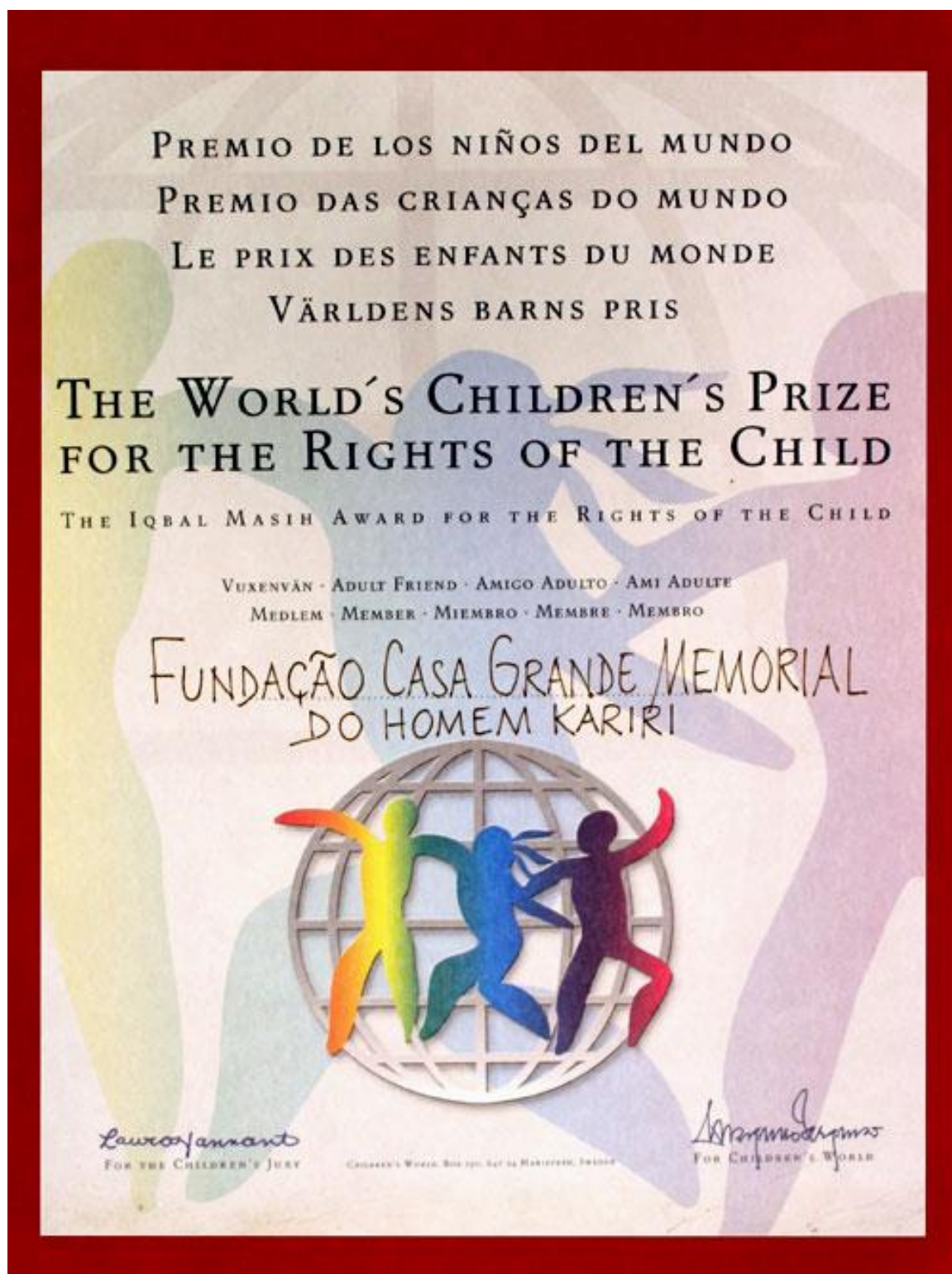
**Figura 52 - Fotografia do Prêmio UNICEF Criatividade Patativa do Assaré. Projeto mais criativo e melhor projeto de educação 2002**



Fonte: Disponível em: <<http://www.fcg.org.br>> Acesso em: 02 maio 2017.



Figura 53 - Prêmio Crianças do Mundo concedido à FCG-MHK pela UNESCO – *Children's World*



Fonte: Disponível em: <<http://www.fcg.org.br>> Acesso em: 02 maio 2017.



As explicações do jovem da FCGMHK em Azevedo (2005) elucidaram a possibilidade de percurso oferecida para quem se vincula à FCG-MHK. Ele contou que enquanto ocupava a função de gerente do MHK observou que algumas crianças se interessavam mais por outros espaços e atividades, como por exemplo, a música, participar da banda, tocar instrumentos e/ou cantar. Esclareceu que a criança poderia atingir o objetivo que tinha em mente mas enquanto estivesse na função de recepcionista a prioridade seria atender o visitante ou turista.

Sobre essa questão Noronha (2008, p. 148) concluiu que “[...] todos **aprendem no coletivo**, e **individualmente**, aprendem **conforme** suas **experiências de vida e interesse** [...].” (grifos nosso).

**Figura 54 - Recepcionista do MHK em horário de folga apontando para detalhes da Sala Coração de Jesus.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Na parede para a qual o menino aponta há um oratório e ícones de santos emoldurados, costume muito difundido entre a população sertaneja do Ceará, sobretudo no Cariri, região que tem a religiosidade como um dos seus traços marcantes. Isso aferimos com a orientadora em incursão ao campo em julho de 2012. O Caririense segue a recomendação de Pe. Cícero: “Em cada casa, um oratório”. As peças expostas nas outras paredes da sala são fotografias e objetos da edificação selecionados durante a reforma.

As outras cinco salas do museu recebem as seguintes denominações: Etnia, Mitologia, Artes Rupestres, Arte Cerâmica e Arte Lítica.

A Sala Etnia, (Figura 54) expõe fotografias de crianças e adultos com traços fisionômicos próprios dos habitantes originais da região. Há vários painéis explicativos sobre os *Kariri-Kariús* e uma máscara esculpida em madeira, usada no folguedo – “Reisado” que acontece no ciclo natalino.

**Figura 55 - Fotografia de descendente de índios Kariri na Sala Etnia do MHK.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

A Sala Mitologia tem painéis com lendas registradas pelos sócios-fundadores da ONG em andanças na região para coleta de elementos para composições musicais. Os desenhos foram feitos por crianças. A orientadora conheceu a autora do painel da lenda da Pedra da Batateira. Estávamos hospedadas na pousada domiciliar da mãe dela, em julho de 2012, quando recebeu a notícia de aprovação em mestrado acadêmico em Letras na UFMG. A precursora da atual FCG Editora estava casada, mãe de dois filhos e diretora de uma das escolas públicas de Nova Olinda.

Duarte (2007, p.3) contou sobre o trabalho do casal de Fundadores:

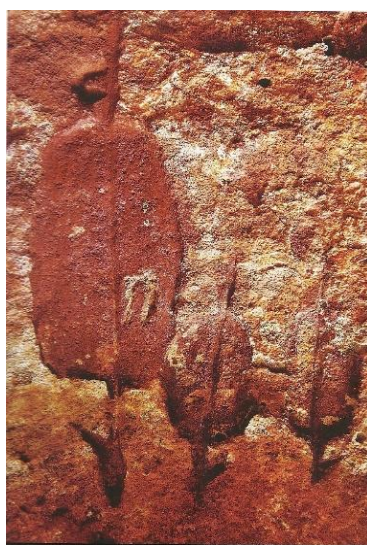
Para o processo de criação de suas composições musicais, buscavam inspiração nas lendas e mitos do povo da nação Kariri – tribo que habitou a região até ser expulsa para o sopé da Chapada do Araripe pelos colonizadores que lá aportaram. Para tanto, realizaram inúmeras pesquisas, aprofundaram-se no tema, colheram utensílios e objetos, utilizaram o que puderam e... sobrou material.

A Sala Artes Rupestres ocupa o antigo quarto do casal. Há painéis com fotografias de pinturas pré-históricas com motivos variados. Identificadas por moradores em diferentes municípios da região e investigadas por arqueólogos, constituem evidências da ocupação do Cariri em período bem distante da ocupação colonial.

Noronha (2008 p.143) informou: “Os registros rupestres da Chapada do Araripe foram tema da dissertação de mestrado da Rosiane Lima Verde. Para catalogá-los [...] os meninos da FCG a ajudaram e aprenderam mais sobre a região e suas riquezas”. Esse trecho revela as trocas que acontecem entre os adultos, jovens e crianças da própria ONG. Quando estávamos participando do I Seminário Internacional de Turismo com Base Comunitária a Arqueóloga Maria Conceição Lopes Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> e da Universidade de Coimbra, Portugal, orientadora da Rosiane Limaverde afirmou que sua orientanda estava criando uma metodologia inovadora para a arqueologia mundial, a Arqueologia Social Inclusiva.

As evidências da presença humana dos nossos antepassados no Cariri podem ser vistas em forma de gravuras e pinturas rupestres, como a da Figura 56, abaixo, escolhida para ser símbolo da FCG-MHK.

**Figura 56 - Fotografia de pintura rupestre - símbolo da FCG-MHK.**



Fonte: FCG (2016).

As Salas Arte Cerâmica e Artes Rupestres expõem peças que foram sendo reunidas pelo casal de fundadores em andanças pelo Cariri com o objetivo de realizar pesquisa antropológica. Os dois tinham avidez por conhecer as raízes culturais do povo, as lendas e mitos e transformar em arte, como o fizeram no primeiro espetáculo musical da ONG - “A Lenda”. Na figura 57, abaixo uma peça de cerâmica o acervo permanente.

**Figura 57: Fotografia de cerâmica Kariri.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Em todas as ocasiões que estivemos na FCG-MHK observamos a naturalidade com que as crianças e jovens da ONG lidam com o acervo do museu. Eles cuidam da limpeza com zelo mas com grande desenvoltura. Circulam entre as vitrines quer estejam exercendo a tarefa de Guias Especializados no MHK, quer estejam apenas acompanhando algum parente ou amigo como se estivessem na casa deles, postura que motivou a escrita do seguinte texto por Noronha (2008, p.150):

Aprendemos que os meninos passam a conhecer os museus da região do Cariri Cearense, bem como, a sua tradição popular, não como coisa imediata e obrigatória, mas sentida e escutada, na convivência, nos shows que acontecem no Teatro Violeta Arraes, nos documentários que fazem e/ou nas mídias que assistem. Assim o conhecimento sobre a história local vai se formando sem pressa, “sem manuais de civismo. (grifo da autora).

A Figura 58 oferece uma noção do acervo exposto na Sala Artes Rupestres. Desatacam-se machadinhas de diferentes formatos e tamanhos.

**Figura 58 - Fotografia parcial da Sala Artes Rupestres.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Feita a apresentação sobre o acervo do Memorial do Homem Kariri passamos a tratar dos visitantes que acorrem à Nova Olinda e que o visitam.

#### 4.4.1.1 Visitantes do MHK

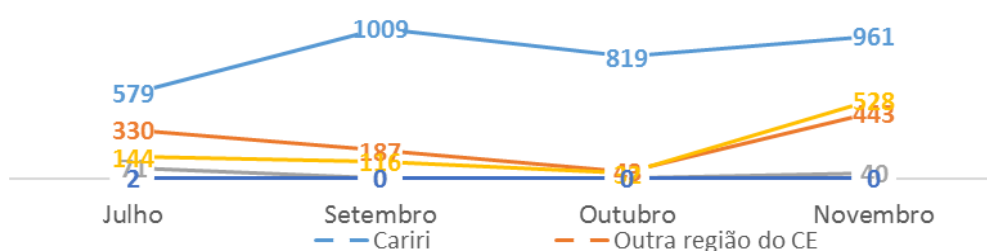
Ao consultar o livro de registro de visitantes do MHK aferimos que a maior quantidade de visitantes é formada por grupos organizados por profissionais da educação. Identificamos instituições de ensino públicas e privadas do próprio município, região, outros municípios do Ceará e estados do Nordeste. Os grupos são formados por estudantes de todos os níveis de ensino, do básico às pós-graduações. Isso também foi observado em todas as incursões que fizemos ao campo.

Nossa experiência com turismo pedagógico revelou a resistência dos pais diante de realidades inovadoras como é o caso das pousadas domiciliares da COOPAGRAN. Assim, gestores da educação e professores preferem trabalhar com grandes e médios meios de hospedagem. Por isso os grupos formados por alunos de escolas de diferentes níveis de ensino ficam em meios de hospedagem que dispõem de áreas de lazer, geralmente, em Juazeiro do Norte.

Os dados apresentados do gráfico 3 ao gráfico 9 foram coletados nos Livros de Registros de Visitantes do Memorial do Homem Kariri que foram colocados a nossa disposição.

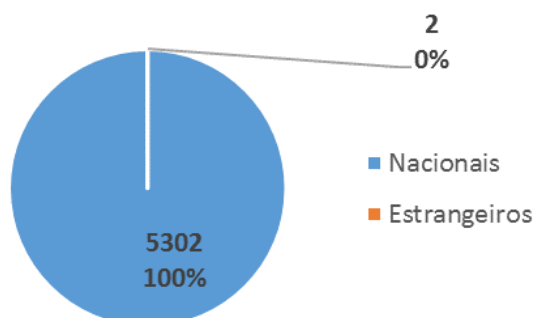
Ao todo foram contabilizados 5.302 visitantes que efetivamente assinaram o livro em apenas quatro meses do ano de 2011, no caso, julho, setembro, outubro e novembro. Embora se trate de amostra com limitações de representatividade fornece uma ideia do fluxo de visitantes por ano e origens geográficas.

**Gráfico 3 - Quantidade de visitantes no memorial por origem geográfica por mês/ano de 2011.**



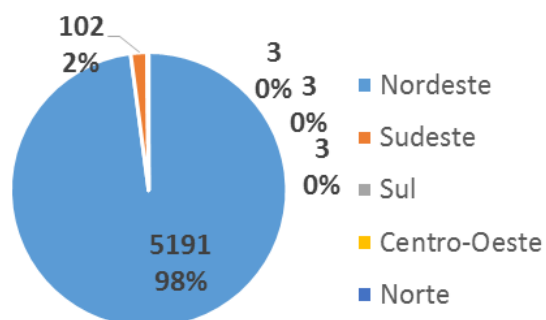
Fonte: Pesquisa direta, dez. (2011).

**Gráfico 4 - Quantidade (%) de visitantes nacionais e estrangeiros.**



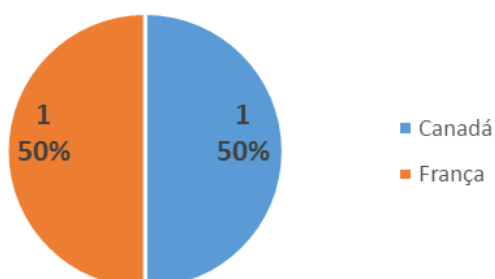
Fonte: Pesquisa direta, dez. (2011).

**Gráfico 5 - Quantidade (%) de visitantes nacionais por região do Brasil.**



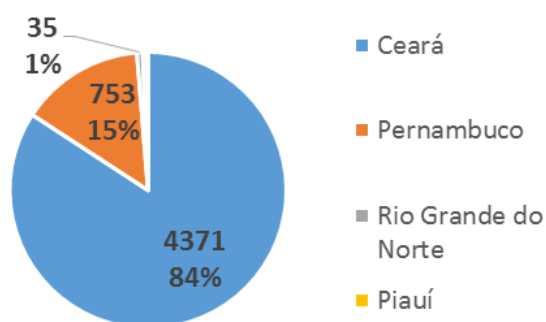
Fonte: Pesquisa direta, dez. (2011).

**Gráfico 6 - Quantidade (%) de visitantes estrangeiros por nacionalidade.**



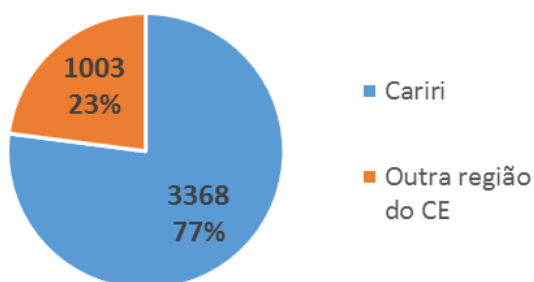
Fonte: Pesquisa direta, dez. (2011).

**Gráfico 7 – Quantidade (%) de visitantes do Ceará em relação ao total de visitantes de outros estados do Nordeste**



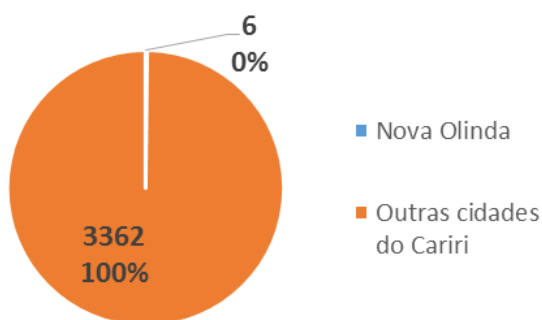
Fonte: Pesquisa direta, dez. (2011).

**Gráfico 8 – Quantidade (%) de visitantes do Cariri em relação ao total de visitantes das demais regiões do Ceará**



Fonte: Pesquisa direta, dez. (2011).

**Gráfico 9 – Quantidade (%) de visitantes de Nova Olinda em relação ao total de visitantes do Cariri**



Fonte: Pesquisa direta, dez. (2011).

Após constatar que parte considerável dos grupos que visitam a FCG-MHK é formada por profissionais da educação, solicitamos por meio eletrônico ao mentor e Coordenador do Projeto de Turismo Pedagógico do Colégio Santa Cecília de Fortaleza<sup>22</sup>, da Congregação Damas da Instrução Cristã, para emitir uma opinião sobre o trabalho da ONG. A resposta dele foi:

Quando penso no trabalho realizado pela fundação gerida pelo Alembert Quindins e Rosiane Limaverde tenho orgulho de ser cearense. Ali naquela Casa Grande habita um sonho maior do que ela mesma. O Memorial do Homem do Kariri é mais do que uma iniciativa que abriga atividades artísticas e culturais com crianças e adolescentes da região de Nova Olinda, no alto Cariri. **A Casa Grande, de fato, sedia um dos melhores e mais expressivos exemplos de protagonismo infantil e juvenil que já pude conferir nas minhas largas andanças mundo afora e uma verdadeira referência para quem quer que um dia deseje prestar quaisquer serviços à comunidade sem cair no assistencialismo ou mesmo no paternalismo descabido.**

Entre outros aspectos que saltam aos olhos em Nova Olinda, a autonomia, a independência, a criatividade, a capacidade de produzir muito se utilizando de recursos limitados, **a cearensidade embutida em cada ato** são elementos notáveis para quem acompanha a prática e a atuação daqueles jovens artistas. Dá gosto de ver. Dá gosto de se acompanhar. Uma iniciativa que merece mais do que aplausos de reconhecimento pelo seu grande valor cultural e social, mas uma verdadeira homenagem advinda de qualquer um que acredite na força da educação e da cidadania na edificação de uma sociedade mais justa e igualitária. É isso que merece a Casa Grande, reconhecimento, homenagens e muitos, muitos, plágios. (Prof. Max Roger Franco Pompílio, grifo nosso).

Após apresentar de modo sucinto os espaços do Memorial do Home Kariri e aspectos dos seus visitantes passamos a discorrer sobre a FM Casa Grande.

#### *4.4.2 FM Casa Grande*

A ligação do casal de fundadores da FCG-MHK com a música sempre foi muito forte. Duarte (2009, p.1-2) conta: “Ambos com formação musical, emergentes do cenário artístico, participaram de inúmeros de festivais pelo Brasil afora. Conheceram muitos centros culturais e atuaram como gestores culturais.”

Segundo Acioli (2002, p.15), o casal amealhou dois prêmios do Festival Instrumental de Mariná-PR em 1989: “o de Melhor Música e o de Melhor Arranjo. A vida artística proporcionou conquista de muitas amizades.”

---

<sup>22</sup> O Professor Max Roger Pompílio Franco é Técnico em Turismo, Bacharel em Letras, escritor vencedor do Prêmio Jabuti de Literatura, Consultor de Viagens.



Pinçamos de Azevedo (2005, p.152) a inspiração para a FM Casa Grande na narrativa da Rosiane: “A rádio surgiu de uma amplificadora que tinha em 1960”.

**Figura 59 - Fotografia parcial da Casa Grande FM.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Em Azevedo (2005) encontramos trecho de uma entrevista concedida pelo Alemberg em que ele narra a primeira visita da Violeta Arraes à Casa Grande e alude à FM Casa Grande:

Eu lembro que a primeira vez que ela entrou [...]existia ainda os alto-falantes em cima da Casa Grande que era a nossa rádio, A Voz da Liberdade, e a gente botou o bolero de Ravel para recebê-la, e eu me lembro que ela entrou na Casa Grande ao som do Bolero de Ravel, e ela conheceu a Fundação, e a partir daí se iniciou uma amizade [...]. (AZEVEDO, 2005, p. 150).

Azevedo (2005, p.5) caracterizou a ONG como “um organismo coletivo que utiliza uma série de estratégias materiais e imateriais, para fazer durar no tempo a cultura Kariri, entre elas, o uso de tecnologias de informação e comunicação.”

#### *4.4.3 Casa Grande Editora*

Noronha (2008) avaliou que a experiência de narrar lendas, para produzir as HQs, possibilita a apropriação de saberes pelos envolvidos nesse processo. As informações sobre a origem dos recursos financeiros para a primeira grande ampliação dos espaços físicos da ONG estão presentes na pesquisa referida. Nas palavras da autora citada:

Os meninos decidiram escrever, por meio de um gibi, a história da fundação e a necessidade premente de ampliação de seus espaços. Junto com o gibi seguiu um projeto bem estruturado que permitiu à Casa Grande, em 2000, ampliar sua área de 500 m<sup>2</sup> para 1,6 mil m<sup>2</sup>, com a ajuda do governo estadual, por meio da Lei Jereissati (NORONHA, 2008, p.151)

A Figura 60, a seguir é da primeira escola de Nova Olinda adquirida pelo Governo do Estado conforme citação anterior e cedida ao patrimônio da FCG-MHK. Após a reforma/restauração, o imóvel passou a ser ocupado pela “Escola de Comunicação da Meninada do Sertão”. O espaço abriga: a biblioteca, a gibiteca, a DVDTeca e a Casa Grande Editora.

**Figura 60 - Fotografia da “Escola de Comunicação da Meninada do Sertão” da FCG-MHK.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

#### *4.4.4 100 Canal*

Em Azevedo (2005, p. 152) encontramos trecho de uma entrevista em que Alembert conta que o “100 Canal” foi criado a partir da manifestação do interesse do menino Samuel Macêdo pelo trabalho das equipes que acorriam à Nova Olinda para gravarem matérias televisivas sobre a FCG-MHK.

**Figura 61 - Fotografia de sala com equipamentos do 100 Canal, a TV da FCG-MHK.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

O mencionado jovem desenvolveu múltiplos talentos na FCG-MHK, dentre os quais, compor músicas e tocar diferentes instrumentos. É dele a narrativa<sup>23</sup> sobre o espetáculo “Trilhas do Som” assistido por centenas de pessoas, no Brasil e no exterior.

O Trilhas do Som nasceu da convivência da gente aqui na Fundação Casa Grande. A gente toca junto desde os nove anos de idade. Começamos na bandinha de lata e passamos a compor músicas, trilhas musicais pra TV Casa Grande pra serem utilizadas nos vídeos. O material que a gente fez pra TV acabou virando esse espetáculo. No ano de 2006 fizemos uma turnê que se iniciou aqui, na cidade de Nova Olinda, no Teatro Violeta Arraes. E daqui nós viajamos pelo **Nordeste**, e nos apresentamos em **algumas capitais**. Chegamos também em São Paulo. E depois **São Paulo** fomos à **Europa**. A gente fez uma apresentação em **Berlim**. **E essa turnê foi muito importante porque a gente teve a oportunidade de conhecer pessoas importantes, pessoas interessantes, conhecer um pouco mais de música, e conviver um pouco mais uns com os outros** (Samuel Macêdo, grifo nosso).

Durante nossas estadas em campo em diferentes momentos conversamos com os jovens protagonistas do Espetáculo Trilhas do Som. Eles nos contaram que o contato de um artista de renome nacional foi levando a outro e a outro como em um efeito dominó e isso abriu muitas portas no Brasil e no exterior.

#### 4.4.5 Biblioteca

A biblioteca foi organizada em 2009. O acervo é composto por mais de 2300 títulos doados por pessoas físicas, pelo Ministério da Cultura, Itaú Cultural e Fundação Dorina Nowill. As principais seções são: infância juventude, aventuras, fábulas, contos e literatura em minha casa.

Em 2016 está aberta ao público, de segunda à sexta, entre 13h e 17h. Observamos nas estadas em Nova Olinda que a biblioteca é procurada por alunos de todos os níveis de ensino por ter também literatura técnica.

<sup>23</sup> Registramos a informação durante um jantar informal em agosto de 2009 enquanto realizávamos observação participante do I Seminário Internacional de Turismo com Base Comunitária.

<sup>23</sup> Esse escrito foi gravado em placa exposta numa das entradas do teatro. Maria Eliza é filha de Lúcio Costa, o urbanista de Brasília.

**Figura 62 - Fotografia panorâmica da Biblioteca da FCG-MHK.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

#### 4.4.6 Gibiteca

A Gibiteca foi conquistada em 2006 com o apoio do Criança Esperança em parceria com o UNICEF e Rede Globo de Televisão. Foi equipada com cabines individuais para leitura. O acervo é rico com obras nacionais, como por exemplo, Maurício de Souza, e internacionais, como Walt Disney. Tem ainda coleções raras como a *Tex* e as produções das crianças e jovens da ONG. Um exemplo emblemático é o Gibi sobre o Turismo da Fundação.

**Figura 63 – Fotografia da capa do gibi sobre o turismo da FCG-MHK.**



Fonte: Azevedo (2005, p.167).

Por ter uma Gibiteca com alto padrão de qualidade, a FCG-MHK sediou a Mostra de Quadrinhos e Animação. Segundo Jenifer Alencar (FCGblog, 2015), o evento reuniu em torno de 800 pessoas, entre palestrantes e convidados. As pousadas da COOPAGRAN hospedaram amantes da 9ª arte, de quadrinhos e animação, provenientes do Canadá, Brasil e Portugal. O jovem, então gerente da Gibiteca frisou a oportunidade proporcionada pela FCG-MHK:

Ontem foi um momento marcante pra mim. Eu pude adquirir um conhecimento e conversar com as pessoas que eu li as histórias, pesquisei sobre eles, visitei os *sites* sobre essas pessoas. Tava ali junto com eles conversando. Há uns três a cinco anos atrás eu imaginava que isso era uma coisa impossível (Samuel Souza).

Selecionamos declarações feitas por palestrantes do evento comentado acima, que dão uma noção da importância da arte sequencial na formação das crianças e jovens que frequentam a Gibiteca da FCG-MHK.

Dois palestrantes enfatizaram que o despertar para a 9ª arte acontece na infância. O primeiro explicou: “Desenho é uma coisa que tem raiz na infância, mesmo que a gente continue fazendo por toda a vida” (Spacca da Maurício de Souza HQ). A segunda reafirmou: “Quando a pessoa gosta do que faz gosta desde pequeno” (Elizah Rodrigues do *Band Estúdio* – RJ).

Dois comentários ainda merecem ser destacados. O primeiro: “Quadrinhos é a arte mais democrática que existe, porque só precisa de duas coisas: lápis e papel. Às vezes nem lápis e papel. Às vezes com o dedo na terra você desenha” (Klévisson Viana da Tupiniquim Editora, CE). O segundo: “Desenho é uma ferramenta poderosíssima. Depende do conteúdo que ele esteja transmitindo” (Sidney Gusman do *Site Universo HQ*, SP)

#### 4.4.7 DVDteca

A DVDteca foi organizada em 2001 e tem mais de 1500 filmes, documentários, musicais, desenhos. É equipada com cabines individuais. As crianças e jovens da FCG-MHK tem repertório rico sobre cinema do mundo inteiro. Os filmes estrangeiros são ordenados por continente e diretor. Há também os vídeos produzidos pelo 100 Canal (TV Casa Grande). Também é aberta ao público.

**Figura 64 - Fotografia panorâmica da DVDteca da FCG-MHK.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.



#### 4.4.8 Teatro Violeta Arraes

O Teatro Violeta Arraes é um espaço utilizado para uma série de atividades, dentre as quais eventos.

**Figura 65 - Fotografia de uma das entradas do teatro onde fica a bilheteria.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Identificamos comentário sobre as trocas que acontecem entre os anfitriões-residentes da FCG-MHK e visitantes e anfitriões-residentes e turistas-hóspedes das pousadas domiciliares:

Os meninos e meninas receberam durante o Seminário<sup>24</sup>, informações teóricas e práticas sobre Arqueologia e Educação Patrimonial. Meninos e meninas **compartilharam** com os palestrantes e com pessoas que participaram do Seminário (estudantes, professores, representantes de ONGs), suas **experiências**, exibiram seus vídeos, tocaram com a bandinha de lata e também fizeram visitas aos sítios arqueológicos para aulas práticas [...] (NORONHA, 2008, p.147 grifo nosso)

Em discurso proferido por ocasião da inauguração do Teatro Violeta Arraes, em 1995, o compositor e intérprete Gilberto Gil, então ocupante do cargo de Ministro da Cultura, referiu-se à Nova Olinda do seguinte modo:

<sup>24</sup> I seminário de Arqueologia e Educação Patrimonial do Cariri realizado pela FCG-MHK no período de 04 a 06 de julho de 2008. Atraiu e envolveu representantes das seguintes instituições: Universidade Regional do Cariri (URCA); Universidade Federal do Piauí (UFPI); Universidade de São Paulo (USP), IPHAN e Universidade de Coimbra (Portugal), conforme consta em Noronha (2008, p.147)

**É um centro cultural de extraordinária pujança com um fator turístico importante também pra região, pra cidade. São já 3 mil turistas por mês que visitam essa cidade aqui. Enfim, museu todo esse complexo, tudo. A cidade hoje gira em torno das atividades que são realizadas aqui, do projeto que é realizado aqui pela casa. E [...] não só a cidade mas a região toda. Então tem uma importância... É um exemplo extraordinário pro Brasil e pro Mundo (INAUGURAÇÃO DO TEATRO VIOLETA ARRAES, 1995, grifo nosso).**

Ressalta-se que o Ministro da Cultura, destacou o papel da ONG para a região e sua centralidade para Nova Olinda, cinco anos antes da projeção do município no mapa do turismo do Cariri como “Destino Indutor do Desenvolvimento Regional”.

A Arquiteta responsável pelo projeto do Teatro Violeta Arraes fez uma referência à associação entre trabalho e brincadeira na FCG-MHK, ao escrever:

A Fundação Casa Grande em Nova Olinda é uma dessas surpreendentes iniciativas do que eu chamaria de cultura de subsistência que afloram aqui e ali, Brasil adentro.

Tudo é de verdade, inovador e brasileiro, no mais profundo e arraigado sentido da palavra e, confirma o dito de Lúcio Costa: ‘O Brasil não tem vocação para a mediocridade’.

O modo tão natural de fazer as coisas, de lidar com as crianças, **a proposta de estimular a criatividade, de não dissociar o trabalho do lúdico** – e o extraordinário resultado plástico que surgiu do agenciamento da Casa Grande propriamente dita atestam um alto padrão de qualidade. (Maria Elisa Costa<sup>25</sup>grifo nosso)

Identificamos registro correlato em Noronha (2008). A autora supracitada se referiu ao Teatro como:

Lugar educativo, o lúdico (espaços de lazer) e o conhecimento (espaços de pesquisa) entrelaçam-se e se encontram, o que nos leva a imaginar o quanto pode ser significativo em termos de experiências qualitativamente positivas para quem dele usufrui. (NORONHA, 2008, p.24).

O nome do Teatro é uma homenagem à Maria Violeta Arraes Gervaiseau, natural do Araripe, região do Cariri, irmã mais nova do ex-governador de Pernambuco Miguel Arraes, casada com o francês Pierre Maurice Gervaiseau. D. Violeta Arraes nasceu em 05 de maio de 1926 e morreu na Tijuca, Rio de Janeiro, em 17 de junho de 2008 (O NORDESTE.COM, 2016).

<sup>25</sup> Esse escrito foi gravado em placa exposta numa das entradas do teatro. Maria Eliza é filha de Lúcio Costa, o urbanista de Brasília.

Após o golpe militar, a família se exilou em Paris-França. Graduada em Psicologia no Brasil fez Pós-Graduação em Psicologia Social naquele país. Integrada no meio artístico, literário e musical, se notabilizou por ter transformado sua casa em Paris em lugar de acolhida para brasileiros exilados. A galeria do Teatro da FCG-MHK expõe fotografias de uma mulher marcante na história do Ceará. Foi Secretaria de Cultura do Estado do Ceará e Reitora da URCA.

Exatamente quando ocupava o cargo de Reitora, Fernando Piencó amigo do Teatro do casal de fundadores os apresentou à Sra. Violeta Arraes. Quando estivemos na residência do casal em junho de 2012 para entrevista com os dois indagamos qual a pessoa mais marcante na vida de ambos. A resposta comum foi: “Dona Violeta Arraes”.

Ao descrever o processo de produção de apresentações de filmes e espetáculos cênico-musicais no Teatro Violeta Arraes, adjetivou esse processo educativo e expansivo “posto que as pessoas encontram-se e se organizam socialmente, compartilham o que são e de como vivem, podendo influenciar e/ou também serem influenciados” (NORONHA, 2008, p.122).

No modo de conceber de Horta et al. (1999), a atividade das crianças no espaço da Casa Grande representa o que chamamos de educação não formal, ou seja, o espaço museológico como fonte de conhecimento e de educação patrimonial.

Nada substitui o objeto real como fonte de informação sobre a rede de relações sociais e o contexto histórico em que foi produzido, utilizado e dotado de significado pela sociedade que o criou. Todo um complexo sistema de relações e conexões está contido em um simples objeto de uso cotidiano, uma edificação, um conjunto de habitações, uma cidade, uma paisagem, uma manifestação popular, festiva ou religiosa, ou até mesmo em um pequeno fragmento de cerâmica originário de um sítio arqueológico. (HORTA et al. 1999, p. 07).

#### *4.4.9 Laboratório de informática*

Em Noronha (2008, p.68) encontramos que em 2004, o MinC concedeu à FCG-MHK o título de “Ponto de Cultura”, conquista que trouxe conjuntamente o acesso à banda larga e conexão da ONG com esse Ministério e os demais Pontos de Cultura do país.



“Um ponto de cultura é uma entidade cultural ou coletivo cultural certificado pelo Ministério da Cultura. [...] O Plano Nacional de Cultura – PNC (Lei 12/342/2010) estabelece em seu Plano de Metas o fomento de 15 mil pontos de cultura até 2020” (BRASIL, 2015a).

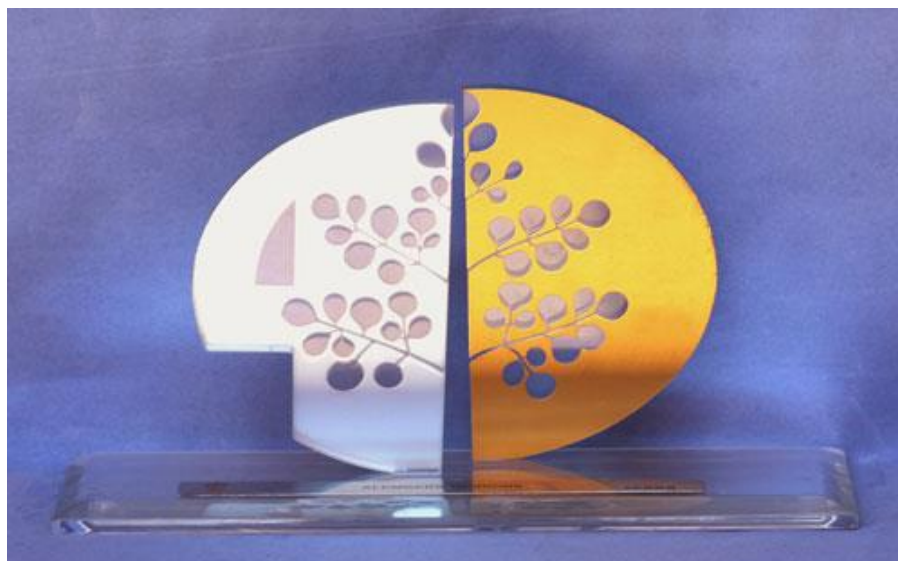
A FCG-MHK mantém um *site* e um *blog*. Todas as crianças e jovens têm *blogs* onde registram a aprendizagem no cotidiano da ONG. Em 2006, a Secretaria de Cultura do Estado do Ceará FCG-MHK reconheceu a importância do trabalho da FCG-MHK com a cultura concedendo dois Troféus: o primeiro, “Esta empresa tem Responsabilidade Cultural”, e o segundo, “Troféu Cidadão de Responsabilidade Cultural”. Ambos podem ser visualizados respectivamente nas Figuras 66 e 67, a seguir:

**Figura 66 – Fotografia do Troféu “Esta empresa tem responsabilidade cultural”. Secretaria da Cultura do Ceará – 2006.**



Fonte: Disponível em: <<http://www.fcg.org.br> > Acesso em: 02 maio 2017.

**Figura 67 – Fotografia do Troféu "Cidadão de Responsabilidade Cultural". Secretaria da Cultura do Ceará – 2006.**



Fonte: Disponível em: <<http://www.fcg.org.br> > Acesso em: 02 maio 2017.

Em 2008, a FCG-MHK teve o *status* elevado e responsabilidade aumentada. Passou à “Pontão de Cultura”, ou seja, passou a função de articulador dos Pontos de Cultura da região. No endereço eletrônico do Ministério da Cultura encontramos a definição para Pontão de Cultura:

É a entidade certificada como tal pelo Ministério da Cultura, de natureza ou finalidade cultural ou educativa que desenvolva, acompanhe e articule atividades culturais em parceria com as redes regionais, identitárias e temáticas de Pontos de Cultura e outras redes temáticas que se destinem à mobilização, à troca de experiências, ao desenvolvimento de ações conjuntas com os governos locais e à articulação entre os diferentes Pontos de Cultura que poderão se agrupar em nível estadual, regional ou por área de interesse comum, visando à capacitação, ao mapeamento e a ações conjuntas. (BRASIL, 2015a).

O reconhecimento de um trabalho de preservação da memória e do patrimônio cultural do Cariri feito com zelo e seriedade tem garantido importantes conquistas materiais e imateriais à FCG-MHK.

#### 4.4.10 Laboratório de Arqueologia

O Laboratório de Arqueologia da FCG-MHK é resultado da parceria entre a FCG-MHK e a Universidade de Coimbra (Portugal).

Em 10 de dezembro de 2009, durante o I Seminário de Avaliação e Planejamento das Casas do Patrimônio realizado no Teatro Violeta Arraes, a FCG-MHK e o IPHAN assinaram termo de cooperação técnica a partir do qual a FCG-x

Abaixo, na Figura 68 temos um flagrante do momento de defesa da tese de doutoramento da idealizadora do Laboratório de Arqueologia da FCG-MHK, sócia fundadora da ONG, pessoa que desenvolveu a metodologia de Arqueologia Social Inclusiva.

**Figura 68 – Fotografia de Rosiane Limaverde em momento de defesa da tese de doutoramento em Arqueologia na Universidade de Coimbra, Portugal.**



Fonte: Disponível em: < [blogfundacaocasagrande.wordpress.com/2017/06/05/conheca-a-tese-de-doutorado-de-rosiane-limaverde-sobre-arqueologia-social-inclusiva/](http://blogfundacaocasagrande.wordpress.com/2017/06/05/conheca-a-tese-de-doutorado-de-rosiane-limaverde-sobre-arqueologia-social-inclusiva/) > Acesso em: 28 jun. 2017.

Rosiane Limaverde, graduada em história e PhD em Arqueologia pela Universidade de Coimbra - Portugal desenvolveu metodologia de arqueologia social inclusiva mediante o envolvimento das crianças e jovens da FCG-MHK nas pesquisas arqueológicas realizadas no Cariri.

Em 07 de agosto de 2015 o laboratório foi inaugurado com a presença da homenageada com o nome desse espaço de conhecimento da pré-história, a Profa. Dra. Maria da Conceição Lopes, orientadora de doutorado de Rosiane Limaverde, Fundadora e Presidente do Conselho Científico da ONG (FCGBlog, 2015).

#### *4.4.11 Parque Vêi Leonso*

É um espaço para brincar amplamente frequentado pelas crianças da FCG-MHK e aberto para residentes e visitantes.



**Figura 69 – Fotografia do Parque Vêi Leonso.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Em Noronha (2008, p.101) há um comentário elucidativo sobre a associação entre trabalho e brincadeira na ONG:

Para aqueles que efetivamente são da FCG, o espaço para brincar existe quando não há tarefa a cumprir. No entanto, eles parecem, com seriedade divertir-se enquanto trabalham, seja concertando a calha do telhado, limpando o ambiente, escoando a água da chuva, ou organizando os livros da biblioteca. Para aqueles que não são da FCG, os espaços do parque estão sempre abertos.

Corroboramos com a pesquisadora citada. Uma dos aspectos que mais chama a atenção do turista nos espaços da FCG-MHK é essa alternância entre cumprimento de tarefas e brincadeiras.

#### *4.4.12 Parque Ambiental dos Cajueiros*

O Parque Ambiental dos Cajueiros ocupa uma área de cinco mil metros quadrados na sede de Nova Olinda. A Prefeitura assinou um termo de concessão do espaço por um período de 20 anos para a FCG-MHK desenvolver um programa de esportes e lazer (FCGBlog, 2015).

**Figura 70 – Fotografia do Parque Ambiental dos Cajueiros.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

A inauguração do Parque Ambiental dos Cajueiros aconteceu no dia 19 de dezembro de 2009, durante as comemorações de 17 anos da FCG-MHK. Aconteceu um minicampeonato envolvendo os seguintes times: Cajueiros, Portelinha, Centro e Cruzeiro (FCGBlog, 2015).

#### *4.4.13 Os negócios turísticos dos anfitriões da FCG-MHK*

No primeiro capítulo, tratamos dos efeitos econômicos do turismo em diálogo interdisciplinar com autores, como: Barreto (2009), Coriolano (2006 e 2009), dentre outros. O movimento de visitantes e turistas ensejou a criação de negócios para a manutenção da própria ONG e para a geração de renda para as famílias de crianças e jovens vinculados. Em 2016, constatamos que quatro dos cinco<sup>26</sup> programas da FCG-MHK resultaram da associação do trabalho entre patrimônio cultural e turismo. São eles: empreendedorismo social, profissionalização de jovens; geração de renda familiar e sustentabilidade institucional. Os negócios dos residentes-anfitriões se inscrevem, portanto, nesse contexto.

<sup>26</sup> O primeiro programa é educação infantil não formal.

#### 4.4.13.1 O restaurante

O restaurante da FCG-MHK, tem capacidade para atender uma média de 120 pessoas. É aberto de segunda à sexta para visitantes. Os turistas que utilizam os serviços das pousadas domiciliares tem pensão completa.

**Figura 71 – Fotografia parcial do Restaurante da FCG-MHK.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Observamos que durante a realização de eventos no Teatro Violeta Arraes, a FCG-MHK e a COOPAGRAN estabelecem acordos em relação às refeições que conforme a escolha de cada grupo, podem ser servidas no restaurante. Constatamos que os intervalos para refeições constituem momentos ricos para integração entre participantes de eventos.

Não é permitido comercializar bebida alcoólica. Há venda de sucos naturais, água mineral e refrigerantes. Parte da reservas das refeições dos visitantes, geralmente pequenos grupos de amigos e parentes é feita no momento da chegada aos espaços da FCG-MHK.

Trata-se de um espaço em que não identificamos homens trabalhando. Os três postos de trabalho fixos sempre foram ocupados por mães de crianças e jovens que passaram por cursos de formação inicial e continuada ofertados pelos Serviço Nacional do Comércio (SENAC) de Juazeiro do Norte. Conforme nos informou a então Presidente da COOPAGRAN as ocupantes dos cargos passam por capacitações



em higiene e manipulação de alimentos e culinária local. O cardápio é todo elaborado com base nos hábitos locais e regionais. Trata-se de uma das principais fontes de renda e manutenção da ONG.

#### 4.4.13.2 A loja de *souvenires*

A FCG-MHK mantém um espaço para a comercialização de produtos variados, desde doces de frutas regionais até livros. Os jovens são estimulados a criar e somar esforços com os demais membros da família para aumentar a renda mensal de todos. O que os visitantes e turistas podem encontrar para comprar na loja pode variar. Observamos que em geral sempre há: malhas com reprodução das pinturas rupestres; utensílios de uso doméstico em bordado, crochê e pintura e doces.

Constatamos que independente do que seja comercializado as mensagens inseridas nas peças remetem à preservação da história da Chapada do Araripe. A mensagem da preservação da memória passa de geração em geração perpetuando a valorização da identidade Kariri, os saberes e os fazeres, a cultura local e regional.

**Figura 72 – Fotografia da Loja de Souvenires da FCG-MHK.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

#### 4.4.13.3 As pousadas domiciliares

As pousadas domiciliares da COOPAGRAN ocupam cômodos construídos nos quintais das casas ou pavimento superior das crianças e jovens vinculadas à FCG-MHK. Como as funções domésticas em cidades do interior são atribuições da chefe de família, todas as oito pousadas instaladas até o final da pesquisa eram lideradas e operacionalizadas por mulheres. Essa peculiaridade provocou um empoderamento de gênero conforme aferimos em conversas informais com as proprietárias.

Conhecemos uma residência antes e após a instalação da pousada. Verificamos a diferença da estrutura, mobiliário e elevação da autoestima da proprietária. Em uma cidade com poucas oportunidades de emprego a oferta de hospedagem na própria residência, a possibilidade de conciliar os cuidados com a casa, com a família, e simultaneamente conseguir renda própria foi muito bem aceita, chegando inclusive a ser alvo da cobiça de famílias cujos filhos não tinham qualquer vínculo com a FCG-MHK. A Figura 73 a seguir permite que se tenha uma ideia da estrutura dos cômodos para hóspedes.

**Figura 73 – Fotografia de um quarto de pousada domiciliar.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Todas são suítes equipadas com frigobar, TV e DVD. Há estantes com livros, gibis e filmes produzidos na FCG-MHK.



Durante todo o período da pesquisa constatamos que as reservas eram concentradas com a líder da cooperativa e havia uma regra que assegurava igualdade de oportunidades para todas. Assim, as proprietárias tinham ciência do revezamento necessário para garantir renda para todos. Observamos que em caso de doença da dona de uma pousada ou outro motivo familiar essa pessoa podia declinar da oportunidade de hospedar quando chegasse a sua vez. Porém, tudo, absolutamente tudo era discutido nas reuniões da Cooperativa.

Estar em sintonia com os princípios do Turismo de Base Comunitária é decisivo para participar da Cooperativa e isso pressupõe antes de tudo o envolvimento das crianças e jovens nas rotinas da FCG-MHK.

As diárias incluem café da manhã, almoço e jantar. Fomos informadas pelas proprietárias das pousadas durante nossas estadas que elas participam de cursos ofertados pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) e SEBRAE voltados para a preparação de alimentos, tais como: manipulação de alimentos e cozinha regional. Há um acordo entre elas de oferta de um cardápio relativamente semelhante consoante os costumes da gastronomia local.

**Figura 74 – Fotografia de proprietária de pousada preparando a mesa para o café da manhã de um hóspede.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Azevedo (2005) escreveu o seguinte sobre o imaginário do residente de metrópole sobre as cidades de pequeno porte, a exemplo de Nova Olinda, e sobre o que vivenciou da hospitalidade do lugar.

Uma outra característica de Nova Olinda, quando se ganha confiança é a hospitalidade. Talvez um sentimento típico de cidades pequenas, principalmente se tratando de visitantes que vêm de terras longínquas, de “cidade grande”, e que inspiram devaneios singelos cidades que se misturam com o imaginário fantasioso da televisão. (AZEVEDO, 2005, p.125).

Em determinado trecho, o pesquisador supracitado contou que fazia as refeições na então Cantina da FCG-MHK, atual Restaurante. Devido aos poucos recursos para pagar pelo serviço acordou com a responsável comprar os ingredientes para ela preparar as refeições na residência dela. Em 2005, ano de realização da sua pesquisa de mestrado, as três primeiras pousadas domiciliares da COOPAGRAN já tinham sido instaladas.

No mencionado contexto comparou as trocas gratuitas, baseadas na dádiva, à exemplo da hospitalidade da senhora responsável pela Cantina com os conteúdos das trocas entre turistas-hóspedes e residentes-anfitriões das embrionárias pousadas domiciliares da COOPAGRAN. Escreveu:

Entretanto, Dona Francinete, do nosso ponto de vista, optou pela hospitalidade, aquém das relações de mercado que começam a florescer na Fundação através da COOPAGRAN. Aliás, a implantação de “pousadas domiciliares” pela Fundação corre o risco de instrumentalizar, os vínculos entre moradores locais e visitantes, se, junto com a ideia de prestação de serviços não vier uma percepção diferenciada dessa relação no sentido de não deixar que o dinheiro seja o mediador fundamental e que não contamine as motivações para os encontros e o interesse de um para com o outro, recolocando a base do vínculo entre moradores e visitantes da dádiva para a troca. (AZEVEDO, 2005, p.125-126).

Proprietárias das oito pousadas domiciliares da COOPAGRAN situadas na sede de Nova Olinda<sup>27</sup> frisaram que o turista-alvo da COOPAGRAN é o que se integra de algum modo à população local. Esclareceram que o calendário de eventos de Nova Olinda tem uma programação para todos os meses do ano, porém, hospedam exclusivamente pessoas que ocorrem à Nova Olinda por intermédio da FCG-MHK. Dito de outro modo, as pousadas domiciliares da COOPAGRAN recebem apenas

---

<sup>27</sup> Informação obtida em conversas informais durante as nossas incursões ao campo.

hóspedes que pernoitam em Nova Olinda para algum tipo de intercâmbio com a FCG-MHK como: realizar cursos, participar de eventos promovidos e/ou organizados pela própria instituição.

Mediante consulta aos livros de registros de hóspedes das pousadas da COOPAGRAN foi possível identificar aspectos do perfil do turista-hóspede atraído à Nova Olinda pela FCG-MHK.

Constatamos dois aspectos caracterizadores. O primeiro concerne ao motivo da estada em Nova Olinda: participar de eventos e/ou trocar experiências; trabalhar com ou para a Fundação. O segundo se refere às ocupações ou profissões: ator, diretor televisivo e teatral, produtor cultural, músico, professor, pesquisador, jornalista, empreendedor social, servidor público de organismos ligados ao meio ambiente, à cultura, ao turismo e afins. Entendemos que estes profissionais têm grande potencial de multiplicar a informação e influenciar a decisão de outras pessoas.

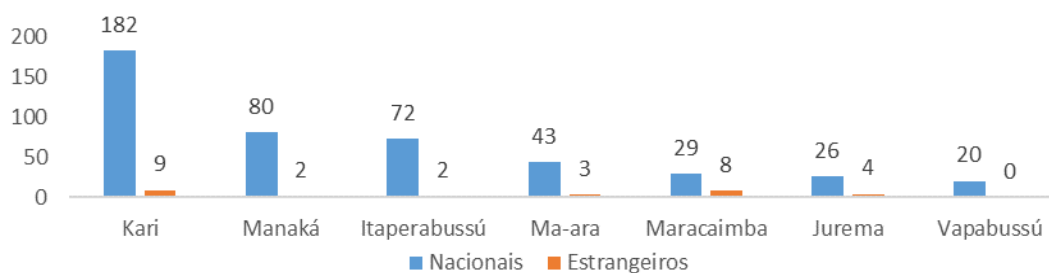
Observamos que algumas proprietárias das pousadas deixaram de registrar cidades de origem e datas de entrada e saída e dos turistas-hóspedes. Formulamos duas hipóteses para as falhas que induziram a uma diferença entre o total de pessoas recebidas e o total de registros: pressa e imprevistos antes da saída; algumas pessoas optam não escrever e as proprietárias das pousadas as deixam à vontade. Nos gráficos 10 à 18 a seguir expusemos os resultados do tratamento quantitativo.

**Gráfico 10 - Quantidade (%) de hóspedes nacionais e estrangeiros e total por gênero nas pousadas da COOPAGRAN.**



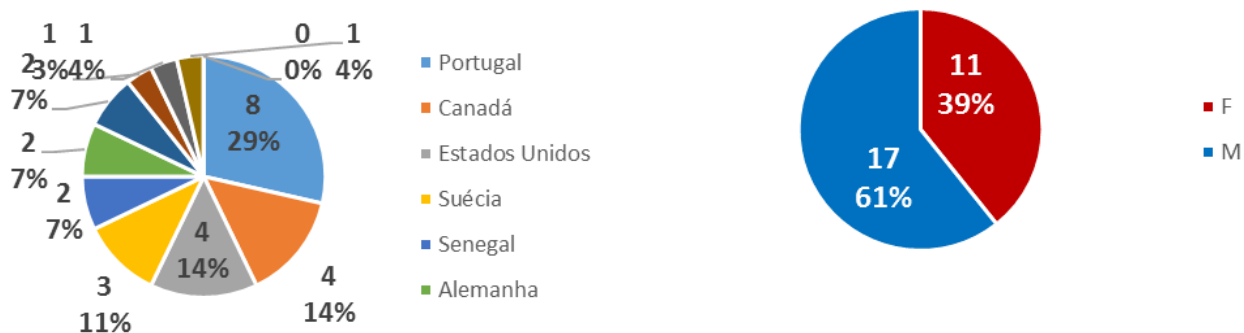
Fonte: Pesquisa direta, dez. (2011).

**Gráfico 11 - Quantidade de hóspedes nacionais e estrangeiros por pousada.**



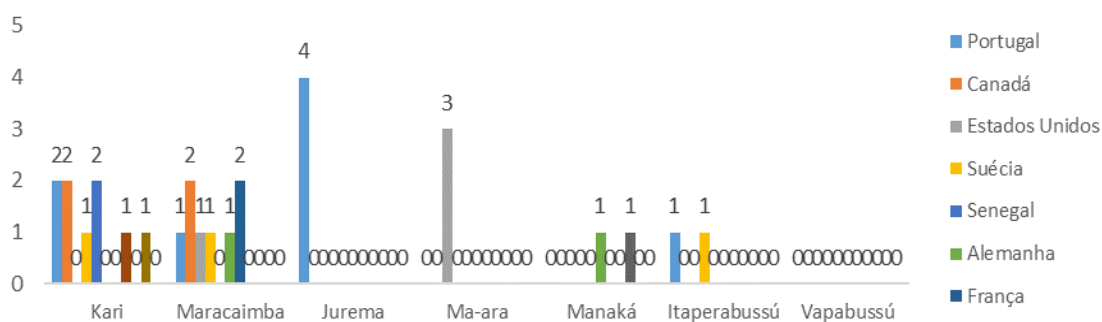
Fonte: Pesquisa direta, dez. (2011).

**Gráfico 12 - Quantidade (%) de hóspedes estrangeiros por nacionalidade e total por gênero.**



Fonte: Pesquisa direta, dez. (2011).

**Gráfico 13 - Quantidade de hóspedes estrangeiros por nacionalidade por pousada.**



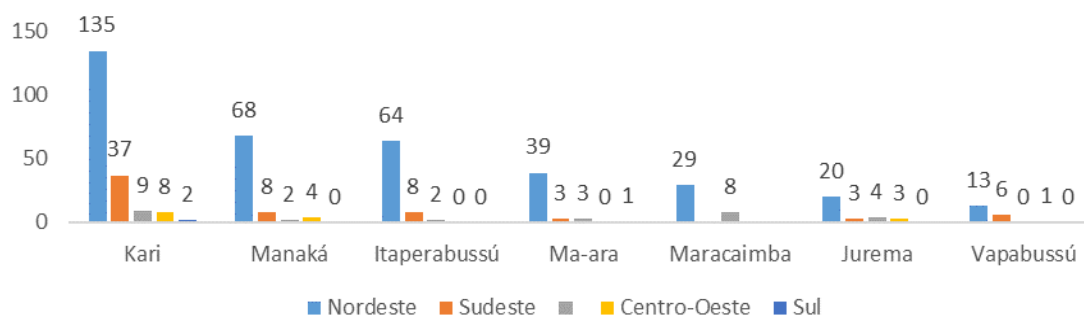
Fonte: Pesquisa direta, dez. (2011).

**Gráfico 14 - Quantidade (%) de hóspedes nacionais por região do Brasil e total por gênero.**



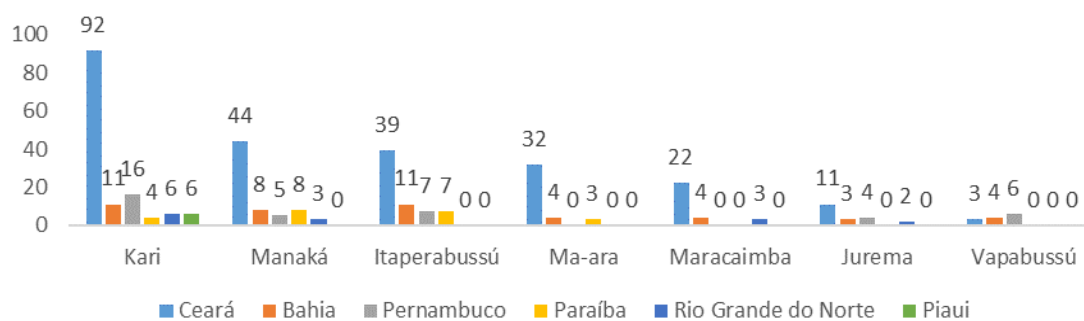
Fonte: Pesquisa direta, dez. (2011).

**Gráfico 15 - Quantidade de hóspedes nacionais por região do Brasil por pousada.**



Fonte: Pesquisa direta, dez. (2011).

**Gráfico 16 - Quantidade de hóspedes da região nordeste do Brasil por estado por pousada.**



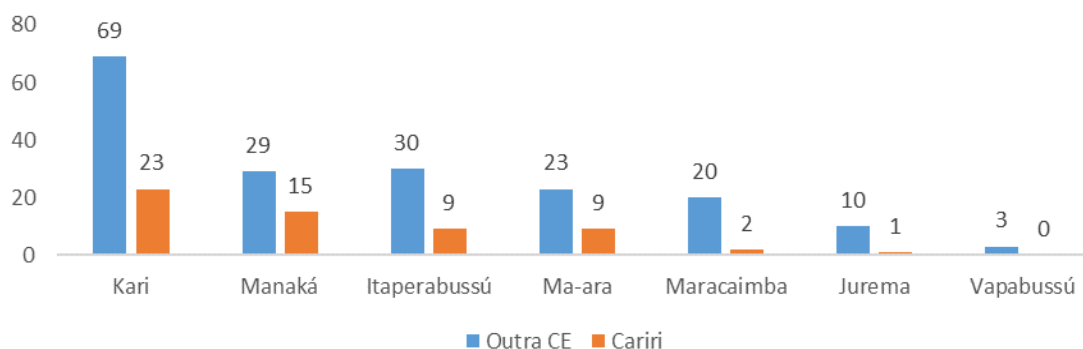
Fonte: Pesquisa direta, dez. (2011).

**Gráfico 17 – Quantidade (%) de hóspedes do Cariri em relação ao total de hóspedes das demais regiões do Ceará e total de hóspedes do Ceará por gênero.**



Fonte: Pesquisa direta, dez. (2011).

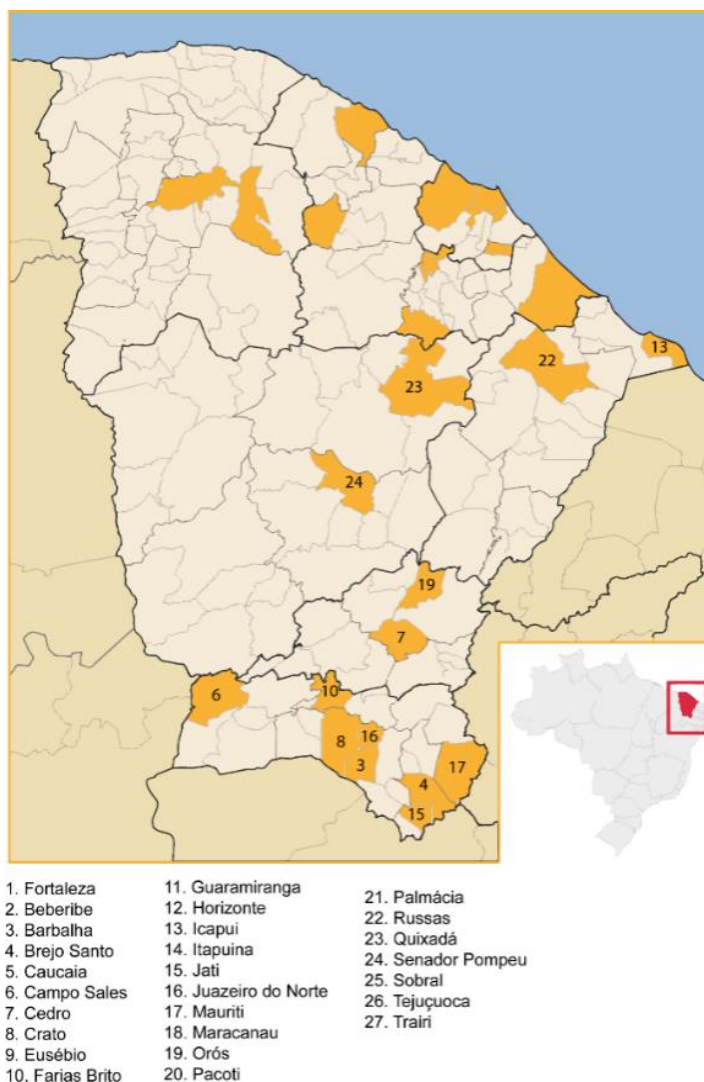
**Gráfico 18 – Quantidade de hóspedes do Cariri e das demais regiões do Ceará por pousada;**



Fonte: Pesquisa direta, dez. (2011).

Agrupamos as opiniões sobre o conteúdo das trocas entre turistas-hóspedes e residentes-anfitriões com base nos espaços geográficos de origem dos fluxos. Iniciamos pelos registros de turistas oriundos dos municípios do Ceará. Prosseguimos com os dos estados do Nordeste e de outras regiões do Brasil e, finalizamos com os registros dos estrangeiros.

**Figura 75 - Municípios do Ceará geradores de fluxos turísticos para as pousadas domiciliares da COOPAGRAN.**



Fonte: Elaboração da autora.

No seguimento de texto apresentamos trechos dos comentários de quatro turistas-hóspedes cearenses que estiveram em pousada da COOPAGRAN pela primeira vez.

Uma representante da Prefeitura de Itapiúna, avaliou as pousadas domiciliares bem integradas à FCG-MHK e a família anfitriã, receptiva e educada. Representante da Secretaria de Educação de Maracanau exclamou: “É maravilhoso que no Estado do Ceará existe projetos como esse da FCG.”

Colunista do Jornal Diário do Nordeste que permaneceu com mulher e filhos entre 22 e 23 de maio de 2010 escreveu: “Maravilhoso, tudo isso”.

Um dirigente da Faculdades do Nordeste (FANOR) realçou a experiência nos seguintes termos: “Foi uma **experiência** muito boa, aliás **uma das mais interessantes da vida**, pois vi meninos de 10 anos ou menos, fazendo o mesmo trabalho que faço ou mais” (grifo nosso).

Após estadia entre 24 e 26 de outubro de 2003, uma hóspede registrou:

Vocês de Nova Olinda sonharam juntos e tornaram realidade o desejo de mudar o presente das crianças e de suas famílias, um investimento para o futuro das gerações. Desejamos tudo de bom para a COOPAGRAN. **Sua casa é uma extensão da grande família CASA GRANDE.** (Residente de Tejuoca, grifo nosso).

Dentre os registros de turistas que retornaram escolhemos dois de representantes de organizações não governamentais, a Fundação Interamericana e a Fundação Avina. A primeira informou: “Já é a quarta vez que **me recebem aqui com o mesmo carinho e atenção.** Tenho vindo à Nova Olinda a trabalho mas, a cada vez que retorno, sinto que é mais por prazer do que outra coisa. Aqui **ganhei amigos** [...]” (grifo nosso); e a segunda cuja última estada se realizou entre 11 e 23 dezembro de 2006 comentou: “**Já virou minha casa** em Nova Olinda!” (grifo nosso).

Após um ano de convívio com anfitriões-residentes um aluno da UFC declarou ter adorado “conhecer o projeto das pousadas”.

Cinco Estados da Região Nordeste foram identificados como geradores de fluxos de turistas para as pousadas da COOPAGRAN no período correspondente à coleta: 2004 a dezembro de 2011: Bahia, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Piauí. Três registros feitos por turistas nordestinos estão expostos a seguir.

“Excelente **experiência.** Muito inspiradora” (Representante do Centro das Mulheres do Cabo, PE, grifo nosso).

“Apreendi muito” escreveu uma Norte Rio Grandense.

“[...] que sorte a minha ter tido **a oportunidade de compartilhar** esses 15 dias com vocês [...]” (Funcionário do Jornal - A Tarde e da Universidade Federal da Bahia - UFBA grifo nosso).

Quanto às Unidades da Federação, exceto as do Nordeste, enviaram hóspedes para as pousadas domiciliares da COOPAGRAN, os seguintes Estados: Pará, Goiás, Tocantins, Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa



Catarina e Rio Grande do Sul. Dentre tantos comentários selecionamos o de dois professores universitários.

Ambos teceram comentários elogiosos em relação à hospitalidade. O período de permanência do primeiro foi de 31 de maio até 08 de junho de 2011. O do segundo entre 04 e 08 de junho do mesmo ano: “**Me senti em casa**. Sua hospitalidade me fez lembrar da minha infância na cidade onde nasci”. (Prof.<sup>a</sup> da Universidade Estadual de Londrina (UEL, grifo nosso).

“Inesquecível estadia - onde tivemos o **privilégio de poder compartilhar o dia à dia da família** [...]” (Prof. da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP grifo nosso)

Encontramos dois registros de uma atriz, neta de cearense com reconhecimento nacional pelo trabalho em teatro, cinema e televisão. No segundo, após estadia entre 21 e 24 de fevereiro de 2006: “Fundação Casa Grande é uma bela iniciativa. Linda!!!” No primeiro:

D. Toinha, a matriarca: Foram momentos muito especiais que ficarão guardados em meu coração. “Comidinhas” maravilhosas, **família muito acolhedora** e o meu “Anjo da guarda” João Paulo. Obrigada! Muitos Beijos com sabor de “Chocolate” e saudade”.

A satisfação em relação ao conteúdo das trocas da hospitalidade dos residentes-anfitriões é evidente nos quatro comentários a seguir:

Primeiro comentário: “Não bastasse a beleza que é o projeto Casa Grande, fiquei ainda mais encantado com **a acolhida calorosa da família** [...]” (Desenhista do Universo HQ Maurício de Sousa e Produções grifo nosso), hóspede de 05-08 de agosto de 2010.

Segundo Comentário:

Palavras não são suficientes para a beleza do trabalho feito na Fundação. Esse jeitinho simples e aconchegante de receber os hóspedes não se encontra nestes hotéis finos com excessos de formalidade A ideia de pousadas domiciliares gera laços verdadeiros de amizade!!!” (Associação Sociocultural Integartes11).

Terceiro Comentário: “Mandaram-me aqui **para ensinar!** Aí cheguei, conheci as pessoas e vi que, na verdade, vim **para aprender. Aprendi** coisas que não se

aprende em escolas, e sim, nessas raras oportunidades que a vida nos presenteia” (Quanta Av-Pro, grifo nosso).

Quarto Comentário: “[...] Agradeço imensamente **a acolhida**, gostei muito dessa curta semana em que **partilhei da amizade de vocês**. E sou testemunha de que no Ceará também chove, e como chove!...” (grifo nosso). Permaneceu de 09 à 15 de outubro de 2011.

**Figura 76 - Fotografia do Alemberg Quindins ao lado de quadro com desenho do cartunhista Spacca exposto na sede da FCG-MHK no Crato-CE.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Duas turistas-hóspedes utilizaram o vocábulo impressionante para qualificar a hospitalidade e a FCG-MHK. “A FCG é impressionante”. “É impressionante a forma como os moradores e os rapazes da Fundação, recebem, cuidam, se responsabilizam e crescem com tanta coisa boa que existe por aqui. Vocês são privilegiados! Muito sucesso e felicidade” (Representante da *Avina Foundation* - Representação NE)

Pesquisador do turismo comunitário, um dos autores da nossa lista de referências, anotou após permanência entre 08 e 11 de março de 2011: “Como sempre inesquecível! **Muito obrigado pela hospitalidade e pelas prosas**” (Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, grifo nosso).

Embora o registro de 08 de junho de 2003 pudesse ter sido agrupado no bloco anterior reservamos para esse último porque além de demonstrar satisfação com a hospitalidade, o autor se reporta a um costume da região, conforme se confere: “Muito obrigada pela **calorosa acolhida!** Veremos o que a mistura com babosa fará em meu cabelo... Somente espero que não os faça cair. Rss!!!” (São Paulo, SP).

Verificamos situação análoga em descrição de uma pessoa que ficou hospedada entre 09 e 15 de outubro de 2011: “[...] Só não gostei dos espinhos que ficaram na minha boca quando eu comi, pela primeira vez **o pequi**. Bem que [...] avisou” (Mogi das Cruzes, SP, grifo nosso). O pequi é um fruto espinhoso muito apreciado na culinária local.

**Figura 77 – Países geradores de fluxos turísticos para as pousadas domiciliares da COOPAGRAN.**



Fonte: Elaboração da autora

Artista que permaneceu de 06 à 09 de maio de 2009 ressaltou: “*En pleine Tournée j’ai veccu une vie de famille em trois jours et ces rare em Tournée. Obrigado*”. (grifo nosso). “É realmente marcante. Parabéns e muito boa sorte para continuar recebendo pessoas de fora e proporcionando **oportunidades de aprendizagem**” (Fundação Interamericana - IAF, grifo nosso).

A ênfase dada pelo Prof. Dr. Domingos Morais (Portugal), à qualidade/valor da troca de experiências em eventos planejados e/ou realizados nos espaços da Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri traduz o que constatamos ser o sentimento da maioria dos que têm a oportunidade de permanecer por mais de um dia participando de eventos ou realizando trabalho de outra natureza com ou para a ONG.

### Mostra Cariri de Música Íbero-Americana (2010):

A vantagem desse encontro é que é feito com muita seriedade, mas não é feito com... só por acadêmicos. **É um encontro de pessoas** que estão cá porque querem mesmo estar e conversar umas com as outras. Isto não é para fazer currículo. Não é para depois dizer que tivemos aqui e que fizemos esta conferência, esta comunicação. **Nós estamos porque queremos mesmo conhecer as pessoas, estar com elas. E isso é qualquer coisa que eu só vi em gente muito madura, muito experiente. E que aqui vai encontrar em pessoas muito novas.** Isso é muito, muito bom. (grifo nosso).

A arqueóloga, Profa. Dra. Maria Conceição Lopes, Coordenadora do Centro de Estudos Arqueológicos da Universidade de Coimbra (Portugal), orientadora da tese de doutoramento da diretora científica da ONG, Rosiane Limaverde, durante o Seminário Internacional de Turismo de Base Comunitária<sup>28</sup> realizado em Nova Olinda, em agosto de 2009, comentou:

Aquilo que eu tenho estado a escutar ao longo dos debates interessantes que se tem feito é que este **turismo de base comunitária** pode configurar-se muito rapidamente como uma verdadeira **alternativa ao turismo de massa**. E pode sim vir a ser uma medida e que **apresenta uma qualidade** que o turismo de massa não tem capacidade de apresentar. Para além da qualidade, **é diversidade**. Ora, o turismo de massa caracteriza-se exatamente pelos modelos que se repetem, que podem ser em Cabo Verde, em Moçambique, no Brasil, exatamente as mesmas coisas e este turismo não tem rigorosamente nada a ver com isso (SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TURISMO COM BASE COMUNITÁRIA, 2009 grifo nosso).

#### 4.4.13.4 Parcerias com outros negócios

Verificamos desde o primeiro contato com a FCG-MHK que o segundo atrativo turístico mais visitado em Nova Olinda era a oficina do Mestre da Cultura Popular, Tesouro Vivo da Cultura Cearense, Espedito Seleiro. Em intervalo do I Seminário Intencional de Turismo Comunitário realizamos observação participante na oficina do artesão do couro.

Durante o tempo que permanecemos no local verificamos as relações de troca entre turistas-hóspedes e o artesão, e entre o último e viajantes que sequer sabiam da existência da FCG-MHK como o caso de uma família pernambucana que viajava em carro particular pela região, e tinha ido à Nova Olinda conhecer o Mestre Espedito.

<sup>28</sup> Há comentários sobre o citado Seminário em procedimentos metodológicos.

Na ocasião presenciamos uma conversa fluída entre o artesão e o chefe da família pernambucana, um amante da cultura regional. Gradativamente fomos nos integrando e extraindo informações do artesão.

Ele contou que em contexto de substituição do cavalo pela moto, as encomendas de vestimentas e paramentos para os vaqueiros havia se reduzido drasticamente. Revelou que caíra no alcoolismo até o Alemberg encomendar sandálias e divulgar o trabalho dele mundo afora.

Observamos que o vínculo do Mestre Espedito com a FCG-MHK é sólido. Ele marca presença em todas as festas da ONG. Identificamos cordialidade e gratidão durante os aniversários de 19 e 20 anos da FCG-MHK.

A cerimônia de renovação da consagração da ONG e do casal de fundadores ao Coração de Jesus e Maria é o momento da programação que reúne mais idosos de Nova Olinda. Na figura 78, a seguir temos um registro fotográfico feito em 2012.

**Figura 78 – Fotografia da solenidade da cerimônia de renovação da FCG-MHK ao Sagrado Coração de Jesus e Maria em dezembro de 2011.**



Fonte: Acervo da pesquisadora

#### *4.4.14 Transformações na sede do município, “Destino Indutor do Desenvolvimento do Turismo no Mapa do Programa de Regionalização do Turismo” de 2006*

Desde a restauração da casa de fazenda e instalação do MHK, em outubro de 1992, residentes de Nova Olinda, de outros municípios do Cariri, de outras regiões do Ceará, brasileiros de todas as regiões e estrangeiros acorrem às instalações da FCG-MHK para conhecer a cultura do lugar e da região.

Segundo Acioli (2002, p.53):

Como disse Paulo Freire, citado na epígrafe desse trabalho – **o utópico não é o irrealizável**. Pois era sim, **uma utopia, acreditar que uma casa abandonada**, com paredes desabando a cada chuva, usada como banheiro público da cidade de Nova Olinda, em poucos anos **seria - ou voltaria a ser – o centro de força daquela cidade**, extraíndo criatividade e alegria de crianças cujo destino seria, fatalmente, a labuta com a enxada sob o sol do sertão (53 grifos nossos).

Falcão (2013, p. 167) escreveu sobre a decisão do Ministério do Turismo definir Nova Olinda como um dos quatro “Destinos Indutores do Turismo Regional” no Ceará: “Nova Olinda, apesar de não ser o principal centro urbano do Cariri, que no caso é Juazeiro do Norte, com a condição de metrópole, foi escolhido como destino indutor pelo MTur [...]”.

Em agosto de 2009 enquanto realizávamos observação participante no I Seminário Internacional de Turismo com Base Comunitária<sup>29</sup> identificamos certo desagrado por parte de algumas lideranças políticas e empresariais pela escolha de Nova Olinda como “Destino Indutor do Desenvolvimento do Turismo no Cariri”. Dentre os argumentos para a insatisfação foi frisado o fato de Juazeiro do Norte ter o portão de entrada aéreo para a região e capacidade de hospedagem instalada superior.

Em 2010 escrevemos: “A fala das lideranças de outros municípios expressa a resistência que se gesta diante de qualquer hipótese de perda da posição de destaque, assumida em outros contextos histórico-culturais, econômicos e políticos pelos mesmos”. (ARAÚJO, 2010, p.3526).

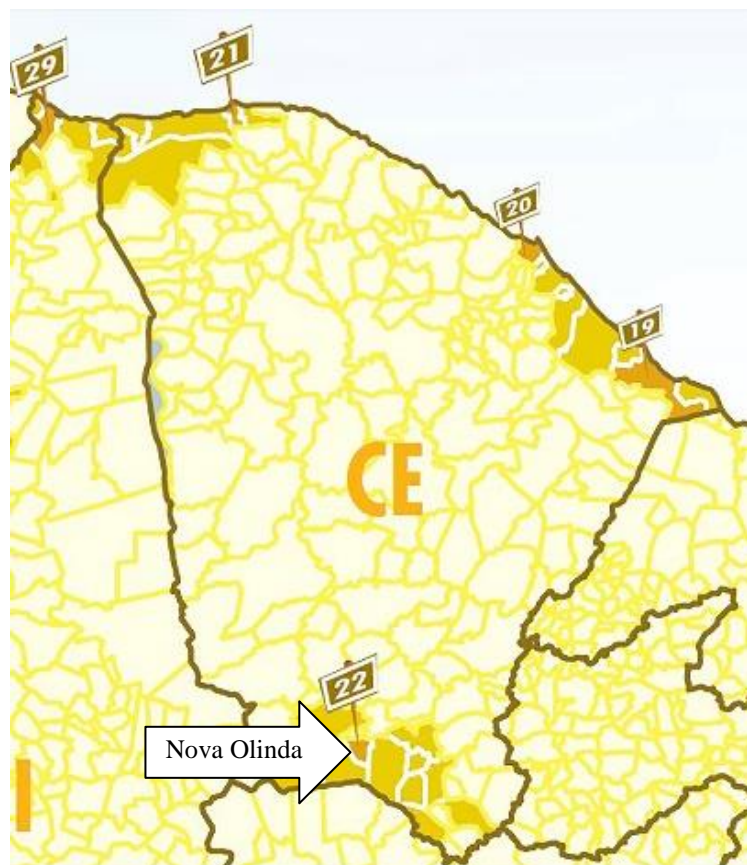
A reação narrada pode ser compreendida quando se observa que em todas as regionalizações os municípios com função capital são outros, conforme comentamos do capítulo anterior.

Nova Olinda, passou de ponto insignificante no mapa do Ceará à “Destino Indutor do Desenvolvimento Turístico” do Cariri no Mapa Brasileiro da Regionalização do Turismo de 2006, como se observa na figura 79, a seguir:

---

<sup>29</sup> Chegamos a essa constatação após conversar com secretários de turismo e empresários de alguns municípios do Cariri presentes no evento.

**Figura 79 – Representação gráfica do Ceará com os quatro Destinos Indutores do Programa de Regionalização do Turismo em destaque.**



Fonte: Adaptado de MTur (2008, p.21).

Ao abordarmos este assunto com o Consultor em Turismo do SEBRAE de Juazeiro do Norte, Edio Callou em uma entrevista que nos foi concedida em 24 de julho de 2013 em Restaurante na cidade de Nova Olinda, ele se referiu a “um contexto de intercessão de ações ministeriais voltadas para Nova Olinda”. Segundo Edio Callou, por volta de 2006, o Ministério das Minas e Energias tinha ações voltadas para as lajes de calcário, o Ministério da Cultura havia escolhido a FCG-MHK como Ponto de Cultura da Chapada do Araripe e um grupo discutia o Turismo Solidário, o Turismo de Base Comunitária no Ministério do Turismo tendo como importantes protagonistas o Alembert Quindins e Rosiane Limaverde. Em dado momento Edio Callou afirmou: “Eu vejo a FCG-MHK como um polo cultural e turístico”.

Fabiana Barbosa, gestora de projetos da FCG-MHK, em entrevista concedida

dia 24 de julho de 2013, compreende a definição de Nova Olinda como “Destino Indutor do Turismo na Região” do seguinte modo:

Eu acredito que foi o trabalho que já vinha sendo realizado em turismo comunitário na cidade de Nova Olinda. É uma proposta de turismo solidário, encabeçada pela FCG-MHK, juntamente com os pais e as mães dos meninos da ONG. (...) Eu acredito que para as lideranças políticas locais foi uma notícia bem recebida. A nível regional e estadual eu não sei bem como eles receberam, mas acredito que aqui foi bem-vindo.

Acredito que também foi um ponto positivo para a região como o todo, porque o destino indutor é o que induz o turismo para essa região, para Nova Olinda, mas também pra fortalecer outros roteiros na região. Então eu acredito que todos, por ser o único do Cariri, acredito que foi visto como positivo pelos profissionais dessa área pelas pessoas que atuam nessa área, no sentido de que estariam vindo mais pessoas pra usar esses serviços ofertados por eles. (Fabiana Barbosa).

Perguntamos à cinco comerciantes da sede de Nova Olinda: Em sua opinião, o que foi mais significativo para definir Nova Olinda como “Destino Indutor do Turismo” no Cariri no Programa de Regionalização do Turismo? Obtivemos as seguintes respostas: 1. Foi a Fundação, o Espedito Seleiro e a Pedra Cariri; 2. A Casa Grande; 3. Os pontos turísticos e a recepção da população com os turistas; 4. A Casa Grande e o Espedito Seleiro; Foi a Casa Grande.

Trabalho relevante para elucidar questões da nossa pesquisa foi empreendido por Falcão (2013). O mencionado pesquisador aplicou um questionário na sede de Nova Olinda junto a 79 informantes com questões relacionadas a escolha do “Destino Indutor do Turismo no Cariri”. Constam as seguintes ocupações dos informantes:

Comerciante, vendedor, estudante, auxiliar de escritório, agricultor, autônomo, auxiliar de farmácia, aposentado, atendente de supermercado, professor, agente de saúde comunitário, auxiliar de mercado, empacotador, diretor administrativo, marceneiro, balconista, manicure, guia de turismo, açougueiro, auxiliar de serviços gerais, pedreiro, executiva de atendimento, técnico de rádio. (FALCÃO, 2013, p.146).

Dentre às questões formuladas interessou ao nosso trabalho a que procurou verificar se os informantes sabiam que a cidade estava inserida no Programa do MTur Roteiros do Brasil, e se sabiam de que forma. Sobre o resultado, o pesquisador comentou: “Dos respondentes, 58% afirmaram não saber, enquanto 42% disseram que sabiam. [...] Uma das principais responsáveis por este conhecimento foi a



atuação de conscientização e esclarecimento sobre o turismo da Fundação Casa Grande [...].” (FALCÃO, 2013, p.195).

Durante as incursões ao campo nos deparamos com algumas alterações socioespaciais na sede de Nova Olinda relacionadas aos recursos atraídos pela escolha do MTur de Nova Olinda como “Destino Indutor do turismo no Cariri”. Referimo-nos às obras para melhoria da infraestrutura com vistas ao desenvolvimento do turismo no município.

**Figura 80 - Sinalização Turística na saída de Nova Olinda para CRAJUBAR.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

A sinalização turística é de suma importância porque além de democratizar o acesso aos atrativos turísticos contribui para que a comunidade onde estes estão inseridos os atribua novos valores e significados. Constatamos nas andanças pelas ruas de Nova Olinda e em conversas informais que algumas pessoas mudaram a opinião sobre o valor do patrimônio cultural local e regional a partir da implantação da sinalização turística.

O índice de satisfação dos informantes da pesquisa realizada por Falcão (2013), quando a pergunta foi se o turismo é bom para a cidade foi bastante elevado. 94% responderam afirmativamente contra apenas 6% com opinião contrária.

Esse alto índice de aprovação pôde ser compreendido mediante um simples levantamento das melhorias na infraestrutura urbana na sede do município bem recebidas pela população em geral. Entre 2009, ano que iniciamos nossa pesquisa e

2013 acompanhamos as seguintes construções: Academia de Saúde (Figura 81); Central de Artesanato (Figura 82), Centro de Eventos (Figura 83).

**Figura 81 - Fotografia da Academia de Saúde, julho/2013.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Das alterações para implantação de novas estruturas urbanas nos chamou a atenção a remoção do bar (Figura 82), frequentado pela população local. Em julho de 2012 quando conversamos com o proprietário ele se encontrava inconformado.

**Figura 82 - Fotografia de bar que existia em espaço ocupado pela Academia de Saúde.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

**Figura 83 - Fotografia do Centro de Artesanato julho/2013.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

**Figura 84 - Fotografia do Centro de Eventos de Nova Olinda, julho/2013.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Durante a construção do Centro de Eventos escutamos em conversas informais muita especulação quanto ao posto de destaque ocupado até então pelo Teatro Violeta Arraes da FCG-MHK. Dentre as questões apontadas figuravam a superioridade do novo equipamento público em relação ao primeiro no tocante à completa adaptação para portadores de necessidades especiais, incluindo toaletes, ponto vulnerável de toda a estrutura pertencente a FCG-MHK.

Todas as estruturas mostradas nas Figuras 80, 82 e 83 traziam a promessa de geração de postos de trabalho e dinamização da economia, razões mais que plausíveis para que a população Nova Olidense que respondeu à pesquisa de Falcão (2013) opinasse que o turismo estava ajudando a cidade a mudar para melhor. No esteio das transformações em curso identificamos a construção de uma Escola Estadual de Educação Profissional, aliás, equipamento indispensável para um município que pretendia manter uma posição de destaque no Mapa do Turismo Regional.

**Figura 85 - Fotografia com vista parcial das obras de construção de uma Escola Estadual de Educação Profissional.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Os investimentos em infraestrutura urbana com recursos públicos aqueceram também o setor privado. O Tesouro Vivo da Cultura Cearense, Espedito Veloso de Carvalho, conhecido como Espedito Seleiro que tinha a oficina ou atelier do couro estabelecido há mais uma década em instalações modestas adquiriu e reformou três imóveis na mesma rua da oficina, um para ampliar o espaço da oficina, um para abrigar uma loja e outro para o Museu do Couro, conforme se vê na sequência de Figuras 86 a 90, a seguir:

**Figura 86 - Fotografia Museu do Couro em construção com a oficina contígua em cor destacada do lado esquerdo.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.



**Figura 87 - Fotografia das fachadas da Oficina do Mestre Espedito Seleiro e Museu do Couro concluído, lado direito da fotografia**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

**Figura 88 – Fotografia da fachada da Loja do Tesouro Vivo da Cultural Cearense, Espedito Seleiro em construção.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

**Figura 89 – Fotografia da fachada da Loja do Tesouro Vivo da Cultural Cearense, Espedito Seleiro concluída.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

**Figura 90 – Fotografia com vista parcial do interior da Loja do Tesouro Vivo da Cultural Cearense, Espedito Seleiro concluída.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

As imagens são eloquentes. Sobre o início do processo de transformação do trabalho e da família do Mestre Espedito, Waldeck (2007, p.9-10) destaca aspectos relevantes como podemos conferir abaixo:

Tudo mudou quando, em Nova Olinda, entra em contato com duas pessoas, “o “pessoal da cultura”, como costuma dizer, que considera importantes, seus padrinhos, no processo de renovação de seu trabalho: o músico, pesquisador independente Alemberg Quindins, idealizador (com a esposa Roseane Limaverde) de um dos mais significativos projetos culturais em todo o país: a Fundação Casa Grande [...] Foi de Alemberg que recebeu, na década de 1980, a encomenda para fazer uma “sandália de Lampião”. Na década de 1990, por intermédio de Alemberg recebe a visita da socióloga e ativista cearense, cidadã do mundo, Violeta Arraes Gervaiseau (1926-2008), que ao longo da vida exerceu várias atividades, tendo sido nomeada Reitora da Universidade Regional do Cariri.

Após exposição de alterações socioespaciais na sede de Nova Olinda, nos interrogamos? Quem são os verdadeiros protagonistas do desenvolvimento em Nova Olinda? Quem exerce o empoderamento local?

Mais uma vez a pesquisa de Falcão (2013) se apresentou útil para essas duas perguntas para as quais necessitávamos respostas. O autor referido explica que ao indagar aos 79 Nova Olindenses se os mesmos se sentiam beneficiados pessoalmente com o turismo, 67% disseram sim e 33% não. Nas palavras dele:

Dos respondentes que explicaram o “sim”, 22 afirmaram que a vinda de turistas para Nova Olinda promove o aumento das vendas, da renda da cidade, movimenta sua economia, beneficiando, principalmente, os que trabalham, direta ou indiretamente, com a Fundação Casa Grande, que é um dos grandes atrativos da cidade. Também afirmaram que o turismo ajuda na

divulgação da cidade, por conseguinte, dos produtos de outras atividades econômicas. Foi mencionado por 13 dos informantes que a renda da cidade cresce, o artesanato vende mais. Uma dona de pousada domiciliar destacou os benefícios do turismo por ser uma atividade nova na cidade e estar contribuindo para o sustento, posição igual à de outro comerciante local. Destacaram também a geração de emprego, a capacitação e qualificação, assim como o fortalecimento das atividades culturais. (FALCÃO, 2013.p.192-193)

Destacamos aqui um indicativo de empoderamento dos que trabalham direta e indiretamente com a FCG-MHK. Pelo que pudemos observar em todas as estadas no campo são muitas as empresas que se relacionam com as pousadas da COOPAGRAN, como por exemplo: padarias, frigoríficos, mercadinhos. Não obstante as diárias das pousadas incluem as três refeições presenciamos encontros de socialização dos hóspedes das diferentes pousadas em restaurantes e barzinhos, sobretudo, à noite. Um exemplo de fornecedor direto para as festas de aniversário, casamento realizados na FCG-MHK é a confeitaria da Figura 91, abaixo:

**Figura 91 - Fotografia da Confeitaria Arte e Sabor na Festa.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Os adultos que participaram da FCG-MHK quando crianças e jovens em 2013, iniciaram um novo ciclo de empreendedorismo mediante constituição de firmas individuais. A razão defendida pelo proprietário da operadora de turismo comunitário para mudança pensada é a natureza distinta dos negócios abertos em atendimento às necessidades dos visitantes e turistas: operadora de turismo, meios de hospedagem, negócios de alimentação, loja de artesanato, produtora cultural. Em 2013 dois

juvens<sup>30</sup> frequentadores da ONG abriram os próprios empreendimentos, no caso, uma produtora cultural e uma operadora de turismo.

Retomando as considerações feitas por Falcão (2013, p.193) sobre a FCG-MHK encontramos:

Realmente percebemos na visita que fizemos para aplicação dos formulários em 2010 e depois em 2011, que o impacto do turismo na valorização da cultura tem sido positivo, principalmente pela valorização da Fundação Casa Grande. Pudemos perceber que, pelo que ela era antes, ocorreram mudanças significativas.

Em outro trecho, Falcão (2013, p.194) enfatiza: “Destacamos a relevância desta instituição para a cidade, não só pelo aspecto cultural, mas também econômico, social e de formação de opinião pública. É um instrumento de organização do espaço geográfico em Nova Olinda.”

Em 2016, o MTur adotou novos critérios para classificar os municípios turísticos numa escala que vai da **letra A à letra E**. O que passou a contar foi o desempenho econômico do turismo no município mensurado a partir de quatro variáveis, a saber: primeira - número de empregos formais no setor de hospedagem; segunda - número de estabelecimentos formais cuja atividade principal é hospedagem; terceira - estimativa de fluxos de turistas domésticos; quarta - estimativa de fluxos de turistas internacionais.

Diante desta mudança o município de Nova Olinda passou a ser visualizado no Mapa Interativo do Turismo do Brasil como “destino turístico – E”, como podemos conferir na Figura 91, abaixo. Não é difícil entender o porquê. No capítulo 2 explicamos que outros municípios turísticos do Cariri detinham maior tradição política e econômica.

**Quadro 3 - Categorização dos municípios da Região Turística do Cariri em 2016.**

<b>Categoria</b>	<b>Municípios</b>
<b>B</b>	Juazeiro do Norte
<b>C</b>	Crato
<b>D</b>	Assaré, Barbalha e Brejo Santo
<b>E</b>	Missão Velha, <b>Nova Olinda</b> e Santana do Cariri

Fonte: Adaptado de MTur (2016)

<sup>30</sup> Aécio Diniz e Francisco de Assis dos Santos Júnior. Em 2014 Hélio Sousa abriu sua produtora cultural. Informação confirmada em conversa telefônica com Francisco de Assis dos Santos Júnior em 05 de nov. 2014.



Somente a exigência da formalidade dos empregos e dos estabelecimentos de hospedagem foi um golpe para os grupos, comunidades que ousam desenvolver o turismo de base comunitária com as hospedagens domiciliares. É um formato que gera renda diretamente para as famílias mas que desagrada aos proprietários de pequenos empreendimentos de hospedagem por causa da carga tributária a que estão submetidos.

O terceiro e quarto critérios para definição dos destinos indutores impõe aos municípios, gestão do turismo profissionalizada com manutenção de séries de dados estatísticos confiáveis com base em metodologias de reconhecimento internacional.

Os programas do MTur são todos mediados pela política e como frisamos no início deste capítulo a definição de Nova Olinda como “Destino Indutor do Desenvolvimento Turístico do Cariri” gerou controvérsias e insatisfação por parte de dirigentes dos organismos oficiais de turismo e de políticos da região.

Não obstante essa alteração drástica de posição no mapa regional/nacional do turismo, o fato de Nova Olinda ter ocupado posição capital em 2006 no Mapa do Programa da Regionalização do Turismo lhe rendeu melhorias urbanas, a exemplo das que mostramos em fotografias neste capítulo, e aumento da visibilidade para investidores e turistas.

Em julho de 2013 o Corredor Turístico se encontrava de acordo com sequência de imagens nas Figuras 92 a 95.

**Figura 92 – Fotografia do Corredor Turístico feita do campanário da Igreja Matriz.**



Fonte: Acervo da pesquisadora, dez, 2011.

O conjunto de árvores ao lado da primeira casa da esquina (lado direito da fotografia) é formado pela sumaúmas plantadas no pátio da Casa Grande. A casa da esquina entre a Igreja de São Sebastião, a matriz de Nova Olinda e a Casa Grande é a Casa Paroquial que vemos melhor na Figura 93 a seguir, assim como, a torre da Igreja.

**Figura 93 – Fotografia do Corredor Turístico com Igreja Matriz e Casa Paroquial à direita.**



Fonte: Acervo da pesquisadora, dez, 2011.

**Figura 94 – Fotografia do Corredor Turístico com visão parcial do MHK e da Escola de Comunicação de Artes da FCG à direita.**



Fonte: Acervo da pesquisadora, dez, 2011.

À esquerda ficam residências e pequenos comércios. Após as instalações da FCG-MHK o visitante encontra à direita: o Centro de Artesanato e o Centro de Informações Turísticas. Em seguida, encontra a Secretaria de Segurança Pública e Unidade Policial de Nova Olinda e os Correios.

Antes de tecermos as considerações finais apresentamos um bloco de opiniões de personalidades artísticas, da produção cultural, do *trade* turístico e de Universidades sobre a FCG-MHK.

#### 4.4.15 Opiniões sobre a FCG-MHK

Iniciamos esse item com um registro feito pela TV Casa Grande por ocasião da Cariri Mostra de Música Ibero-americana. Revela o que aferimos desde a primeira estada no campo. Faz completa diferença apenas visitar a FCG-MHK, como fazem os excursionistas, ou participar de algum evento, projeto que envolva convívio mais estreito e/ou estada nas pousadas domiciliares da COOPAGRAN.

*Simplemente quando está caminando por aqui e ver es toda una experiencia que solamente esto. Creo que hay que estar aquí para ver do que se trata. É mui difícil, creo, para una persona que no viene a este lugar comprender o realmente lo que esta passando.* (Violonista e Compositor grifo nosso).

Durante o referido evento, mais de um entrevistado pela TV Casa Grande falou sobre troca de experiência, aprendizado e integração proporcionada pela mediação da FCG-MHK. O primeiro declarou:

Eu acho que o mais **importante é essa integração** que a gente tem entre todos[...] a oportunidade de **trocar experiências**, principalmente em relação aos países da África [...]o **aprendizado** que eu tenho nesse pouco tempo com os artistas de Moçambique, Angola, de Portugal, **é muito intenso**. As semelhanças entre os países são muito... são incríveis. Às vezes você se perde achando que você está conversando com um brasileiro, com uma pessoa que cresceu com você, desde sempre. E também é uma reflexão de porque é a gente é tão distante da África, sendo tão próximo ao mesmo tempo. (Gerente de Música do Itaú Cultural grifo nosso).

Três enfatizaram a troca de experiências. O primeiro disse:

O principal resultado da mostra **é a troca** e a **possibilidade de contato**. Sem contar que a gente tá tendo com esses **artistas moçambicanos**,

**angolanos, portugueses, brasileiros** que estão aqui, todas as pessoas que foram convidadas a palestrar [...] **é um grande momento de enriquecimento** para todos nós (Produtor do Itaú Cultural grifo nosso).

Além de falar sobre a experiência, o segundo manifestou o desejo de reencontrar o grupo e fez alusão à hospitalidade dos residentes-anfitriões da FCG-MHK, ao comentar:

Vamos **levar uma experiência gratificante** para os nossos países e vamos rezar e vamos esperar que essa mostra não seja a última. Então, eu gostaria de deixar um abraço aqui a todos aqueles que **nos abraçaram, que nos receberam e provocaram essa união de mentes abertas** para o **progresso da cultura dos países de expressão portuguesa** no mundo inteiro (cantor e compositor grifo nosso).

O terceiro utilizou os vocábulos transparência, nobreza e comovente para os fazeres da FCG-MHK. Assim como os dois anteriores, enfatizou as trocas intangíveis:

Existe uma **transparência**. Existe uma **nobreza por trás de tudo, que é muito comovente**, e cada encontro, cada coisa que a gente vê aqui dentro, a gente vê **todas as pessoas mobilizadas** justamente por isso. **As pessoas que tão na audiência, as pessoas que tão falando, aí de repente todo mundo troca de lugar** e tá tudo valendo. Os meninos que tão no palco, de repente, tão aqui trabalhando, tá ele me filmando, ontem tocou bateria de uma forma maravilhosa. Realmente é fantástico, **uma experiência única** (cantor e compositor grifo nosso).

Verificamos que convívio na FCG-MHK desencadeia ou faz aflorar emoções e sentimentos que não podemos mensurar em termos quantitativos, como é possível conferir nas quatro declarações seguintes.

É uma coisa que, na verdade, **ultrapassou todas as expectativas** que eu trazia. Eu cheguei aqui, encontrei uma grandiosidade de uma mostra mas, sobretudo, **grandiosidade [...] em termos de coração, em termos espirituais**, para **além dos aspectos físicos**. Afinal, **nós não estamos a falar em termos materiais de algo milionário**. Não. Volto a repetir. **Estamos falando da humildade [...]. Essa coisa tão rica, essa coisa tão forte** que está aqui exposta (Cantor e Compositor grifo nosso).

Representante do Ministério do Meio Ambiente (MMA), relacionou o modo coletivo de fazer da FCG-MHK à um estado de felicidade, em entrevista concedida durante o Seminário Internacional de Turismo com Base Comunitária. Disse:

Viver junto, trabalhar junto, sonhar um sonho junto, construir um país junto [...] Eu acho que vocês podem ter essa certeza: que **vocês tão ajudando a construir um país**. E esse país passa por essa história de **crianças, jovens** e [...] **país, família**, junto, **trabalhando, sonhando**, se **organizando, produzindo**, enfim, **sendo feliz** [...] eu acho que é a coisa mais importante[...] É isso (grifo nosso).

Uma explicação para o feixe de emoções e sentimentos que emergem em quem se apropria dos saberes e fazeres da FCG-MHK foi retirada da entrevista de uma palestrante da Mostra Cariri de Música que sintetizou:

A vida é resultado de conexões. A vida é resultado de contatos humanos que são carregados de sentimentos, de memórias, de lembranças, da sua própria cultura que já é resultante de uma série de outras que vão se somando (Professora e Pesquisadora de Música).

Os dois comentários no seguimento do texto são exemplos emblemáticos da opinião de muitas pessoas com as quais mantivemos conversas informais. O primeiro entende que os fazeres e a dinâmica sociocultural desencadeada pela ONG constituem fonte de esperança para “o mundo alquebrado, unido apenas pelas sequentes tentativas de vitalizar o capital financeiro”. No seu modo de ver, trata-se de “uma flagrante contradição” o que a converte em, “um rasgo de esperança”, que divisou desde que “cruzou o portal de entrada da Casa Grande” (LOBO, 2011, p.25).

O segundo emitiu opinião análoga:

*E bueno mi sensación de estar aqui compartiendo fue una sensación de mucha emoción e d'amistad. Porque siento que esta **pequeña comunidade que es casa grande es como um puento de luz pra mim. Um punto de luz necessário nesse tempo tan conflitivo en mondo** e que quanto más puntos de luz haja em todo el planeta, buen eso va servir a todos e me dio essa sencación también mui espiritual para mim, non. **Mais uma experiência espiritual em muchos sentidos** (Jornalista del Diario La Nacion).*

Durante o Seminário Internacional de Turismo com Base Comunitária, uma pesquisadora e escritora cearense na temática do turismo, de renome nacional, enfatizou o conteúdo das trocas, que verificamos ser uma rotina nos espaços da FCG-MHK.

O seminário é sempre uma **oportunidade de troca de saberes** e esse seminário internacional, ele teve oportunidade, ele está oferecendo oportunidade de **troca de experiência** de várias comunidades no país que realizam esse tipo de trabalho como nós **tivemos oportunidade de ver tem**

**o turismo do Canto Verde, o turismo no Sul do Brasil**, e algumas comunidades que estão aqui mostrando os vários caminhos por onde realizam esse trabalho de turismo comunitário. Então, **essa troca de experiência, essa troca de informação, ela é salutar**, sobretudo porque a gente tá vendo que **respeita a diversidade cultural e os valores territoriais dos vários lugares** onde esse turismo está sendo realizado (Profa. Dra. representante da Pós-Graduação em Geografia da UECE).

Na opinião de Noronha (2008, p.143): “Na FCG-MHK, os saberes estão conectados às prática de vida e de trabalho.” Ao apresentar a história da FCG-MHK para os participantes da I Mostra Internacional de Música de países de Língua Portuguesa<sup>31</sup> Alembert Quindins comentou: “Muita gente já passou aqui pela Casa Grande, falou e escreveu muita coisa, mas o que eu mais gostei veio de um homem simples, um agricultor que disse: - as coisas aqui são feitas como as coisas que se faz para Deus.”

A declaração do Alembert revela a religiosidade da qual é imbuído, aliás, como frisamos no segundo capítulo, a religiosidade é um traço marcante da região. Sobre essa característica Noronha (2008) anotou:

Percebemos que a FCG **não foge do universo religioso** local. Realiza anualmente sua **Festa de Renovação** no dia 19 de dezembro, data em que se comemora o aniversário de nascimento e casamento dos seus fundadores, e também da ONG [...] Assim, há **toda uma simbologia que envolve a Casa** num universo místico, religioso e católico (NORONHA, 2008 p.151 grifo nosso).

Tivemos oportunidade de participar dos rituais que se repetem todo ano durante incursões ao campo, em dezembro de 2011 e 2012. Experienciamos estar na FCG-MHK quando o casal de fundadores reúne parentes, amigos, visitantes e turistas em uma comemoração cujos preparativos têm início dias antes, com a pintura seguida da lavagem da Casa Grande.

Constatamos que crianças, jovens, familiares vinculados à ONG consideram a FCG-MHK, a segunda casa e aprendem desde cedo a cuidar de cada detalhe. Observamos a associação entre as tarefas de pintura e limpeza e as brincadeiras, próprias do lugar. Enquanto pintam e lavam os espaços todos se divertem.

Essa associação nos fez rememorar os sábados de faxina da infância com os irmãos na pequenina Monsenhor Tabosa-CE. Ajudávamos nossa mãe com alegria e

---

<sup>31</sup> A pesquisadora estava presente realizando observação em maio de 2011.



descontração. Tudo era diversão. Essa associação entre cumprimento de tarefa ou “trabalho” é uma constante na FCG-MHK.

Noronha (2008, p. 146) conta que durante estadas na FCG-MHK para realização da pesquisa de mestrado presenciou alguns visitantes perguntando às crianças “o que ganham com isso”, isto é, trabalhando o museu? Conforme a pesquisadora a resposta foi sempre a mesma: “meninos e meninas respondem “conhecimento”. É dessa forma que eles e elas encaram o trabalho que fazem na FCG”.

O que aferimos durante nossa pesquisa na FCG-MHK é que se trata de uma instituição que favorece o desenvolvimento integral das crianças e jovens ao proporcionar aprendizado dos mais jovens com os mais velhos, como era costume familiar nos lares e nas oficinas de artes e ofícios antes da revolução industrial. O zelo, o respeito, o cuidado com as crianças e jovens que se vinculam à FCG-MHK já rendeu prêmios no passado, conforme comentamos anteriormente, e continua a conquistar o respeito e admiração de empresas e organismos governamentais e não governamentais.

Consta em CECIP (2017) que no dia 05 de 2014, a “Escola de Comunicação Meninada do Sertão” foi destaque na solenidade de premiação do 1º Prêmio Nacional de Projetos com Participação Infantil.

O CECIP – Centro de Criação de Imagem Popular foi criado em 1986 por um grupo de profissionais de diversas áreas como o educador Paulo Freire, Ennio Candotti, Eduardo Coutinho, Ana Maria Machado, Washington Novaes, Chico Alencar e Claudius Cecon, atual Diretor Executivo, que decidiram colocar seus saberes e experiências a serviço da construção de uma sociedade democrática. Sua atividade abrange a produção de materiais audiovisuais e impressos, a realização de projetos de articulação e mobilização social e a capacitação de educadores e outros agentes sociais para atuarem na transformação de suas realidades. (CECIP, 2017).

A FCG-MHK se destacou porque ameilhou dois prêmios: 1º lugar dos jurados especialistas em infância (Figura 95) e menção honrosa dos jurados mirins (Figura 96) exibidas a seguir.

**Figura 95 – Fotografia do troféu 1º lugar - 1º Prêmio Nacional de Projetos com Participação Infantil da CECIP**



Fonte: CECIP (2017)

**Figura 96 – Fotografia do troféu Menção Honrosa das crianças - 1º Prêmio Nacional de Projetos com Participação Infantil da CECIP.**



Fonte: CECIP (2017)

Por tudo o que expusemos e comentamos nos três capítulos desta tese somos induzidos a corroborar com a afirmação de Falcão (2013) de que a FCG-MHK teve e tem papel relevante na construção e transformação do espaço geográfico de Nova Olinda.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática do turismo articulada ao patrimônio cultural ganhou impulso nas pesquisas nos cursos de pós-graduação em geografia nos últimos 10 anos. Os espaços mais investigados foram os centros históricos de cidades com função capital no Brasil colonial e imperial. Nesta pesquisa voltamos a atenção para uma cidade de pequeno porte, no sul do Ceará, sem qualquer expressão no cenário regional ou estadual em períodos históricos passados.

Atraiu-nos a atenção o trabalho de uma organização do terceiro setor, uma ONG voltada para a preservação da memória e do patrimônio cultural dos ocupantes do território antes da ocupação colonial. A FCG-MHK desenvolve o turismo de base comunitária e o município onde desenvolve seu trabalho foi definido pelo Ministério do Turismo, “Destino Indutor do Desenvolvimento Turístico Regional” em 2006. Assim, o objeto da pesquisa passou a ser a Fundação Casa Grande no Mapa do Turismo Regional – Memorial do Homem Kariri: lugar de memória e salvaguarda do patrimônio cultural do povo Kariri.

No primeiro capítulo procuramos articular conceitos-chave da ciência geográfica, tais como lugar e região com conceitos antropológicos como cultura e aportes teóricos da economia, como o princípio da reciprocidade. O turismo foi apresentado de modo multidisciplinar devido aos aspectos multidimensionais: cultural, social, econômico.

Definimos como objetivo geral da pesquisa: investigar o trabalho da FCG-MHK entre 2006 e 2016, em relação ao patrimônio cultural e ao turismo do lugar, contextualizado no espaço regional do Cariri com a finalidade de verificar se os conteúdos das trocas entre anfitriões e turistas revelam aspectos do princípio de reciprocidade da Economia Civil.

Conforme explicaram os propositores da Economia Civil, Bruni e Zagmani (2010), em determinado momento da tradição cultural do Ocidente, “o princípio do contrato” se dissociou do “princípio da reciprocidade”, as duas noções passaram a ser consideradas formas alternativas de organização da vida em comum “cada um com seu campo próprio e exclusivo de aplicação: o mercado para o contrato; todo o resto, para a reciprocidade.

A experiência da sociabilidade humana e da reciprocidade podem ser retomadas no interior da vida da econômica, cuja peculiaridade reside em considerar o princípio da

reciprocidade na perspectiva tratada nessa pesquisa. Em tal perspectiva, o dom e o contrato não são considerados formas alternativas de regulação das relações humanas. Ao contrário, dom e contrato são concebidos com expressões diferentes, duas articulações diferentes da reciprocidade, princípio que fundamenta a própria possibilidade de convivência civil.

Feita a costura entre as contribuições das diferentes ciências, via método da nova geografia cultural definimos os objetivos específicos: identificar aspectos caracterizadores dos visitantes e turistas que acorrem à Nova Olinda atraídos pelo trabalho da Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri; analisar o conteúdo das trocas entre os residentes-anfitriões e turistas-hóspedes das Pousadas Domiciliares da COOPAGRAN da FCG-MHK; identificar transformações socioespaciais na sede de Nova Olinda.

Propusemo-nos confirmar a hipótese de que a FCG-MHK articulava salvaguarda da memória e do patrimônio cultural do lugar e região dando espaço ao princípio da reciprocidade possível de ser identificado no conteúdo das trocas entre visitantes e anfitriões. As trocas realizadas nas pousadas domiciliares da COOPAGRAN se tornaram, portanto, o foco da observação.

Desse modo, apresentamos a tese que norteou esta pesquisa: grupos e ou organizações que articulam salvaguarda da memória e do patrimônio cultural regional e gestão do turismo conforme o princípio de reciprocidade podem atrair turistas identificados com oportunidades de aprendizagem, trocas sociais e culturais marcadas por relações onde o caráter mercantil não sobrepuja o dom e a dádiva.

Para chegar aos objetivos combinamos os procedimentos metodológicos: observação participante em momentos de realização de eventos na FCG-MHK, momentos onde as pousadas domiciliares da COOPAGRAN estavam com hóspedes; análise documental e entrevistas com pessoas envolvidas diretamente com as questões da pesquisa. Chegamos aos seguintes resultados:

Os que fazem a FCG se apropriam do acervo patrimonial da região (material e imaterial) no cotidiano e durante eventos quando há uma integração entre grupos que guardam a memória do Homem Kariri e tradições populares. Isso constatamos nos aniversários de 19 anos e 20 anos da ONG. O compartilhamento implícito da herança cultural remete à memória coletiva e à FCG-MHK como instituição representativa da unidade cultural na diversidade regional do Cariri. Estar na Fundação Casa Grande

durante eventos culturais, técnico-científicos, sociais nos faz penetrar no universo cultural do povo do sertão e mais especificamente do Cariri.

A cultura local/regional é utilizada para reforçar os vínculos comunitários com pessoas e organizações próximas e distantes. Constatamos que os saberes e fazeres da FCG-MHK, depositária da memória coletiva do Homem Kariri se atualizam mediante uma abertura ao universal em diálogo com o regional/ local com o uso de tecnologias da informação e comunicação sempre a partir da matriz de heranças culturais do povo Kariri.

Os sentimentos de pertencimento dos que utilizam e frequentam assiduamente a FCG-MHK estão evidentes em cada festa, nas apresentações artísticas, na participação das crianças, jovens e adultos. Esses são momentos únicos que só podem ser vivenciados quando se está hospedado no “lugar”.

A FCG-MHK é “lugar” na acepção de Frémont (1980) para os que dela participam com regularidade e assunção de responsabilidades. É “lugar” também para familiares envolvidos nos negócios da cadeia produtiva do turismo: artesanato, hospedagem, alimentação e transporte. Sobre os significados atribuídos aos lugares aprendemos com Claval (1995).

Os espaços da FCG-MHK são marcados pela dimensão simbólica da região cultural do Cariri. O acervo mitológico do MHK foi um dos primeiros atrativos para residentes e turistas. Essa realidade nos remete à Claval (1995) ao comentar sobre a importância dos mitos na atribuição de significados para a vida.

Ao salvaguardar e preservar a memória e patrimônio cultural Kariri utilizando tecnologias atuais a FCG-MHK reverbera ao mundo modos de ser e fazer próprios da região, motivo de termos qualificado essa ONG como alto-falante. A FCG-MHK trata o patrimônio cultural local/regional como fator de atratividade para visitantes e turistas. Os saberes e fazeres relacionados ao patrimônio cultural guardam relação com as características dos visitantes e turistas atraídos para Nova Olinda pelo trabalho da FCG-MHK.

Conforme a classificação de Costa (2009) os turistas atraídos pela FCG-MHK se enquadram na categoria dos altamente motivados por cultura. São pessoas ávidas por aprendizagem o que permite caracterizar o turismo da FCG-MHK como turismo cultural como preconiza a referida autora.

A expressão “identificação” utilizada por Hall (2005) mostrou-se apropriada para se fazer referência aos turistas atraídos pela FCG-MHK. O tratamento dado ao patrimônio cultural atrai pessoas e grupos que valorizam iniciativas nesse sentido. Isso explica a presença de educadores, pesquisadores, produtores culturais, artistas de diferentes linguagens e outros grupos afins. Constatamos que são pessoas e grupos que após estada nas pousadas da COOPAGRAN se integram, se conectam se comunicam e se organizam em novas combinações de espaço-tempo aproximadas por identificações com valores comuns à FCG-MHK.

Verificamos que os usos e apropriações múltiplos do patrimônio cultural postos à disposição de todos os interessados pela FCG-MHK nos seus diferentes espaços, programas e projetos têm rendido empoderamento para famílias locais, tanto no que se refere ao repertório de conhecimentos sobre a própria cultura quanto a muitas outras com as quais têm contato mediante recepção de turistas nas pousadas domiciliares das próprias residências.

Constatamos reconhecimento e gratidão por parte de parentes de crianças e jovens vinculados à ONG, pelo repertório de saberes e fazeres que os mesmos têm oportunidade de se apropriar. Destacaram o desenvolvimento de potenciais, aptidões, habilidades múltiplas dos que avaliam geradores de resultados benéficos no desempenho escolar, acadêmico e profissional. Enfatizaram também as oportunidades de geração de renda e melhoria das condições materiais para as famílias, onde o papel das mulheres é fundamental. Avaliaram extremamente gratificantes as trocas oportunizadas pelas viagens dos parentes para outros lugares e pela recepção de visitantes e turistas-hóspedes nas pousadas domiciliares e demais negócios vinculados à FCG-MHK.

Constatamos que aprendizagem, troca e integração são vocábulos utilizados para fazer menção aos encontros que acontecem mediados pela FCG-MHK em Nova Olinda, quer se trate de turistas falando de iguais, quer se trate de anfitriões-residentes se reportando aos visitantes ou turistas-hóspedes e vice-versa.

Dentre as afinidades entre turistas e anfitriões das pousadas domiciliares passíveis de identificação na pesquisa que realizamos, destacamos: o apreço pela cultura local/regional, a autoidentificação como sujeitos da história, o zelo pela memória dos ancestrais, identificação com pessoas e iniciativas voltadas para trocas

personalizadas, independente se essas trocas acontecem entre pessoas dos espaços contíguos ou de espaços distantes, valorização dos vínculos baseados na reciprocidade.

Chegamos a essa conclusão ao analisar os comentários deixados nos Livros de Registro de Hóspedes das Pousadas Domiciliares. Alguns foram expostos no último capítulo e ressaltam a aprendizagem, troca de experiências, sensações e sentimentos que não podem ser monetarizados. Algumas pessoas relatam ressignificação do modo de ver o mundo e de viver após passagem ou estada na FCG-MHK. As relações humanas escondidas nas trocas impessoais são ressaltadas como aferimos durante estada em cinco pousadas domiciliares da COOPAGARAN.

As trocas que observamos são uma demonstração de que a proposição de Bruni e Zagamani (2010) de reajuntar reciprocidade e dádiva, mercado e contrato tem aplicação nos negócios da FCG-MHK embora não tenhamos conhecimento que qualquer integrante deste grupo social tenha consciência da tese dos economistas italianos referenciados. Nossa hipótese foi corroborada.

Fazemos essa afirmação com base nas palavras dos próprios autores ao afirmarem: “a economia real torna-se economia civil toda vez que uma empresa, uma organização, um consumidor ou uma escolha individual consegue dar “o salto da gratuidade” e suscitar novas relações de reciprocidade” (BRUNI; ZAGMANI, 2010, p.203).

Diante disto, ratificamos nossa tese: grupos e ou organizações que articulam salvaguarda da memória e do patrimônio cultural regional e gestão do turismo conforme o princípio de reciprocidade podem atrair turistas identificados com oportunidades de aprendizagem, trocas sociais e culturais.

Constatamos que malgrado todos os desafios, a FCG-MHK consegue executar um trabalho de elevado valor sócio cultural há 24 anos, aliando a salvaguarda do patrimônio cultural com geração de renda para uma parcela significativa da população na sede do município, constituindo-se um núcleo de resistência ao modelo hegemônico de distribuição dos resultados econômicos do turismo por desenvolver o turismo de base comunitária.

Os resultados dos metodológicos adotados indicaram que a FCG-MHK é um agente social transformador da dinâmica socioespacial local e que foi a principal protagonista no reposicionamento de Nova Olinda no Mapa do Programa de

Regionalização do Turismo de 2006.

Isso corrobora a proposição de Urry (1999, p.117): “A cultura” passou a ocupar uma posição mais destacada na organização das sociedades atuais [...].

O trabalho da FCG-MHK resultou em benefícios diretos para melhoria da estrutura urbana da sede de Nova Olinda conforme demonstramos no último capítulo. Trata-se de uma caso clássico de associação entre patrimônio cultural e turismo conforme exposição e Bertonecello (2010) no primeiro segundo.

Podemos afirmar também, que o projeto da Fundação se desenvolveu como proposta de mobilização comunitária e inclusão social, criando nas crianças e nas famílias das pousadas domiciliares um sentimento de co-responsabilidade, no sentido apontado por Mário Beni (2006).

A vinculação ideal dos públicos pretendida por todo e qualquer projeto de mobilização social encontra-se no nível da co-responsabilidade, para que os objetivos estabelecidos possam ser alcançados plenamente e de maneira duradoura. A co-responsabilidade existe quando o público age por se sentir responsável e por acreditar no sucesso do projeto, entendendo sua participação como fundamental. (BENI, 2006, p. 184)

## REFERÊNCIAS

A&R ARQUEOLOGIA, CONSULTORIA E PRODUÇÃO CULTURAL. **Blog**.

Disponível em: <<http://aerarqueologia.wixsite.com/aerarqueologia>>. Acesso em: 10 out. 2016.

AB'SÁBER, A. N. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ABRAMOVAY, R. Anticapitalismo e inserção social dos mercados. **Tempo Social**, São Paulo, v.21, n.1, p.65-87, 2009.

ABREU, J.C. de. **Caminhos antigos e povoamento do Brasil**. 3. ed. Fortaleza: UFC, 1999. 203p. (Coleção Alagadiço Novo).

ACIOLI, S. **Fundação Casa Grande: comunicação para a educação**. 2002. 60f. Monografia (Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002.

ALEGRE, M.S.P.; MARIZ, M. da S.; DANTAS, B.G. **Documentos para a história indígena do Nordeste: Ceará, Rio Grande do Norte e Sergipe**. São Paulo: FAPESP, 1994. 269p.

ALMEIDA, M.G. de. **Natureza - Cultura e o valor do lugar turístico**. Nota de aula. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. 1999.8p.

ALVES, R. **Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras**. São Paulo: Brasiliense, 1981. 176p.

ALVES-MAZZOTI, A.J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2004. 2003p.

ANDER-EGG, E. **Metodología y práctica del desarrollo de la comunidade**. Buenos Aires: Lumem-Humanitas, 1980.

ANDRADE, J.V. de. **Turismo: fundamentos e dimensões**. São Paulo: Ática, 1992. (Serie Fundamentos)

ANDRIOLO, A.; FAUSTINO, E. Educação, turismo e cultura: a experiência de estudantes paulistas em Uruçanga. In: RODRIGUES, A. B. (org). **Turismo e desenvolvimento local**. São Paulo: Hucitec, 1997. p 164-178.

ARAGÃO, R. B. **História do Ceará**. 3. ed. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1987. 320p.

ARAÚJO, M. de L. de. **A cidade do Padre Cícero**: trabalho e fé. Fortaleza: IMEPH, 2011. (Coleção Centenário).

ARAÚJO, M.L.S. Turismo, patrimônio cultural em Nova Olinda e produção do espaço: um retrato do estágio atual. In: I Congresso Brasileiro de Organização do Espaço, 2010, Rio Claro. **Anais...** Fundação para o desenvolvimento da UNESP, 2010. p. 3515-3528.

ASSIS, R.J. S. de. SAMPAIO, J.L.F. Formação territorial do Ceará: dos caminhos antigos aos projetos ferroviários:1817-1877. **Boletim Goiano de Geografia**. Goiânia, v.32, n.2, p. 139-157, jul./dez. 2012.

AUGÉ, M. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas, SP: Papirus, 1994. (Coleção Travessia do Século).

AZEVEDO, F.G.S. **Tecnologias de transmissão cultural**: a experiência da “escola” de comunicação Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri. 2005. 251f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

BARRETO, M. Os estudos antropológicos sobre turismo no Brasil: uma história recente. In: GRABURN, N.H.; BARRETTO, M.; STEIL, C.A.; GRÜNEWALD, R. de A.; SANTOS, R.J. dos. **Turismo e antropologia**: novas abordagens. Campinas: Papirus, 2009. 140p. (Coleção Turismo) p.53-66.

BARTHOLO, R.; SANSOLO, D.G.; BURSZTYN, I. (Org). **Turismo de bases comunitárias**: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. 501p.

BASTOS FILHO, J.B. **O que é uma teoria científica?** uma breve provocação sobre um tema complexo. 2. ed. Maceió: UFAL, 1988. 144p.

BAUMAN, Z. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 141p.

BENEVIDES, I.P. O PRODETUR-CE: o planejamento territorial do turismo como caso de planejamento governamental no Ceará. In: RODRIGUES, A.B. (Org.). **Turismo e geografia**: reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 163-176.

BENI, Mário. Relações públicas e o desenvolvimento sustentável no Turismo. In: **Revista Organicom**, Ano 3, n. 5. 2º Semestre de 2006.

BERQUE, A. **Écoumène**: introduction à l'étude des milieu humaines. Paris: Belin, 2000.



\_\_\_\_\_. **Le sauvage et l'artifice**: les japonais devant la nature. Paris: Gallimard, 1986.

BERTONCELLO, R. (Org). **Turismo y geografía**: lugares y patrimonio natural-cultural de la Argentina. Buenos Aires: Ciccus, 2008.

\_\_\_\_\_. Turismo y patrimônio, entre la cultura y el negocio. In: PAES, M. T. D.; OLIVEIRA, M. R. da S. (Orgs.). **Geografia, turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Annablume, 2010, p.33-53.

BESERRA, T.M.Á.C. **Implantação de Sistema de Informação Geográfica – SIG para o Geopark Araripe**. 2011. 130f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

BEZERRA, A. **O Ceará e os cearenses**. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001. (Coleção Biblioteca Básica Cearense).155p.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1988. 143p.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 6.025, de 22 de janeiro de 2007. Institui o Programa de Aceleração do Crescimento – PAC. **Diário Oficial da União**, Edição Extra. Brasília, DF, 21 de janeiro de 2007. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6025.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6025.htm)>. Acesso em: 14 set. 2016.

\_\_\_\_\_. Ministério da Cultura. **Pontos de cultura**. Abr. 2015a. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/pontos-de-cultural1>> Acesso em: 02 maio 2017.

\_\_\_\_\_. Ministério do Turismo. **Estudos da competitividade dos 65 destinos indutores do desenvolvimento turístico regional**. Brasília: Ministério do Turismo, 2008. 84p.

\_\_\_\_\_. Ministério do Turismo. **Plano Nacional de Turismo 2013/2016**: uma viagem de inclusão. Brasília: Ministério do Turismo, 2013.

\_\_\_\_\_. Ministério do Turismo. **Plano Nacional do Turismo**: diretrizes, metas e programas – 2003-2007. Disponível em: <[http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o\\_ministerio/publicacoes/download\\_s\\_publicacoes/plano\\_nacional\\_turismo\\_2003\\_2007.pdf](http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/download_s_publicacoes/plano_nacional_turismo_2003_2007.pdf)> Acesso em: 02 maio 2017.

\_\_\_\_\_. Ministério do Turismo. **Programa de Regionalização do Turismo**: diretrizes. Brasília: Ministério do Turismo, 2013.

\_\_\_\_\_. Ministério do Turismo. **Programa de Regionalização do Turismo**: roteiros do Brasil: diretrizes. Brasília: Ministério do Turismo. 2013. 47p.

\_\_\_\_\_. Ministério do Turismo. Programa de Regionalização do Turismo. **Metodologia**. Brasília: Ministério do Turismo, 2016.

BRAVO, F.L. “A salvaguarda do patrimônio imaterial na América Latina: uma abordagem de direitos, avanços e perspectivas”. In: BRAVO, F.L. **Políticas culturais: teoria e práxis**. São Paulo: Observatório Itaú Cultural, 2011.

BRUNI, L.; ZAMAGNI, S. **Economia civil: eficiência, equidade, felicidade pública**. Tradução Durval Cordas. Vargem Grande Paulista, SP: Cidade Nova, 2010. 287p.

CALVINO, Ítalo. **Cidades invisíveis**. Tradução de Diogo Mairardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARLOS, A.F.A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996. 150p.

CARVALHO, A.C.F. de. **Sob o signo da fé e da mística: um estudo das Irmandades de Penitentes no Cariri Cearense**. Fortaleza: IPEPH, 2011 (Coleção Centenário).

CARVALHO, P.F. de. Patrimônio histórico e artístico nas cidades médias paulistas: a construção do lugar. In: YÁZIGI, E.; CARLOS, A.F.A.; CRUZ, R. de C.A. da. **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1996. p.100-113.

CASTELLI, G. **Hospitalidade: a inovação na gestão das empresas prestadoras de serviços**. São Paulo: Saraiva, 2010.

\_\_\_\_\_. **Turismo: atividade marcante no século XX**. Caxias do Sul: EDUNI-SUL, 1986. 146p.

CASTRO, B. Patrimônio cultural e território: turismo e inclusão social. In: SARTI, A.C.; MUNDET I CERDAN, L. (Org.). **Turismo e arqueologia: múltiplos olhares**. Piracicaba, SP: Equilíbrio, 2009. p.309-319.

CEARÁ. Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Estado do Ceará - IPECE. **Ceará em mapas**. Disponível em: <<http://www2.ipece.ce.gov.br/atlas/capitulo1/11/139x.htm>>. Acesso em: 02 jan. 2012.

\_\_\_\_\_. Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Estado do Ceará - IPECE. **Perfil básico regional 2011: Macrorregião Cariri/Centro Sul**. Fortaleza, 2011.23p.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Cultura do Estado do Ceará - SECULT. **Tesouros vivos da cultura: mestres da cultura**. Disponível em: <<http://www.secult.ce.gov.br/index.php/patrimonio-cultural/patrimonio-imaterial/mestres-da-cultura>>. Acesso em: 19 jun. 2012.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Cultura do Estado do Ceará. **Os tesouros vivos 2004**. Disponível em: <<http://www.secult.ce.gov.br/index.php/patrimonio-cultural/patrimonio-imaterial/mestres-da-cultura/43605>>. Acesso em 24 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Planejamento e Gestão Instituto de Pesquisa Econômica do Ceará (IPECE). **Perfil básico municipal 2015 Nova Olinda**. 17p. Disponível em: <[http://www.ipece.ce.gov.br/perfil\\_basico\\_municipal/2015/Nova\\_Olinda.pdf](http://www.ipece.ce.gov.br/perfil_basico_municipal/2015/Nova_Olinda.pdf) > Acesso em: 12 jun. 2017.

CENTRO DE CRIAÇÃO DE IMAGEM POPULAR (CECIP). **1º Prêmio Nacional de Projetos com Participação Infantil**. Disponível em: <<http://www.cecip.org.br/site/1-premio-nacional-de-projetos-com-participacao-infantil/>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

CENTRO DE DEFESA DA VIDA HERBERT DE SOUZA - CDVHS. **Nova Olinda**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2007. 64p. (Coleção Desenvolvimento Local).

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Tradução de Ephrain Ferreira Alves. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CHAVES MINERAÇÃO E INDÚSTRIA S.A. Disponível em: <<http://www.gesso.com.br/>>. Acesso em: 01 dez. 2016.

CIDRÃO, R.S. Resgatando a memória de Santana do Cariri. 2. ed. Fortaleza: Gráfica Digital e Offset Francly Cópias, 2010, 134p.

CIFELLI, Gabrielle. **Turismo, patrimônio e novas territorialidades em Ouro Preto-MG**. 2005. 245f; Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2005.

CLARK, G. et al. (Org.). **The Oxford handbook of economic geography**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

CLAVAL, P. A evolução recente da geografia cultural de língua francesa. **Geosul**, v.18, n.35, p.7-25, jan/mar. 2003

\_\_\_\_\_. **A Geografia cultural**. Tradução de PIMENTAL, L. F; PIMENTA, M.A. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

\_\_\_\_\_. **La géographie culturelle**. Paris: Nathan Université, 1995.

CORIOLOANO, L.N.M.T. **Arranjos produtivos locais do turismo comunitário: atores e cenários em mudança**. Fortaleza: UECE, 2009. 307p.

\_\_\_\_\_. **O turismo nos discursos, nas políticas e no combate à pobreza.** São Paulo: Annablume, 2006, 238p.

CORRÊA, R.L. Denis Cosgrove: a paisagem e as imagens. **Revista Espaço e Cultura**, UERJ, RJ. n.29, p.7-21, jan./jun. 2011.

CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Paisagem, tempo e cultura.** Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Temas e caminhos da geografia cultural.** Rio de Janeiro: UERJ, 2010.

\_\_\_\_\_. Heterogeneidade e transformação espacial no Brasil. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, v.10, p.57-64, 2000.

COSGROVE, Denis. Geografia cultural do milênio. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R.L. (Org.). **Manifestações da cultura no espaço.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p.17-46.

\_\_\_\_\_, Denis - Observando la naturaleza: el paisaje y el sentido europeo de la vista. In: **Boletín de la A.G.E.** n.º 34 - 2002, p. 63-89.

COSTA, F.R. **Turismo e patrimônio cultural:** interpretação e qualificação. São Paulo: Senac; São Paulo: SESC, 2009. 251p.

CRUZ, R. de C. **Política de turismo e território.** São Paulo: Contexto, 2000, 167p. (Coleção Turismo).

CUNHA. L.A.G. Sobre o conceito de região. **Revista de História Regional**, v.5, n.2, p.39-56, 2000.

DALL'ACQUA, C.T.B. **Competitividade e participação:** cadeias produtivas e a definição dos espaços geoeconômico, global e local. São Paulo: Annablume, 2003. 175p.

DEMO, P. **Metodologia do conhecimento científico.** São Paulo: Atlas, 2000.

DIAS, R. **Planejamento do turismo:** políticas e desenvolvimento do turismo. São Paulo: Atlas, 2003. 226p.

DUARTE, R. B. de A. **Histórias de sucesso:** comércio e serviços; cultura e entretenimento. Brasília: SEBRAE, 2007. 80p.

ELIADE, M. **La nostalgie des origines.** Paris: Gallimard, 1971.

EMPRESA BRASILEIRA DE INFRAESTRUTURA AEROPORTUÁRIA - INFRAERO. Aeroporto Juazeiro do Norte/CE Orlando Bezerra de Menezes. Disponível em: < <http://www4.infraero.gov.br/aeroportos/aeroporto-de-juazeiro-do-norte-orlando-bezerra-de-menezes/>> Acesso em: 12 jun. 2017.

FALCÃO, M. T. S. Para uma avaliação da Política Estadual de Turismo do Ceará: a SETUR e suas ações na transformação da realidade socioespacial dos destinos indutores do Ceará. 2013. 222f. Tese. (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Geociências e Ciências Exatas de Rio Claro, 2013.

FARIAS, A. de. **História do Ceará**. 6.ed. rev. e ampl. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2012. 485p.

FERRAZ, J.A. **Regime jurídico do turismo**. Campinas, SP: Papyrus, 1992, 162p. (Coleção Turismo).

FIGUEIRÊDO FILHO, J. de. **História do Cariri**. Crato: Faculdade de Filosofia, 2010. 144p. (Coleção Estudos e Pesquisas).

FONSECA, M.A. da. **Espaço, políticas de turismo e competitividade**. Natal: UFRN, 2005. 226p.

FRATUCCI, A.C. **A dimensão espacial nas políticas públicas de turismo: as possibilidades das redes regionais de turismo**. 2008. 308f. Tese (Doutoramento em Geografia) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

FRÉMONT, A. **A região, espaço vivido**. Tradução António Gonçalves. Coimbra Portugal: Livraria Almedina. 1980. 275p.

FUNARI, P.P.; PINSKY, J. (Org.). **Turismo e patrimônio cultural**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2009. (Coleção Turismo Contexto) 130p.

FUNDAÇÃO CASA GRANDE – (FCG). **Blog**. Disponível em: <<https://blogfundacaocasagrande.wordpress.com/>>. Acesso em: 02 mar. 2015.

FUNDAÇÃO CASA GRANDE – MEMORIAL DO HOMEM KARIRI. **20 anos de Casa Grande**. Brochura. [S.l.: s.n.]. 2016, não paginado. Apoio IPHAN e MTur.

GERTLER, M.S. Uma geografia econômica cultural da produção. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Economia, cultura e espaço**. Rio de Janeiro: UERJ, 2010. p. 37-97.

GODOY, P.R.T. de. **História do pensamento geográfico e epistemologia da geografia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 289p.

GOETZ, B. La dislocation: ciritique du lieu. In: YOUNÈS, C.; MANGEMATIN, M. (Org.). **Lieux contemporains**. Paris: Descartes & Cie., 1997. 266p.

GOMES, A.O.; VIEIRA NETO, J.P. Museus e memória indígena no Ceará: a emergência étnica entre lembranças e esquecimentos. In: PALITOT, E.M. (Org.). **Na mata do sabiá: contribuições sobre a presença indígena no Ceará**. Fortaleza: SECULT/Museu do Ceará/IMOPEC, 2009. p.367-391.

GOMES, D.S.; MOTA, K.M.; PERINOTTO, A.R.C. Turismo pedagógico como ferramenta de educação patrimonial: a visão dos professores de história em um colégio estadual de Parnaíba (Piauí-Brasil). **Turismo & Sociedade**, Curitiba, v.5, n.1, p.82-103, abr. 2012.

GOMES, P.C. da C. (Org.). **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertran Brasil, 1996. 366p.

GRABURN, N. et al. **Turismo e antropologia: novas abordagens**. Campinas: Papirus, 2009. 140p. (Coleção Turismo)

GRABURN, N. Antropologia ou antropologias do turismo? In: GRABURN, Nelson et al. **Turismo e antropologia: novas abordagens**. Campinas: Papirus, 2009. p.13-52.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaraciara Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. 102p.

HERCKERT, C.R. **Redes no terceiro setor: condições favoráveis à transferência de conhecimento**. 2008. 252f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

HERZOG, A. **O Geopark Araripe: uma pequena história da evolução da vida, das rochas e dos continentes**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2008. 71p.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN: Museu Imperial, 1999

INAUGURAÇÃO DO TEATRO VIOLETA ARRAES. Direção: Alembert Quindins. Produção: Hélio Sousa. Nova Olinda/CE: TV Casa Grande, 100 Canal. 1995. [1 DVD].

INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS – IBAMA. Ministério do Meio Ambiente. **Plano operativo de prevenção e combate aos incêndios florestais da Floresta Nacional de Araripe - Apodi**. Crato/CE, 2006.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN.  
**PAC cidades históricas**. Disponível em:  
<<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/235>>. Acesso em: 14 set. 2016.

\_\_\_\_\_. **Recuperação de imóveis privados em centros históricos**. Brasília: Iphan, Programa Monumenta, 2009. 304p.

\_\_\_\_\_. **Casas do Patrimônio**. Disponível em:  
<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/502>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

JUCÁ NETO, C.R. Primórdios da rede urbana cearense. **Mercator**. Revista de Geografia da UFC, v.8, n.16, p.77-101, 2009.

KNAFOU, R. Turismo e território. Por um enfoque científico do turismo. In: RODRIGUES, A.B. (Org.). **Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 62-85.

LAGE, B.H.G.; MILONE, P.C. **Economia do turismo**. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

LAVAL, Christian. Les deux crises de l' éducation. **Revue du MAUSS**. n.28, p. 96-115, 2006/2. Disponível em: <<http://www.cairn.info/revue-du-mauss-2006-2-page-96.htm>>. Acessado em: 10 maio 2017.

LEMOS, A.I.G. de (Org.). **Turismo: impactos socioambientais**. São Paulo: Hucitec, 1996. 305p.

LIMA, A. de. **Identidade, memória, oralidade e escrita em narradores de Javé**. 2009. 118f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, PR, 2009.

LIMA, C. F. **A construção do Ceará: temas da história econômica**. Fortaleza: Instituto Albanisa Sarasate, 2008. (Coleção Anuário do Ceará). 319p.

LIMA, C. F.; CORIOLANO, L.N. M.T. (Org.) Turismo e desenvolvimento social sustentável. **Anais do 1º Seminário Internacional de Turismo**. Fortaleza: EDUECE, 2003.210p.

LOBO, T. **Sonhos como projetos de vida**. Fortaleza: Boa Ventura, 2011.134p.

LUSTOSA, F. Instituições, cultura e desenvolvimento sustentável na bacia cultural do Araripe. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v.8, n.1, p.146-168, mar. 2010.

MARCONI, M.de A.; LAKATOS, E.M. **Fundamentos da metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005. 315p.

MENESES, U. T. B. de. A cidade como bem cultural: áreas envoltórias e outros dilemas, equívocos e alcances na preservação do patrimônio ambiental urbano. In: MENESES, U. T. B. de. **Patrimônio**: atualizando o debate. São Paulo: IPHAN, 2006.

\_\_\_\_\_. Os “usos culturais” da cultura. Contribuições para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. In: YÁZIGE, E.; CARLOS, A.F.A.; CRUZ, R. de C.A. da. **Turismo**: espaço, paisagem e cultura. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 88-99.

MENEZES, D. **O outro nordeste**: ensaio sobre a evolução social e política do nordeste da “civilização do couro” e suas implicações nos problemas gerais. 3. ed. Fortaleza: UFC, 1995 (Coleção Alagadiço Novo). 207p.

MILLER JR., T. O. O papel da arqueologia na educação patrimonial In: SARTI, A.C.; MUNDET I CERDAN, L. (Org.). **Turismo e arqueologia**: múltiplos olhares. Piracicaba, SP: Equilíbrio, 2009. p.151-163.

MINAYO, M.C. de S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. 80p.

MOESCH, M. **A produção do saber turístico**. São Paulo: Contexto, 2000.

MORAES, A.C.R. **Geografia**: pequena história crítica. 20. ed. São Paulo: Annablume, 2005.

MOREIRA, R. Geografia e práxis: algumas questões. **Revista de Cultura Vozes**, Petrópolis, n.4, 1980.

\_\_\_\_\_. Da região à rede e ao lugar (a nova realidade e o novo olhar geográfico sobre o mundo. **Etc..., espaço, tempo e crítica**, Rio de Janeiro, v.1, n.1(3), p.55-70, jun. 2007.

MOSTRA CARIRI DE MÚSICA ÍBERO-AMERICANA. Direção: Aemberg Quindins. Produção: Hélio Sousa. Nova Olinda-CE: TV Casa Grande, 100 Canal. 2010. [1 DVD].

NETO, H.B.; BEZZI, M.L. A região cultural como categoria de análise da materialização da cultura no espaço gaúcho. **Raega** - o espaço geográfico em análise, Curitiba, n. 17, p.17-30, jun. 2009.

NICOLÁS, D.H. Elementos para uma análise sociogeográfico del turismo. In: RODRIGUES, A.B. **Turismo e geografia**: reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 39-54.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v.10, n.10, p.7-28, dez. 1993.



NORONHA, I. de L.A. **Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri: cotidiano, saberes e fazeres na interface com a educação patrimonial**. 2008. 270f. Dissertação (Mestrado em Educação Popular, Comunicação e Cultura) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

O NORDESTE.COM. **Violeta Arraes**. Blog. Disponível em: <<http://www.onordeste.com/portal/violeta-arraes/>>. Acesso em 12 nov. 2016.

OLIVEIRA, M.R. da S. **Gestão patrimonial em Ouro Preto/MG: alcances e limites das políticas públicas preservacionistas**. 2005. 264f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2005.

OLIVIEN, R.G. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil – Nação**. Petrópoles: Vozes, 1992.

ORIÁ, R. Fortaleza: os lugares de memória. In: SOUZA, S. de (Org.). **Uma nova história do Ceará**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2000. 448p.

PAES, M. T. D.; OLIVEIRA, M. R. da S. (Orgs.). **Geografia, turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Annablume, 2010. 230p.

PALITOT, E. M. (Org.). **Na mata do sabiá: contribuições sobre a presença indígena no Ceará**. Fortaleza: SECULT/Museu do Ceará/IMOPEC, 2009. 461p.

PEET, R. The culture production of economic geography. In LEE, R.; WILLS, J. (Org.). **Geographies of economies**. Londres: Arnold, 1997. p.3-8.

PEREIRA, R.M. Conceitos, características e desacordos no terceiro setor. **Revista Filantropia**. Instituto Filantropia [S.l.], 2005. 23p. Disponível em: <[http://www.institutofilantropia.org.br/component/k2/item/896-consensos\\_e\\_desacordos\\_na\\_classificacao\\_de\\_organizacoes\\_do\\_terceiro\\_setor](http://www.institutofilantropia.org.br/component/k2/item/896-consensos_e_desacordos_na_classificacao_de_organizacoes_do_terceiro_setor)>. Acesso em: 15 set. 2016.

PINHEIRO, F.J. Mundos em confrontos: povos nativos e europeus na disputa pelo território. In: SOUSA, S. de (Org.). **Uma nova história do Ceará**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2000. 448p.

QUEIROZ, I.da S. Região Metropolitana do Cariri cearense, a metrópole fora do eixo. **Mercator**, Fortaleza, v.13, n.2 p.93-104, set./dez. 2014.

REBOLLO, F.V.; PALOMEQUE, F.L.; GÓMEZ, M.M.; ANTÓN, S. **Análisis territorial del turismo: una nueva geografía del turismo**. Barcelona: Ariel, 1997. 469p.

REDE BRASILEIRA DE TURISMO COMUNITÁRIO E SOLIDÁRIO – TURISOL. Disponível em:

<<http://http://www.projetobagagem.org/2009/parceiros.asp?cod=12/>>. Acesso em: 15 set. 2016.

REDE CEARENSE DE TURISMO COMUNITÁRIO - TUCUM. Disponível em: <<http://www.tucum.org/rede-tucum/>>. Acesso em: 15 set. 2016.

REDE DE TURISMO COMUNITÁRIO DE AMERICA LATINA – REDETURS. Disponível em: <<http://www.redturs.org/>>. Acesso em: 15 set. 2016.

RIBEIRO, J.C.; GONÇALVES, M. A. Região: uma busca conceitual pelo viés da contextualização histórico-espacial da sociedade. **Terra Livre**. São Paulo, n.17, p.79-98, 2º Sem/2001.

RIO, G.A. P. do. Jogo de espelhos: a dimensão cultural do econômico. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org.). **Economia, cultura e espaço**. Rio de Janeiro: UERJ, 2010. p.15-36.

RODRIGUES, A.B. (Org.). **Turismo e geografia**: reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: Hucitec, 1996. 274p.

\_\_\_\_\_. **Turismo e espaço**: rumo a um conhecimento transdisciplinar. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. 158p.

RODRIGUES, A.M. A produção e o consumo do espaço para o turismo e a problemática ambiental. In: CARLOS, A.F.A.; YÁZIGI, E.; CRUZ, R. de C.A. (orgs.). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 55-62.

SANTANA, A. **Antropologia do turismo**: analogia, encontros e relações. São Paulo: Aleph, 2009. (Série Turismo). 230p.

SANTOS, E. Europa conhecerá encantos da Chapada do Araripe. *Jornal Diário do Nordeste*. **Caderno Regional**. Fev. 2010.

SANTOS, R.J. dos. Hibridação cultural e turismo. In: GRABURN, N. et al. **Turismo e antropologia**: novas abordagens. Campinas: Papirus, 2009. p.119-140.

SARAIVA, M.L.S.A. O turismo em Beberibe antes e após o PAT - Plano de Ação para o Desenvolvimento do Turismo-CE. As direferentes re-ações locais. In: SOUZA, Maria José de et.al (Org.) Políticas públicas e o lugar do turismo. **Anais do V Encontro Nacional de Turismo com Base Local**. Brasília: UnB, 2001, 300p.

\_\_\_\_\_. O turismo em Beberibe antes e após o PAT - Plano de Ação para o Desenvolvimento do Turismo-CE. As direferentes re-ações locais. In: SOUZA, M. J. de et.al (Org.) **Políticas públicas e o lugar do turismo**. Brasília: UnB, 2002, p. 157-165.

SARAIVA, M.L.S.A.; CRUZ, L. C. Paisagem e turismo: as várias faces de uma trama. In: Do litoral aos sertões: um olhar para o semi-árido. 2000, **Anais do III Seminário do Mestrado Acadêmico**. Fortaleza: FUNECE, 2000. p.14.

SAUER, C O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: UERJ, 1998, p. 12-74.

SAYER, A. The dialectic of culture and economy. In: LEE, R.; WILLS, J. (Org.) **Geographis of economies**. Londres: Arnold, 1997. p.41-50.

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TURISMO COM BASE COMUNITÁRIA. Direção: Alemberg Quindins. Produção: Hélio Sousa. Nova Olinda-CE: TV Casa Grande, 100 Canal. 2011. [01 DVD].

SILVA NETO, B. **Perda da vegetação natural na Chapada do Araripe (1975/2007) no estado do Ceará**. 2013. 185 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2013.

SILVA, G.P.C.; BRUSANDI, L.B. Os espaços de hospitalidade e as representações da mineiridade nas repúblicas estudantis de Ouro Preto (MG). **Cenário**, Brasília, v.2, n,2, p.141-161, set. 2014.

SILVA, I.B.P. da. Prefácio. In: PALITOT, E.M. (Org.). **Na mata do sabiá: contribuições sobre a presença indígena no Ceará**. Fortaleza: SECULT/Museu do Ceará/IMOPEC, 2009. p.15-17.

SONEIRO, J.C. **Aproximacion a la geografia del turismo**. Madri: Editorial Sintesis, 1991. 215p. (Colección Espacios y Sociedades).

SOTRATTI, M.A. **Imagem e patrimônio cultural: as ideologias espaciais da promoção turística internacional do Brasil - EMBRATUR 2003-2010**. 2010. 241 p. Tese (Doutorado em Ciências) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, SP, 2010.

SPOSITO, E.S. **Geografia e filosofia: contribuições para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: UNESP, 2004. 218p.

STEIL, C.A. Peregrinação e turismo religioso: sujeitos, objetos e perspectivas. In: GRABURN, N.H.; BARRETTO, M.; STEIL, C.A.; GRÜNEWALD, R. de A.; SANTOS, R. J. dos. **Turismo e antropologia: novas abordagens**. Campinas: Papirus, 2009. 140p. (Coleção Turismo) p.67-95.

SUPERINTENDÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE -SUDENE. **Semiárido**. Disponível em: <<http://www.sudene.gov.br/acesso-a-informacao/institucional/area-de-atuacao-da-sudene/semiario>>. Acesso em: 24 out. 2016.

TERRAMAR. Disponível em: <<http://terramar.org.br/oktiva.net/1320/secao/3774> >  
Acesso em: 24 out. 2016.

UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - URCA. **Lira Nordestina terá exposição durante Reunião Regional da SBPC na URCA**. Disponível em: <<http://www.urca.br/novo/portal/index.php/latest-news/43697-lira-nordestina-tera-exposicao-durante-reuniao-regional-da-sbpc-na-urca>>. Acesso em 24 jun. 2017.

URRY, J. **O olhar do turista**. 2.ed. São Paulo: Studio Nobel/SESP, 1999 231p.  
(Coleção Megalópolis).

WALDECK, G. **Espedito Seleiro: da sela à passarela**. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2013. 36p.

YÁZIGI, E.; CARLOS, A.F.A.; CRUZ, R. de C.A. da. **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1996.

**APÊNDICE A – Roteiro de entrevista para ex-Secretário de Turismo e Romarias de Juazeiro do Norte.**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**“JULIO DE MESQUITA FILHO”**  
**INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS**  
**Seção de Pós-Graduação**



**Prezado José Carlos,**

Estou em fase de qualificação de tese em Geografia que tem como objeto o patrimônio cultural do Cariri e o turismo de Nova Olinda desencadeado pelo trabalho da Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Cariri - FGC.

Identifico em você uma liderança imprescindível na minha coleta de informações primárias pelas seguintes razões: ocupou assento no Conselho Estadual de Turismo representando o Cariri; ocupava a função de Secretário de Turismo e Romaria de Juazeiro à época do lançamento do Programa de Regionalização do Turismo pelo Ministério do Turismo; tem vida acadêmica em duas instituições de relevante importância no contexto cultural do Cariri – A Universidade Regional do Cariri (URCA) e o Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) Campus Juazeiro do Norte.

Diante do exposto gostaria de solicitar que respondesse às seguintes questões:

1. Qual a sua opinião sobre Nova Olinda como Destino Indutor do Desenvolvimento Regional do Turismo no Cariri?
2. Qual a sua opinião sobre a Fundação Casa Grande- Memorial do Homem Kariri?

Desde já agradeço pela prestimosa colaboração que possa dar para o desvelamento do objeto da minha tese.

Atentamente,

Maria Lianeide Souto Araújo  
lianeide.araujo@yahoo.com.br

## APÊNDICE B – Roteiro de entrevista com Consultor do SEBRAE/Juazeiro do Norte.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JULIO DE MESQUITA FILHO"  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS  
Seção de Pós-Graduação



**Prezado Edio Callou,**

Estou em fase de qualificação de tese em Geografia que tem como objeto o patrimônio cultural do Cariri e o turismo de Nova Olinda desencadeado pelo trabalho da Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Cariri.

Identifico em você uma liderança imprescindível em minha coleta de informações primárias. Você é um legítimo depositário da memória do turismo no Cariri nos últimos 18 anos. Além disso, suas opiniões são fundamentais em minha pesquisa pelas seguintes razões: pela vasta experiência que acumulou no Serviço de Apoio à Pequena e Média Empresa – SEBRAE de Juazeiro do Norte; como consultor autônomo da Fundação Casa Grande e outras instituições do Cariri; pelo fato de você ser um pesquisador do turismo e das políticas públicas territoriais desenvolvendo suas análises empíricas na região.

Diante do exposto gostaria de solicitar que respondesse às indagações:

1. Em sua opinião, o que foi mais significativo para definir Nova Olinda como destino indutor do turismo no Cariri no Programa de Regionalização do Turismo – PRT do Ministério do Turismo?
2. Como você vê a Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri?

Desde já agradeço pela prestimosa colaboração que possa dar para o desvelamento do objeto da minha tese.

Atentamente,

Maria Lianeide Souto Araújo  
lianeide.araujo@yahoo.com.br

**APÊNDICE C – Roteiro de entrevista com Gestora de Projetos FCG-MHK.**

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
“JULIO DE MESQUITA FILHO”  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS  
Seção de Pós-Graduação



**Prezada Fabiana Barbosa,**

Estou em fase de qualificação de tese em Geografia que tem como objeto o patrimônio cultural do Cariri e o turismo de Nova Olinda desencadeado pelo trabalho da Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Cariri – FGC-MHK.

Identifico em você uma liderança imprescindível na minha coleta de informações primárias pelas seguintes razões: é uma jovem integrada à FGC-MHK; tem assumido gestão de projetos nesta conceituada ONG e desenvolve suas pesquisas divulgando a experiência exitosa da FGC-MHK.

Diante do exposto gostaria de solicitar que respondesse às indagações:

3. Em sua opinião, o que foi mais significativo para definir Nova Olinda como destino indutor do turismo no Cariri no Programa de Regionalização do Turismo – PRT do Ministério do Turismo?
4. Como a decisão foi recebida pelas lideranças políticas da região: prefeitos, vereadores, deputados estaduais e federais?
5. E pelas lideranças do *trade* turístico?

Desde já agradeço pela prestimosa colaboração que possa dar para o desvelamento do objeto da minha tese.

Atentamente,

Maria Lianeide Souto Araújo  
lianeide.araujo@yahoo.com.br

ANEXO A – Programação do Seminário Internacional de Turismo de Base Comunitária.

# SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA



**DE 14 A  
16 DE AGOSTO  
DE 2009**

**NA FUNDAÇÃO  
CASA GRANDE  
EM NOVA  
OLINDA - CE**

**Inscrições e Informações**  
 Site: [www.seminariodeturismosbc.wordpress.com](http://www.seminariodeturismosbc.wordpress.com)  
 E-mail: [seminariodeturismosbc@gmail.com](mailto:seminariodeturismosbc@gmail.com) - Tel.: (88) 3521.8133

**PROMOÇÃO:**   

**PARCERIA:**  

**APOIO:**  



## PROGRAMAÇÃO

### **Dia 13/8 – Quinta-feira**

Chegada dos participantes e traslado para Nova Olinda. Acomodações nas pousadas domiciliares da COOPAGRAN (Cooperativa dos pais e amigos da casa grande).

### **Dia 14/8 – Sexta feira**

#### **Manhã**

8h30 – Tur pela Casa Grande guiado pelos recepcionistas mirins do Memorial do Homem Kariri

9h30 – Abertura oficial do seminário

- Prefeitura Municipal de Nova Olinda
- Ministério do Turismo
- Secretaria de Turismo do Ceará
- Fundação Casa Grande

10h00 - Palestra “programa de regionalização do turismo e dos destinos indutores” Ana Clévia Guerreiro Lima (coordenadora geral de regionalização – Ministério do Turismo)

12h30 - Almoço no restaurante da COOPAGRAN

#### **Tarde**

14h00 – Painele 1 – **Políticas públicas na perspectiva do fomento ao Turismo de Base Comunitária Moderador:** João Tadeu Gonçalves (Gerente de projetos de educação patrimonial do IPHAN – Ministério da Cultura) Debatedores:

- Rodrigo Ramires (Ministério do Turismo)
- Liliana Souza (Técnica especialista em eco turismo do programa de apoio ao desenvolvimento do eco turismo e a sustentabilidade ambiental do turismo – Ministério do Meio Ambiente)
- Édio Callou (SEBRAE –CE)
- Maria Wyldiane Bezerra Lopes Sampaio (Secretária de cultura e turismo de Nova Olinda)

**Noite**

19h Espetáculo “Rua do Vídeo – ABANDA”, no Teatro violeta Arraes – Engenho de Artes Cênicas.

**Dia 15/8 Sábado****Manhã**

8h30 – **Painel 2** – A construção pioneira do Turismo de Base Comunitária no Estado do Ceará

**Moderador:** Daniele Gelbcke (Associação de Agro turismo Acolhida na Colônia)

**Debatedores:**

- Vanessa Lima (Rede de turismo comunitário do Ceará – TUCUM)
- Lindomar Fernandes (Prainha do canto verde)
- Luzia Neide Coriolano (Universidade Estadual do Ceará)
- Cristina Martins (Presidente do fórum de cultura e turismo da região do Cariri)

12h30 Almoço no restaurante da COOPAGRAN

**Tarde**

14hs – Painel 3 – **Reflexões e Práticas na Gestão de Turismo de Base Comunitária**

Moderadora: Mercês Parente

- Thaise Guzzatti (Associação de agroturismo Acolhida na colônia – Encosta da serra geral –SC)
- Davide Pompermaier (Projeto saúde e alegria – Santarém–PA)
- Francisco Palácio (Universidade Patativa do Assaré- Assaré-CE)

**Noite**

19h Espetáculo “Banda Cabaçal Santo Antonio – Juazeiro do Norte”, no Teatro Violeta Arraes – Engenho de Artes Cênicas.

**Dia 16/8 Domingo****Manhã****8h30 – Cont. Painel 3 – Reflexões e Práticas na Gestão de Turismo Solidário de Base Comunitária**

Moderadora: Maria Conceição Lopes (Coordenadora do Centro de Estudos Arqueológicos da Universidade de Coimbra e Porto – Portugal)

- Júlio Ricardo (Cooperativa Terra chã – Alcobertas - Rio Maior – Portugal)
- Cláudio Torres (Campo arqueológico de Mértola- Mértola – Portugal)
- Fco. Alemberg (Fundação Casa Grande – CE)

12:30 Almoço no restaurante da COOPAGRAN

**Tarde**

14h00 – Trabalho em grupo

Com base nas reflexões resultantes dos Painéis esta dinâmica pretende gerar diálogos colaborativos entre os participantes, por meio dos quais poderão compartilhar seus conhecimentos sobre os temas e descobrir novas oportunidades de ação conjunta.

Facilitadores:

- Mercês Parente
- Thaise Guzzatti
- Cecília Zanotti

17hs Plenária e encerramento

**Noite**

19h Espetáculo “Côco Frei Damião e Maneiro Pau - Juazeiro do Norte e o maneiro Pau de Mestre Cirilo –Bela Vista – Crato, no Teatro Violeta Arraes – Engenho de Artes Cênicas.



**Turismo de base Comunitária uma ação que beneficia famílias e transforma a vida de quem vive essa experiência.**

Desde a criação do programa de turismo, a Fundação já sabia o que estava querendo, um turismo que beneficiasse diretamente as famílias com geração e distribuição de renda, mas também agregasse outros valores como à solidariedade e a troca de saberes. Com a criação das pousadas para o atendimento a demanda turística foi crescendo para conhecer a experiência educacional da Casa Grande, surgiu à necessidade de melhor, se organizar e veio a COOPAGRAN. O Seminário é o fruto do amadurecimento dessa experiência e da interlocução com outros parceiros com projetos semelhantes que atuam no Brasil e exterior.

O seminário foi realizado entre os dias 14 a 16 de agosto, reuniu representantes do Ministério da Cultura, Ministério do Turismo, Ministério do Meio Ambiente, A Rede Turisol com alguns dos seus representantes, como: O Projeto Bagagem, Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia, Projeto Saúde e Alegria, Fundação Casa Grande, Prainha do Canto Verde, Rede de Turismo Comunitário do Ceará – TUCUM, e parceiros como o SEBRAE-CE e o SESC. Teve ainda representante da Universidade Estadual do Ceará, representante da Universidade de Coimbra e Porto em Portugal, e do Campo Arqueológico de Mértola e a Cooperativa Terra Chã de Alcobertas – Rio Maior, também de Portugal. E participantes de várias regiões do Brasil e da

comunidade de Nova Olinda, representados pela Secretária de Cultura e Turismo do Município e pelos Universitários da cidade.

Este seminário aconteceu com objetivos de: Fortalecer as experiências já existentes no Brasil, demonstrar alternativas de modelos includentes, debater o marco conceitual do setor considerando as realidades locais, consolidar os projetos de turismo de base comunitária por meio do apoio técnico e institucional, influenciar as políticas públicas referentes ao desenvolvimento turismo no Brasil e Fortalecer o intercâmbio entre países de Língua Portuguesa.

Foram três dias produtivos com palestras e debates durante o dia e a noite para dar uma folguinha aos participantes, palestrantes e moderadores, shows como o do grupo ABANDA (grupo formado pelos meninos da Casa Grande) mostrando em primeira mão o novo espetáculo “Rua do Vídeo”, e outros espetáculos trazidos pelo SESC, como: A Banda Cabaçal Padre Cícero de Juazeiro do Norte, Maneiro pau do Mestre Cirilo do Crato- CE e o Côco Frei Damião de Juazeiro do Norte.

Fonte: Disponível em: <<http://seminariodeturismosbc.wordpress.com/>> Acesso em: 12 fev. 2013.

## **ANEXO B – Fundação Casa Grande – Casa do patrimônio da Chapada do Araripe.**

Neste, 01 de Dezembro, às 10 horas, no Teatro Violeta Arraes, Nova Olinda, CE, a Fundação Casa Grande-Memorial do Homem Kariri celebrou com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o termo de cooperação técnica que a tornou a “**Casa do Patrimônio da Chapada do Araripe**”.

A Casa do Patrimônio tem como objetivo constituir-se como um espaço de interlocução e diálogo com a comunidade local, de articulação institucional e de promoção das ações educativas, visando fomentar e favorecer a construção do conhecimento e a participação social para o aperfeiçoamento da gestão, proteção, salvaguarda, valorização e usufruto do patrimônio cultural.

A Casa do Patrimônio da Chapada do Araripe será estruturada de forma a atender as seguintes diretrizes gerais:

- Garantir um espaço para a troca de experiências e construção do conhecimento.
- Valorizar as ações educativas e articulação das áreas de patrimônio cultural, meio ambiente e turismo.
- Manter e disponibilizar informações e acervos sobre o patrimônio para o acesso da população.
- Estimular a participação da população na gestão da proteção, salvaguarda, valorização e usufruto do patrimônio cultural.
- Promover oficinas, cursos e outros eventos voltados a socialização de conhecimentos e a capacitação de profissionais para atuar na área.
- Fomentar e fortalecer a atuação em rede sociais de cooperação institucional e com a comunidade.

Fonte: Disponível em: <<http://seminarioacasadopatrimonio.wordpress.com/>> Acesso em: 02 mar. 2015.



### **Dia 27/11 Sexta-feira**

**Manhã – 8h às 12h30min**

#### **Tema:**

Caminhada com debate – visita ao sítio arqueológico; visita ao sítio arqueológico para apresentação e debate do processo de escavação arqueológica inclusiva de base social.

#### **Participantes:**

**Rosiane Limaverde** – Arqueóloga, presidente do Conselho Científico da Fundação Casa Grande;

**Guilherme Carvalho Silva (debatedor)** – Coordenador de Socialização do Patrimônio Arqueológico Brasileiro – IPHAN.

12h – O almoço ocorrerá na própria Fundação Casa Grande

**Tarde – 14h às 16h**

**Tema:**

Boas-vindas aos participantes.

Apresentação das ações educativas implementadas a partir da Casa do Patrimônio de Ouro Preto/MG.

**Participantes:**

**Márcia Rollemberg** – Diretora do Departamento de Articulação e Fomento do IPHAN;

**Francisco Alemberg e Rosiane Limaverde** – Diretores da Fundação Casa Grande;

**Simone Fernandes** – técnica em história e educação do Escritório Técnico do IPHAN em Ouro Preto;

**Celmar Ataídes Júnior** – Universidade Federal de Ouro Preto.

**16h às 18h****Tema:**

Formação de grupos para trabalho de identificação de potencialidades da ação apresentada.

**Participantes:**

Mediação da equipe da Coordenação de Educação Patrimonial – DAF/IPHAN.

**Noite – 19h**

Show instrumental com Pipoquinha e banda.

**Dia 28/11 Sábado****Manhã – 8h30min às 10h****Tema:**

Apresentação das ações educativas implementadas a partir da Casa do Patrimônio de João Pessoa/PB.

**Participantes:**

**Olga Enrique Silva** – técnica da Superintendência do IPHAN na Paraíba; Josilane

**Aires e Josélia de Almeida** – técnicas em educação da Coordenadoria de Proteção do Patrimônio Histórico e Cultural de João Pessoa – Probech.

**10h às 12h**



**Tema:**

Formação de grupos para trabalho de identificação de potencialidades da ação apresentada.

**Participantes:**

Mediação da equipe da Coordenação de Educação Patrimonial – DAF/IPHAN.

**Tarde – 14h às 16h****Tema:**

Apresentação das ações educativas implementadas a partir da Casa do Patrimônio de Recife/PE.

**Participantes:**

**Frederico Almeida** – superintendente do IPHAN em Pernambuco;

**Maria Emília L. Freire** – técnica da superintendência do IPHAN em Pernambuco.

**16h às 18h****Tema:**

Formação de grupos para trabalho de identificação de potencialidades da ação apresentada.

**Participantes:**

Mediação da equipe da Coordenação de Educação Patrimonial – DAF/IPHAN.

**Noite – 19h**

Espetáculo – Retalhos de uma via nordestina – grupo Ceniarte.

**Dia 29/11 Domingo****Manhã – 8h30min às 10h****Tema:**

Apresentação das ações educativas implementadas a partir da Casa do Patrimônio de Iguape/SP.

**Participantes:**

**Simone Scifoni** – Educadora e geógrafa do Departamento de Geografia da USP;

**Leonardo Falangola** – Chefe de divisão técnica da superintendência do IPHAN em São Paulo;

**Carlos Alberto P. Júnior** – Secretário de cultura de Iguape/SP.

**10h às 12h**

**Tema:**

Formação de grupos para trabalho de identificação de potencialidades da ação apresentada.

**Participantes:**

Mediação da equipe da Coordenação de Educação Patrimonial – DAF/IPHAN.

**Tarde – 14h às 16h**

**Tema:**

Apresentação das ações educativas implementadas a partir da Casa do Patrimônio de Cabo Frio/RJ e Cachoeira/BA.

**Participantes:**

**Ivo Barreto Júnior** – chefe do escritório técnico do IPHAN em Cabo Frio/RJ;

**Ivanirce Wolf** – técnica da superintendência do IPHAN na Bahia.

**16h às 18h**

**Tema:**

Formação de grupos para trabalho de identificação de potencialidades da ação apresentada.

**Participantes:**

Mediação da equipe da Coordenação de Educação Patrimonial – DAF/IPHAN.

**Noite – 19h**

Show folclórico com o Côco Frei Damião.

**Dia 30/11 Segunda-feira**

**Manhã – 8h30min às 11h**

**Tema:**

Mesa-redonda:

Educação, Patrimônio e Turismo Cultural – reflexão conceitual e subsídios para implantação de políticas públicas.

**Participantes:**

**Lygia Segalla** – Laboratório de Educação Patrimonial da UFF;

**Simone Scifoni** – Departamento de Geografia da USP;

**Rosiane Limaverde** – Arqueóloga e presidente do Conselho científico da FCG;

**Luiz Guilherme Vergara e Virgínia Mota** – Museu de Arte Contemporânea de Niterói;

**Mercês Parente** – Ministério do Turismo;

**Juca Villaschi** – Curso de Turismo da UFOP.

**11h às 12h****Tema:**

Debate

**Participante:**

Todos

**Tarde – 14h às 15h****Tema:**

Trabalhos em grupos com foco na indicação de políticas educativas de valorização do patrimônio cultural brasileiro por meio das Casas do Patrimônio.

**Participantes:**

Mediação da equipe da Coordenação de Educação Patrimonial/DAF-IPHAN.

**15h às 18h****Tema:**

Apresentação dos resultados dos trabalhos em grupo e redação, conjunta, da Carta de intenções e estratégias a ser apresentada durante o I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural.

**Participantes:**

Mediação da equipe da Coordenação de Educação Patrimonial/DAF-IPHAN.

**Noite – 19h**

Show instrumental com o grupo ABANDA em Rua do Vídeo:

**Dia 01/12 Terça-feira****Manhã – 8h30min às 10h30min****Tema:**

Leitura e aprovação em plenária da Carta de Intenções;

**Participante:**

Todos

**10h30min às 12h****Tema:**

Assinatura do termo de cooperação técnica entre IPHAN e Fundação Casa Grande para transformação da Casa Grande em Casa do Patrimônio do IPHAN.

**Participantes:****Márcia Rollemberg** – Diretora do Departamento de Articulação e Fomento do IPHAN;**Francisco Alemberg de Souza Lima** – Diretor Presidente da Fundação Casa Grande;**José Clodoveu** – Superintendente do IPHAN no Ceará;**M. Izolda C. Arruda Coelho** – Secretária de educação do estado do Ceará.

Fonte: Disponível em:

<<http://seminarioacasadopatrimonio.wordpress.com/programacao-2/>> Acesso em: 02 mar. 2015.

### **ANEXO C - Fundação Casa Grande em preparativos para o Seminário Regional de Turismo de Base Comunitária do Cariri.**

Meninos e Meninas da Fundação Casa Grande dão continuidade aos preparativos para a realização do Seminário Regional de Turismo de Base Comunitária do Cariri que se realizará na sede da Fundação Casa Grande em parceria com o Ministério do Turismo, na cidade de Nova Olinda – Ceará, nos dias 28 e 29 de abril de 2012.

As equipes estão sendo organizadas e as funções distribuídas. Hoje o Seminário possui 150 participantes inscritos, de diferentes cidades do Cariri Cearense e de outras regiões e estados do Brasil. Dentre as cidades caririenses destacam-se, Nova Olinda, Santana do Cariri, Crato, Juazeiro do Norte, Assaré, Barbalha, Porteiras, Potengi, Missão Velha e Farias Brito. Entre as cidades das outras regiões e estados estão representadas Fortaleza, Aracati, Maracanaú e Salvador.

A partir do Seminário, pretende-se gerar a articulação e integração regional para fomentar o planejamento e operacionalização do Turismo de Base Comunitária na Região do Cariri.



**PROGRAMAÇÃO**  
**SEMINÁRIO REGIONAL DE TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA DO**  
**CARIRI**

**Dias 28 e 29 de ABRIL 2012**

**Dia 28 Sábado**

**07:00 Hs – Credenciamento dos Inscritos**

**08:00 Hs – Abertura – Composição da Mesa:**

Sra. Nilvana Ribeiro Soares – Departamento de Qualificação Certificação e Produção Associada ao Turismo

Sr. João Paulo Maropo – Diretor Administrativo da Fundação Casa Grande

Sr. Vicente Paulo – Presidente do Fórum de Turismo e Cultura do Cariri

Sra. Wildiane Sampaio – Secretária de Cultura e Turismo de Nova Olinda

**09:00 Hs – Palestra – Nilvana Ribeiro Soares – Ministério do Turismo/Departamento de Qualificação Cerificação e Produção Associada ao Turismo**

Tema – Políticas de apoio ao Turismo de Base Comunitária

**10:00 Hs – Palestra - Thaise Guzzatti – Associação Acolhida na Colônia**

Tema – Planejamento, promoção e operacionalização do roteiro do Turismo de Base Comunitária

**11:00 Hs - Palestra – Sandra Magalhães – Banco Palmas**

Tema – Economia Solidária e Criativa

**12:00 Hs - Intervalo para almoço**

**14:00 Hs -Palestra – André Stern - Araribá Turismo e Cultura**

Tema – Roteiro do Turismo de Base Cultural e Científica

**15:00 Hs – Palestra – Vicente Paulo – Fórum de Turismo e Cultura do Cariri**

Tema – Cooperação Regional para a Promoção do Turismo

**16:00 Hs. Palestra - Palestra – Irenice Macêdo e Fabiana Barbosa – Fundação Casa Grande**

Tema – Vivências com Turismo de Base Comunitária na Fundação Casa Grande

Tema – Produção Cultural para o Desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária

**19:00 Hs. Apresentação Artística no Teatro Violeta Arraes – Engenho de Artes Cênicas****Dia 29 Domingo****09:00 Hs – Palestra – Maria Mêrces - Consultora do Ministério do Turismo**

Tema – Lições aprendidas: síntese e observações sobre as experiências e estratégias apresentadas durante o Seminário

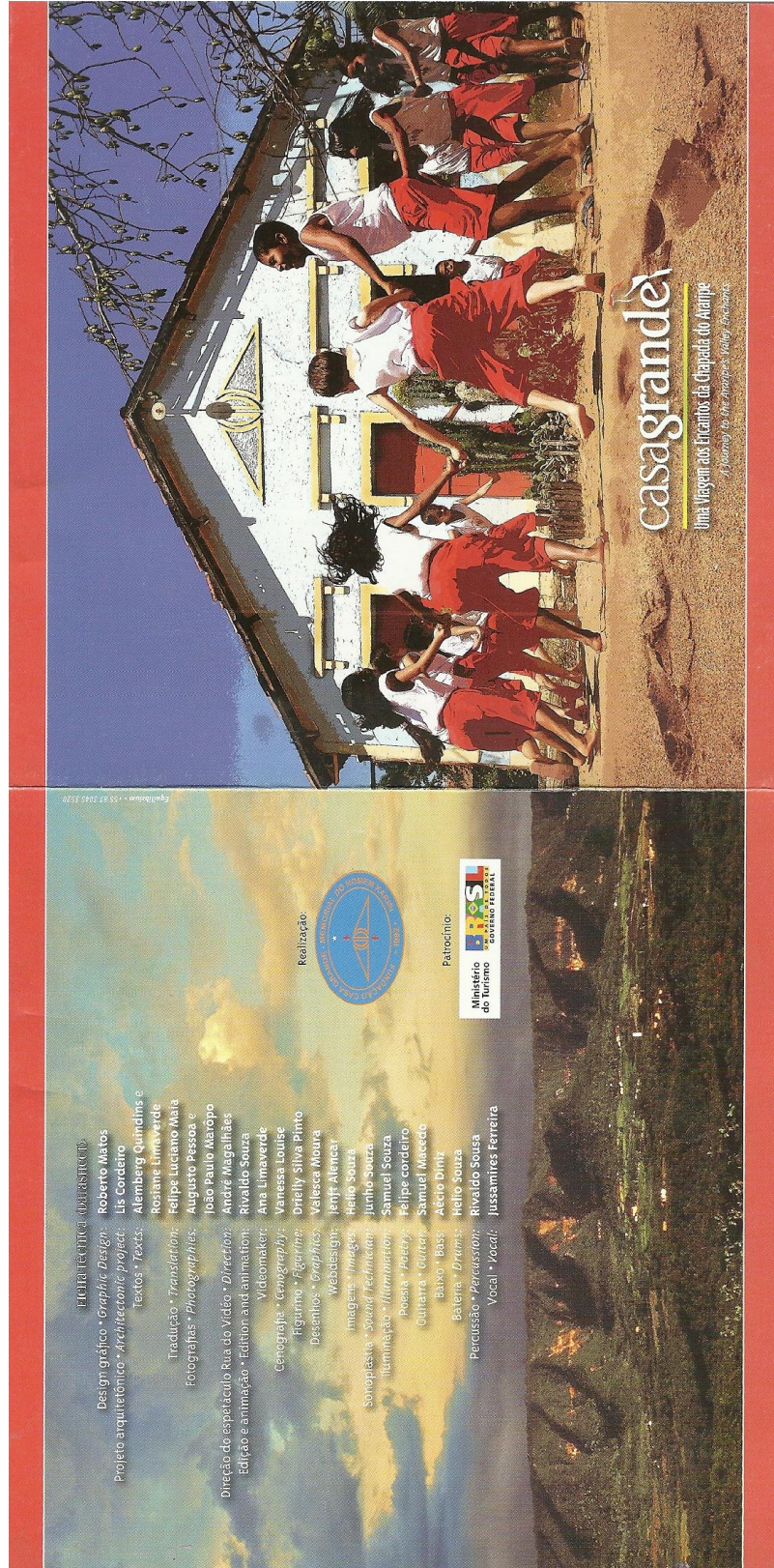
**10:00 Hs - Palestra - Édio Callou**

Tema – Apresentação de propostas e definição de roteiros para o Turismo de Base Comunitária no Cariri

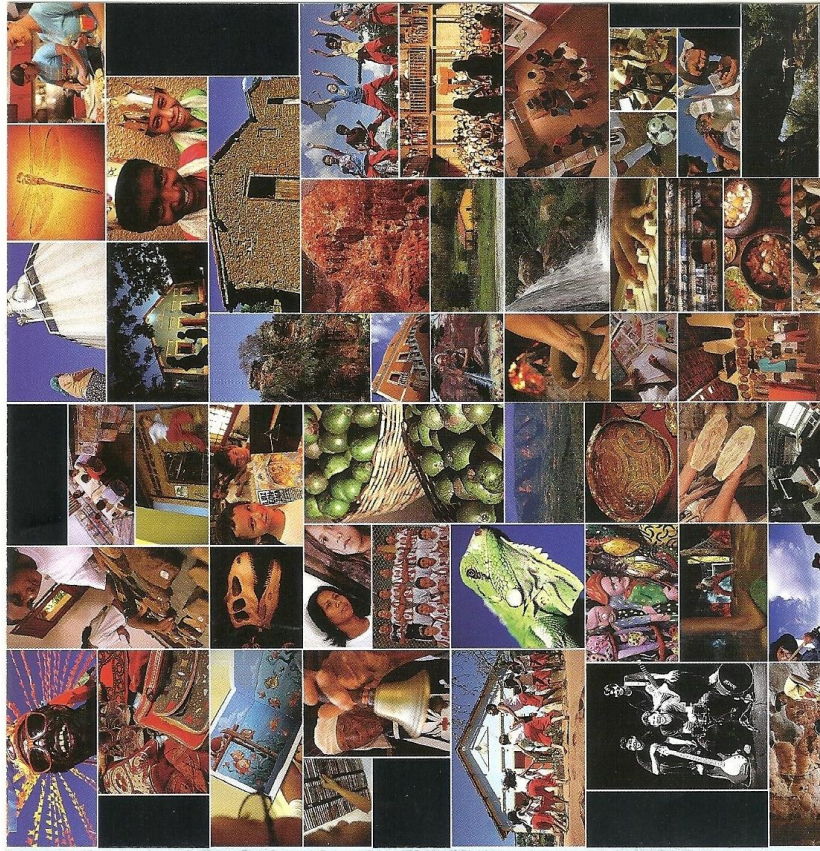
Fonte: Disponível em: <<http://seminarioregionaltbc.wordpress.com/>> Acesso em: 12 fev 2013;



**ANEXO D – Folder viagem aos encantos da Chapada do Araripe.**







*"...The Casa Grande is a hummingbird that sucks aratipes' s valley nectar and spread it..."*  
*After a long trip, I returned by down to the Aratipe Valley, region I was born into.*  
*As I saw it in front of the first sunshines that pushed the Green from the High of its Forest. In direction to the valley, I thought while the light played right before my eyelids...Here will happen or happens already something big!*  
*What the traveling exposition "Casa Grande - A Journey to the Aratipes Valley Enchants" as video, poetry and photography exhibitions shows, are reasons why the Aratipes valley is so strong and impacting at every time revisited.*  
*There's sugar the first flower of the planet, flying pterosaurs and saw the appearance of the legend about the first members of the Kariri tribe.*  
*"It was once a blue house In the middle of the hinterland A boy's house home of the legend Kariri's man memory Kariri's man memorial"*  
 ALEMBERG QUINDINS


*"...A Casa Grande é um beija-flor que suga o néctar da Chapada do Aratipe e espalha sobre o seu vale..."*  
*Ao amanhecer do dia, depois de uma longa viagem, regressava à Chapada do Aratipe, região em que nasci.*  
*Ao revê-la diante dos primeiros raios de sol que arastava o verde do alto de sua floresta, em direção ao vale, pensei, enquanto a luz brincava sob minhas pálpebras... Aqui, ou lá aconteceu, ou está para acontecer uma grande coisa! ...*  
*O que a exposição itinerante "Casa Grande - Uma Viagem aos Encantos da Chapada do Aratipe" mostra, em forma de vídeo, poesia, fotografia e música, é o porquê da Chapada do Aratipe ser tão forte e impactante, cada vez que a revisitamos.*  
*Nela, brotaram as primeiras flores do planeta, planou pterossauros voadores e surgiu a lenda de origem dos seus primeiros habitantes filhos da tribo Kariri.*  
*"Era uma vez uma casa azul No meio de sertão Uma casa de brinquedo Morada da lenda Memória do homem Kariri Memorial do Homem Kariri"*

THE JOURNEY

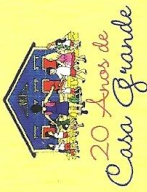


# A VIAGEM



## ANEXO E – Folder 20 Anos de Casa Grande.



# A casa é sua!

FUNDAÇÃO CASA GRANDE MEMORIAL DO HOMEM KARIRI

SEDE: AV. Jeremias pereira, 444 • Nova Olinda • CE  
CEP: 63165-000 • Fone/Fax (88) 3546-1333

**INFORMAÇÕES TURÍSTICAS:**  
turismocomunitariofcg.wordpress.com

<http://www.fundacaocasagrande.org.br>

ESCRITÓRIO: Rua Ratisbona, 564  
CEP: 63140-000 • Crato - CE  
Fone/Fax (88) 3521-8133

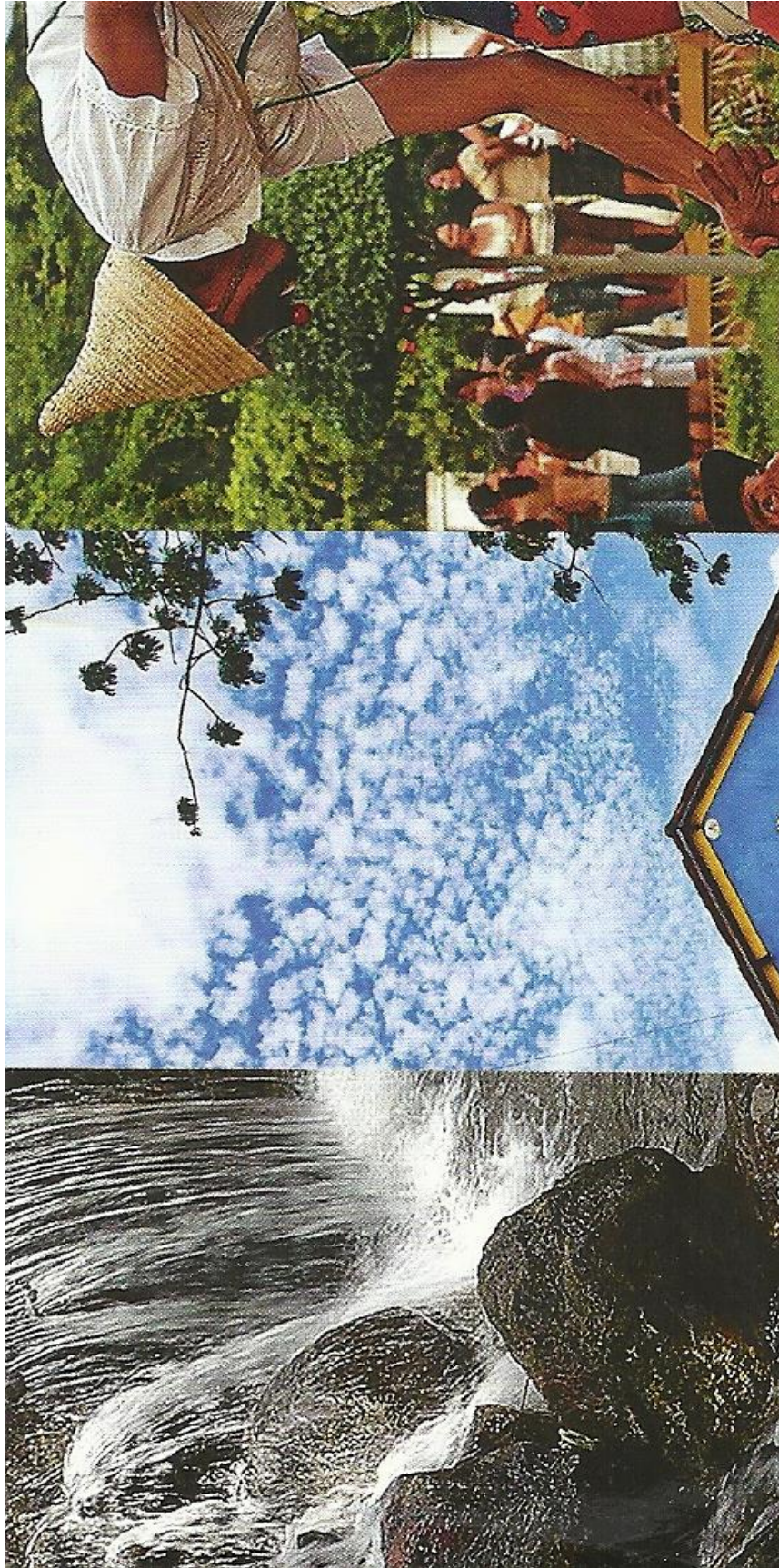
GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

Ministério da Cultura  
Ministério do Turismo

IPHAN  
INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL  
CASA DO PATRIMÔNIO DA CHUVA DO ARARIPE

Foto: Augusto Pessoa e Helio Filho - Texto e consultoria: Edio Calhou







# Roteiros de Natureza

A Chapada do Araripe na Região do Cariri é um verdadeiro oásis em meio ao sertão, cantada em versos e prosas desde tempos remotos. Seus primeiros habitantes a chamavam de "lugar onde nasce o dia" e cultuavam a sua magnitude através das lendas. Com altitude média de 800m e clima aprazível a Chapada oferece diversas opções de lazer ao ar livre, trilhas ecológicas e um impressionante acervo de fósseis. O Soldadinho do Araripe, ave endêmica da Região, é um dos símbolos deste território peculiar. Os roteiros de natureza do Cariri cearense encantam os visitantes com um maravilhoso ambiente que reserva muitas surpresas e história para contar.

**SUGESTÕES:**

Roteiros de 3 a 5 dias incluindo os municípios de Nova Olinda, Santana do Cariri, Crato, Barbalha, Assaré, Altaneira.



## Tours of Nature

The Araripe Plateau Region Cariri is an oasis amid the hinterland, sung in verse and prose since ancient times. Its first inhabitants called it the "place where born the day" and worshiped by the magnitude of the legends. With an average altitude of 800m and a pleasant climate Chapada offers a variety of outdoor recreation, nature trails and an impressive collection of fossils. The Soldier Araripe, bird endemic to the region, is one of the symbols of this peculiar territory. The scripts of nature Cariri cearense delight visitors with a wonderful environment that holds many surprises and story to tell.

**Suggestions:**

Routes 3-5 days including the municipalities of Nova Olinda, Santana Cariri, Crato, Barbalha, Assaré, Altaneira.

# Roteiros Culturais

Conhecida como o "celeiro cultural" do Ceará, a Região do Cariri impressiona pelas inúmeras manifestações tradicionais que fazem parte do seu cotidiano. Do artesanato às festas populares, mantêm-se vivas genuínas expressões seculares da cultura nordestina, através do trabalho inscansável dos seus mestres e artistas locais. Os roteiros culturais oferecem uma viagem de conhecimento e fortes emoções privilegiando a visita aos principais museus e memoriais, ateliers de artesãos renomados, mestres da cultura e locais de beleza cênica genuína, proporcionando aos visitantes, experiências inesquecíveis.

**SUGESTÕES:**

Roteiros de 4 a 7 dias incluindo os municípios de Nova Olinda, Santana do Cariri, Assaré, Exu-PE, Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha.

## Cultural Tours

Known as the "cultural storehouse" of Ceará, the Region Cariri impresses with numerous traditional events that are part of everyday life. Crafts at festivals, remain vivid genuine expressions of secular culture Northeast through the tireless work of their teachers and local artists. The itineraries offer a cultural journey of knowledge and strong emotions favoring visits to major museums and memorials, renowned workshops of craftsmen, masters of culture and places of scenic beauty genuine, giving visitors unforgettable experiences.

**Suggestions:**

Routes 4-7 days including the municipalities of Nova Olinda, Santana Cariri, Assaré, Exu-PE, Crato, Juazeiro and Barbalha.

**COMO CHEGAR:**

**VIA AÉREA:** o aeroporto de Juazeiro do Norte — CE fica a 57 km de Nova Olinda, com voos diários partindo das principais capitais do país.

**VIA TERRESTRE:** Acesso pela BR 116 e BR122, passando pelas estradas estaduais CE 138, CE 131, CE 269, CE 385, CE 292, em ônibus executivos ou leitos diariamente. Informações: [www.setur.ce.gov.br](http://www.setur.ce.gov.br)

**GETTING THERE:**

**By air:** Airport Juazeiro - CE is 57 km from Nova Olinda, with daily flights departing from the main capitals of the country.

**By road:** Access via BR 116 and BR222, passing through roads estaduais CE 138, CE 131, CE 269, CE 385, CE 292, in bus or executive coaches daily. Information: [www.setur.ce.gov.br](http://www.setur.ce.gov.br)

# *Turismo Solidário*

## **O Turismo de Base Comunitária (TBC)**

ou Turismo Solidário consolida-se como um segmento que privilegia elementos capazes de promover o comprometimento dos atores locais no estabelecimento de redes de cooperação para o aproveitamento sustentável das vocações culturais e naturais de cada território. A Fundação Casa Grande há mais de quinze anos concentra esforços para promover o Turismo de Conteúdo na Região do Cariri Cearense, respeitando os princípios do TBC, através do envolvimento de crianças, jovens e seus familiares em projetos de comunicação, geração de renda e gestão social. A partir da sua Sede no município de Nova Olinda-CE, através de uma rede de parceiros, promove roteiros turísticos agradáveis que contribuem para o desenvolvimento local e a inclusão social.

## *Solidarity Tourism*

*The Community Based Tourism (TBC) or Solidarity Tourism consolidated as a segment that favors elements capable of promoting the involvement of local stakeholders in establishing cooperation networks for the sustainable use of natural and cultural vocations of each territory. The Big House Foundation over fifteen years she has focused efforts to promote tourism in the Region Content Cariri Cearense, respecting the principles of TBC, through the involvement of children, young people and their families in communication projects, income generation and social management. From its headquarters in Nova Olinda-EC, through a network of partners, promotes pleasurable tours that contribute to local development and social inclusion.*



## ANEXO F – Aniversário de 20 anos da Fundação Casa Grande e lançamento de Selo Comemorativo pelos Correios.

### URCA renova convênio com a Fundação Casa Grande, em Nova Olinda

Ter, 01 de Janeiro de 2013 20:50



A Universidade Regional do Cariri (URCA) renovou o convênio com a **Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri**. A solenidade de assinatura aconteceu na sede da entidade, em Nova Olinda, durante a comemoração dos 20 anos de criada.



No ato de assinatura, a URCA foi representada pela Reitora da Instituição, Professora Otonite Cortez, e o Presidente da Fundação, Alembert Quindins. **Na ocasião, foi lançado o Selo Comemorativo dos Correios, em homenagens as duas décadas de existência da Casa Grande.** O Selo será utilizado nos próximos 30 dias na agência de Nova Olinda.



A Reitora destacou a importância da entidade como um ícone no Brasil, no desenvolvimento de um trabalho da maior relevância. Segundo a Reitora, a Casa Grande se tornou histórica, chegando a ultrapassar os seus limites nesse contexto, pela relevância do trabalho que vem desenvolvendo ao longo dos últimos 20 anos na região.

Fonte: Disponível em: <<http://www.urca.br/portal/index.php/noticias-e-eventos/14-lista-de-noticias/2013-urca-renova-convenio-com-fundacao-casa-grande?tmpl=component&print=1&page=>> Acesso em: 02 mar. 2015.

## ANEXO G – Autorização para publicação da entrevista ex-Secretário de Turismo e Romarias de Juazeiro do Norte.

### TRECHOS 1 e 2

Manoel Raimundo de Santana Neto, prefeito de Juazeiro do Norte por ocasião do centenário de emancipação do Juazeiro do Norte do Crato escreveu em Araújo (2011, p.23):

Juazeiro do Norte é uma cidade que tem no padre Cícero Romão Batista um marco na construção da religiosidade, da cultura do seu povo e nos acontecimentos políticos da região do Cariri. Graças à ação do Patriarca, ela é considerada um dos maiores centros de religiosidade popular da América Latina, atraindo milhões de romeiros todos os anos.

O Prof. da URCA e do IFCE José Carlos dos Santos se refere ao Pe. Cícero como o pilar da identidade de constituição da cidade ancorado no binômio trabalho e fé. Ele enfatiza que a expansão urbana de Juazeiro se liga ao fato de que as pessoas desde a época do Pe. Cícero vinham a Juazeiro e decidiam fixar residência. Na opinião dele a maior riqueza de Juazeiro é o patrimônio cultural imaterial chamado romaria.

Sobre a imbricação fé e economia Araújo (2011, p.29) explica:

Em Juazeiro do Norte, o espaço sagrado e o espaço econômico encontram-se vinculados, interligados, indissociáveis, moldando múltiplas determinações na esfera pública e na vida privada.

Na cidade do Padre Cícero, a concretude do espaço econômico se ancora na imaterialidade da fé, vindo a se constituir e consolidar importante dimensão do capital simbólico, sobretudo no circuito da produção e comercialização de bens simbólicos.

[...]

Objetivando a superação dos problemas, o Padre Cícero aconselhava os indivíduos a orar e trabalhar, moldando-lhes práticas devocionais e econômicas.

Conforme exposto até aqui podemos afirmar que a religiosidade seja uma força de dinamização e ordenação do espaço geográfico da região. Manifestações do catolicismo praticado no Cariri e possíveis de serem vistas nos espaços públicos de Juazeiro do Norte, durante as romarias têm

como base religiosa reapropriações de discursos, práticas, símbolos e mitos reinventados coletivamente e que o simbólico nestas comunidades é representativo (além do transcendente) de suas vivências cotidianas. Tal concepção leva ao entendimento que o simbólico, através dos ritos, signos e outras expressões do sagrado, constituem expressão da identidade e


*Araújo*  
*J. Carlos dos Santos*

reforcem laços de pertencimento dos grupos, daí decorre ser a ritualização um importante fator de coesão grupal. (CARVALHO, 2011, p.35).

Segundo a INFRAERO (2017, *on line*):

A média diária é de 14 pousos e decolagens comerciais regulares de três companhias aéreas (Gol, Avianca e Azul). Os destinos dos vôos que partem de Juazeiro do Norte são: Petrolina (PE), Viracopos (SP), Guarulhos (SP), Fortaleza (CE), Recife (PE) e Brasília (DF)

Exatamente pelo fato de Juazeiro do Norte ser o principal portão de entrada por via aérea para a região do Cariri é que a definição de Nova Olinda para ser “Destino Indutor do Desenvolvimento Turístico Regional no Cariri” pelo MTur não foi aceita sem controvérsias.

 Em entrevista concedida pelo Prof. José Carlos dos Santos realizada em sua residência, em 23 de julho de 2013, o mesmo se referiu a FCG-MHK com as seguintes palavras: “É um grande espaço. Faz o resgate dos costumes, da forma de ser e viver dos ocupantes originais do território. Agrega, congrega a identidade cultural, social. O avanço nos estudos da arqueologia é muito importante, gestão compartilhada, transparência.”

Quanto à Nova Olinda como “Destino Indutor” comentou:

Nova Olinda como “Destino Indutor” não tem exercido a função. Por exemplo. Não esteve presente no I Encontro Nacional de Cidades Históricas e Turísticas em Paranaguá, no Paraná. Não compreendo, não engulo porque Juazeiro tem todas as condições de infraestrutura, materiais, objetivos para ser o município indutor, para ser referência, para captar os recursos necessário. Juazeiro é o maior centro difusor e receptor de fluxos para a região. Temos vôo ligando Juazeiro à Campinas em São Paulo.

O Prof. José Carlos ressaltou ainda que “a localização geográfica de Juazeiro do Norte favorece interlocução com aproximadamente 100 cidades da região com um fluxo em torno de 520 topics por dia.”

O Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil começou a ser estruturado em 2004. Uma das quatro metas do Plano Nacional de Turismo 2003/2007 - Uma viagem de Inclusão” era “estruturar 65 destinos com qualidade internacional até 2010” (MTur, 2013, p.17).



## ANEXO H – Autorização para publicação da entrevista com Consultor do SEBRAE/Juazeiro do Norte.

Figura 79 – Representação gráfica do Ceará com os quatro Destinos Indutores do Programa de Regionalização do Turismo em destaque.



Fonte: Adaptado de MTur (2008, p.21).

Ao abordarmos este assunto com o Consultor em Turismo do SEBRAE de Juazeiro do Norte, Edio Callou em uma entrevista que nos foi concedida em 24 de julho de 2013 em Restaurante na cidade de Nova Olinda, ele se referiu a “um contexto de intercessão de ações ministeriais voltadas para Nova Olinda”. Segundo Edio Callou, por volta de 2006, o Ministério das Minas e Energias tinha ações voltadas para as lajes de calcário, o Ministério da Cultura havia escolhido a FCG-MHK como Ponto de Cultura da Chapada do Araripe e um grupo discutia o Turismo Solidário, o Turismo de Base Comunitária no Ministério do Turismo tendo como importantes protagonistas o Alembert Quindins e Rosiane Limaverde. Em dado momento Edio Callou afirmou: “Eu vejo a FCG-MHK como um polo cultural e turístico”.

Autoriza publicação de parágrafo e frase atual conforme consta nesta folha de meio que se refere a entrevista concedida por mim em 25 de julho de 2013 para versão de tese que será depositada na biblioteca.

## ANEXO I – Autorização para publicação da entrevista com Gestora de Projetos da FCG-MHK

**Fabiana Barbosa** <[fabianabarbosafcg@gmail.com](mailto:fabianabarbosafcg@gmail.com)>

Para

[Lianeide Araujo](#)

Jul 3 em 8:11 AM

Prezada Lianeide;

Por meio deste, autorizo a publicação no seu trabalho.

Sem mais;

Fabiana Pereira Barbosa

[Ocultar mensagem original](#)

Em 2 de julho de 2017 16:19, Lianeide Araujo <[lianeide.araujo@yahoo.com.br](mailto:lianeide.araujo@yahoo.com.br)> escreveu:

Segue em anexo

**Prezada Fabiana Barbosa,**

Estou em fase de qualificação de tese em Geografia que tem como objeto o patrimônio cultural do Cariri e o turismo de Nova Olinda desencadeado pelo trabalho da Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Cariri – FGC-MHK.

Identifico em você uma liderança imprescindível na minha coleta de informações primárias pelas seguintes razões: é uma jovem integrada à FGC-MHK; tem assumido gestão de projetos nesta conceituada ONG e desenvolve suas pesquisas divulgando a experiência exitosa da FGC-MHK.

Diante do exposto gostaria de solicitar que respondesse às indagações:

1. Em sua opinião, o que foi mais significativo para definir Nova Olinda como destino indutor do turismo no Cariri no Programa de Regionalização do Turismo – PRT do Ministério do Turismo?
2. Como a decisão foi recebida pelas lideranças políticas da região: prefeitos, vereadores, deputados estaduais e federais?
3. E pelas lideranças do *trade* turístico?

Desde já agradeço pela prestimosa colaboração que possa dar para o desvelamento do objeto da minha tese.

Atentamente,

Maria Lianeide Souto Araújo  
[lianeide.araujo@yahoo.com.br](mailto:lianeide.araujo@yahoo.com.br)